ACTA UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

LUÍS DE CAMÕES

RIMAS

TEXTO ESTABELECIDO
E PREFACIADO POR

ÁLVARO J. DA COSTA PIMPÃO

POR ORDEM DA UNIVERSIDADE
1953

ACTA UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

LUÍS DE CAMÕES

RIMAS

TEXTO ESTABELECIDO
E PREFACIADO POR

ÁLVARO J. DA COSTA PIMPÃO

POR ORDEM DA UNIVERSIDADE
1953

INTRODUÇÃO

I

O CÂNONE LÍRICO

A edição que apresentamos ao leitor pretende ser, não obstante suas inevitáveis imperfeições — derivadas, umas, do carácter humano da empresa, e outras, da magnitude da tarefa, — uma tentativa inédita de restituição da lírica de Camões. Não é, todavia, uma edição «crítica» — que seria, pelo menos, prematura, caso fosse julgada possível.

É sabido que Camões não deixou a sua obra poética preparada para a publicação. Se alguma tentativa fez neste sentido — e há rumores de que a fez — desesperou de a levar por diante, ou de a recomeçar. O Poeta não lidava, pròpriamente, pela glória de petrarquista, mais ou menos platonizante...

Quando se teve pela primeira vez a ideia de recolher as suas *reliquiae*, havia quinze anos que o Poeta falecera; e há um sinal seguro que nos permite avaliar das dificuldades que o primeiro editor teve de vencer para estabelecer, com probabilidade, o seu cânone: é que na primeira edição escaparam não poucos apócrifos.

A fama crescente do Épico arrastava, naturalmente, a do Lírico. Os poemas autênticos, e os apócrifos, foram-se degradando em cópias sucessivas, e inserindo-se, sem critério, em miscelâneas [1]. Os editores começaram a explorar o filão, aceitando fàcilmente o certificado de autenticidade passado pelos posssuidores ou detentores de cancioneiros *de mão*. Assim se chegou a Faria e Sousa, com o qual, e a partir do qual, a lírica camoniana entrou no seu período *negro*. O famigerado camonista não se contentou com defraudar a muitos de quantos poemas julgou deverem entrar no parnaso do *seu Poeta;* estilizou-os com mão diurna e nocturna; e fê-lo com tal convicção e entusiasmo que logrou convencer e entusiasmar a muitos; a tal ponto que, se hoje tentamos regressar às lições que ele adulterou, há quem sinta, doridamente, o *atentado*, e quem prefira as formas poluídas, embora, às vezes, de facto, mais torneadas, às formas menos belas que a crítica, honestamente, apresenta como autênticas. Entre o crítico e o esteta não há, parece, acordo possível: para este uma forma bela é sempre uma forma bela, e fechará indulgentemente os olhos à fraude que tenha por objectivo o seu prazer estético. Álvares da Cunha no século XVII, e Juromenha e Teófilo Braga no século XIX, continuaram a obra de Faria e Sousa mas, deve acrescentar-se, sem a sua má-fé.

Com a edição de 1932, a que os respectivos autores, Prof. Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira chamaram indevidamente «crítica», elaborada, em parte,

[1] V., por exemplo, o que sucedeu ao soneto *Alma minha gentil que te partiste*, in-*Boletim das Bibliotecas e Archivos Nacionaes* (1904), artigo intitulado *Uma traducção inedita em latim do «Alma minha gentil»...*, e Dr. Alfredo Pimenta, *Breves Notas ao soneto Alma minha gentil...*, (Guimarães, 1941).

sobre conclusões a que o nome de Carolina Michaëlis emprestara a sua enorme autoridade [1], iniciou-se um período de revisão que poderia ter sido extraordinàriamente fecundo. Infelizmente, o trabalho de selecção complicou-se com a velha e acarinhada hipótese dos

[1] Os principais estudos camonianos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos são os seguintes:

Na **Zeitschrift für romanische Philologie** (De Gröber):
— *Storck, Luis de Camoens, Sämmtliche Gedichte* (T. IV, p. 591; T. V, p. 101; VII, p. 131);
— *Neues zum Buche der kamonianischen Lieder und Briefe* (T. VII, p. 407);
— *Neues zum Buche der kamonianischen Elegien* (T. VII, p. 494; T. VIII, p. 1);
— *Th. Braga, Parnaso de Luiz de Camões* (T. V, p. 393);
— *Mitteilungen aus portugiesischen Handschriften* (T. VIII, pp. 430, 598).

Na **Revue Hispanique**:
— *Notas aos sonetos anónimos* (T. VII, p. 98);
— *Notas ao Cancioneiro inédito* (T. XXI, p. 362);
— *Investigações sobre Sonetos e Sonetistas portugueses e castelhanos* (T. XXII, p. 509).

— Na **Revista da Sociedade de Instrucção do Porto,** vol. 2.º, 1882, publicou Carolina Michaëlis de Vasconcelos um importante artigo initulado *O Texto das Rimas de Camões e os apocryphos* (de p. 105 a 125), que forneceu à crítica nacional os elementos fundamentais da depuração crítica que, a partir desse momento, teve lugar.

No **Círculo Camoniano,** revista dirigida por Joaquim de Araújo, no vol. I (1889-1890), deixou Carolina Michaëlis vários materiais para um índice expurgatório da lírica camoniana.

Em 1922 publicou *O Cancioneiro Fernandes Tomás,* e, em 1924, *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro,* contribuição muito importante para o estudo da lírica camoniana.

amores da Infanta D. Maria, a qual, por pressuposta, levou naturalmente a uma solução tendenciosa. Além disso (e apesar das acusações graves e peremptórias feitas por Storck e por Carolina Michaëlis a Faria e Sousa), não recearam os mesmos editores adoptar como texto o que este imprimira, não obstante afirmarem que se baseavam nas duas primeiras edições! Foram eles, porém, quem pôs, primeiro, o dedo na chaga: «Com a mais evidente lástima da dignidade nacional, a lírica de Camões achava-se tranformada em um repositório de fraudes reconhecidas, em um embrechado de atribuições injustificadas, em suma, mudara-se em uma selecta de vários autores, e com os nomes dos quais D. Carolina Michaëlis conseguiu organizar uma lista de mais de trinta e um nomes» (P. XXXI). Assim indiciado o mal, os AA. confessam-se decididos a separar do «ouro precioso», «o azebre de moedas mesquinhas», manifestando-nos a sua «relutância [...] em atribuir a Camões versos medíocres».

É a edição de 1932 aquela que anda em todas as mãos, graças ao justificado prestígio dos dois patrocinadores, e a que é reproduzida em edições chamadas escolares; portanto, o nosso comentário não pode deixar de referir-se a ela, em particular.

Ao declararem tomar «para base» as duas primeiras edições (a de 1595 e a de 1598), os AA. esqueceram-se de informar os seus leitores de que a sua decisão excluía nitidamente as lições fornecidas por aquelas, quando prejudicadas por outras, consideradas, por decisão própria, superiores. E isto era absolutamente necessário que se fizesse sempre que se não trata de simples erros de caixa, mas de modificações profundas de textos considerados autênticos. Confrontem-se, por exemplo, quatro versos apenas da égloga dos *Faunos* (profundamente retocada por Faria e Sousa), impressa na edição *princeps*, com os

correspondentes da edição de Faria e Sousa (1685), e veja-se se não é absolutamente justificado o reparo que fazemos:

Ed. 1595

> Aqui, ó Ninfas minhas, vos pintei
> Todo de amores um jardim suave;
> Das aves, pedras, águas vos contei,
> Sem me ficar bonina, fera ou ave.

Ed. 1685

> Aqui, *fermosas ninfas,* vos pintei
> Todo de amores um jardim suave;
> *De águas, de* pedras, *de árvores* contei,
> *De flores, de almas, feras, de uma, outra* ave.

Acentue-se que este exemplo foi escolhido sem qualquer preocupação de salientar divergências. O leitor, se quiser, pode continuar o confronto, que nos parece dispensável continuar aqui.

Outro ponto: Qual o critério seguido pelos AA. da edição de 1932, no seu trabalho de *depuração*, que consideraram, e com razão, «muito melindroso»? Afora a vaga declaração de se basearem nas duas primeiras edições (a qual, como acabámos de ver, deve ser acolhida com extrema reserva), afora a sua decisão de aproveitarem os estudos de Carolina Michaëlis, a sua alusão ao «evidente desmazelo, ausência de gosto e falta de espírito crítico do Visconde de Juromenha» e à «perigosíssima imprudência de Teófilo Braga» — em que princípio assentaram para eliminarem da sua colectânea «183 sonetos; 22 composições em redondilhas; 10 canções; 18 elegias; 4 composições em oitavas; 8 éclogas; 3 sextinas»? Não o sabemos, pois apenas somos sumàriamente eluci-

dado acerca do método empregado a respeito «do valor das peças de autoria anónima ou suspeita origem».

Este critério, é preciso determiná-lo, pois assim o exigem o nome do Poeta e a consideração devida ao público que nos lê.

Antes de mais, examinemos, estatìsticamente, o problema.

Começaremos pelas *Redondilhas*. Estas provêm das seguintes fontes:

Da ed. 1595

1) A lindeza vossa (Mote: *Ver e mais guardar)*
2) Amor cuja providência (Mote: *Sem vós e com meu cuidado)*
3) Amor que em meu pensamento (Mote: *A morte, pois que sou vosso)*
4) Aquela cativa
5) Aquele rosto que traz (Mote: *Amor que todos ofende)*
6) Baixos e honestos andais (Mote: *Olhos não vos mereci)*
7) Campos cheios de prazer (Mote: *Campos bem-aventurados)*
8) Caterina é mais formosa (Mote: *Caterina bem promete)*
9) Conde, cujo ilustre peito
10) Corre sem vela e sem leme
11) Costumadas artes são (Mote: *Falso cavaleiro ingrato)*
12) Cousa este corpo não tem (Mote: *D'alma e de quanto tiver)*
13) Dama d'estranho primor
14) D'amor e seus danos (Mote: *Quem ora soubesse)*
15) Depois de sempre sofrer (Mote: *Triste vida se me ordena)*
16) Después que amor me formó *(Justa fué mi perdición)*
17) De ver-vos a não vos ver (Mote: *Pois me faz dano olhar-vos)*
18) Dióme amor tormentos dos (Mote: *Amor loco, amor loco)*
19) Dotou em vós natureza (Mote: *Vós, senhora, tudo tendes)*
20) Eles verdes são (Mote: *Menina dos olhos verdes)*
21) É muito para notar (Mote: *Da doença em que ora ardeis)*
22) Esses alfinetes vão
23) Este es mundo el camino
24) Este tempo vão (Mote: *Saudade minha)*
25) Eu sou boa testemunha (Mote: *Com vossos olhos gonçalves)*
26) Falsos loores os dán (Mote: *De vuestros ojos centellas)*

27) Foi a esperança julgada (Mote: *Enforquei minha esperança)*
28) Madre, si me fuera (Mote: *Irme quiero madre)*
29) Mi corazón me han robado (Mote: *Vos tenéis mi corazón)*
30) Menina mais que na idade (Mote: *Menina fermosa e crua)*
31) Mi nueva y dulce querella (Mote: *De dentro tengo mi mal)*
32) Quererdes profano amor (Mote: *Não estejais agravada)*
33) Não sabendo amor curar (Mote: *Deu, Senhora, por sentença)*
34) Nũa casada fui pôr (Mote: *Amores de ũa casada)*
35) Nunca o prazer se conhece (Mote: *Trabalhos descansariam)*
36) O coração envejoso (Mote: *Pus o coração nos olhos)*
37) Olhai que dura sentença
38) Os privilégios que os Reis
39) Para quem vos soube olhar (Mote: *Se de meu mal vos contento)*
40) Peço-vos que me digais
41) Pois o ver-vos tenho em mais (Mote: *Minha alma, lembrai-
-vos dela)*
42) Por cousa tão pouca (Mote: *Coifa de beirame)*
43) Posible es a mi cuidado (Mote: *Todo es poco lo posible)*
44) Quando me quer enganar
45) Quando vos eu via (Mote: *Vida da minh' alma)*
46) Que estranho caso d'amor (Mote: *A dor que a minha alma sente)*
47) Quem no mundo quiser ser
48) Quem quer que viu ou que leu (Mote: *Senhora, pois me chamais)*
49) Quem tão mal vos empregou (Mote: *Menina, não sei dizer)*
50) Quem viveu sempre num ser (Mote: *Há um bem que chega e foge)*
51) Querendo escrever um dia
52) Reinando amor em dous peitos (Mote: *Qual terá culpa de nós)*
53) Se de dó vestida andais (Mote: *De atormentado e perdido)*
54) Se de saudade (Mote: *Se me levam águas)*
55) Se desejos fui já ter (Mote: *Vede bem se nos meus dias)*
56) Se derivais de verdade
57) Se não quereis padecer
58) Sendo os restos invidados (Mote: *Se vossa dama vos dá)*
59) Senhora, se eu alcançasse
60) Se só no ver puramente (Mote: *Vejo-o n'alma pintada)*
61) Se trocar desejo (Mote: *Trocai o cuidado)*
62) Sôbolos rios que vão
63) Suspeitas, que me quereis?
64) Tanto maiores tormentos (Mote: *Mas porém a que cuidados?)*
65) Tem tal jurdição Amor (Mote: *Tudo pode ũa afeição)*
66) Tenho-me persuadido (Mote: *De que me serve fugir)*
67) Tiempo perdido es aquel (Mote: *Para que me dán tormento)*

68) Todo o trabalhado bem (Mote: *Sem ventura é por demais)*
69) Trataram-me com cautela (Mote: *Apartaram-se os meus olhos)*
70) Ũa dama de malvada (Mote: *Pus meus olhos nũa funda)*
71) Ũa diz que me quer bem (Mote: *Não sei se me engana Helena)*
72) Ved que engaños señorea (Mote: *Todo es poco lo posible)*
73) Vendo amor que com vos ver (Mote: *sem vós e com meu cuidado)*
74) Vi-o moço e pequenino (Mote: *De pequeno tomei amor)*
75) Viver eu sendo mortal (Mote: *Muito sou meu inimigo)*

Da ed. 1598

76 A verdura amena (Mote: *Se Helena apartar)*
77) Campo, que te estendes (Mote: *Verdes são os campos)*
78) Co um mal de amor (Mote: *Tende-me mão nele)*
79) Entre estes penedos (Mote: *Verdes são as hortas)*
80) E se a pena não me atiça *(Perguntais-me quem me mata?)*
81) Já agora certo conheço (Mote: *Vosso bem-querer, Senhora)*
82) Juravas-me que outras cabras (Mote: *Esconjuro-te, Domingas)*
83) Na alma ũa só ferida (Mote: *Se alma ver-se não pode)*
84) Não sei quem assela (Mote: *Menina formosa)*
85) Os bons vi sempre passar
86) Os gostos, que tantas dores (Mote: *Pequenos contentamentos)*
87) Perdigão, que o pensamento (Mote: *Perdigão perdeu a pena)*
88) Pois a tantas perdições
89) Se me for e vos deixar (Mote: *Se me desta terra for)*
90) Sem olhos vi o mal claro
91) Se na alma e no pensamento
92) Só porque é rapaz ruim (Mote: *Venceu-me Amor, não o nego)*

Da ed. 1616

93) Cinco galinhas e meia
94) Desque una vez yo miré (Mote: *Qué veré que me contente)*
95) Dois tormentos vejo (Mote: *Vida da minh' alma)*
96) Não posso chegar ao cabo
97) Ninguém vos pode tirar (Mote: *Sois fermosa e tudo tendes)*
98) Nos livros doutos se trata
99) Nos seus olhos belos (Mote: *Pastora da serra)*
100) Pois onde te hão-de falar? (Mote: *Deus te salve, Vasco amigo)*
101) Polo meu apartamento (Mote: *Vi chorar uns claros olhos)*
102) Posto o pensamento nele (Mote: *Na fonte está Leanor)*

103) Que diabo há tão danado
104) Quem põe suas confianças (Mote: *Quem se confia em uns olhos)*
105) Sempre os teus olhos estão (Mote: *Crescem, Camila, os abrolhos)*
106) Sepa quin padece (Mote: *Dó la mi ventura)*
107) Tudo tendes singular (Mote: *Sois fermosa e tudo tendes)*
108) Vêm-se rosas e boninas (Mote: *Olhos em que estão mil flores)*
109) Vuelve acá, no estéis pasmado (Mote: *Porque no miras, Giraldo)*

Da ed. 1668

110) Amor quiseste que fosse
111) De maneira me sucede (Mote: *A alma que está ofr'ecida)*
112) Eu para levar a palma (Mote: *Com razão queixar-me posso)*
113) Inda que em vós a arte vença (Mote: *Retrato, vós não sois meu)*
114) Leva na cabeça o pote (Mote: *Descalça vai para a fonte)*
115) Não vos guardei quando vinha (Mote: *Ferro, fogo, frio e calma)*
116) Nunca em prazeres passados (Mote: *Foi-se gastando a esperança)*
117) Pues me distes tal herida (Mote: *Ojos, herido me habéis)*
118) Querendo Amor esconder-vos (Mote: *Sem vós e com meu cuidado)*
119) Se vos quereis embarcar (Mote: *Quem disser que a barca pende)*
120) Vós sois ũa dama

Da ed. 1860-1868 (Juromenha)

a) *Do Ms. de Faria e Sousa*

121) Achei-me tão enlevado (Mote: *No monte de Amor andei)*
122) A vida por vós perdida (Mote: *Ai de mim, mas de vós ai)*
123) Como de mim não vos vinha (Mote: *Ó meus altos pensamentos)*
124) De laços de ouro tão belos (Mote: *Guardai-me esses olhos belos)*
125) De tantas penas cercado (Mote: *De vós quererdes meu mal)*
126) Dois extremos tendes, mana (Mote: *Guardai-me esses olhos belos)*
127) Foi-me a fortuna entregar (Mote: *Afuera, consejos vanos)*
128) Fostes tomadas em vão (Mote: *Esperanças mal tomadas)*
129) Vejo-vos chorosos (Mote: *Que vistes, meus olhos?)*

b) *Do Ms. de Juromenha*

130) Ha se de entender (Mote: *Olvidé y avoresci)*
131) Para evitar dias maus

A nossa edição inclui 118 composições em *redondilha*. Foram eliminadas as *redondilhas* n.os 46, 73, 105, 113, 121 a 130, da série supra. Incluímos, de novo, *Vai o bem fugindo* (Endechas).

Esta relativa conformidade desaparece pelo que respeita aos Sonetos. No ponto de vista estatístico, a situação apresenta-se da seguinte forma:

Os editores de 1932 recolheram 198 sonetos (incluindo o que foi acrescentado na *Addenda*, a p. LXIV), número este que deve sofrer redução, porquanto os números 108 e 170 dessa edição são repetidos, e os números 18 e 150 podem considerar-se meras variantes, respectivamente, dos números 13 e 149. De facto, recolheram-se 195 sonetos diferentes na edição de 1932.

A nossa edição contém apenas 166 sonetos (mais 107, no entanto, do que os que foram recolhidos na primeira edição) (1). Destes, 153 são comuns à edição de 1932, e 13 diferentes. Eliminámos, portanto, 29 + 13 sonetos da edição de 1932. Este resultado pode considerar-se dramático, e exige explicação, que daremos mais adiante.

(1) Na verdade, há 65 sonetos na 1.ª ed., mas não são de Camões os seguintes:

1) Depois de tantos dias mal gastados (*Flores do Lima*, n.º 78)
2) Espanta crescer tanto o crocodilo (atribuído a Vasco Mousinho de Quevedo)
3) Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo (*Flores*, 26)
4) Fermosura do céu a nós descida (atribuído a Francisco de Andrade)
5) Quem é este que na harpa lusitana (consagrado a Luís de Camões)
6) Se quando vos perdi, minha esperança (*Flores*, 142)

De 1595, entrou, ainda assim, na nossa colecção, o soneto *Que vençais no Oriente tantos Reis*, que Faria e Sousa encontrou atribuído a Simão da Veiga. V. Juromenha, II p. 407.

Os sonetos de 1932 provêm das seguintes fontes:

Da ed. de 1595

1) Alegres campos, verdes arvoredos
2) Alma minha gentil, que te partiste
3) Amor, com a esperança já perdida
4) Apartava-se Nise de Montano
5) Apolo e as nove musas descantando
6) Aquela triste e leda madrugada
7) Busque Amor novas artes, novo engenho
8) Cara minha inimiga, em cuja mão
9) Como fizeste, ó Pórcia, tal ferida
10) Dai-me ũa lei, Senhora, de querer-vos
11) Debaixo desta pedra está metido
12) De tão divino acento e voz humana
13) De vós me parto, ó Vida, e em tal mudança
14) Doces lembranças de passada glória
15) Em flor vos arrancou, já tão crescida
16) Em formosa Leteia se confia
17) Enquanto quis Fortuna que tivesse
18) Está o lascivo e doce passarinho
19) Está-se a Primavera trasladando
20) Eu cantarei de amor tão docemente
21) Formosos olhos, que na idade nossa
22) Grão tempo há já que soube da ventura
23) Já é tempo, já, que minha confiança
24) Lembranças saudosas, se cuidais
25) Lindo e subtil trançado, que ficaste
26) Males, que contra mim vos conjurastes
27) Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
28) Náiades, vós, que os rios habitais
29) Não passes, caminhante! Quem me chama?
30) Num bosque que das ninfas se habitava
31) Num jardim adornado de verdura
32) O cisne, quando sente ver chegada
33) O fogo que na branda cera ardia
34) Oh! Como se me alonga de ano em ano
35) Passo por meus trabalhos tão isento
36) Pede o desejo, Dama, que vos veja
37) Pois meus olhos não cansam de chorar

38) Por os raros extremos que mostrou
39) Porque quereis, Senhora, que ofereça
40) Quando da bela vista e doce riso
41) Quando o Sol encoberto vai mostrando
42) Quando vejo que meu destino ordena
43) Quantas vezes do fuso se esquecia
44) Que vençais no Oriente tantos reis
45) Quem jaz no grão sepulcro, que descreve
46) Quem pode livre ser, gentil Senhora
47) Quem vê, Senhora, claro e manifesto
48) Se as penas com que Amor tão mal me trata
49) Se sòmente algũa hora em vós piedade
50) Se tanta pena tenho merecida
51) Sete anos de pastor Jacob servia
52) Tanto de meu estado me acho incerto
53) Todo o animal da calma repousava
54) Tomava Daliana por vingança
55) Tomou-me vossa vista soberana
56) Transforma-se o amador na cousa amada
57) Um mover de olhos, brando e piedoso
58) Vossos olhos, Senhora, que competem

Da ed. de 1598

59) Amor é fogo que arde sem se ver
60) Amor, que o gesto humano na alma escreve
61) Aquela fera humana que enriquece
66) Aquela que de pura castidade
63) Bem sei, Amor, que é certo o que receio
64) Com grandes esperanças já cantei
65) Como quando do mar tempestuoso
66) Conversação doméstica afeiçoa
67) Depois que quis Amor que eu só passasse
68) Ditoso seja aquele que sòmente
69) Dos antigos ilustres que deixaram
70) Em prisões baixas fui um tempo atado
71) Esforço grande igual ao pensamento
72) Ferido sem ter cura perecia
73) Foi já um tempo doce cousa amar
74) Ilustre e digno ramo dos Meneses
75) Já a roxa e branca aurora destoucava

76) Leda serenidade deleitosa
77) Na metade do Céu subido ardia
78) No mundo poucos anos e cansados
79) No mundo quis um tempo que se achasse
80) No tempo que de amor viver soía
81) O culto divinal se celebrava
82) Oh! Quão caro me custa o entender-te
83) Ondados fios de ouro reluzente
84) O raio cristalino se estendia
85) Os vestidos Elisa revolvia
86) Pensamentos que agora novamente
87) Quando de minhas mágoas a comprida
88) Que levas, cruel morte? Um claro dia
89) Que me quereis, perpétuas saudades?
90) Que poderei do mundo já querer
91) Quem fosse acompanhando juntamente
92) Quem quiser ver de Amor ũa excelência
93) Se depois de esperança tão perdida
94) Se pena por amar-vos se merece
95) Se tomo a minha pena em penitência
96) Suspiros inflamados, que cantais
97) Vós, ninfas da Gangética espessura
98) Vós, que de olhos suaves e serenos

Da ed. de 1616

99) Árvore, cujo pomo belo e brando
100) Cá nesta Babilónia, donde mana
101) Cantando estava um dia bem seguro
102) Coitado, que em um tempo choro e rio
103) Depois que viu Cibele o corpo humano
104) Diversos dões reparte o Céu benigno
105) Doces e claras águas do Mondego
106) Erros meus, má fortuna, amor ardente (n.os 13 e 18)
107) Eu cantei já e agora vou chorando
108) Gentil Senhora, se a Fortuna imiga
109) Julga-me a gente toda por perdido
110) Na desesperação já repousava
111) O Céu, a terra, o vento sossegado
112) O Filho de Latona, esclarecido
113) Por cima destas águas, forte e firme
114) Por sua ninfa, Céfalo deixava

115) Presença bela, angélica figura
116) Que modo tão subtil da natureza
117) Se me vem tanta glória só de olhar-te
118) Seguia aquele fogo que o guiava
119) Sempre a razão vencida foi de amor
120) Senhor João Lopes, o meu baixo estado
121) Sentindo-se alcançada a bela esposa
122) Tal mostra dá de si vossa figura
123) Vós outros, que buscais repouso certo

Sonetos privativos da ed. de 1685

124) Alma gentil, que à firme Eternidade
125) Debaixo desta pedra sepultada
126) Ditosa pena, como a mão que a guia
127) Ditosas almas, que ambas juntamente
128) De frescas belvederes rodeadas
129) Ilustre Gracia, nombre de una moza
130) Nem o tremendo estrépito da guerra
131) Nos braços de um Silvano adormecido
132) Onde acharei lugar tão apartado
133) Onde mereci eu tal pensamento
134) Qual tem a borboleta por costume
135) Quanta incerta esperança, quanto engano
136) Quem diz que Amor é falso ou enganoso
137) Se em mim, ó Alma, vive mais lembrança

Sonetos privativos da ed. de 1668:

138) A formosura desta fresca serra
139) Chorai, Ninfas, que os Fados poderosos
140) De um tão felice engenho produzido
141) Diana prateada esclarecia
142) Dizei, Senhora, da Beleza ideia
143) Doce sonho, suave e soberano
144) El vaso reluziente y cristalino
145) Enquanto Febo os montes acendia
146) Este amor que vos tenho, limpo e puro
147) Indo o triste Pastor todo embebido
148) Já não sinto, Senhora, os desenganos
149) Na ribeira do Eufrates assentado
150) Num tão alto lugar, de tanto preço

151) Olhos formosos, em quem quis Natura
152) O tempo acaba o ano, o mês e a hora
153) Posto me tem a Fortuna em tal estado
154) Quando cuido no tempo que, contente
155) Quando, Senhora, quis Amor que amasse
156) Sempre, cruel Senhora, receei
157) Se a Fortuna, inquieta e mal olhada
158) Senhora já desta alma perdoai

Sonetos comuns às edições de 1685 e 1668

a) *Lições independentes*

159) Ai, imiga cruel! que apartamento
160) Ah! Minha Dinamene, assim deixaste
161) Lembranças, que lembrais o bem passado
162) Pues siempre, sin cesar, mis ojos tristes
163) Quando a suprema dor muito me aperta
164) Quando se vir com água o fogo arder
165) Quem presumir, Senhora, de louvar-vos (n.os 149 e 150)
166) Quem pudera julgar de vós, Senhora
167) Se, como em tudo o mais, fostes perfeita
168) Vencido está de Amor meu pensamento

b) *Lições comuns*

169) A chaga que, Senhora, me fizeste
170) A violeta mais bela que amanhece
171) Crescei, desejo meu, pois que a ventura
172) Criou a natureza Damas belas
173) De quantas graças tinha a natureza
174) Já claro vejo bem, já bem conheço
175) Moradoras gentis e delicadas
176) Não vás ao monte, Nise, com teu gado
177) Nunca em Amor danou atrevimento
178) Orfeo enamorado que tañia
179) Que esperais, esperanças? Desespero
180) Se com desprezos, Ninfa, te parece
181) Tornai essa brancura à alva assucena
182) Ũa admirável erva se conhece
183) Vós que escutais, em Rimas derramado

Da ed. 1860-1869

a) *Do Canc.º de Luis Franco:*

184) De piedra, de metal, de cosa dura
185) Do están los claros ojos que colgada
186) Em um batel, que com doce meneio
187) Memória de meu bem, cortado em flores
188) O dia em que nasci moura e pereça
189) Ondas que por el mundo caminando
190) Senhora minha, se de pura inveja
191) Todas as almas tristes se mostravam
192) Transunto sou, Senhora, neste engano

b) *Do Ms. de Cecília de Portugal:*

193) Se a ninguém tratais com desamor

c) *De um* Ms. (não especificado):

194) Quão cedo te roubou a Morte dura

De outro Ms. (não especificado):

195) Aqueles claros olhos que, chorando

Desta série de 195 sonetos, aproveitámos, não segundo as lições apócrifas de Faria e Sousa, adoptadas por todos os editores subsequentes das obras completas, mas segundo as lições dos originais, os seguintes:

N.os 1 a 101, 103 a 116, 118 a 123, 138 a 158, 159 a 165, 168, 187, 188, 195; isto é, um total de 153 sonetos (menos 42 do que a edição de 1932). Incluímos ainda, de novo, em relação à edição de 1932, os 13 sonetos seguintes:

Da ed. 1595:

155) Os reinos e os impérios poderosos

4) Já a roxa manhã clara
5) Junto de um seco, duro, estéril monte
6) Manda-me Amor que cante docemente
7) Se este meu pensamento
8) Tomei a triste pena
9) Vão as serenas águas
10) Vinde cá, meu tão certo secretário

1616:

11) Manda-me Amor que cante o que a alma sente

1860:

de um Ms. (não especificado)

12) Manda-me Amor que cante docemente
13) Por que vossa beleza a si se vença

Admitimos no nosso texto apenas as 11 primeiras; e damos em nota ao n.º 6, o texto de 11.

Resumindo: contra um total de 378 composições (ou 380, se se contarem as repetidas), em 1932, apenas concedemos livre trânsito a 329.

Concluído este balanço estatístico, e verificada a proveniência das diversas composições (ponto muito importante, que estava por estabelecer), cumpre-nos agora fornecer ao leitor os elementos justificativos da nossa selecção, e da qual veio a resultar uma diminuição do total já estabelecido em 1932. Quem se sentir defraudado pela iniciativa que tomámos, e de que daremos conta cabal, deve pensar que, há três séculos e meio, os que tiveram a felicidade de poder ler, pela primeira vez, uma colecção das *Rimas* de Camões, se contentaram com um total muito mais modesto: 167 composições, quase metade das que entraram nesta edição!

As edições de 1595 e de 1598, e, de certo modo, a de 1616, por mais próximas da época em que o Poeta

1616:

4) Esp'rito valoroso, cujo estado

1685:

5) Senhora, se encobrir por algũa arte

Eliminámos a última, que Faria e Sousa diz ter extraído, com outras, de «dos manuscritos».

As *Elegias* incorporadas em 1932 distribuem-se da seguinte forma:

1595:

1) Aquela que de amor descomedido
2) Aquele mover de olhos excelente
3) O poeta Simónides, falando
4) O Sulmonense Ovídio desterrado

1598:

5) Depois que Magalhães teve tecida

1616:

6) Se quando contemplamos as secretas

1668:

7) Foi-me alegre o viver, já me é pesado
8) Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
9) Que tristes novas ou que novo dano

1860:

do Ms. Luís Franco

10) Divino, almo pastor, Délio dourado
11) Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos

Excluímos as composições n.os 7, 8 e 11; admitimos, a título precário, a composição n.º 10.

Pelo que respeita às *Canções*, foram incluídas as seguintes na ed. de 1932:

1595:

1) A instabilidade da Fortuna
2) Com força desusada
3) Fermosa e gentil Dama, quando vejo

As *Odes* provêm das seguintes fontes:

Da ed. de 1595:

1) Detém um pouco, Musa, o largo pranto
2) Fermosa fera humana
3) Nunca manhã suave
4) Se de meu pensamento
5) Tão suave, tão fresca e tão fermosa

Da ed. de 1598:

6) Aquele moço fero
7) Aquele único exemplo
8) A quem darão de Pindo as moradoras
9) Fogem os neves frias
10) Pode um desejo imenso

Da ed. de 1616:

11) Já a calma nos deixou
12) Naquele tempo brando

Da ed. de 1860:

do Ms. Luis Franco

13) Tão crua Ninfa, nem tão fugitiva

Das duas *Sextinas* de 1932 retivemos apenas a primeira. A segunda é a primeira, «emendada».

As *5 Oitavas* da ed. de 1932 provêm das seguintes fontes:

1595:

1) Como nos vossos ombros tão constantes
2) Mui alto rei, a quem os Céus em sorte
3) Quem pode ser no mundo tão quieto

Da ed. 1598:

156) Fiou-se o coração de muito isento
157) Verdade, Amor, Razão, Merecimento

Da ed. 1616:

158) A morte que da vida o nó desata
159) Correm turvas as águas deste rio

Da ed. 1663:

160) Doce contentamento já passado

Da ed. 1668:

161) Eu vivia de lágrimas isento
162) Que pode já fazer minha ventura
163) Quem vos levou de mim, saudoso estado
164) Se de vosso fermoso e lindo gesto
165) Sustenta meu viver ũa esperança

Da ed. 1685-1668:

166) Ah! Fortuna cruel! Ah! duros Fados!
167) Fortuna em mim guardando seu direito

Com esta última série, perfazemos o total de 166 sonetos, atrás indicado.

Não entraram na nossa colecção os sonetos:

N.os 102, 117, 124 a 137, 166 e 167, 169 a 183, 184 a 186, 189 a 194, o que perfaz os 41 sonetos acima indicados.

Para o nosso cânone passaram as 8 *Églogas* e as 13 *Odes* que vêm na edição de 1595:

As *Églogas* são todas da edição de 1595.

viveu, assumem, perante a crítica, uma autoridade a que não podem aceder, evidentemente, as que depois daquelas surgiram. Ao sair da oficina de Pedro Craesbeeck, à custa de Domingos Fernandes, livreiro, o magro pecúlio de rimas de 1616, em cuja recolha se haviam gasto *sete* anos, poder-se-ia supor que as possibilidades de reintegrar o texto camoniano estavam exaustas. Enquanto para aquelas edições a *exclusão* carece de fundamento sólido, para as restantes, a *aceitação* não deve fazer-se sem que ponderosas razões se ofereçam. É uma questão de prudência crítica, que não tem por base, salvo restrito número de casos, a *certeza* documental, mas a *fé* na idoneidade dos coleccionadores. Como já foi dito, «Podemos, por intuição ou por saber, por palpite ou por capricho, dizer que esta forma ou aquele verso não devem ser de Camões; mas ninguém pode dizer quais sejam» [1].

Não obstante o escrúpulo confessado, o primeiro editor, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, não pôde evitar a publicação de apócrifos nas *Redondilhas* e nos *Sonetos*, que atingem o total de 10 ou 11 espécies.

São de há muito consideradas como tais, além dos *Sonetos* atrás indicados, as *voltas:*

1) Lembre-vos minha tristeza (ao mote: *Pois é mais vosso que meu)*
2) Isto não por me pesar (ao mote: *Senhora, pois minha vida)*

que já se encontram no *Cancioneiro de Resende;* as *glosas*

3) Depois que meu cruel fado (ao mote: *Já não posso ser contente)*
4) Vendo Amor que com vos ver (ao mote: *Sem vós e com meu cuidado)*

que pertencem a Diogo Bernardes, e se encontram nas *Rimas várias, Flores do Lima.*

(1) Dr. Alfredo Pimenta, *Novos estudos filosóficos e críticos,* p. 534.

Foram consideradas por Carolina Michaëlis como apócrifas as *voltas*

5) Que estranho caso de amor (ao mote: *A dor que minha alma sente*)

de Diogo Bernardes, impressas, igualmente, em *Flores do Lima* [1]

Teófilo Braga que, no estabelecimento do cânone

[1]

TEXTO CAMONIANO

A dor que a minha alma sente
não na sente toda a gente.

VOLTAS PRÓPRIAS

Que estranho caso de amor,
que desusado tormento,
que venho a ser avarento
das dores da minha dor!
Por me não tratar pior
se se sabe, ou se se sente,
não na digo a toda a gente.

Minha dor e a causa dela
de ninguém a ouso fiar,
que seria aventurar
a perder-me, ou a perdê-la;
e pois só com padecê-la
a minha alma está contente,
não na quero que o saiba a gente.

Ande no peito escondida
dentro n'alma sepultada,
de mim só seja chorada,
de ninguém seja sentida.
Ou me mate, ou me dê vida,
ou viva triste, ou contente,
não na saiba toda a gente.

TEXTO DE D. BERNARDES

A dor que minha alma sente
não a saiba toda a gente.

VOLTAS

Ande no peito escondida
ũa dor tão desusada,
de mim só seja chorada,
não seja d'outrem sentida:
ou me mate, ou me dê vida,
ou viva triste, ou contente,
não se confie da gente.

Tenho feito juramento
(porque assi o quis Amor)
de sempre como avarento
guardar em mim minha dor.
Por me não tratar pior
se disto o contrairo sente
não a saiba toda a gente.

camoniano ([1]), a par de indicações úteis, semeou lapsos sem conta, dá como existentes no *Cancioneiro de Èvora* (publicado em 1875 por Hardung), outras redondilhas comuns à edição de 1595, o que não é verdade. O *mote*, ou *moto*, podia não ser inventado, mas colhido no velho fundo comum da lírica peninsular. Camões trova, muitas vezes, a *cantares velhos*. É uma infelicidade que o Cancioneiro de Oxónia, como o de Juromenha, contenha apenas o 1.º verso dos motes.

As redondilhas 4) e 5) entraram, apesar de tudo, na edição de 1932. Nós rejeitámos as *cinco*.

Também de Diogo Bernardes, impressos com o seu nome, passaram logo à primeira edição os *três* sonetos já referidos ([2]). Nenhum dos sonetos com atribuição diferente ([3]) passou da primeira edição à edição de 1932, e à nossa, como foi já dito, salvo o que tem na nossa colecção o n.º 164. Os editores de 1932 excluíram ainda da edição de 1595 o soneto *O Reino e os impérios poderosos*. Como não encontrámos nas nossas pesquisas qualquer razão para o afastar, de novo o incorporamos no património camoniano (é o n.º 161 da nossa colecção).

O livreiro Estevão Lopes, que editou as duas primeiras impressões, foi mais feliz com a segunda, do que com a primeira. Embora naquela continuassem a figurar alguns dos apócrifos da primeira, de novo, só entrou *um!*

As 17 composições em redondilha que entraram na edição de 1598 continuam a figurar na nossa colecção, como figuraram na de 1932; e dos 43 sonetos, 42 não oferecem matéria de contestação, tendo sido incluídos, por isso, na presente edição.

([1]) *Camões (A Obra lyrica e epica)*, pp. 138 a 240.
([2]) V. nota 1, a pág. XIV.
([3]) V. os Sonetos n.os 2), 4) e 5) da nota referida.

Apócrifo é o soneto

A perfeição, a graça, o doce geito

atribuído a vários: a D. Manuel de Portugal, a Estêvão Rodrigues de Castro, e até a Diogo Bernardes (¹). É de autor *incerto*.

Os dois sonetos da mesma edição

Fiou-se o coração, de muito isento
Verdade, Amor, Rasão, Merecimento

foram suprimidos na edição de 1932 sem qualquer razão justificativa. Regressam à lírica de Camões na presente edição, onde têm respectivamente os n.os 66 e 166.

Também o já referido editor de 1616, Domingos Fernandes, não se pode considerar mal pago da sua canseira: as 17 composições em redondilha da sua edição figuram na de 1932; e continuam a figurar em a nossa, com excepção de *uma;* dos 32 sonetos, 25 figuram na edição de 1932, e 25 na presente. Incluímos, de novo

A Morte que da vida o nó desata

e

Correm turvas as águas deste rio;

mas suprimimos

Se grão glória me vem de olhar-te

e

Coitado, que em um tempo choro e rio

indevidamente incorporados pelos editores de 1932.

(¹) V. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *O Cancioneiro Fernandes Tomás,* p. 115.

A redondilha eliminada

Crescem, Camila, os abrolhos

aparece na *Miscelânea* do *Fradinho da Rainha* (Fr. Paulo da Cruz; no século, Jorge Fernandes), incluída no *Manuscrito Juromenha.*

O soneto

Correm turvas as águas deste rio

que decidimos incluir, pode, talvez, *externamente*, não ser tipicamente *camoniano*; no ponto de vista crítico, porém, está em situação idêntica de outros, aproveitados pelos editores de 1932. Os sonetos

a) *Cantando estava um dia bem seguro*
b) *Doces e claras águas do Mondego*
c) *Julga-me a gente toda por perdido*

foram, como o soneto *Correm turvas...* atribuídos pelo P.e Pedro Ribeiro a Diogo Bernardes, o que não obstou à sua inclusão na edição de 1932, o segundo em duas redacções diversas (1).

O soneto b) só muito indulgentemente mesmo encontra lugar entre os de Camões, pois, além de Bernardes, aparece com outra atribuição: D. João de Lencastre, Duque de Aveiro (2). Todavia, incluímo-lo, porque o soneto é bom, e porque a sua tradição camoniana é respeitável.

(1) Já na edição de 1616 se encontram duas redacções do mesmo:

Doces agoas, e claras do Mondego
Delgadas agoas claras, etc.

(2) V. Storck, *Vida,* 116.

O soneto *A mor*[*te*] *que da vida o nó desata*, já referido, e excluído de 1932, foi por nós incluído por não ter disputante que o leve a pôr de reserva.

O soneto

Coitado, que em algum tempo choro e rio

que foi incluído na edição de 1932, e excluído da presente, merece comentário. Êle permitir-nos-á colocar o leitor, pela primeira vez, perante o processo de *camonização* (vénia à palavra) a que têm sido submetidos numerosos poemas atribuídos a Camões, e justificar (assim o esperamos) a tarefa a que metemos ombros.

Entre os sonetos anónimos publicados por Foulché-Delbosc (Ms. 4 da B. Nac. de Madrid) (1), encontra-se o seguinte:

N.º 112)

Cuitado que en un ponto lloro y rio,
espero, quiero, temo, y aborrezco,
juntamente me alegro y entristezco,
de una cosa confio y desconfio.

Vuelo sin alas, y estoi ciego y guio,
en lo que valgo mas menos merezco,
callo, doi voces, hablo y enmudezco,
nadie me contradice, yo porfio.

Querria que ser pudiese lo imposible,
querria tanbien mudarme y estar quedo,
goçar de libertad y estar cautivo.

Querria que se visse lo imposible,
querria desenrredarme y mas me enrredo
tales son los estremos en que vivo.

(1) *Rev. Hisp.*, vol. 6 (1899), pp. 328-407.

O v. 12 está evidentemente errado, por deficiência de quem copiou o soneto; e pode ser emendado pela versão próxima que do mesmo deu Gracián no *Discurso XLII* do seu tratado da *Agudeza y Arte de Ingenio* (p. 271 da ed. Espasa-Calpe):

Querria que se viese lo invisible.

O 2.º verso, nesta lição, é

espero, temo. quiero y aborresco.

Este soneto aparece em castelhano no Ms. de Oxónia (All Souls Coll. n.º 189) (1), e, em português, no *Cancioneiro Juromenha* (2), anónimo, embora junto de uma composição de Camões. Foi impresso pela primeira vez na edição de 1616 nesta forma:

Coytado que em algum tempo choro, e rio
Espero, temo, e quero, e aborreço,
Juntamente me alegro, e entristeço,
De hũa cousa confio, e desconfio.

Avoo sem azas, estou cego, e guio,
E no que valho mais menos mereço,
Calando dou vozes, calo, e emmudeço,
Nada me contradis, e eu aporfio.

Queria se ser pudesse o impossível,
Queria poder mudarme, e estar quedo,
Usar de liberdade, e ser captivo.

Queria que visto fosse, e invisivel,
Queria desenrredarme, e mais me enrredo,
Tais são os estremos em que triste vivo.

(1) *Zeit. f. rom. Phil.*, vol. III (1879), p. 80.
(2) *Zeit.*, vol. V (1881), p. 134.

Carolina Michaëlis, no estudo que ao soneto consagrou [1], inclinou-se para a redacção original em castelhano, alegando *nada* por *nadie*, *em algum tempo* para traduzir *en un ponto* (no caso contrário o tradutor encontraria *tiempo* para traduzir *tempo*). Podíamos acrescentar a locução *dar voces*, desusada em português. Nesta língua, ou em castelhano, o soneto (alegado por Gracián como modelo de contrapostos), só muito dificilmente poderia ser atribuído a Camões [2].

O editor de 1669, ao reproduzir os sonetos da edição de 1616, atentou nas *incorrecções* do soneto transcrito que, como se viu, corresponde literalmente, ao castelhano, e arriscou algumas emendas não infelizes:

Coytado que em hum tempo choro, e rio,
Espero, e temo, quero e aborreço,
Juntamente me alegro, e entristeço,
De hũa cousa confio, e desconfio.

Voo sem azas, estou cego, e guio,
E no que valho mais, menos mereço,
Calando grito, falo, e emmudeço,
Nada me contradis, e eu porfio.

Queria se pudesse o impossivel,
Poder mudarme a hum tempo, e estar quedo,
Usar de liberdade, e ser captivo.

Queria visto ser, e invisivel,
Desenrredarme, e mais assi me enrredo,
Tais os estremos, são em que hora vivo.

(Son. XXV)

(1) *Rev. Hisp.*, vol. 7, pp. 98-105.

(2) V. as observações feitas a este Soneto pelo Dr. José Gonçalo C. Herculano de Carvalho, in-*Sobre o texto da lirica camoniana* (Sep. da *Rev. da Fac. de Letras*, de Lisboa), 1949, pág. 32. Como aí se nota, com base no artigo publicado por Fr. Julián Zarco Cuevas

O processo não estava concluso. Antes de 1669, já se havia *trabalhado* o soneto com mais perfeição: o Ms. em que ele se encontrava estava inédito desde o falecimento do autor, em 1649, e só veio à luz em 1685; o editor de 1669, ou ignorava então a existência dos comentários de Faria e Sousa, ou não pôde consultá-los. Êste, com a decisão que o caracterizava, foi-se ao soneto de 1616, e *purgou-o* «por los manuscritos» da forma seguinte:

Coytado, que em hũ tempo choro, e rio;
Espero, e temo; quero, e aborreço;
Juntamente me alegro, e me entristeço;
Confio de hũa cousa, e desconfio.

Voo sem asas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então falo melhor quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.

Possível se me faz todo o impossível;
Intento com mudarme estarme quedo;
Usar de liberdade, e ser cativo.

Queria visto ser, ser invisivel,
Verme desenredado amando o enredo,
Taes os estremos são com que hoje vivo.

(Soneto XXXV, Cent. II, p. 252)

O processo de falsificação está à vista. Os editores de 1932, publicando-o segundo esta lição, forneceram--nos um soneto que *nunca* foi redigido originalmente

a propósito de *Um Cancionero bilingue ms. de la Biblioteca de El Escorial* (in-*Religión y Cultura,* 1933), aquele Soneto, em redacção espanhola, aparece atribuído num ms. ao Abade Salinas.

por *ninguém*. Foi *emendado* por Faria e Sousa, sôbre uma infeliz versão portuguesa.

Ainda da edição de 1616, os editores de 1932 recolheram o soneto

Se grão glória me vem de olharte

não nesta lição, mas na que dele oferece Faria e Sousa; e isto apesar do comentário que ao mesmo soneto consagrou Carolina Michaëlis a pp. 867 e 868 do seu *Sá de Miranda*.

Este poema, atribuído a Sá de Miranda no *Cancioneiro Juromenha*, foi inicialmente redigido em castelhano:

Si gran gloria me viene de mirarte,
Es pena desigual dejar de verte;
Si presumo con obras merecerte,
Gran paga d'este engaño es desearte;

Si quiere, por quien eres, alabarte,
Es cierto, por quien soi, el ofenderte;
Si mal me quiero mi por bien quererte,
Que premio quiero mas que solo amarte?

Y si el amor tan raro se prefere
Al humano tesoro i dulce gloria,
Que quiero mas el alma que te quiere?

Escrita bivirás en mi memoria;
El alma bivirá que por ti muere
Que al fin de la batalla es la vitoria.

Na edição de 1616 apareceu dele esta miserável versão:

Se grão gloria me vem de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grão pago de engano he desejarte.

Se quero por quem es louvarte,
Sei certo por quem sou offenderte,
Se mal me quero a mim por bem quererte,
Que premio quero mais que só amarte.

Porque amor tão raro sempre fere, [se prefere]
O' humano tisouro doce gloria,
Que quer mais a alma que te serve.

Scrita estarás em minha memoria,
E alma vivirá que por ti morre,
Que ao fim da batalha he a victoria.

Nenhuma composição diz melhor da boa fé do livreiro editor do que esta: Domingos Fernandes percebia pouco de versos e aceitou a versão que lhe deram.

Claro que o editor de 1669 atentou no defeito e não o deixou passar sem emenda. Além de leves alterações, os tercetos ficaram assim:

Estremos são de amor, os que padeço,
O' humano thesouro, ó doce gloria,
E se cuido que acabo então começo.

Assi te trago sempre na memoria,
Nem sei se vivo, ou mouro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

(Soneto XXVI, p. 13)

Em 1685, o soneto aparece inteiramente desfigurado; e foi nesta lição, infelizmente, que foi recolhido pelos editores posteriores, incluindo os de 1932:

Se me vem tanta gloria só de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grão paga de hũ engano he desejarte.

Se aspiro por quem es a celebrarte,
Sey certo por quẽ sou q̃ hey de offenderte.
Se mal me quero a mi por bem quererte,
Que premio querer posso maes q̃ amarte?

Porque hũ tão raro amor não me socorre?
Oh, humano tesouro! ó doce gloria!
Ditoso quem à morte por ti corre!

Sempre escrita estarás nesta memória;
E esta alma vivirá, poys por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a vitoria.

Como o soneto anda (mal ou bem) atribuído a Sá de Miranda, e foi incluído, anónimo, na *Miscelanea* de Miguel Leitão de Andrade, em 1629, na sua redacção castelhana, não nos atrevemos a incluí-lo na nossa edição.

Na edição de 1616 foram ainda recolhidos alguns sonetos, três dos quais nem na edição de 1932, nem na presente, foram admitidos. São eles:

a) Dos Céos à terra dece a mór belleza
b) Ilustre e dino ramo dos Menezes
c) Ornou mui raro esforço ao grande Atlante
d) O raio de ouro fino se estendia
e) Porque a tamanhas penas se offerece.

Os Sonetos b) e d) já andavam na edição de 1598; a) e e) são Sonetos *ao divino*, adrede metidos num Cancioneiro profano, como remate. O primeiro é vulgar, e, embora não tenha aparecido outro pretendente, não faz falta num cancioneiro de Camões; o segundo vem nas obras de Francisco Galvão (ed. 1791, t. 1.º, p. 96). O Soneto c) não tem estrutura camoniana, como se vê dos tercetos:

Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar, e Alcides,
Esforço, Engenho, Amor, Ventura e Fama.

A edição de 1616 inclui ainda, além das redondilhas já indicadas, os seguintes poemas:

a) Elegia à Paixão de Christo N. Senhor: *Se quando contemplamos as secretas causas*;
b) Elegia ao Doutor Mestre Belchior em louvor de sua filha dona Maria de Figueiroa, na India, em Damão: *Se obrigações de fama podem tanto*;
c) Ode: *N'aquelle tempo brando*;
d) » : *Já calma nos deixou*;
e) Canção: *Nem roxa frol de Abril*;
f) Sextina: *Foge-me pouco e pouco a curta vida*;
g) Canção: *Mandame Amor que cante o q̃ alma sente*;
h) Petição feita ao regedor de hũa nobre moça que no Limoeiro da Cidade de Lisboa, etc.: *Sprito valeroso, cujo estado* (oitavas);
i) Epístola: *Duvidosa esperança, certo medo.*

Seguimos o critério dos editores de 1932, eliminando b), e) e i). Eliminámos ainda, por nossa conta e risco, f), simples variante da que publicamos. As composições a), c), d) e h) vão no texto, e g) vai em nota à Canção VII. A elegia a) é confirmada pela atribuição do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* e do Códice da Real Academia de História de Madrid, estudado por Justo García Soriano (1).

A Elegia b) é muito inferior. Ainda que a sua atribuição a Camões estivesse plenamente provada (o que não é o caso), nada perde o Poeta em que a esqueçamos. Nem o próprio Faria e Sousa lhe deu lugar na sua edição. A Canção e), além de incompleta (concluída, já se sabe, por Faria e Sousa), é muito diferente das Canções anteriores. Em nenhuma, salvo nesta, o Poeta substituiu

(1) V. Alfredo Pimenta, *Um inédito de Camões? Bazar* de *A Voz* (11 de Março de 1938) e Herculano de Carvalho, art.º cit.º, p. 24 e segs.

a confidência pela descrição pura da natureza. A composição i) é de Diogo Bernardes.

Sobre a Ode d) convém reter a nota que se encontra sob a epígrafe da mesma, a p. 19 v: «Esta pode bem passar até o fim da página seguinte», isto é, até

Outono, Inverno, Primavera, Estio.

Parece pois que, pelo menos em parte, a *Ode* já não passava em 1616 por camoniana.

Como se vê, com as composições de 1616, o nosso critério torna-se menos seguro; o risco de suprimir uma composição que não conta entre as obras-primas do Poeta é menor do que o de admitir textos sobre cujo carácter camoniano a dúvida persiste. Foi o que fizemos. E nós, que tantas vezes divergimos já dos editores de 1932, e ainda havemos de divergir, temos o maior contentamento em verificar, neste campo, a nossa quase absoluta identidade de *gosto*.

Ocupemo-nos agora de Faria e Sousa e de Álvares da Cunha. De um e de outro falou em quase todos os seus estudos camonianos Carolina Michaëlis, tendo-os como principais responsáveis pela desordem a que chegou a lírica de Camões. Com Storck, repartiu Carolina Michaëlis a sua animosidade aos dois camonianistas, especialmente ao primeiro. Impunha-se portanto ao crítico, de há muito, a obrigação de rever os fundamentos em que assentava a acusação. Na edição de 1932 não se considerou este grave problema, e admitiram-se, sem qualquer explicação, umas 43 composições de 1685 e 1668!

Creio, no entanto, que entre Álvares da Cunha e Faria e Sousa se deve fazer uma distinção essencial: a que vai de um homem sem senso crítico, mas de boa-fé, a outro sem uma coisa nem outra. A intervenção

de Álvares da Cunha foi salutar, pois que, graças a ela, foram integrados na lírica de Camões alguns sonetos conhecidos apenas pelo *Índice* do Padre Pedro Ribeiro.

É extremamente difícil, senão impossível, em muitos casos, distinguir o autor pelo estilo das pequenas composições de redondilha. Por isso, a tendência para as incorporar, salvo apocrifia declarada, é desculpável.

Da edição de 1932 excluiu-se — e devia sê-lo, — a composição *Esperei, já não espero,* da edição de 1668. Nós excluímos da mesma edição, por serem inferiores, as glosas ao mote *Retrato, vós não sois meu.* Na edição de 1932, esta composição foi emendada em vários lugares e, profundamente, na terceira décima, onde o sentido era menos claro.

Mais complexo, como sempre, é o problema dos Sonetos, que, nestas duas edições, atinge o acume da confusão. Foi com *sonetos* que Álvares da Cunha encheu principalmente a sua Terceira Parte da *Lírica,* onde aqueles vêm distribuídos em três séries: a primeira, (que denominaremos série A), de 45 sonetos; a segunda, (série B), de 8 sonetos, no cabo da qual se imprimiu a palavra FINIS; e a terceira, (Série C), de 43 sonetos. Já em outro lugar me ocupei deste ponto, realmente importante [1]. Apurei que, das três séries, a última, de 43 sonetos, era simples cópia dos sonetos de Faria e Sousa. Vale a pena reproduzir de novo o índice, que é elucidativo, e do qual agora extrairei mais latas conclusões. Trancrevo o primeiro verso dos 66 primeiros sonetos da segunda centúria de Faria e Sousa, com a respectiva numeração (em algarismos árabes); entre colchetes, colocarei a numeração (em algarismos romanos) dos sonetos da série C de Álvares da Cunha; em redondo, transcrevo os sonetos

[1] V. *A Lírica camoniana no século XVII* (Revista *Brotéria* vol. XXXV, Fasc. 1, Julho de 1942).

que passaram das *Rimas Várias* de Faria e Sousa para a edição de 1668, por cópia; em itálico, os sonetos que Alvares da Cunha já reproduzira noutra série, ou tinham sido já publicados na edição de 1616; e, finalmente, em versaletes, os sonetos de Faria e Sousa, não reproduzidos por Álvares da Cunha:

1. [I] Vós, que escutais em Rimas derramado
2. [II] De Amor escrevo, de Amor trato e vivo
3. SE DA CÉLEBRE LAURA A FERMOSURA
4. *Esses cabelos louros e escolhidos* (1668 — Série A)
5. *Quem pudera julgar de vós, Senhora* (1668 — Série A)
6. *Quem, Senhora, presume de louvar-vos* (1668—Série A)
7. [III] Moradoras gentis e delicadas,
8. [IV] Brandas águas do Tejo, que passando
9. [V] Novos casos de Amor, novos enganos,
10. *Onde porei meus olhos, que não vejo* (1668 — Série A)
11. [VI] Já do Mondego as águas aparecem
12. *Que doudo pensamento é o que sigo?* (1668 — Série A)
13. [VII] Um firme coração posto em ventura,
14. [VIII] Ar, que de meus suspiros vejo cheio,
15. [IX] Já claro vejo bem, já bem conheço
16. [X] De cá donde sòmente o imaginar-vos
17. [XI] Não há louvor que arribe à menor parte
18. [XII] Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
19. [XIII] A Violeta mais bela, que amanhece
20. [XIV] Tornai essa brancura à alva açucena
21. [XV] De mil suspeitas vãs se me levantam
22. [XVI] Mil vezes determino não vos ver
23. [XVII] A chaga que, Senhora, me fizestes,
24. [XVIII] Se com desprezos, Ninfa, te parece,
25. [XIX] Senhora minha, se eu de vós ausente
26. [XX] No regaço da Mãe Amor estava
27. [XXI] Este terreste Caos com seus vapores
28. [XXII] Ũa admirável erva se conhece,
29. [XXIII] Crecei, desejo meu, pois que a ventura
30. [XXIV] É o gozado bem em água escrito,
31. [XXV] De quantas graças tinha a natureza,
32. [XXVI] Nunca em Amor danou o atrevimento,
33. *Doces e claras águas do Mondego* (1616)
34. *Senhor João Lopes, o meu baixo estado* (1616)

35. [XXVII] A morte que da vida o nó desata (1616)
36. *Árvore, cujo pomo belo e brando* (1616)
37. *O filho de Latona esclarecido* (1616)
38. *Presença bela, angélica figura* (1616)
39. *Por cima destas águas, forte e firme* (1616)
40. *Tal mostra dá de si vossa figura* (1616)
41. *Na desesperação já repousava* (1616)
42. *Diversos dões reparte o Céu benino* (1616)
43. [XXVIII] Gentil Senhora, se a Fortuna imiga (1616: *Senhora minha...*)
44. [XXIX] Que modo tão sutil da Natureza (1616)
45. *Quando se vir com água o fogo arder* (1668 — Série A)
46. *Quando a suprema dor muito me aperta* (1668—Série A)
47. [XXX] Na margem dum ribeiro que fendia
48. [XXXI] Se me vem tanta glória só de olhar-te (1616)
49. *Sempre a Razão vencida foi de Amor* (1616)
50. *Coitado, que em um tempo choro e rio* (1616)
51. *Julga-me a gente toda por perdido* (1616)
52. OLHOS, ADONDE O CÉU COM LUZ MAIS PURA
53. [XXXII] Criou a natureza Damas belas
54. [XXXIII] Que esperais, Esperança? Desespero.
55. *Se como em tudo mais fostes perfeita* (1668 — Série A)
56. [XXXIV] Se algum'hora essa vista mais suave
57. [XXXV] Tanto se foram, Ninfa, costumando
58. [XXXVI] Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo,
59. *Vencido está de Amor meu pensamento* (1668—Série A)
60. [XXXVII] Divina companhia, que nos prados
61. [XXXVIII] A' la margem del Tajo en claro dia
62. [XXXIX] Por gloria tuve un tiempo el ser perdido
63. [XL] Rebuelvo en la incessable fantasia,
64. [XLI] Las peñas retumbavan al gemido
65. [XLII] En una selva al despuntar del dia
66. [XLIII] Orpheo enamorado, que tañia

Uma primeira conclusão se impõe: Álvares da Cunha conheceu, realmente, as *Rimas várias* comentadas por Faria e Sousa, quando elas ainda se encontravam em manuscrito (1).

(1) Faria e Sousa faleceu em 1649, mas as suas *Rimas várias* só foram publicadas em 1685. A ed. de 1668 (Alvares da Cunha) é, portanto, posterior às *Rimas várias*.

Uma segunda conclusão a tirar, importante, é esta: Álvares da Cunha não conheceu apenas as *Rimas várias*. Antes de as utilizar, serviu-se de um manuscrito, ou de manuscritos camonianos que foram igualmente utilizados por Faria e Sousa. No índice transcrito, o leitor verificará, sem custo, que alguns sonetos da série de Faria e Sousa (1-66), já tinham sido admitidos por Álvares da Cunha na primeira série (A), quando, ao fechar o volume, desencantou o manuscrito das *Rimas várias*. Por isso mesmo, foi saltando a numeração.

Uma prova segura da utilização comum de manuscritos está na identidade de algumas rubricas. Assim, a propósito do soneto *Ah! minha Dinamene, assi deixaste*, Faria e Sousa declara ter encontrado *nos manuscritos* este título: *Ad Dinamenem aquis extinctam*. Na edição de 1668, o soneto correspondente (n.º 33) traz a seguinte rubrica, em português: *A Dynamene morta nas agoas*. A Elegia *Que tristes novas, ou que novo dano*, que Faria e Sousa diz ter encontrado numa cópia com 80 tercetos e noutra com 55, tinha *nos manuscritos* o seguinte título: *A' la muerte de D. Miguel de Meneses en la India, hijo de D. Enrique de Meneses Governador de la Casa del Civil;* na edição de 1668 corresponde-lhe o seguinte título: *A' morte de Dom Miguel de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, Governador da Casa do Civel, que morreo na India*. A cópia da edição de 1668 tem os 80 tercetos indicados.

Ao contrário, porém, da série C, cujos sonetos são transcritos literalmente de Faria e Sousa, os da série A, que têm correspondente neste **apresentam variantes consideráveis**. Álvares da Cunha (não pode restar a menor dúvida) dá-nos a forma autêntica do manuscrito, ou dos manuscritos; Faria e Sousa a forma «expurgada». Temos, pois, larga margem para apreciar as fraudes de Faria e Sousa, e para avaliar, em toda a sua plenitude,

o erro tremendo em que cairam os editores ao recolher as lições de Faria.

Damos, como exemplo, o soneto *Quem presumir, Senhora, de louvar-vos,* aproveitado por Álvares da Cunha e por Faria e Sousa:

A C

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos
Com humano saber, e não divino,
Ficará de tamanha culpa digno,
Quamanha ficais sendo em contemplar-vos.

Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,
Por mais que raro seja, e peregrino,
Que vossa fermosura eu imagino,
Que Deos a elle só quiz comparar-vos:

Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda tão subida,
Como, Senhora, foi a que me destes:

Melhor a guardarei, que a própria vida,
Que pois mercê, tamanha me fizestes,
De mim será já mais nunca esquecida.

F S

Quem, *Senhora, presume* de louvar-vos
Com *discurso que baixe de* divino,
De *tanto mayor pena será* dino,
Quanto vós soys mayor a o contemplar-vos.

Não aspire algum canto a celebrar-vos,
Por maes *que seja raro, ou* peregrino;
Pois de vossa *Belleza* eu imagino
Que só com vosco o Ceo quis comparar-vos.

Ditosa esta Alma vossa a que quisestes
Pôr em posse de prenda tão subida,
Qual esta que benigna, enfim, me destes.

Sempre será anteposta à mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que essoutra a quero ver perdida.

(Soneto n.º VI, Cent, II, p. 201)

Há entre estas duas lições divergências tão assinaladas, que os editores de 1932, perplexos, recolheram as duas lições (n.os 149 e 150). Mas a última, pelo menos, nunca foi de Camões!

Ao contrário, pois, do que se tem julgado, não é possível colocar no mesmo pé, no ponto de vista crítico, e no que respeita à edição de 1668, os sonetos das séries A e B, por um lado, e da série C, por outro. Esta, sendo mera transcrição de Faria e Sousa, tem este por único garante; e a admissão de cada um dos poemas da mesma série, só pode fazer-se com cautelas infinitas, visto que, na melhor das hipóteses, sendo de Camões, não foi recolhido por aquele sem emendas profundas (1). Os sonetos comuns, das séries A e B, têm, a seu favor, a presunção de terem sido reconhecidos como de Camões por Álvares da Cunha e por Faria e Sousa, independentemente. É-lhes, por isso, devida maior confiança.

Da edição de 1668, privativos, admitimos todos os que os editores de 1932 incluíram, e ainda os seguintes:

a) *Eu vivia de lágrimas isento*
b) *Que pode já fazer minha ventura*
c) *Quem vos levou de mim, saudoso estado*
d) *Se de vosso fermoso e lindo gesto*
e) *Sustenta meu viver ũa esperança*

(1) Depois da demonstração que fizemos (e que poderíamos alargar, se este *Prefácio* não devesse ter um termo), não se acredita fàcilmente que tenha sido possível incluir de novo as lições «exclusivas» de Faria e Sousa no *Parnaso* de Camões!

Teófilo Braga, em nota ao Soneto a), escreveu: «Em differentes mss. attribuido a Diego de Mendoza, Fernan d'Acuña e a Francisco Figueiroa». Ora este soneto aparece atribuído a Camões no *Índice* do Padre Pedro Ribeiro, e no Ms. de Luís Franco, entre outros de Camões, ou a ele atribuídos. O soneto b) não fecha, positivamente, com *chave d'ouro*, mas não nos atrevemos, só por isso, a repeli-lo; pode ser que se trate de cópia ou de variante infeliz. O soneto c) aparece no *Índice* do Padre Pedro Ribeiro atribuído a Camões sob a forma *Quem vos fez perder saudoso estado*, e a Diogo Bernardes nesta: *Quem vos levou de mim saudoso estado*; não é, portanto, um soneto *incontestàvelmente* camoniano, mas *presumìvelmente* camoniano. Porque teria sido suprimido pelos editores de 1932 o Soneto d)? Como eles não responderam a perguntas desta natureza, incluímo-lo, porque não é inferior a outros de Camões, embora, não seja, evidentemente, dos melhores. O Soneto e) pode bem figurar entre os do nosso Poeta, e não encontrámos, contra tal atribuição, nenhum indício.

Não admitimos nenhum soneto privativo de Faria e Sousa. Para que tais sonetos, ou outras composições da mesma proveniência, possam ser integrados no Parnaso camoniano, é evidentemente necessário que apareça uma lição independente da do expurgador-mor das letras portuguesas. Recusando a entrada aos poemas de Faria e Sousa, implìcitamente afirmamos a nossa simpatia pelas *formas incompletas*. Àqueles que, depois do que dissemos, continuarem a preferir as formas *dadas de novo* por Faria e Sousa, e adoptadas por editores modernos, ficam dados todos os elementos de busca e informação. Não nos afligirá a sua pertinácia, porque nos parece difícil abalar os fundamentos das nossas conclusões. Em todo o caso, e à cautela, oferecemos à sua consideração este trecho de Faria e Sousa, que vem

a pp. 125 e 126 do segundo tomo das suas *Rimas Várias*, em comentário a um verso da estância I da Ode IV:

«Estas Octauas, y las que á ellas se siguen, añado de nuevo: hallélas en dos manuscritos. Estes son glosa de un Soneto propio de mi Maestro; y es el 14 de la Cent. I y glosarle el mismo es un gran fiador de que le avia parecido bien. Estava la glosa en las copias con alguns versos tan errados, y clausulas, que fue necessario meter la hoz [a fouce] en esta mies [messe], procurando no falir del intento que el P. llevava: y esto propio me sucedió en otros Poemas que de nuevo añadi; y aun en algunos lances de los impressos. Y porque se vea que en esto no se dize otra cosa de lo que fue su idea, quiero poner aqui tres versos del Soneto 59 de la Cent. I [*Quem jaz no grão Sepulcro, que descreve*] assi como los hallo en los manuscritos:

> Quem foy, me dize: na [ha] lingua nam se atreve:
> Mas foy hum Rey que poz na paz devido estudo;
> E quam pesado elle foy ao Mouro rudo, &c.

No solamente estragado el lenguage, mas aun errados los versos: pues el de en medio tiene dos silabas más de lo que ha de tener; y los dos una cada uno. Veamos agora la diferencia en el impresso, que dize assi:

> Foy Rey? Fez tudo quanto a Rey se deve;
> Poz na guerra, e na paz, devido estudo:
> Mas quam pesado foy ao Mouro rudo, &c.

Desta suerte, pues, son los mas de los manuscritos que he alcançado destas Rimas: y también desta suerte los reparos [os consertos] que en hellas hize; no sin cogerlo, ó inferirlo de las mismas copias; porque el lugar que en una está mas confuso, en otra está con mas luz [...]».

Entre os sonetos privativos de Faria e Sousa, admitidos pelos editores de 1932, figura o que começa

Ditosa pena, como a mão que a guia

que a crítica não hesitou em colocar entre os raros poemas publicados em vida do próprio Poeta.

Eis o soneto, na lição de Faria e Sousa:

Ditosa pena, como a mão que a guia
Com tantas perfeições da sutil arte,
Que, quando com razão venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a fantasia.

Porém Amor, que efeitos vários cria,
De ti cantar me manda em toda a parte,
Não em plectro belígero de Marte,
Mas em suave e branda melodia.

Teu nome Emanuel, de um no outro polo
Voando se levanta, e te pregoa,
Agora, que ninguém te levantava.

E porque imortal sejas, eis Apolo
Te oferece de flores a coroa
Que já de longo tempo te guardava.

Com aquela leviandade com que se ocupava das coisas de Camões, Faria e Sousa afirmou, em comentário a este soneto (Cent. II, n.º LXXXVII) que o escrevera Camões a Manuel Barata quando este publicara a sua *Arte de ensinar a escrever*, no ano de 1572. E ao comentar o verso *Não em pletro belígero de Marte* (fundamento da atribuição a Camões), acrescenta: «Como es de mi P. este verso! Habló aqui desta suerte, porque al tiempo de escribir esto (que fue por los años 1572) havia publicado su Poema heroico (este es el plectro belígero de Marte) y no se hablava entonces de otra cosa!»

Tudo isto, porém, é mentira, e (como já provaremos) mentira consciente!

A obra *Exemplares de diversas sortes de letras*, oferecida a D. Teodósio, duque de Bragança e de Barcelos, foi publicada em 1590, e não em 1572, por João de Ocanha, sendo já falecido Manuel Barata. Três das dezanove chapas de caligrafia, gravadas por Barata, têm as datas: 1572-1577-1572. As licenças para a impressão da obra são de 13 de Março de 1590. Ao Prólogo segue-se um soneto *anónimo*, divergente do que acima se transcreveu, e que revela nos seus dizeres ter sido escrito para a impressão:

Ditosa pena, *ditosa* mão que a guia
Cõ tantas perfeições da sutil arte,
Que quãdo com razão venho a louvarte
Em teus louvores perco a fantasia.

Mas o amor, que efeitos vários cria,
Me manda de ti cante em toda a parte,
Não em plectro belígero de Marte,
Mas em suave & branda melodia.

Teu nome, Emanuel, de hũ *a* outro Polo
Correndo se levanta & te pregoa,
Agora que ninguém te levantava.

E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flores a coroa,
Que ja de *muytos annos* te guardava.

Portanto:

Faria e Sousa teve sob os olhos o livro de Barata, viu que o soneto era *anónimo*, e que a edição dos *Exemplares* era de 1590 (posterior em **dez** anos à morte de Camões). Apesar disso, atribuiu o soneto ao Épico, depois de o alterar, e datou-o de 1572! (1)

(1) Apresentei pela primeira vez este exemplo notório de fraude na *Cultura* do *Diário da Manhã*, de 31-1-1944, Ano I, n.º 42.

Inserimos, na lição de 1668, os sonetos seguintes, excluídos na edição de 1932:

a) *Ah! Fortuna cruel! Ah! duros Fados*
b) *Fortuna em mim guardando seu direito*

em desabono dos quais não tenho qualquer notícia — o que não é o mesmo que afirmar a sua autencidade incontestável.

Dentro do critério adoptado, mantivemos, na nossa edição, os sonetos comuns às edições de 1668 e 1685, que representam lições independentes, com exclusão, portanto, da série C. Já se sabe, preferimos a lição de 1668, o que nos levou a excluir, desde já, os sonetos *Quem pudera julgar de vós, Senhora* e *Se como em tudo o mais foste perfeita* por nos parecerem indignos da pena de Camões e terem sido recolhidos tardiamente (1). Se

(1) Confrontem-se, do primeiro, as lições de 1668 e de 1685, esta reproduzida na edição de 1932:

1668

Quem poderá julgar de vós, senhora,
Que com tal fee podia assi perdervos,
E vir eu por amor a aborrecervos,
Que hei de fazer sem vós sòmente hũ hora?

Deixastes quem vos ama, e vos adora,
Tomastes quem quiça não sabe vervos,
Eu fui o que não soube merecervos
E tudo entendo, e choro triste agora:

Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrarvos verdadeira,
Inda que está tão clara esta verdade:

Em mim vivirá ella sempre inteira,
E se para perder ja a vida he tarde,
A morte não fará, que vos não queira.

algum Soneto, agora restituído à sua forma primitiva, desmerecer do conceito em que era tido após as criminosas *expurgações* de Faria e Sousa, a culpa não é, evidentemente, nossa.

Como acima dissemos, suprimimos duas das três *Elegias* de 1668, deixando apenas a que começa *Que tristes novas ou que novo dano*, já atribuída a Camões no Índice do Padre Pedro Ribeiro, e restabelecendo a forma autêntica, extraordinàriamente modificada e mutilada por Faria e Sousa.

Álvares da Cunha reuniu nada menos de 9 Elegias na sua Terceira Parte, nenhuma delas representativa daquela tão particular vibração sentimental que distingue os grandes poemas de Camões, nem daquele amargor da ausência que converte o amor em padecimento. A razão por que da raquítica messe se escolheram apenas *três*, que passaram à edição de 1932, é ponto que não consegui-

1685

Quem *pudera* julgar de vós, Senhora,
Que hũa tal fé *pudesse* assim perdervos?
Se por amarvos chego a aborrecervos,
Deixar não posso o amarvos algum'hora.

Deyxais a quem vos ama, *ou* vos adora,
Por ver a quem quiçá não sabe vervos?
Mas eu sou quem não soube merecervos,
E esta minha ignorancia entendo agora.

Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrarvos verdadeira,
Inda que *clara estava* esta verdade.

Esta, em quanto eu vos vir, vereys inteira;
E se em vão meu querer vos persuade,
Maes vosso não querer fas q̃ vos queyra.

mos averiguar. Supomos, no entanto, que foi o *gosto* que determinou a selecção.

Um soneto de Camões pode confundir-se com um soneto de Bernardes, e até com outros, visto que o petrarquismo chegou a ser uma fórmula que muitos empregaram com felicidade; é mais difícil confundir uma elegia camoniana com outra qualquer. Salvo prova suficiente de autenticidade, não se deve admitir no parnaso camoniano qualquer composição desta espécie que apareça rotulada com o nome de Camões. As *Odes*, *Canções* e *Sextilhas* recolhidas na edição de 1932, também não lograrão jamais entrar numa colectânea responsável. Suprimidas em 1932, suprimidas continuam.

As *Oitavas*, incluídas por Faria e Sousa, foram também eliminadas (escusado seria dizê-lo) sem hesitação. É justo que a colheita do famoso polígrafo tenha também agora o seu *purgatório*, se não aparecer algum mal-aventurado que se lembre de repô-la no galarim, sob qualquer pretexto.

O Visconde de Juromenha, promotor da edição das *Obras* de Luís de Camões que viu a luz de 1860 a 1869, é o Álvares da Cunha do século XIX. Detentor de manuscritos, cujo paradeiro se ignora, e tão falho de senso crítico como o seu ilustre predecessor do século XVII, o Visconde de Juromenha (que possuiu, sem dúvida, a melhor intenção deste mundo), tomou como fito exclusivo avolumar o já pletórico Parnaso camoniano. De facto, conseguiu-o; mas a sua empresa resultou, em noventa e nove por cento, estéril.

Ainda assim, quantiosa produção pseudo-camoniana passou à edição de 1932, apesar de notado «o evidente desmazelo, ausência de gosto e falta de espírito crítico» do Visconde de Juromenha, e o facto de ter chegado a publicar, *conscientemente*, apócrifos como obras autênti-

cas. Como sempre, não foi justificada tal aceitação, — o que deixa entender que apenas o arbítrio estético orientou a exploração dos inéditos.

Assim, as redondilhas acima designadas com os n.os 121 a 129 foram pelo Visconde de Juromenha extraídas do autógrafo dos comentários de Faria e Sousa aos *Lusíadas*. Neste manuscrito, e apesar do assunto principal, recolhera Faria e Sousa diferentes poemas: *redondilhas, esparsas, voltas*, etc.; tanto bastou para que na edição de 1860 entrasse, de enxurrada, tudo quanto foi possível forragear pelo códice seiscentista. Que o Visconde de Juromenha tenha feito isto em 1860, é censurável, mas ainda assim desculpável, porque a sua edição veio antes de iniciada a revisão crítica alemã, e num período em que a autoridade de Faria e Sousa era ainda geralmente aceita; mas que os editores de 1932, preparando a sua edição «crítica» mais de setenta anos depois, tenham aceitado, sem exame prévio, aparas de um autógrafo de Faria, isso é que já nos parece menos desculpável. Em todo o caso, e dentro dos princípios estabelecidos, recusámos-lhes entrada na nossa edição, até que seja averiguada a procedência de cada uma daquelas composições.

No Ms. Juromenha, ff. 107 e 108 [1], existiam duas composições em redondilha:

Olvidé y avorresci

e

Para evitar dias maus.

A primeira tem a seguinte rubrica: *O Camões de repente a este verso;* a segunda, esta: *A hũas senhoras que iugando perto de hũa janella lhe caiu tres paos e deraõ na cabeça de Camõis.*

Olvidé y avorresci, incluída na edição de 1932, foi

[1] V. *Zeit. f. rom. Phil.*, VIII, p, 447.

excluída por nós, e devia sê-lo. Atribuída primeiro a Garci Sánchez de Badajoz por Carolina Michaëlis em *Zeit. f. rom. Phil.* IV, p. 609, e ainda na *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, p. 110, foi depois pela mesma Senhora atribuída a Juan Álvarez Gato no vol. 21 (pp. 366-370), da *Revue Hispanique.* Ora Álvarez Gato faleceu talvez por 1509.

Quando o Visconde de Juromenha andava à cata de *inéditos* para enriquecer (?) a sua colecção teve conhecimento da existência, na Biblioteca Nacional, do *Cancioneiro de Luís Franco* (1).

Tanto bastou para que, mais uma vez, uma aluvião de *inéditos* viesse ainda engrossar o transbordante caudal da lírica camoniana.

É preciso acrescentar-se que *nenhuma atribuição* acompanha, em geral, as composições deste *Cancioneiro.* As atribuições são da exclusiva responsabilidade do Visconde de Juromenha.

Ao fazer a crítica deste *Cancioneiro,* Storck formulou as mais nítidas reservas, acabando por propor novo exame ao códice «feito por peritos, não só quanto aos textos que contém, mas ainda quanto ao papel e à letra» (2). Confirmar-se-ão um dia as suspeitas de falsificação por Faria e Sousa, como supôs Storck? É cedo para o dizer. Parece-nos, no entanto, curioso que os três versos do soneto *Quem jaz no grão Sepulcro, que descreve,*

(1) A epígrafe completa deste Ms., que consultámos por duas vezes, é o seguinte: *Cancioneiro em que vão obras dos milhores poetas de meu tempo ainda não empresas e tresladadas de papeis da letra dos mesmos que as composerão comessado na india a 15 de Janeiro de 1557 e acabado em Lx.ª em 1589 per luis franco correa companheiro em o estado da india e muito amigo de luis de camoens.* O Ms. tem 296 folhas (algumas em branco) e *Tabula* a folhas 297 e 297 v.

(2) *Vida e Obras,* p. 18, § 6.

reproduzidos por Faria e Sousa no texto transcrito a pág. XLVI, e que, segundo diz, estavam no manuscrito em seu poder, sejam tão parecidos com os que o Visconde de Juromenha transcreve do Ms. de Luís Franco:

> Que fez me disse? a lingua não se atreve:
> He Rey que poz na paz devido estudo;
> Quão pesado elle foy ao Mouro rudo, etc.

Neste capítulo, porém, não podemos ir mais longe. Dos sonetos deste *Cancioneiro*, admitidos pelos editores de 1932, retivemos três:

a) *Memória de meu bem, cortado em flores*
b) *O dia em que nasci moura e pereça*
c) *Aqueles claros olhos que, chorando*

O Soneto a) vem atribuído a Camões no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, e encontra-se no *Cancioneiro de Luís Franco*, a f. 119, depois do soneto *Ventura venturosa do amanece*, que não é camoniano, e antes do soneto *Imagens novas imprime a fantezia*, arrebanhado por Faria e Sousa para a sua Centúria III de Sonetos, apesar da atribuição clara ao *Infante D. Luís*, que ele confessa ter encontrado no Ms. donde o copiou. Isto diz bastante da desconfiança com que o Soneto foi introduzido no cânone da presente edição. O Soneto b) está em condições um tanto mais vantajosas: atribuído a Camões no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, encontra-se também no *Cancioneiro de Luís Franco* a p. 132, entre o Soneto *Ditoso seja aquelle que sòmente*, incluído no parnaso desde 1598, e o Soneto *Ó quam caro me custa o entender-te*, que também entrou já na mesma edição. O Soneto c) foi atribuído a Camões no *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*.

A Ode

Tão crua Ninfa, nem tão fugitiva

foi admitida por ser construída sobre o mesmo artifício métrico da Ode *Tão suave, tão fresca e tão fermosa*, já incluída na edição de 1595, e não ser absolutamente indigna de Camões.

A Elegia

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos

e a Canção

Por que vossa belesa a si se vença

achadas, a primeira no *Ms. de Luís Franco*, e a segunda, em *1 Ms.*, não devem, por enquanto, ser integradas no cânone camoniano.

A glória do Poeta não fica obscurecida por esse motivo.

II

AS «MUSAS» DE CAMÕES

Até Manuel Severim de Faria, que publicou os seus *Discursos varios politicos,* pela primeira vez, em 1624, não houve quem se lembrasse de concretizar pùblicamente a Dama a quem Luís de Camões dedicara, se não todos, pelo menos, uma boa parte dos seus versos. Falava-se apenas de «uns amores no Paço»; mas, facto curioso: tanto o primeiro biógrafo, Pedro de Mariz, como o segundo, Severim de Faria, não *afirmam* que tais amores tenham existido: recolhem um boato, um *diz-se,* vago e irresponsável. «E como o nosso Poeta ficou sem pay, & tão pobre, que se salvou em hũa taboa, em tempo que esperava ser rico: vendose neste desemparo *(ou como algũs dizem, homiziado, ou desterrado por hũs amores no paço da Raynha)* se embarcou para a India» (Mariz); «& como esta arte [a Poesia] seja às vezes mais estimada nas cortes dos Principes, que nas escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, *até que huns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizerão desterrar da Corte»* (Severim).

Estas duas fontes de informação não fazem senão uma só autoridade — a de Mariz, natural de Coimbra, na qual se apoiou Severim, que escreveu depois ([1]).

A confusa biografia de Mariz apareceu, pela primeira vez, à frente dos *Commentarios* de Manuel Correia, em 1613. Já nesta data não foi possível ao biógrafo de Coimbra, aliás, pouco diligente, averiguar do fundamento daquele *dizem;* e Severim, recolhendo a tradição, apenas se atreveu a fundamentá-la com a Elegia *O Sulmonense Ovidio desterrado,* não sem fazer preceder a transcrição dos passos respectivos, de um cauteloso «parece».

Manuel de Faria e Sousa, na primeira *Vida do Poeta,* estampada à frente das suas *Lusiadas comentadas* (1639), nada soube dizer de concreto. «I ay tradiciones — diz ele — que una de Palacio fue la ocasion de su desterro: porque perdido por ella, i haziendola perder por si, fue el remedio el apartarle» (§ VII); e mais adiante: «Aun ay quiẽ quiera, que toda via bolvieron a encenderse los amores de Palacio, i que ayudaron a esta segunda ausencia (§ IX). E depois de lembrar uma desconhecida *Violante* do Soneto *Num jardim adornado de verdura,* aduz a opinião do Licenciado João Pinto Ribeiro: a amada de Camões, causadora de seus males, teria sido uma D. Catarina de Almada, sua prima, por ele celebrada com o nome de *Natercia.*

Na segunda *Vida,* escrita entre 1639 e 1645 (ano da sua morte) e impressa à frente das *Rimas varias commentadas,* Faria e Sousa, tendo refrescado a ima-

([1]) Sobre a biografia de Mariz, expressou-se assim D. Francisco Alexandre Lobo: «Mariz mostra, na vida do Poeta, pouca noticia, e ainda menos critica e intelligencia». *Obras,* t. I, 1848, pág. 23, nota 2.

ginativa em novas fontes de informação, já pôde dizer o seguinte:

«13. Enamorado ya, y luzido estudiante, y galan, y ya conocido por obras de su ingenio, vino a Lisboa, e llevó tras si lo mejor de la Corte, y principalmente la hermosura; porque fué muy estimado de las Damas; y alfin huvo de enamorarse de una de Palacio, cuyo nombre era Doña Catalina de Ataide, como se puede ver sobre el Soneto 70 de la Centuria I y del 77 el principio destos amores. Yo sobre estos dós Poemas, y otros, digo lo que pude alcançar; y con algunos inconvenientes me reduzgo a creer que esta Señora vivia en Coimbra al tiempo que él alli estudiava, y que ella era su amada, y que despues vino a ser Dama de Palacio, y prosiguieron los amores. Pero no he podido coger cosa segura para afirmala, despues de grande examen hecho en estos Poemas, en que hallo muchas contrariedades para ajustar esto.

14. Lo q̃ se tiene por infalible es, que de averse encendido mucho estos amores en Palacio con esta Señora, resultó (parece que a instancia de los parientes della) el desterrarle. El lugar deste destierro tiene qualquer duda: pero de lo que se puede entender de la Elegia 3 en que le llora, parece fué en Santarén; porque desde alli se vé el Tajo, y el dize en ella que le estava viendo; y tambien se infiere algo desto de las Redondillas 14. Despues bolvió a la Corte, y bolviendo a reincidir en la misma culpa amorosa huvo segundo destierro; y passó a servir en Africa. De qualquier manera que fuesse él servió en aquella Plaça algun tiempo, como consta de la Elegia 2. Sirviendo alli, se ocasionó una batalla naval en aquel mar, donde perdió el ojo derecho, aviendole dado en él una centella de un cañonazo; sucesso que descrive en la Cancion 10. est. 9. Dizen las relaciones que el P. peleava al lado de su Padre; y si esto fuesse assi (y es possible) puedese creer que el estar sirviendo su Padre en aquella Plaça, le llevó a servir en ella, viendo que no le dexavan bolver a la Corte.

15. Despues de aver servido en Ceuta por las armas, de modo que le pareceria estava capaz de pretender algun premio, bolvió a Lisboa. No puedo averiguar se vivia aun su Querida la Dama de Palacio, porq̃ ella falleció; mas veo

q̃ el Son. 19. de la cent. I parece ser Escrito a esta muerte; y lo que en él dize de, *aquelle amor ardente que ja nos olhos meus tão puro viste,* presumo yo alude a la herida que traia en los ojos; y si esto es assi murió ella luego despues de verle cõ aquel daño, de que avia sido causa el destierro por sus amores....».

Eis, completamente delineado, o romance de Catarina de Ataíde, saído da fértil inventiva de tão erudito quão ímprobo arqui-camonista. É fácil de seguir o fio do seu novelo: a tradição afirmava que Camões amou uma Dama de Palácio; João Pinto Ribeiro descobriu uma Catarina (de Almada), que figura nos versos daquela sob o véu de *Natercia;* as genealogias indicaram-lhe uma Catarina de Ataíde, dama da Rainha, e cuja morte foi celebrada, pelo menos, por Francisco de Andrade e por Pero de Andrade Caminha; portanto, aquela foi a inspiradora dos seus poemas!

Da existência de uma ou duas Catarinas (de Ataíde) com assentamento no Paço, não pode duvidar-se [1];

[1] Faria e Sousa baseou a sua identificação num passo do Nobiliário de D. António de Lima, em que se fala de uma *D. Catarina de Ataide,* «que sendo Dama da Rainha D. Catarina, morreu no Paço moça», e era filha de D. António de Lima (diferente do Nobiliarista acima citado), mordomo-mor do Infante D. Duarte, filho de el-Rei D. Manuel, e de D. Maria Bocanegra, Dama da Rainha D. Catarina (v. o comentário ao Son. LXX, a p. 139 do vol. I, col. I).

Um *Epitáfio* de Pedro de Andrade Caminha (*Poesias,* 1791), recorda o nome de D. Catarina de Ataíde, filha de D. António de Lima, Dama da Rainha; e é quase certo que Francisco de Andrade consagrou à morte desta Dama, mais de um poema.

Em 1542, figurava entre as donzelas da Rainha outra D. Catarina de Ataíde, filha de D. Alvaro de Sousa, senhor de Eixo e Requeixo e de D. Filipa de Ataíde. Aquela Senhora casou em 1543 com Rui Pereira de Miranda Borges e faleceu em 28 de Setembro de 1551. A respeito desta Senhora aduzem-se uns apontamentos

contudo, o fundo da questão não está em averiguar se tal ou tais Damas existiram, mas em saber:

1.º — Se o anagrama *Natercia* corresponde, de facto, a um ente real;

2.º — No caso afirmativo, se se pode identificar com alguma Dama do paço, de nome *Catarina*;

3.º — Se tal identificação pode bastar à construção do romance *Camões — Catarina de Ataíde.*

O Soneto que deu origem ao romance de Faria e Sousa, e que não se sabe nem quando nem onde foi escrito ([1]), foi este:

> Na metade do Céu subido ardia
> o claro, almo Pastor, quando deixavam
> o verde pasto as cabras, e buscavam
> a frescura suave da água fria.

de 1573, escritos por um frade do Convento de S. Domingos de Aveiro, de nome Fr. João do Rosário, nos quais se lêem estas palavras: «E todas las vezes que no Poeta desterrado por ssa rasão lhe falava, sempre em reposta havia que assim não era, e que fora aquela alma grande, que para emprezas grandes, e a regioens tão apartadas o levara».

A aceitação da veracidade destas palavras, levaria a crer que, muito antes de 1551, já se formara a tradição dos amores de Camões por uma D. Catarina de Ataíde — e de tal ressonância, que lograra transpor os muros do Convento de S. Domingos de Aveiro, onde um Frade indiscreto apareceu a propósito para a registar (queremos crer que a ocultas do marido de D. Catarina de Ataíde) (V. Juromenha, *Obras,* vol. I, p. 33).

Surgiu ainda no pleito, mas sem a probabilidade das anteriores, por não ser Dama da Rainha, uma D. Catarina de Ataíde, filha de D. Francisco da Gama, e que se disse ser *prima* do Poeta.

O aparecimento no debate de uma D. Catarina de Ataíde, filha de D. António de Ataíde, 1.º Conde de Castanheira, parece ter nascido de um equívoco de D. Francisco Alexandre Lobo, que Almeida Garrett aproveitou no seu *Camões.*

([1]) Apareceu pela primeira vez na edição de 1598.

Co a folha da árvore sombria,
do raio ardente as aves se emparavam;
o módulo cantar, de que cessavam,
só nas roucas cigarras se sentia;

quando Liso pastor, num campo verde
Natércia, crua Ninfa, só buscava
com mil suspiros tristes que derrama.

Porque te vás de quem por ti se perde,
para quem pouco te ama? (suspirava).
E o Eco lhe responde: *Pouco te ama.*

Liso e *Natercia* podem, de facto, interpretar-se como anagramas de *Luis* e *Catarina;* contudo, se a leitura do Soneto nos mostra que *Liso* andava perdido de amores por uma *Natercia,* também nos mostra, com meridiana claridade, que esta, «crua» Ninfa, estava longe de lhe corresponder. Tratar-se-ia da filha de D. António de Lima? Impossível apurá-lo.

Faria e Sousa supôs que esta teria morrido por 1545; mas, na realidade, deve ter falecido entre o segundo e o terceiro quartel de 1556 [1]. No intuito de autenticar os amores de *Liso* e *Natercia,* Faria e Sousa trouxe para o Parnaso camoniano uma Égloga (a Égloga XV da ed. de Juromenha), em que são interlocutores *Soliso* e *Sylvano* e em que se chora a morte de uma *Natercia.* Esta Égloga, com outras, não chegou a ser incluída na edição póstuma de Faria e Sousa e ficou manuscrita até 1779 (ed. do P. Tomás José d'Aquino). José Maria Rodrigues não a inseriu na sua colectânea — e nós também não. Trata-se, portanto, de uma composição apócrifa. Pela lição de

[1] V. Juromenha, *ob. cit.,* p. 35.

Faria e Sousa e pela do manuscrito de Luís Franco [1], que muito se afasta daquela, fica-se a saber que a dura Parca não se apiedou da *tenra idade*, dos *tenros anos* de *Natercia*, talvez identificável com a filha de D. António de Lima, «a fermosíssima e rara Catherina», como lhe chamou Andrade Caminha [2]. Como o Poeta partiu para a Índia em 1553, parece difícil harmonizar a idade desta Dama com os *desterros* daquele para o Ribatejo e para Ceuta, acontecidos (se aconteceram) muitos anos antes.

O certo é que, além do Soneto, nada mais existe, no cânone provável das *Rimas*, que possa sugerir tal idílio. Os termos da glosa ao mote *Caterina bem promete*, excluem toda a possibilidade de aquela ter sido dirigida à donzela do Paço, além de que aquele mote é, não só «alheio», mas «velho» [3].

Pode, pois, concluir-se que o «romance» de Faria e Sousa foi montado sobre uma cabeça de alfinete: o anagrama *Natercia* ao lado de *Liso*, num Soneto. Se ele chegou a merecer alguma atenção foi porque o seu forjador não hesitou em adaptar poemas de outros à novela por ele fabricada, afim de a tornar mais admissível [4].

Na ordem cronológica segue-se o romance dos amores de Camões pela Infanta Dona Maria, inventado pelo Dr. José Maria Rodrigues, com exuberância criadora digna de melhor emprego. Este novo romance, imagi-

(1) No ms. de Luís Franco a Égloga tem a seguinte rubrica: *Egloga a morte de doña Catarina de Tayde.*

(2) V. *Poesias*, 1791, p. 269.

(3) V. *Poesias ineditas* de P. de Andrade Caminha (ed. Priebsch), 1898, p. 348, n.º 355.

(4) V. Storck, *Vida e Obras de Luis de Camões*, pp. 333 e 334.

nado, aliás, em 1908 [1], *fez crise* em 1932, por ocasião da edição da *Lírica* de Camões, em cujo *Prefácio* se defendia a velha «tese», para a qual fora entretanto conquistado o poeta Afonso Lopes Vieira, solidário na responsabilidade editorial [2].

Antes de dizermos o que pensamos sobre a «tese» de José Maria Rodrigues, parece-nos conveniente fazer referência ao romance dos amores por *Dinamene* que, entretanto, se inseriu naquela «tese».

O mesmo que trouxe a ideia do idílio *Camões—Infanta Dona Maria* imaginou que, em certa altura, na Índia, o Poeta sentiu em si os efeitos do *mágico veneno* ministrado por uma *Circe* de *celeste formosura*. Esta *Circe* seria a cantada no Soneto *Um mover d'olhos, brando e piedoso*, «naturalmente ... alguma estonteadora formosura orien-

[1] Apareceu na revista *O Instituto*, nos anos de 1908 e 1909. A separata tem o ano de 1910.

[2] Devem ainda muitos lembrar-se da fogosa polémica que estalou na altura da publicação da ed. de J. Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira e que foi provocada pela crítica de Alfredo Pimenta na sua *Cultura* (*Diário de Notícias* de 1 de Janeiro de 1933). O debate prosseguiu principalmente entre Alfredo Pimenta e J. Maria Rodrigues: este, defendendo o seu ponto de vista na revista *O Instituto*, vol. 35.º, n.os 1 e 3, e vol. 86.º, n.º 1 (*A tese da Infanta nas Líricas de Camões*, I, II e III), e aquele, atacando-o nas *Culturas* de 18 de Março, 15 de Junho e 12 de Outubro de 1933. Entraram na liça: por parte dos autores da ed., Agostinho de Campos, com os artigos *Camões e a Infanta* (publicados no *Diário de Notícias* de 9 e 16 de Fevereiro de 1933), e que tiveram réplica de Alfredo Pimenta na *Tribuna Livre* de *A Voz*, de 11 de Fevereiro de 1933 e na *Cultura* de 20 do mesmo mês e ano; por parte deste, Ricardo Jorge, com os artigos *Camões romanceado* (*D. de Notícias*, de 18 e 21 de Fev. de 1933) e *As voltas com Camões* (*D. de Notícias*, de 25 e 27 de Março do mesmo ano). Domingos Maurício, S. J. também publicou na *Brotéria*, t. XVII, fasc. 1.º (Julho de 1933), um artigo de crítica em que mostrava discordar do critério adoptado pelos autores da edição.

tal, que, com a sua aparente impassibilidade», produziu «profunda impressão» na alma do «apaixonado adorador da infanta» ([1]).

A esta sedutora *Circe*, que o Poeta trazia consigo quando naufragou na costa da Cochinchina (sempre segundo J. Maria Rodrigues), teriam sido dedicados, entre outros poemas, os Sonetos

> Cantando estava um dia bem seguro
> O céu, a terra, o vento sossegado...
> Ah, minha Dynamene! Assi deixaste
> Cara minha inimiga, em cuja mão
> Quando de minha mágoa a comprida ([2])
> Alma minha gentil que te partiste

e ainda

> Em prisões baixas fui em tempo atado.

O nome já foi pronunciado: tratava-se de *Dynamene*.

A ideia deste *intermezzo* trágico não cabe inteiramente ao autor da «tese» infantista: encontrou-o, em pedaços repartido, nos comentários de Faria e Sousa às *Rimas* de Camões. Naqueles, são atribuidos à morte de *Dinamene*, além dos Sonetos *Quando de minhas mágoas a comprida* e *Ah, minha Dinamene! Assi deixaste*, os Sonetos *Guardando em mi a sorte o seu direito*, *O céu, a terra, o vento sossegado*, *Ah, Fortuna cruel! Ah, duros Fados!*, *Cara minha inimiga, em cuja mão*. A respeito do Soneto *Alma minha gentil que te partiste*, Faria e Sousa, atribuindo-o embora à morte de *Natercia*, não deixa de referir que, em um ms., encontrou esta refe-

([1]) V. sep., pp. 220 e 221.
([2]) Soneto a *Dinamene*.

rência a *Dinamene*, na rubrica que acompanhava o Soneto *Ah, minha Dinamene! Assi deixaste: Ad Dinamenem aquis extinctam*.

Vem a propósito recordar que, no t. xi (1918) do *Boletim da Segunda Classe da Academia*, João Grave revelou a existência, na Biblioteca Municipal do Porto, de um ms. da *Década Oitava* de Couto, em letra dos fins do século xvii ou princípios do século xviii, no qual se insere um passo, referente a Camões, muito diferente do que anda na *Década* impressa. Neste passo diz-se, entre outras minúcias, o seguinte: «Vindo de lá [da China] se foi perder na Costa de Sião, onde se saluarão todos despidos e o Camões por dita escapou com as suas Lusiadas como elle diz nellas e aly se lhe afogou hua moça China que trasia m.to fermosa com q. vinha embarcado e muyto obrigado, e em terra fez sonetos a sua morte em que entrou aquelle q. diz:

> Alma minha gentil que te partiste
> Etc.

«A esta chama elle em suas obras dignam.te, em suas obras dinamente [1]. Aly fez tambem aquella grave e docta Canção q. começa:

> Sobre os rios que vão
> Etc.

«O que tudo anda impresso no Livro de seus sonetos...» [2].

[1] As palavras «em suas obras dignam.te» foram riscadas no ms., mas lêm-se com facilidade, segundo João Grave.

[2] V. *Boletim* cit., p. 1042.

Apesar do alvoroço que a descoberta produziu no espírito de quem a trouxe a público, deve dizer-se que este texto apresenta caracteres de muito duvidosa autenticidade. Alfredo Pimenta entreviu-o, mas não extraiu da sua luz todas as consequências. Na *Década* impressa, Diogo do Couto, que foi companheiro e amigo de Camões, fala do «Parnaso de Luiz de Camões, livro de muita erudição, doutrina e philosophia, o qual lhe furtaram», e não em «Livro de Sonetos». Só há dois Sonetos em que se lê o nome de *Dinamene:*

Quando de minhas mágoas...

e

Ah, minha Dinamene!...;

e destes, só no segundo há alusão a morte no mar, reforçada pela rubrica em latim, já citada, à qual corresponde na ed. de 1668 a rubrica (em português): *A Dynamene morta nas agoas*, conforme referimos a p. XLII deste *Prefácio*. Ora o Soneto *Quando de minhas mágoas a comprida* apareceu pela primeira vez na ed. de 1598, e o Soneto *Ah, minha Dimanene! Assi deixaste* só foi «impresso» na ed. de 1668. Portanto, só a partir deste ano é que aquele passo poderia ter sido redigido, o que é confirmado pela letra do manuscrito. Este deve ser, de facto, não o original, mas (como pensou Alfredo Pimenta) uma amplificação da *Década* impressa — e uma amplificação elaborada com o intuito de fazer aceitar, sob a autoridade de Couto, o romance de *Dinamene.*

Reunindo estes dados todos e completando-os por sua conta e risco, construiu Afrânio Peixoto o romance

total em 42 capítulos, correspondentes a *trinta e seis* Sonetos e mais *seis* poemas em *Apêndice*.

E podemos agora regressar à «tese» infantista.

Esta, como foi dito oportunamente [1], e como se torna evidente a toda a pessoa que se disponha a considerar a questão com objectividade, não assenta sobre qualquer indício positivo, pois não o é o verso *subiu a um alto lugar*, da glosa ao mote «alheio»: *Perdigão perdeu a pena*, nem este verso do Soneto *Num tão alto lugar, de tanto preço*, introduzido na *Lírica*, em 1668! Quem poderá acreditar que as alusões do «genial doido», do «tresloucado Poeta» a *cabelos de oiro* e a *olhos azuis* [2], tenham sido referidas à Infanta Dona Maria? Como se poderá aceitar que poemas escritos em diversas ocasiões, em distanciados lugares, nas mais variadas disposições psicológicas — verdadeiro acervo de folhas soltas que a crítica se considera impotente para arrumar, dispor, ordenar — constituam um diário minucioso e completo da paixão do Poeta, pela Infanta, desde que esta lhe dominou o coração, até à morte?...

O *Camões e a Infanta D. Maria* de José Maria Rodrigues tem a contextura de uma novela psicológica:

«Pobres olhos verdes! Quantas lágrimas não iam eles derramar, por causa dos olhos azuis da infanta!» (p. 27);

(1) V. A. Pimenta, *Culturas* de 1-I, 18-III e 15-VI de 1933, incluídas em *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, pp. 532 a 594.

(2) J. Maria Rodrigues não ignorava a dificuldade de encontrar referências expressas a *olhos azuis* na parte da *Lírica* que se pode considerar autêntica, mas iludiu a dificuldade para tornar mais persuasiva a identificação. V. p. 10, nota 1, da separata.

«Camões estava chegado à fase da audácia. Eis como ele agora raciocina *(sic)*:

Nunca em amor danou atrevimento, etc.»

(p. 52);

«Resolvido o enamorado poeta a fazer-se entender da infanta, não tardaria muito, podemos supo-lo, que esta lhe não percebesse os intuitos» (p. 53);

«*Olvidada e aborrecida* por causa da infanta, exposta à irrisão com expressões equívocas para a sua *honra delicada*, a *menina dos olhos verdes* tinha o coração morto para o *falso cavalheiro ingrato*, que ela tanto havia amado» ([1]) (p. 181);

«Foi talvez por pôr a boca no mau sucesso dos amores de Camões com a Infanta, que Gonçalves Borges, encarregado dos arreios do paço, foi gravemente ferido pelo poeta, na rua de Santo Antão, em pleno dia...» (p. 188);

«Se é fundada uma conjectura que me sugerem os sonetos 260 e 285, a filha de D. Manuel comoveu-se profundamente com a leitura da nossa epopeia nacional e o fino lenço em que ainda se viam vestígios de uma lágrima foi mostrado ao poeta, dando-se-lhe a entender que se fazia isto por ordem da infanta» (pp. 261 e 262);

([1]) Supôs-se que o Poeta amou *a menina dos olhos verdes*, a qual, para o Autor da «tese» infantista teria sido a prima de Coimbra, Isabel Tavares. Camões glosou vários motes «alheios» ou «velhos» aos *olhos verdes*. O tema dos *olhos verdes* é velho na lírica

E assim sucessivamente — numa série de proposições indemonstradas e indemonstráveis...

Depois de transcrever na íntegra três poemas: as Odes *Se de meu pensamento* e *Detém um pouco, Musa, o largo pranto* e o Soneto *Aquela fera humana, que enriquece*, acrescenta o autor da «tese»: «Como se vê *(sic)* pelas três peças que acabo de transcrever, Camões atribui o seu desterro para Ceuta a interferência directa da Infanta!» Escusado seria dizer-se que não há nas três poesias transcritas uma só palavra que permita tal inferência...

Por inadvertida duplicação, o Soneto *Pensamentos, que agora novamente* serviu para duas atitudes psicológicas diferentes: a p. 183 documenta a obsessão do Poeta pela Infanta, e a p. 251 o propósito de recalcar no coração *as perpétuas saudades!*

Confrontando-se o «romance» da Infanta com o de *Dinamene*, definitivamente elaborado por Afrânio Peixoto, chega-se a uma conclusão curiosa: é que os respectivos Autores não estão de acordo — tão pouco probatória é a «tese» de qualquer deles!

A respeito desta contradição, exprimiu-se assim Alfredo Pimenta: «O Sr. Afrânio Peixoto organizou um voluminho de poesias consagradas por Camões a

portuguesa: já o poeta do primeiro período medieval, João de Gaia, recorreu a um refrão de bailada com o tema

> Vós avede'los olhos verdes
> matar-m'edes com eles.

O mérito de Camões está na originalidade da glosa e não no subjectivismo da emoção. Se assim não fosse, teríamos de perguntar se as glosas de um Pero de Andrade Caminha, por exemplo, a motes também glosados por Camões, tinham por objecto a Infanta...

Dynamene, uma Dynamene que se pretende que seja china, ninguém sabe porquê. Nessas páginas há quarenta sonetos que o Sr. Afrânio Peixoto endereça a Dynamene. Desses quarenta sonetos desconhecemos quinze, que o Sr. José Maria Rodrigues não considera de Camões – pois os não inclui na sua edição da *Lírica*. Ficam, salvo erro, vinte e cinco da autoria do Poeta. Pois destes vinte e cinco sonetos que o Sr. Afrânio Peixoto tem por dedicados a Dynamene, o Sr. Prof. José Maria Rodrigues tira *nove*, que destina à Infanta D. Maria; *cinco*, que não sabe a quem se dirigem; *um*, que destina a D. Francisca de Aragão, e *um*, que destina a Isabel Tavares. E considera consequentemente apenas *nove* dirigidos a Dynamene! Qual dos dois académicos acerta?» (1).

Se alguma dúvida houvesse a respeito da fragilidade da «tese» infantista, bastaria ler em *Amores de Camões* [1917], de Teófilo Braga, o capítulo aí consagrado a D. Francisca de Aragão. O romance gizado pela inventiva de José Maria Rodrigues cabe, na íntegra, a esta celebrada Dama da rainha D. Catarina. Onde se lê *Infanta*, leia-se *D. Francisca!* «A tese imaginária do Dr. Rodrigues converte-se em uma verdade histórica, aplicando os encómios que mais condizem com o *alto estado* da Infanta D. Maria, à famosa e *categorizada Dama*, a mais prestigiosa da corte portuguesa nesse período, D. Francisca de Aragão» (2).

É certo (como pode ver-se neste volume, a pp. 37 e 38) que o nosso Poeta, no seu papel de cortesão, dirigiu versos à principal Dama da Rainha, como, aliás a outras Damas da corte. Mas o teor dos versos e da carta em prosa enviados a D. Francisca mostra apenas

(1) V. *Novos Estudos*, p. 538.
(2) V. T. Braga, *Os Amores de Camões*, p. 121.

que o nosso Poeta conhecia a primor os usos cortesanescos de então. Não há, em tais composições, vestígio de sentimento amoroso. Se tal sentimento tivesse existido, que dizer de Pero de Andrade Caminha, que quase não fez outra coisa senão cantar *Filis* (D. Francisca) e, sobretudo, de D. Manuel de Portugal, este parece que verdadeiramente apaixonado pela formosa Dama?...

Aliás, Queiroz Veloso encarregou-se de provar que um certo número de poesias que Teófilo Braga considerou inspiradas pela altiva camareira não a podia ter tido por objecto. E quem diz estas, diz provàvelmente todas, à excepção do Soneto *Ai, amiga cruel! que apartamento* que lhe foi porventura dirigido quando teve de sair de Portugal para casar com D. João de Borja [1].

A «verdade histórica» de Teófilo deve emparelhar com a «tese imaginária» de José Maria Rodrigues.

Em suma: se Camões, na verdade, amou, se fez de uma mulher (qual?...) a eleita de seu coração e se a esta dirigiu uma boa parte de seus poemas, é ponto que já não poderá ser capazmente dilucidado, a menos que surja uma circunstância imprevisível. Pelos métodos seguidos até aqui, impossível se torna resolver a incógnita, como se viu. E talvez esta não possa ser resolvida de nenhuma forma, pelo menos, para quem tiver presente a confissão do Soneto n.º 99:

> No tempo que de Amor viver soía,
> nem sempre andava ao remo ferrolhado;
> antes agora livre, agora atado,
> em várias flamas vàriamente ardia.

(1) V. *Uma alta figura feminina de Portugal e de Espanha, nos séculos XVI e XVII: D. Francisca de Aragão,* (Barcelos, 1931), pp. 45 a 59.

Que ardesse num só fogo, não queria
o Céu, porque tivesse exprimentado
que nem mudar as causas ao cuidado
mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
foi como quem co peso descansou,
por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
pois para passatempo seu tomou
este meu tão cansado sofrimento!

A época das fraudulentas ou imaginosas construções deve considerar-se definitivamente encerrada.

NOTA EDITORIAL. A primeira edição das *Rimas* baseia-se na que das *Rimas, Autos e Cartas* realizámos para a *Companhia Editora do Minho,* Barcelos, e foi concluída em Novembro de 1944. Por motivos de ordem técnica, o primeiro capítulo do actual Prefácio teve de ser então consideràvelmente reduzido.

O segundo, *As «Musas» de Camões,* é inteiramente novo. O texto poético foi revisto.

REDONDILHAS

1) TROVAS

a uma Dama que lhe mandou pedir algumas obras suas

Senhora, se eu alcançasse
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papéis
pola minha se trocasse;
e por ver
tudo o que posso escrever
em mais breve relação,
indo eu onde eles vão,
por mim só quisésseis ler;

Depois de ver um cuidado
tão contente de seu mal,
verfeis o natural
do que aqui vedes pintado;
que o perfeito
Amor, de que sou sujeito,
vereis áspero e cruel,
aqui com tinta e papel,
em mim co sangue no peito.

Que um contino imaginar
naquilo que Amor ordena,
é pena que, enfim, por pena
se não pode declarar;
que, se eu levo
dentro n'alma quanto devo
de trasladar em papéis,
vede qual melhor lereis:
se a mim, se aquilo que escrevo?

2) CANTIGA

A este cantar velho:

Saudade minha,
quando vos veria?

VOLTAS

Este tempo vão,
esta vida escassa,
para todos passa,
só para mim não.
Os dias se vão
sem ver este dia,
quando vos veria?

Vede esta mudança
se está bem perdida,
em tão curta vida
tão longa esperança!
Se este bem se alcança,
tudo sofreria,
quando vos veria.

Saudosa dor,
eu bem vos entendo;
mas não me defendo,
porque ofendo Amor.
Se fôsseis maior,
em maior valia
vos estimaria.

Minha saudade,
caro penhor meu,
a quem direi eu
tamanha verdade?
Na minha vontade,
de noite e de dia
sempre vos teria.

3) CANTIGA

a esta cantiga velha:

Vida da minh'alma
não vos posso ver:
isto não é vida
para se sofrer!

VOLTAS

Quando vos eu via,
esse bem lograva,
a vida estimava;
mais então vivia,
porque vos servia
só para vos ver.
Já que vos não vejo,
para que é viver?

Vivo sem rezão,
porque em minha dor
não a pôs Amor,
que inimigos são.
Mui grande treição
me obriga a fazer
que viva, Senhora,
sem vos poder ver.

Não me atrevo já,
minha tão querida,
a chamar-vos vida,
porque a tenho má.
Ninguém cuidará,
que isto pode ser,
sendo-me vós vida,
não poder viver!

4) OUTRA VOLTA À MESMA CANTIGA

Dous tormentos vejo
grandes por extremo;
se vos vejo, temo,
e, se não, desejo.

Quando me despejo,
e venho a escolher,
se[1] temo o desejo,
desejo o temer.

5) CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Pastora da serra,
da serra da Estrela,
perco-me por ela.

VOLTAS

Nos seus olhos belos
tanto Amor se atreve,
que abrasa entre a neve
quantos ousam vê-los.
Não solta os cabelos
Aurora mais bela:
perco-me por ela.

Não teve esta serra
no meio da altura
mais que a[2] fermosura
que nela se encerra.
Bem céu fica a terra
que tem tal estrela:
perco-me por ela.

Sendo entre pastores
causa de mil males,
não se ouvem nos vales
senão seus louvores.
Eu só por amores
não sei falar nela:
sei morrer por ela.

[1] Ed. 1616: *E.*
[2] Ed. 1616: *Mas da.*

De alguns que, sentindo,
seu mal vão mostrando,
se rim, não cuidando
que inda paga, rindo.
Eu, triste, encobrindo
só meus males dela,
perco-me por ela.

Se flores deseja
por ventura delas,
das que colhe, belas,
mil morrem de enveja.
Não há quem não veja
todo o milhor nela:
perco-me por ela.

Se na água corrente
seus olhos inclina,
faz luz cristalina
parar a corrente.
Tal se vê, que sente,
por ver-se, água nela:
perco-me por ela.

6) TROVAS

a uma Dama, em forma de carta

Querendo escrever um dia
o mal que tanto estimei,
cuidando no que poria,
vi Amor que me dizia:
escreve, que eu notarei.
E como para se ler
não era história pequena
a que de mim quis fazer,
das asas tirou a pena
com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,
me disse: Aviva os espritos,
que, pois em teu favor sou,
esta pena que te dou
fará voar teus escritos.
E dando-me a padecer
tudo o que quis que pusesse,
pude, enfim, dele dizer
que me deu com que escrevesse
o que me deu a escrever.

Eu, qu' este engano entendi,
disse-lhe: — que escreverei?
Respondeu, dizendo assi:
— Altos afeitos de ti,
e daquela[1] a quem te dei.
E já que te manifesto
todas minhas estranhezas,
escreve, pois que te prezas,
milagres dum claro gesto
e, de quem o viu, tristezas.

Ah! Senhora, em quem se apura,
a fé de meu pensamento!
Escutai e estai a tento,
que, com vossa fermosura,
iguala Amor meu tormento.
E, posto que tão remota
estejais de me escutar,
por me não remediar,
ouvi, que, pois Amor nota,
milagres se hão-de notar:

NOTA

Escrevem vários autores,
que, junto da clara fonte
do Ganges, os moradores
vivem do cheiro das flores
que nascem naquele monte.

[1] Ed. 1595 e 1598: *daquelle*.

Se os sentidos podem dar
mantimento ao viver,
não é, logo, d'espantar,
se estes vivem de cheirar,
que viv' eu só de vos ver.

Ũa árvore se conhece,
que, na geral alegria,
ela só tanto entristece,
que, como é noite, florece,
e perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo me entristeço,
porque sei que não mereço
a glória de viver triste.

Um Rei de grande poder
com veneno foi criado,
porque, sendo costumado,
não lhe pudesse empecer
se depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
a vida a quanto padece,
desta sorte me acontece,
que não me faz mal a pena
senão quando me falece.

Quem da doença real,
de longe, enfermo se sente,
por segredo natural
fica são, vendo sòmente
um volátil animal.
Do mal que Amor em mim cria,
quando aquela Fénix vejo,
são de todo ficaria;
mas fica-me hidropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da bívora é verdadeiro
se a consorte vai buscar,
que, em se querendo juntar,

deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gerar.
Assi quando me apresento,
à vossa vista inumana,
a peçonha do tormento
deixo à parte, porque dana
tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
fez ũa vontade esquiva
dũa estátua namorar-se;
despois, por manifestar-se,
converteu-a em mulher viva.
De quem me irei queixando,
ou quem direi que m'engana,
se vou seguindo e buscando
ũa imagem que, de humana,
em pedra se vai tornando?

De ũa fonte se sabia,
da qual certo se provava
que, quem sobr' ela jurava,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tiranizais,
injustamente mandais
quando vos falo verdade
que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta
ser tão dura e tão forçosa,
que peso não a quebranta,
mas antes, de presunçosa,
com ele mais se levanta.
Co peso do mal que dais,
a constância que em mim vejo
não sòmente ma dobrais,
mas dobra-se meu desejo,
com que então vos quero mais.

Se alguém os olhos quiser
às andorinhas quebrar,
logo a mãe, sem se deter,
ũa erva lhe vai buscar,
que lhe faz outros nascer.
Eu, que os olhos tenho a tento
nos vossos, que estrelas são,
cegam-se os do entendimento,
mas nascem-me os da razão
de folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sai
descobrimos, navegando,
um novo rio admirando,
que o lenho que nele cai,
em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as gentes;
mais razão será que espante
um coração tão possante
que, com lágrimas ardentes,
se converte em diamante.

Pode um mudo nadador
na linha e cana influir
tão venenoso vigor
que faz mais não se bulir
o braço do pescador.
Se começam de beber
deste veneno excelente
meus olhos, sem se deter,
não se sabem mais mover
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais
do muito que em mim podeis:
nem podeis desejar mais;
que, se ver-vos desejais,
em mim claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
em mim tanto bem se pôs?

Porque quis Amor assim
que, por vos verdes a vós,
também me vísseis a mim.

Dos males que me ordenais,
que inda tenho por pequenos,
sabei, se mos escutais,
que já não sei dizer mais,
nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
não se acha quem resista,
eu, Senhora, me contento
de terdes meu sofrimento
por alvo de vossa vista.

Quantos contrários consente
Amor, por mais padecer!
Que aquela vista excelente,
que me faz viver contente,
me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
ao mal que tanto me ofende,
como na vela se entende
que, se se apaga co vento,
co mesmo vento se acende.

Exprimentou-se algũa hora
da ave que chamam Camão,
que, se da casa onde mora
vê adúltera a senhora,
morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida,
que remédio lhe não val;
mas, oh ditoso animal,
que pode perder a vida
quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
estava agora enlevado,
se não fora salteado
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.

Estas suspeitas tão frias,
com que o pensamento sonha,
são assi como as Harpias,
que as mais doces iguarias
vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
não poder já mais dizer,
por não vir a corromper
os gostos que tenho escrito
cos males que hei-de escrever.
Não quero que se apregoe
mal tanto para encobrir,
porque, enquanto aqui se ouvir,
nenhũa outra coisa soe
que a glória de vos servir.

7) CANTIGA

a este moto alheio

Vós, Senhora, tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós Natureza
o sumo da perfeição,
que, o que em vós é senão,
é em outras gentileza:
o verde não se despreza,
que, agora que vós o tendes,
são belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a milhor
côr por que a gente se perde;
mas, a graça desse verde
tira a graça a toda a cor.
Fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque são vossos... e verdes!

8) CANTIGA

a este cantar velho:

Sois fermosa e tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguém vos pode tirar
[o] serdes bem assombrada;
mas heis-me de perdoar,
que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
em querer que fossem verdes:
trabalhai de os esconderdes.

A vossa testa é jardim,
onde Amor se desenfada;
é branca e bem talhada,
que parece de marfim.
Assim é [1]; e, quanto a mim,
isso nasce de a terdes
tão perto dos olhos verdes.

Os cabelos desatados
o mesmo Sol escurecem;
senão que, por serem ondados,
algum tanto desmerecem:
mas, à fé, que se parecem
a furto dos olhos verdes,
não vos pese de os terdes.

As pestanas têm mostrado
ser raios que abrasam vidas;
se não foram tão compridas
tudo o mais era pintado:
elas me tinham levado
já sem o vós saberdes,
se não foram os olhos verdes.

[1] Ed. 1616: *Já sei.*

O mimo desse carão
nem pôr-lhe os olhos consente:
e ser liso e transparente
rouba todo o coração.
Inda assim achareis gente
que lhe não pese de o terdes[1];
mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso é composto
de quantas graças nasceram;
senão que alguns me disseram
vos[2] faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
dar-vos a alma, se quiserdes,
a troco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve
boca nem graça igual,
se não fora de coral
e os dentes de cor de neve.
Dou-me a Deus, que me leve!
Sofrerei quanto tiverdes,
não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece
outras palavras, não minhas,
senão que é feita em rosquinhas
de alfenim, o que parece.
Eu sei quem se ofrece
a tomar tudo o que tendes,
e também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropeias,
só o[3] vê-las, enfeitiça;
senão que são alvas e cheias,
e têm a feição roliça,
com que apelais por justiça,
pera com elas prenderdes
quem[4] vê vossos olhos verdes.

[1] Ed. 1616: *os verdes.*
[2] Ed. 1616: *que vos.*
[3] Ed. 1616: *com.*
[4] Ed. 1616: *Os que vem.*

A vossa galantaria
matará a quem falardes;
tendes uns desdéns e tardes
que eu logo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
também desses olhos verdes.

9) OUTRAS VOLTAS AO MESMO MOTO

Tudo tendes singular,
com que os corações rendeis,
senão que rindo fazeis
covinhas para enterrar;
e para ressuscitar
tem força a graça que tendes;
senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais,
quanto ser fermosa alcança;
senão que dais esperança
cos olhos com que matais.
Se acaso os alevantais,
[é para as almas renderdes;
senão que tendes os olhos verdes] [1].

10) CANTIGA

a este moto alheio:

Verdes são as hortas
com rosas e flores;
moças que as regam
matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos
que daqui parecem,
verdes ervas crecem,
altos arvoredos.

[1] [Ed. 1668].

Vai destes rochedos
água com que as flores
d'outras são regadas
que matam d'amores.

Co a água que cai
daquela espessura,
outra se mestura
que dos olhos sai:
toda junta vai
regar brancas flores,
onde há outros olhos
que matam d'amores.

Celestes jardins,
as flores, estrelas,
horteloas delas
são uns Serafins.
Rosas e jasmins
de diversas cores;
Anjos que as regam
matam-me d'amores.

11) CANTIGA

a este moto alheio:

Verdes são os campos
de côr do limão:
assi são os olhos
do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes
com verdura bela;
ovelhas, que nela
vosso pasto tendes;
d'ervas vos mantendes
que traz o Verão,
e eu das lembranças
do meu coração.

Gado, que pasceis,
co contentamento,
vosso mantimento
não no entendeis:
isso que comeis
não são ervas, não:
são graças dos olhos
do meu coração.

12) CANTIGA

a este moto alheio:

Menina dos olhos verdes,
porque me não vedes?

VOLTAS

Eles verdes são,
e têm por usança
na côr, esperança
e nas obras, não.
Vossa condição
não é d'olhos verdes,
porque me não vedes.

Isenções a molhos
que eles dizem terdes,
não são d'olhos verdes,
nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
e vós não me credes
porque me não vedes.

Haviam de ser,
porque possa vê-los,
que uns olhos tão belos
não se hão de esconder;
mas fazeis-me crer
que já não são verdes,
porque me não vedes.

Verdes não o são
no que alcanço deles;
verdes são aqueles
que esperança dão.
Se na condição
está serem verdes,
porque me não vedes?

13) CANTIGA

a este moto:

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
este meu coração Mendes.

VOLTA

Eu sou boa testemunha
que Amor tem por cousa má
que olhos, que são homens já,
se nomeiem sem alcunha;
pois o coração apunha,
e diz, olhos, pois vós tendes,
chamai-me coração Mendes.

14) CANTIGA

a este moto seu:

Se Helena apartar
do campo seus olhos,
nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,
gados, que pasceis,
sabei que a deveis
aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
faz flores de abrolhos
o ar de seus olhos.

Faz serras floridas,
faz claras as fontes:
se isto faz nos montes,
que fará nas vidas?
Trá-las suspendidas
como ervas em molhos,
na luz de seus olhos.

Os corações prende
com graça inumana,
de cada pestana
ũa alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
e, posto em giolhos,
pasma nos seus olhos.

15) TROVAS

a uma Dama

Dama d'estranho primor,
se vos for
pesada minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a converto em amor.
Se cuidais
de me matar quando usais
de esquivança,
irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,
como isento,
seguirá sua tenção,
crendo que em tanta afeição
não haja acrescentamento.
Não creiais
que desta arte vos façais
invencível;
que Amor sobre o impossível
amostra que pode mais.

Mas já da tenção que sigo
me desdigo;
que, se há tanto poder nele
também vós podeis mais qu'ele
neste mal que usais comigo.
Mas se for
o vosso poder maior
entre nós,
quem poderá mais que vós
se vós podeis mais que Amor?

Despois que, Dama, vos vi,
entendi
que perdera Amor seu preço;
pois o favor que lhe eu peço
vos pede ele para si.
Nem duvido
que não pode, de sentido,
resistir;
pois, em vez de vos ferir,
ficou, de vos ver, ferido.

Mas, pois vossa vista é tal
em meu mal,
que posso de vós querer?
Que mal poderei valer
onde o mesmo Amor não val?
Se atentar,
nenhum bem posso esperar;
e oxalá
que vos alembrasse já,
sequer para me matar.

Mas nem com isto creiais
que façais
meus serviços mais pequenos;
porque eu, quando espero menos,
sabei que então quero mais.
Nada espero,
mas de mim crede este fero

que, em ser vosso,
vos quero tudo o que posso
e não posso quanto quero.

Só por esta fantasia
merecia
de meus males algum fruito;
que ainda não quero muito
para o muito que queria.
De maneira
que não é, na derradeira,
grande espanto,
que quem, Dama, vos quer tanto
que outro tanto de vós queira.

16) TROVAS

a umas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar,
que, de certas, me mateis,
se a causa de que nasceis
vos quisesse confessar.
Que de não lhe achar desculpa
a grande mágoa passada
me tem a alma tão cansada
que, se me confessa a culpa,
tê-la hei por desculpada.

Ora vede que perigos
têm cercado o coração,
que, no meio da opressão,
a seus próprios inimigos
vai pedir a defensão!
Que, suspeitas, eu bem sei,
como se claro vos visse,
que é certo o que já cuidei;
que nunca mal suspeitei
que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza
daquela que me atormenta;
porque em tamanha estreiteza
ver que disso se contenta
é descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
me confessa, limpa e nua
de cautela e falsidade,
não pode a minha vontade
desconformar-se da sua.

Por segredo namorado
é certo estar conhecido
que o mal de ser enjeitado
mais atormenta sabido,
mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
novo modo de querela,
de medo da dor pequena,
venho achar na maior pena
o refrigério para ela.

Já nas iras me inflamei,
nas vinganças, nos furores
que já, doudo, imaginei;
e já mais doudo jurei
de arrancar d'alma os amores.
Já determinei mudar-me
par'outra parte com ira;
depois vim a concertar-me
que era bom certificar-me
no que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas
as fúrias do imaginar,
vinha enfim a arrebentar
em lágrimas magoadas
e bem para magoar.
E deixando-se vencer
os meus fingidos enganos,

de tão claros desenganos
não posso menos fazer
que contentar-me cos danos.

E pedir que me tirassem
este mal de suspeitar
que me vejo atormentar,
inda que me confessassem
quanto me pode matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
pois neste estado a que vim,
para que vós confesseis
se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
tal justiça lhe convinha;
porque da culpa que é vossa
venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada,
olhai com que côr se doura,
que quer, no fim da jornada,
que vós sejais confessada
para que eu seja o que moura!

Pois confessai-vos já 'gora,
inda que tenho temor
que nem nest' última hora
me há-de perdoar Amor
vossos pecados, Senhora.
E assi vou desesperado,
porque estes são os costumes
de amor que é mal empregado,
do qual vou já condenado
ao inferno, de ciúmes!

17)

CANTIGA

a este cantar velho:

Coifa de beirame
namorou Joane.

VOLTAS

Por cousa tão pouca
andas namorado?
Amas a toucado
e não quem o touca?
Ando cega e louca
por ti, meu Joane;
tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que Amor
se pinta despido?
Cego e perdido
andas por beirame,
e eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,
que dirá de ti?
Que deixas a mi
por cousa tão vil!
Terá bem que rir,
pois amas beirame,
e a mim não, Joane.

Quem ama assi
há-de ser amada;
ando maltratada
de amores, por ti.
Ama-me a mi,
e deixa o beirame,
que é razão, Joane!

A todos encanta
tua parvoíce;
de tua doudice

Gonçalo se espanta
e zombando canta:
— *Coifa de beirame*
namorou Joane!

Eu não sei que viste
neste meu toucado,
que tão namorado
dele te sentiste.
Não te veja triste:
ama-me, Joane,
e deixa o beirame!

(Joane gemia,
Maria chorava,
assi lamentava
o mal que sentia;
os olhos feria,
e não o beirame
que matou Joane.)

Não sei de que vem
amares [1] vestido;
que o mesmo Cupido
vestido não tem.
Sabes de que vem
amares beirame?
Vem de ser Joane.

18) TROVAS

a uma Senhora a quem deram
um pedaço de cetim amarelo

Se derivais da verdade
esta palavra *Sitim*,
achareis, sem falsidade,
que após o *Si*, tem o *Tim*,
que tine em toda a cidade.

[1] Ed. 1595: *andares*.

Bem vejo que me entendeis;
mas porque não fale em vão,
sabei que a esta nação
tanto que o *Si* concedeis
o *Tim* logo está na mão.

E quem da fama se arreda,
que tudo vai descobrir,
deve sempre de fugir
de sitins, porque da seda
seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado
qual raxa e outros assi,
dura, aquenta e é calado,
amoroso, e dá de si,
mais que sitim, nem borcado.

Mas estes, que sedas são
com quem s'enganam mil Damas,
mais vos tomam do que dão;
prometem, mas não darão
senão nódoas para as famas.
E se não me quereis crer,
ou tomais outro caminho,
por exemplo o podeis ver,
quando lá virdes arder
a casa de algum vezinho.

Ó feminina simpreza,
donde estão culpas a pares,
que por um Dom de nobreza,
deixam dões de natureza,
mais altos e singulares!
Um dom que anda enxertado
no nome, e nas obras não.
(Falo como exprimentado);
que sitim desta feição
eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarelo;
a quem assi o quis dar,
só para me Deus vingar,

se vem à mão, amarei-lo,
o que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
por estas artes manhosas,
(isto bem pode não ser),
dá a mininas fermosas
sòmente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,
serviu nas vossas armadas
muito, mas anda já fora;
e pode ser que inda agora
traz abertas as frèchadas.
E, posto que desfavores
o tiram de servidor,
quer-vos ventura melhor;
que dos antigos amores
inda lhe fica este amor.

19)

CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Minina fermosa
dizei de que vem
serdes rigorosa
a quem vos quer bem?

VOLTAS

Não sei quem assela
vossa fermosura;
que quem é tão dura
não pode ser bela.
Vós sereis fermosa,
mas a razão tem
que quem é irosa
não parece bem.

A mostra é de bela,
as obras são cruas;
pois qual destas duas
ficará na sela?

Se ficar irosa
não vos está bem:
fique antes fermosa,
que mais força tem.

O Amor, fermoso
se pinta e se chama:
se é amor, ama,
se ama, é piadoso.
Diz agora a grosa
que este texto tem,
que quem é fermosa
há-de querer bem.

Havei dó, minina,
dessa fermosura;
que se a terra é dura,
seca-se a bonina.
Sede piadosa;
não veja ninguém
que, por rigorosa,
percais tanto bem.

20) TROVAS

a uma Senhora que estava
rezando por umas contas

Peço-vos que me digais
as orações que rezastes
se são pelos que matastes,
se por vós, que assi matais?
Se são por vós, são perdidas;
que, qual será a oração
que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vêm
a só vida vos pedir,
como vos há Deus ouvir
se vós não ouvis ninguém?

Não podeis ser perdoada
com mãos a matar tão prontas,
que, se nũa trazeis contas,
na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
os que matastes andais,
se rezais por quem matais,
para que matais rezando?
Que, se na força do orar
levantais as mãos aos Céus,
não as ergueis para Deus,
erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais
toda enlevada na fé,
cerram-se os de quem vos vê,
para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
os que vos vem quando orais,
essas horas que rezais
são as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
que tantos mortos não sejam,
não rezeis onde vos vejam,
ou vede para dar vida.
Ou, se quereis escusar
estes males que causastes,
ressuscitai quem matastes,
não tereis por quem rezar.

21)

CANTIGA

a este moto alheio:

Se me levam águas
nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade
morrerei ou não,
meus olhos dirão
de mim a verdade.

Por eles me atrevo
a lançar[1] as águas
que mostrem as mágoas
que nesta alma levo.

As águas que em vão
me fazem chorar,
se elas são *do mar*
estas *d'amar* são.
Por elas relevo
todas minhas mágoas;
que, se força d'águas
me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,
todas são salgadas;
porém as choradas
doces me parecem.
Correi, doces águas,
que, se em vós me enlevo,
não doem as mágoas
que no peito levo!

22) TROVAS

que mandou com um papel de alfinetes a uma Dama

Esses alfinetes vão
a vos picarem, não mais,
só porque julgueis então,
o como me picarão
os com que vós me picais.
Mas os que dessas estrelas
vêm, têm pontas tão agudas
que, em que estoutros vão co elas,
podem-vos dar picadelas,
mas os vossos dão feridas.

[1] Ed. 1595: *alcançar*.

Assi que, se bem notais,
no como ambos debatem,
nunca podem ser iguais,
que, inda que esses lá maltratem,
estes cá maltratam mais.
Porém, já que Amor consente
em piques tão desiguais,
onde vós sois mais valente,
eu, Senhora, sou contente
do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá
desses olhos, porque acertem
donde acerto já não há;
porém os meus que vão lá,
só quero que vos apertem.
E deixando o mais passado,
fazei que este papel seja
pregado, digo, empregado,
porque do seu gasalhado
eu mesmo lhe tenho enveja.

E se eles em vós se pregam,
por força os hei-de envejar,
não só porque bem se empregam,
mas porque, Senhora, chegam
onde eu não posso chegar.
Lá vão e lá ficarão
adonde continuamente
a-par de si vos terão;
enfim, lá vos picarão,
eu cá picarei no dente.

23) TROVAS

a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.

Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.

24) CANTIGA

a este moto :

Vi chorar uns claros olhos
quando deles me partia.
Oh ! que mágoa ! Oh ! que alegria !

VOLTAS

Polo meu apartamento
se arrasaram todos d'água.
Quem cuidou que em tanta mágoa
achasse contentamento ?
Julgue todo entendimento
qual mais sentir se devia :
se esta dor, se esta alegria !

Quando mais perdido estive,
então deu a esta alma minha
na maior mágoa que tinha
o maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive
foi porque me defendia
desta dor esta alegria.

O bem que Amor me não deu
no tempo que o desejei,
quando dele me apartei
me confessou que era meu.
Agora, que farei eu
se a fortuna me desvia
de lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,
pois me tinha defendido
das iras de mal querido
no mal de ser apartado.
Agora peno dobrado,
achando no fim do dia
o princípio d'alegria.

25) CANTIGA

a este moto alheio:

Trocai o cuidado,
Senhora, comigo;
vereis o perigo
que é ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo
o amor entre nós,
é para que em vós
vejais o que vejo.
E sendo trocado
este amor comigo,
ser-vos há castigo
terdes meu cuidado.

Tendes o sentido
d'amor livre e isento;
e cuidais que é vento
ser tão mal querido.

Não seja o cuidado
tão vosso inimigo
que queira [1] o perigo
de ser desamado.

Mas nunca foi tal
este meu querer,
que a quem tanto quer
queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
e nunca o castigo
vos mostre o perigo
que é ser desamado.

26)

CANTIGA

à tenção de Miraguarda.

MOTO:

Ver, e mais guardar
de ver outro dia,
quem o acabaria?

VOLTAS

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
impossível é
que guardar-se possa.
Se faz tanta mossa
ver-vos um só dia,
quem se guardaria?

Milhor deve ser
neste aventurar,
ver, e não guardar,
que guardar de ver.
Ver, e defender,
muito bom seria;
mas... quem poderia?

[1] 1595: *quero.*

27) TROVAS

a umas Senhoras que haviam de ser terceiras para com uma Dama sua.

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
ditosa seja a ferida
que tem tais cerurgiões!
Pois ventura
me subiu a tanta altura
que me sejais valedoras,
ditosa seja a tristura
que se cura
por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,
já que entendeis que é assim,
não quero falar por mim,
que por mim fala meu mal.
Sois fermosas,
haveis de ser piadosas,
por ser tudo dũa cor;
que pois Amor vos fez rosas
milagrosas,
fazei milagres d'amor.

Pedi a quem vós sabeis
que saiba de meu trabalho,
não pelo que eu nisso valho,
mas pelo que vós valeis.
Que o valer
de vosso alto merecer,
com lho pedir de giolhos,
fará que em meu padecer
possa ver
o poder que têm seus olhos.

Vossa muita fermosura
co a sua tanto val
que me rio de meu mal
quando cuido em quem mo cura.

A meus ais
peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão validas,
que nunca tal dor sintais
que queirais
onde não sejais queridas.

28) GLOSAS

ao moto que lhe enviou Dona Francisca de Aragão para que lho glosasse:

Mas porém a que cuidados?

1.ª

Tanto maiores tormentos
foram sempre os que sofri,
daquilo que cabe em mi,
que não sei que pensamentos
são os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
a perigos arriscados
inclinado, bem suspeito
que a cuidados sou sujeito,
Mas porém a que cuidados?

2.ª

Que vindes em mim buscar,
cuidados, que sou cativo,
e não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,
já há muito que não vivo;
se vindes, porque me dais
tormentos desesperados,
eu, que sempre sofri mais,
não digo que não venhais;
Mas porém a quê, cuidados?

3.ª

Se as penas que Amor me deu
vêm por tão suaves meios,
não há que temer receios,
que val um cuidado meu
por mil descansos alheios.
Ter nuns olhos tão fermosos
os sentidos enlevados,
bem sei que em baixos estados
são cuidados perigosos;
Mas porém, ah! que cuidados!

CARTA

*que Luis de Camões mandou
a Dona Francisca de Aragão,
com as glosas acima:*

Senhora

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m., crendo me seria assi mais seguro: mas agora que é servida de me tornar a ressuscitar, por mostrar seus poderes, lembro-lhe que ũa vida trabalhosa é menos de agradecer que ũa morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se dela, não me fica mais que desejar, que poder acertar com êste moto de v. m., ao qual dei três entendimentos, segundo as palavras dele puderam sofrer: se forem bons, é o moto de v. m.; se maus, são as glosas minhas.

29) GLOSA

a este moto alheio :

Trabalhos descansariam
se para vós trabalhasse ;
tempos tristes passariam
se algũa hora vos lembrasse

GLOSA

Nunca o prazer se conhece
senão depois da tormenta;
tão pouco o bem permanece
que, se o descanso florece,
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam,
mas os males tudo atalham;
porém, já que assi porfiam,
onde descansos trabalham,
trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora
por vós grão contentamento;
nada sentira, Senhora,
se vira disto algũa hora
em vós um conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse
tudo por bem tomaria;
posto que o corpo cansasse,
a alma descansaria,
se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
sofreu, a tudo se pôs;
costumado ficará;
e muito milhor será,
se trabalhar para vós.
Tristezas esqueceriam,
posto que mal me trataram;
anos não me lembrariam,
que, como estoutros passaram,
tempos tristes passariam.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
não vivera magoado;
mas não o foi o passado,
como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
se quiséreis que cansasse;
cansar [1], morrer, fá-lo hia,
tudo, enfim, me esqueceria,
se algũa hora vos lembrasse.

30) CANTIGA

a este moto:

Ojos, herido me habéis,
acabad ya de matarme;
mas, muerto, volved á mirarme,
por que me resucitéis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida,
con gana de darme muerte,
el morir me es dulce suerte,
pues con morir me dais vida.
Ojos, ¿qué os detenéis?
Acabad ya de matarme;
mas muerto volved á mirarme,
por que me resucitéis.

La llaga cierto ya es mía,
aunque, ojos, vos no queráis;
mas si la muerte me dais,
el morir me es alegría.
Y así digo que acabéis,
ojos, ya de matarme [2];
mas muerto, volved á mirarme,
por que me resucitéis.

[1] Ed. 1595: *cavar.*
[2] Ed. 1668: *de resucitarme.*

31) GLOSA

a este moto de Francisco de Morais:

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males, que dais por pena,
me fiquem por galardão.

Despois de sempre sofrer,
Senhora, vossas cruezas,
apesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus serviços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
quem vossa vista condena,
prestes estou para a pena,
que, de galardão tão triste,
triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
a tão grande extremo vim,
que consinto em minha fim:
assi que, vós e mais eu,
ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento
sem querer mais galardão,
não é fora de razão
que queira meu sofrimento,
pois quer vossa condição.

O mal, que vós dais por bem,
esse, Senhora, é mortal;
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.
Mas porém nesta vitória,
que comigo é bem pequena,
a maior dor me condena
a pena, que dais por glória,
que os males, que dais por pena.

Que mor bem me possa vir,
que servir-vos, não o sei.
Pois que mais quero eu pedir,
se quanto mais vos servir,
tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
de tão alta estima são,
assaz de favor me dão
em querer que meus tormentos
me fiquem por galardão.

32) GLOSA

a este moto seu (acróstico):

A morte, pois que sou vosso,
não na quero, mas se vem,
[h]a-de ser todo meu bem.

Amor, que em meu pensamento
com tanta fé se fundou,
me tem dado um regimento
que, quando vir meu tormento,
me salve com cujo sou.
E com esta defensão,
com que tudo vencer posso,
diz a causa ao coração:
não tem em mim jurdição
A *morte, pois que sou vosso.*

Por exprimentar um dia
Amor se me achava forte
nesta fé, como dizia,
me convidou com a morte,
só por ver se a tomaria.
E, como ele seja a cousa
onde está todo o meu bem,
respondi-lhe (como quem
quer dizer mais, e não ousa):
não a quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então
entendeu quanto me toca;
e se tinha dito o não,
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.
Toda a cousa defendida
em mais estima se tem:
por isso é cousa sabida
que perder por vós a vida
[*h*]a-*de ser todo meu bem.*

33) A B C EM MOTOS

A A A A

Ana quisestes que fosse
o vosso nome da pia,
para mor minha agonia.
Apeles, se fora vivo
e a ver-vos alcançara,
por vós retratos tirara.
Aquiles morreu no templo,
contemplando de giolhos;
eu, quando vejo esses olhos.
Artemisa sepultou
a seu irmão e marido;
vós a mim, e a meu sentido.

B

Bem vejo que sois, Senhora,
extremo de fermosura,
para minha sepultura.

C C

Cleópatra se matou
vendo morto a seu amante;
e eu por vós, em ser constante.

Cassandra disse de Tróia
que havia ser destruída;
e eu por vós, d'alma e da vida.

D D

Dido morreu por Enéas,
e vós matais quem vos ama;
julgai se sois cruel dama!
Dianira, inocente,
da má morte causadora;
vós, da minha sabedora.

E

Eurídice foi a causa
de Orfeu ir ao inferno;
vós, de ser meu mal eterno.

F F

Fedra, só de puro amor,
morreu por seu enteado;
eu, morro de desamado.
Febo vai escurecendo
ante vossa claridade;
e eu, sem ter liberdade.

G G

Galateia sois, Senhora,
Da fermosura extremo;
e eu, perdido Polifemo.
Genebra, que foi rainha,
se perdeu por Lançarote;
e vós, por me dar a morte.

H H

Hércules, uma camisa
de chamas o consumiu;
minha alma, dês que vos viu.

Hébis e Dido morreram
com o rigor da mudança;
eu, vendo vossa esquivança.

J J J J

Judit, que o duro Holofernes
degolou, se viva fora,
mate lhe déreis, Senhora.
Júlio César conquistou
o mundo com fortaleza;
vós a mim com gentileza.
Júlio César se livrou
dos imigos com abrolhos;
eu, não posso desses olhos.
Jazia-se o Minotauro
preso no seu labirinto;
mas eu mais preso me sinto.

L L

Leandro se afogou
e foi sua causa Hero;
e a mim, o que vos quero.
Leandro se afogou
no mar de sua bonança;
eu, no de vossa esperança.

M M

Minerva dizem que foi,
e Palas, deusas da guerra:
e vós, Senhora, da terra.
Medeia foi mui cruel,
mas não chegou a metade
de vossa grã crueldade.

N N

Narciso o siso perdeu
em vendo a sua figura;
eu, por vossa fermosura;
Ninfas enganam mil Faunos
com seu ar e fermosura;
e, a mim, vossa figura.

O O

Os olhos choram o dano
que em vos verem sentiram,
mas eu pago o que eles viram.
Orfeu com a doce harpa
venceu o reino de Plutão;
vós a mim, com perfeição.

P P

Páris a Helena roubou,
por quem Tróia foi perdida;
e vós a mim, alma e vida.
Pirro matou Policena,
perfeita em todos sinais;
e vós a mim me matais.

Q Q

Quanto mais desejo ver-vos,
menos vos vejo, Senhora:
não vos ver milhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeu a vida,
que eu por vós trago perdida.

R R

Remédio nenhum não vejo
que remedeie meu mal;
nem crueza à vossa igual.

Roma o mundo sujeita
com armas, saber, temor;
vós a mim só por amor.

S

Sirena, na mor fortuna
com enganos vai cantando;
e vós, sempre a mim matando.

T T

Tisbe morreu por Piramo,
a ambos matou o Amor;
a mim vosso desfavor.
Tisbe pelo seu amante
morreu com amor sobejo;
mas eu mais morto me vejo.

V V

Vénus, que por mais fermosa
lhe deu Páris a maçã,
não foi quanto vós louçã.
Vénus levou a maçã
por vós não serdes, Senhora,
nascida naquela hora.

X X

Xpõ vos acabe em graça,
e vos faça piadosa
tanto, quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atrás
por Apónio a invocar;
e vós não, a meu chamar.

34) GLOSA

a este moto alheio:

Vejo-a n'alma pintada
quando me pede o desejo
o natural que não vejo.

Se só no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excelente
mal poderei ser ausente
emquanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
a traz tão bem debuxada,
e a memória tanto voa
que se a não vejo em pessoa,
vejo-a n'alma pintada.

O desejo, que se estende
ao que menos se concede,
sobre vós pede e pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu, que em ausência não vejo,
tenho piedade e pejo
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar
quando me pede o desejo.

Como aquele que cegou
é cousa vista e notória
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memória
o que em vista lhe faltou;
assi a mim, que não rejo
os olhos ao que desejo,
na memória e na firmeza
me concede a natureza
o natural que não vejo.

35) GLOSA

a este moto:

¿Qué veré que me contente?

Desque una vez miré,
Señora, vuestra beldad,
jamás por mi voluntad
los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente
mi vida, ni lo desea,
si no queréis que os vea,
¿qué veré que me contente?

36) CANTIGA

a este moto:

Quem se confia em olhos,
nas meninas deles vê,
que meninas não têm fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças
em meninas sem assento,
ofereça o sofrimento
a duzentas mil mudanças.
Mostram no ar esperanças,
mas em seus olhos se vê
como não têm n'alma fé.

Enganam ao parecer,
porque, no caso de amar,
são mulheres no matar
e meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
cem mil graças neles vê;
vê-las, sim, mas não ter fé.

Amostram-vos num momento
favores assi a molhos;
mas na mudança dos olhos
se lhe muda o pensamento.
Em nada têm assento,
e o que mais neles se vê
é fermosura sem fé.

37)

GLOSA

a este moto alheio:

Sem vós e com meu cuidado
olhai com quem, e sem quem.

Amor, cuja providência
foi sempre que não errasse,
porque na alma vos levasse,
respeitando o mal de ausência
quis que em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado,
eu e meu cuidado sós,
proveio nisso, de atentado,
por não me ausentar de vós,
sem vós e com meu cuidado.

Mas esta alma que eu trazia
porque vós nela morais,
deixa-me cego, e sem guia;
que há por melhor companhia
ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem
onde quer a forte estrela,
sem alma, que em si vos tem,
co mal de viver sem ela:
olhai com quem, e sem quem.

38) GLOSA

ao mesmo moto:

Querendo Amor esconder-vos
em parte que vos não visse,
com extremos de querer-vos
cegou-me os olhos com ver-vos,
levou-os, sem que vos visse.
Eu, cego, mas atinado,
quando vi que vos não via,
do mesmo Amor indinado,
já vedes qual ficaria
sem vós e com meu cuidado.

39) CANTIGA

a este moto:

Menina fermosa e crua,
bem sei eu
quem deixará de ser seu,
se vós quiséreis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,
se, para me querer bem,
vos não vejo ter vontade,
é porque outrem vo-la tem;
tem-vo-la, e faz-vo-la crua.
Porém eu
já tomara não ser meu,
se vós não fôreis tão sua.

Nos olhos e na feição
vos vi, quando vos olhava,
tanta graça que vos dava
de graça este coração;

não no quisestes de crua,
por ser meu:
se outrem vos dera o seu
pode ser fôreis mais sua.

Menina, tende maneira
que ainda não venha a ser
— pois não quereis quem vos quer, —
que queirais quem vos não queira.
Olhai, não me sejais crua;
que pois eu
quero ser vosso e não meu,
sede vós minha e não sua.

40)

CANTIGA

a este moto:

Da doença em que ardeis
eu fora vossa mèzinha,
só com vós serdes minha.

VOLTAS

É muito para notar
cura tão bem acertada,
que podereis ser curada
sòmente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
ambos temos a mèzinha:
eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor,
(porque fiquemos iguais),
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto a vossa dor;
e se vós sintis a minha,
dai e tomai a mèzinha.

41) TROVAS

a uma Dama doente

Olhai que dura sentença
foi Amor dar contra mi:
que, porque em vós me perdi,
em vós me busca a doença.
Claro está
que em vós só me achará;
que em mim, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que eu fui já.

Que se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi
que o mal, que me busca a mi,
que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quis destruir
por modo nunca cuidado,
pois vos há-de ser forçado
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,
e são meus males de sorte
que vos ameaça a morte
porque me negais a vida.
Se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
havei vós perdão de Amor,
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,
é que nesta diferença
que se não torne a doença
se me não tornais a mim.
De verdade,
que já vossa humanidade
de que se queixe não tem;
pois para as almas também
fez Amor enfermidade.

42) CANTIGA

a este moto:

Deu, Senhora, por sentença
Amor, que fôsseis doente,
para fazerdes à gente
doce e fermosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
foi a doença fazer
fermosa, para se ver,
doce para se passar.
Então, vendo a diferença
que há de vós a toda a gente,
mandou que fôsseis doente
para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,
que a saúde anda envejosa,
por ver estar tão fermosa
em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
porque adoecerá a gente
com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,
a doença que em vós vejo,
vos confesso, que desejo
de cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
este mal, não houve gente
de saúde tão contente
como eu serei da doença.

43) GLOSA

a este moto alheio:

Sem ventura é por demais.

Todo o trabalhado bem
promete gostoso fruto,
mas os trabalhos que vêm
para quem dita não tem,
valem pouco e custam muito.
Rompe toda a pedra dura,
faz os homens imortais
o trabalho, quando atura;
mas querer achar ventura
sem ventura, é por demais.

44) GLOSA

a este moto alheio:

Minha alma, lembrai-vos dela.

Pois o ver-vos tenho em mais
que mil vidas que me deis,
assi como a que me dais,
meu bem, já que mo negais,
meus olhos, não mos negueis.
E se a tal estado vim,
guiado de minha estrela,
quando houverdes dó de mim,
minha vida, dai-lhe a fim,
minha alma, lembrai-vos dela.

45) GLOSA

a este moto alheio:

Tudo pode ũa afeição.

Tem tal jurdição Amor
na alma donde se aposenta
e de que se faz senhor,
que a liberta e isenta
de todo o humano temor.
E com mui justa razão,
como senhor soberano,
que Amor não consente dano;
e pois me sofre tenção,
gritarei por desengano:
tudo pode ũa afeição.

46) CANTIGA

a este moto alheio:

¿Para que me dan tormento,
aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
que se pasa en darme afán,
pues quanto más me lo dan
tanto menos siento del.
¿Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
que no puede ser tan loco
quién tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,
que de tan dulce querella,

a nadie dé parte della,
porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento
que aún se me antoja poco;
y si es mucho, quedo loco
de gusto de lo que siento.

47) CANTIGA

a este moto alheio:

De vuestros ojos centellas,
que encienden pechos de hielo,
suben por el aire al cielo,
y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dan,
que essas centellas tan raras
no son nel cielo más claras
que en los ojos donde están.
Porque cuando miro en ellas
de como alumbran el suelo [1]
no sé que serán nel cielo;
mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir
que al cielo suban, Señora,
que la lumbre que en vos mora
no tiene más que subir;
mas pienso que dan querellas
á Dios nel octavo cielo,
porque son acá en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

[1] Ed. 1595: *cielo.*

48) IMPROVISO

A ũas Senhoras que, jogando perto de ũa janela, lhes cairam três paus e deram na cabeça de Camões:

Para evitar dias maus
da vida triste que passo,
mandem-me dar um baraço,
que já cá tenho três paus.

49) CANTIGA

a este moto:

Quem disser que a barca pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar
e para isso estais no cais,
entrai logo; que tardais?
Olhai que está preiamar!
E se outrem, por vos fretar,
vos disser que esta que pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
tem seus aparelhos novos;
não há como ela outra em Povos,
boa de leme e veleira.
Mas, se por ser a primeira,
vos disser alguém que pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.

50)

GLOSA

a este moto alheio:

Campos bem-aventurados,
tornai-vos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre são já passados.

Campos cheios de prazer,
vós, que estais reverdecendo,
já me alegrei com vos ver;
agora venho a temer
que entristeçais em me vendo.
E, pois a vista alegrais
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
campos, bem-aventurados.

Porém, se por acidente,
vos pesar de meu tormento,
sabereis que Amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
que já nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser,
mas despois que o falso Amor
tão triste me fez viver,
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as horas que vos não vejo
que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,
de secos, verdes vos tem;
porque em vosso natural
se muda o mal para o bem,
mas o meu para mor mal.
Se perguntais, verdes prados,
pelos tempos diferentes
que de Amor me foram dados,
tristes, aqui são presentes,
alegres, já são passados.

51) CANTIGA

a este moto seu:

Descalça vai pela neve:
assi faz quem Amor serve.

VOLTAS

Os privilégios que os Reis
não podem dar, pode Amor,
que faz qualquer amador
livre das humanas leis.
Mortes e guerras cruéis,
ferro, frio, fogo e neve,
tudo sofre quem o serve.

Moça fermosa despreza
todo o frio e toda a dor.
(Olhai quanto pode Amor
mais que a própria natureza):
medo nem delicadeza
lhe impede que passe a neve;
assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
a tudo se ofreceria;
passa pela neve fria,
mais alva que a própria neve;

com todo o frio se atreve;
vede em que fogo ferve
o triste que o Amor serve.

52)

CANTIGA

a este moto:

Descalça vai para a fonte
Leanor pela verdura;
vai fermosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
saínho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos de ouro o trançado,
fita de cor de encarnado,
tão linda que o mundo espanta;
chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa, e não segura.

53) CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Na fonte está Leanor
lavando a talha e chorando,
às amigas perguntando:
vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento nele,
porque a tudo o Amor a obriga,
cantava, mas a cantiga
eram suspiros por ele.
Nisto estava Leanor
o seu desejo enganando,
às amigas perguntando:
vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ũa mão,
os olhos no chão pregados,
que, do chorar já cansados,
algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leanor
suspende de quando em quando
sua dor; e, em si tornando,
mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos água,
que não quer que a dor se abrande
Amor, porque em mágoa grande
seca as lágrimas a mágoa.
Que depois de seu amor
soube novas perguntando,
d'emproviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!

54)

CANTIGA

a este moto:

Ferro, fogo, frio e calma,
todo o mundo acabarão;
mas nunca vos tirarão,
alma minha da minha alma!

VOLTA

Não vos guardei, quando vinha,
em torre, força, ou engenho;
que mais guardada vos tenho
em vós, que sois alma minha.
Ali, nem frio nem calma,
não podem ter jurdição;
na vida sim, porém não
em vós, que tenho por alma.

55)

CANTIGA

a este moto:

A alma que está ofrecida
a tudo, nada lhe é forte;
assi passa o bem da vida
como passa o mal da morte.

VOLTA

De maneira me sucede
o que temo, e o que desejo,
que sempre o que temo, vejo,
nunca o que a vontade pede.
Tenho tão oferecida
alma e vida a toda a sorte
que isso me dera da morte
como já me dá da vida.

56) CANTIGA

a este moto:

Esconjuro-te, Domingas,
pois me dás tanto cuidado,
que me digas se te vingas:
viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me que outras cabras
folgavas de apascentar;
eu, por não me magoar,
fingia que eram palavras.
Agora de arte te vingas
d'algum meu doudo pecado,
que inda [que] queiras, Domingas,
não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;
a fonte vai para o Tejo,
e tu para o teu desejo
por te vingares do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
como eu faço do meu gado.
Praza a Deus que, se te vingas,
que moura desesperado.

Na fantasia te pinto;
falo-te, responde o monte;
busco o rio, busco a fonte,
endoudeço, e não o sinto.
Domingas! no vale brado;
responde o eco: Domingas!
E tu ainda te não vingas
de me ver doudo tornado?

57) GLOSA

a este moto alheio:

Todo es poco lo posible.

Ved que engaños señorea
nuestro juicio tan loco,
que por mucho que se crea,
todo el bien que se desea,
alcanzado. queda poco.
Un bien de cualquiera grado,
si de haberse es imposible,
queda mucho deseado,
mas para mucho, alcanzado,
todo es poco lo posible.

58) GLOSA

ao mesmo moto:

Posible es a mi cuidado
poderme hacer satisfecho,
si fuera posible al hado
hacer no echo lo echo,
y futuro lo pasado.
Si olvido pudiera haber,
fuera remedio sufrible;
mas ya que no puede ser,
para contento me hacer,
todo es poco lo posible.

59) CANTIGA

a este moto alheio:

Caterina bem promete;
eramá! como ela mente!

VOLTAS

Caterina é mais fermosa
para mim que a luz do dia;
mas mais fermosa seria
se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piadosa,
amanhã tão diferente
que sempre cuido que mente.

Caterina me mentiu
muitas vezes, sem ter lei,
mas todas lhe perdoei
por ũa só que cumpriu.
Se, como me consentiu
falar, o mais me consente,
nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,
dizei: para que mentis?
Prometeis, e não cumpris?
Pois sem cumprir, tudo é nada.
Não sois bem aconselhada;
que quem promete, se mente,
o que perde não no sente.

Jurou-me aquela cadela
de vir, pela alma que tinha;
enganou-me; tem a minha;
dá-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela,
porque ma dá se promete,
mas tira-me quando mente.

Tudo vos consentiria
quanto quisésseis fazer,
se esse vosso prometer
fosse prometer um dia;
todo então me desfaria
convosco; e vós, de contente,
zombaríeis de quem mente.

Prometeu-me ontem de vir,
nunca mais me apareceu;
creio que não prometeu
senão só por me mentir.
Faz-me enfim chorar e rir;
rio quando me promete,
mas choro quando me mente.

Mas pois folgais de mentir,
prometendo de me ver,
eu vos deixo o prometer,
deixai-me vós o cumprir:
haveis então de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre que o que mente.

60) CANTIGA

a uma Dama que estava vestida de dó

MOTO: De atormentado e perdido,
já vos não peço senão
que tenhais no coração
o que tendes no vestido.

VOLTA

Se de dó vestida andais
por quem já vida não tem,
porque não no haveis de quem
vós tantas vezes matais?

Que brado sem ser ouvido,
e nunca vejo senão
cruezas no coração,
e grande dó no vestido.

61) CANTIGA

a Dona Guiomar de Blasfé, que se queimara no rosto com uma vela

MOTO: Amor que todos ofende
teve, Senhora, por gosto,
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas acende.

VOLTA

Aquele rosto que traz
o mundo todo abrasado,
se foi da flama tocado,
foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se lhe rende;
porém o seu prosuposto
foi sentir o vosso rosto
o que nas almas acende.

62) CANTIGA

a este moto seu:

Da alma, e de quanto tiver,
quero que me despojeis,
contanto que me deixeis
os olhos para vos ver.

VOLTA

Cousa este corpo não tem
que já não tenhais rendida;
depois de tirar-lhe a vida,
tirai-lhe a morte também.

Se mais tenho que perder,
mais quero que me leveis,
contanto que me deixeis
os olhos para vos ver.

63)

CANTIGA

a este moto alheio:

Amores de ũa casada
que eu vi pelo meu mal.

VOLTAS

Nũa casada fui pôr
os olhos, de si senhores;
cuidei que fossem amores,
eles fizeram-se Amor.
Faz-se o desejo maior
donde o remédio não val
em perigo de meu mal.

Não me pareceu que Amor
pudesse tanto comigo
que donde entra por amigo
se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor
e de sinal em sinal,
cada vez para mor mal.

64)

CANTIGA

a este moto seu:

Enforquei minha esperança;
mas Amor foi tão madraço
que lhe cortou o baraço.

VOLTA

Foi a Esperança julgada
por sentença da Ventura,
que, pois me teve à pendura,

que fosse dependurada.
Vem Cupido co a espada,
corta-lhe cerce o baraço.
Cupido, foste madraço!

65) CANTIGA

a este moto seu:

Pus o coração nos olhos
e os olhos pus no chão
por vingar o coração.

VOLTA

O coração envejoso
como dos olhos andava,
sempre remoques me dava
que não era o meu mimoso:
venho eu, de piadoso
do senhor meu coração,
boto os meus olhos no chão.

66) CANTIGA

a este moto seu:

Pus meus olhos nũa funda,
e fiz um tiro com ela
às grades de ũa janela.

VOLTA

Ũa Dama, de malvada,
tomou seus olhos na mão
e tirou-me ũa pedrada
com eles ao coração.
Armei minha funda então,
e pus os meus olhos nela:
trape! quebro-lh'a janela.

67) GLOSA

a este moto:

Vos tenéis mi corazón.

Mi corazón me han robado,
y Amor, viendo mis enojos,
mi dijo: fuéte llevado
por los más hermosos hojos
que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales,
te lo tienen en prisión,
y si Amor tiene razón,
Señora, por las señales
vos tenéis mi corazón.

68) CANTIGA

a este moto alheio:

De dentro tengo mi mal,
que de fuera no hay señal.

VOLTA

Mi nueva y dulce querella,
es invisible á la gente;
el alma sola la siente,
que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
se encubre en el pedernal
de dentro tengo mi mal.

69) CANTIGA

a este moto seu:

De que me serve fugir
da morte, dor e perigo,
se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
por razão conveniente,
que não posso ser contente,
pois que pude ser nacido.
Anda sempre tão unido
o meu tormento comigo
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,
nenhum gosto me seria;
que, não sendo eu, não teria
mal que esse bem me tirasse.
Força é logo que assi passe,
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto e sem perigo.

70) CANTIGA

a esta cantiga velha:

Falso cavaleiro ingrato,
enganais-me:
vós dizeis que eu vos mato,
e vós matais-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
para enganar inocências,
piadosas aparências
sobre isento coração.

Eu vos amo, e vós, ingrato,
magoais-me,
dizendo que eu vos mato,
e vós matais-me.

Vede agora qual de nós
anda mais perto do fim,
que a justiça faz-se em mim
e o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato,
levantais-me
que vos desamo e vos mato,
e vós matais-me.

71)

CANTIGA

a este moto seu:

Se de meu mal me contento,
é porque para vós vejo
em todo o mundo desejo
e em ninguém merecimento.

VOLTA

Para quem vos soube olhar,
tão impossível foi ser
o poder-vos merecer,
como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
nenhum remédio lhe vejo,
senão se der o desejo
asas ao merecimento.

72) CANTIGA

a este moto alheio:

Amor loco, amor loco,
yo por vos, y vos por otro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dos
para que pene doblado:
uno es verme desamado,
otro es mancilla de vos.
¡Ved que ordena Amor en nos!
Porque me vos hacéis loco,
que seáis loca por otro.

Tratáis Amor de manera
que porque así me tratáis
quiere que, pues no me amáis,
que améis otro que no os quiera.
Mas con todo, si no os viera
de todo loca por otro,
con mas razón fuera loco.

Y tan contrario viviendo,
alfin, alfin, conformamos,
pues ambos a dos buscamos
lo que más nos va huyendo.
Voy tras vos siempre siguiendo,
y vos huyendo por otro:
andáis loca, y me hacéis loco.

73) CANTIGA

a este moto alheio:

De pequena tomei Amor,
porque o não entendi;
agora que o conheci,
mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,
e a mesma idade ensina
que se incline ũa minina,
às mostras de um minino.
Ouvi-lhe chamar Amor,
pelo nome me venci;
nunca tal engano vi,
nem tamanho desamor.

Creceu-me de dia em dia
com a idade a afeição,
porque amor de criação,
n'alma e na vida se cria.
Criou-se em mim este amor,
e senhoreou-se de mi:
agora que o conheci,
mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
a morte me determina
quem eu trouxe de minina
nas mininas dos meus olhos.
Desta mágoa e desta dor
tenho sabido enfim,
por amor me perco a mim,
por quem de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho
o que Amor em mim ordena,
que em idade tão pequena
haja tormento tamanho.

Sejam milagres de Amor,
hei-os de sofrer assi,
até que haja dó de mi
quem entender esta dor.

74)

CANTIGA

a esta cantiga velha:

> Apartaram-se os meus olhos
> de mim tão longe...
> Falsos amores,
> falsos, maus, enganadores!

VOLTAS

Trataram-me com cautela
por me enganar mais asinha;
dei-lhe posse da alma minha,
foram-me fugir co ela.
Não há vê-los, nem há vê-la,
de mim tão longe...
Falsos amores,
falsos, maus, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,
e enfim, da vida o melhor:
foram-se, e do desamor
fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
de mim tão longe?
Falsos amores,
e tão[1] cruéis matadores!

Não se pôs serra nem mar
entre nós, que fora em vão;
pôs-se vossa condição,
que não doce é de passar.

[1] Ed. 1595: erão.

Só ela vos quis leixar
de mim tão longe!
Falsos amores!
... e oxalá que enganadores! [1]

75) CANTIGA

a este moto alheio:

Vede bem se nos meus dias
os desgostos vi sobejos,
pois tenho medo a desejos
e quero mal a alegrias.

VOLTA

Se desejos fui já ter,
serviram de atormentar-me;
se algum pôde alegrar-me,
quis-me antes entristecer.
Passei anos, passei dias,
em desgostos tão sobejos
que, só por não ter desejos,
perderei mil alegrias.

[1] Na ed. 1595 a última *Volta* é ininteligível, tal como aí se encontra:

Não se pos terra nem mar
entre vos que forão em vão,
posse vossa condição,
que tão doce he de passar
soo ela vos quis levar
de mim tão longe
falsos amores,
& oxala que enganadores.

Oxalá que enganadores! isto é, oxalá que presentes, mesmo com os seus enganos.

76) CANTIGA

a este moto seu:

Pois me faz dano olhar-vos
não quero, por não perder-vos[1],
que ninguém me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver
há dous extremos mortais;
e são eles em si tais
que um por um me faz morrer;
mas antes quero escolher
que possa viver sem ver-vos
minha alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
que remédio posso ter,
se vivo só com vos ver,
se vos não vejo, perigo?
Quero acabar comigo
que ninguém me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

77) CANTIGA

a três Damas que lhe diziam que o amavam

MOTO: Não sei se me engana Helena,
se Maria, se Joana,
não sei qual delas me engana.

VOLTAS

Ũa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer;
mas, em jura de mulher
quem crerá, se elas não crêm?

[1] Ed. 1595: *querervos.*

Não posso não crer a Helena,
a Maria, nem Joana,
mas não sei qual mais me engana.

Ũa faz-me juramentos
que só meu amor estima;
a outra diz que se fina;
Joana, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
também mentirá Joana;
mas quem mente, não me engana.

78)

CANTIGA

a uma Dama mal empregada

MOTO SEU: Minina, não sei dizer,
vendo-vos tão acabada,
quão triste estou por vos ver
fermosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
pouco de mi se doía,
pois não viu quanto me ia
em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
lindeza tão extremada
que digam quantos a vêm:
— Fermosa e mal empregada!

Tomastes da fermosura
quanto dela desejastes,
e com ela me guardastes
para tão triste ventura.
Matáveis sendo solteira,
matais agora em casada;
matais de toda a maneira;
Fermosa e mal empregada!

79) CANTIGA

a este moto alheio:

Há um bem que chega e foge;
e chama-se este bem tal,
ter bem para sentir mal.

VOLTA

Quem viveu sempre num ser,
inda que seja em pobreza,
não viu o bem da riqueza,
nem o mal de empobrecer:
não ganhou para perder;
mas ganhou com vida igual
não ter bem nem sentir mal.

80) CANTIGA

a uma Dama que lhe virou o rosto

MOTO: Olhos, não vos mereci
que tenhais tal condição:
tão liberais para o chão,
tão irosos para mi.

VOLTA

Baixos e honestos andais,
por vos negardes a quem
não quer mais que aquele bem
que vós no chão espalhais.
Se pouco vos mereci,
não me estimais mais que o chão,
a quem vós o galardão
dais, e mo negais a mi.

81) ENDECHAS

Vai o bem fugindo,
crece o mal cos anos,
vão-se descobrindo
co tempo os enganos.

Amor e alegria
menos tempo dura.
Triste de quem fia
nos bens da ventura!

Bem sem fundamento
tem certa mudança,
certo sentimento
na dor da lembrança.

Quem vive contente,
viva receoso:
mal que se não sente,
é mais perigoso.

Quem males sentiu,
saiba já temer;
e pelo que viu
julgue o que há-de ser.

Alegre vivia,
triste vivo agora;
chora a alma de dia,
e de noite chora.

Confesso os enganos
do meu pensamento:
bem de tantos anos
foi-se num momento.

Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
chorai, olhos tristes,
o bem que perdestes.

A luz do sol pura
só a vós se negue;
seja a noite escura
nunca a manhã chegue.

O campo floreça,
murmurem as águas,
tudo me entristeça
creçam minhas mágoas.

Quisera mostrar
o mal que padeço;
não lhe dá lugar
quem lhe deu começo.

Em tristes cuidados
passo a triste vida;
cuidados cansados,
vida aborrecida!

Nunca pude crer
o que agora creio:
cegou-me o prazer
do mal que me veio.

Ah, ventura minha,
como me negaste!
Um só bem que tinha
porque mo roubaste?

Triste fantesia,
quanta cousa guarda!
Quem já visse o dia
que tanto lhe tarda!

Nesta idade cega
nada permanece;
o que ainda não chega
já desaparece.

Qualquer esperança
foge como o vento:
tudo faz mudança,
salvo meu tormento.

Amor cego e triste,
quem o tem, padece:
mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece!

No meu mal esquivo
sei como Amor trata:
e, pois nele vivo,
nenhum amor mata.

82)

CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Pequenos contentamentos,
i buscar quem contenteis,
que a mim não me conheceis.

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
fizeram já valer menos,
não os aceita pequenos,
quem nunca teve maiores.
Bem parecem vãos favores,
pois tão tarde me quereis
qu' inda me não conheceis.

Ofereceis-me alegria,
tendo-me já cego e mouco:
é baixeza aceitar pouco
quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
pois o bem que me deveis
nunca mo satisfareis.

83) GLOSA

a esta Trova de Boscán:

Justa fué mi perdición,
de mis males soy contento;
ya no espero galardón,
pues vuestro merecimiento
satisfizo a mi pasión.

Después que Amor me formó
todo de amor, cual me veo,
en las leyes que me dió,
el mirar me consintió,
y defendióme el deseo.
Mas el alma, como injusta,
en viendo tal perfección,
dió al deseo ocasión:
y pues quebré ley tan justa,
justa fué mi perdición.

Mostrándoseme el Amor
más benigno que cruel,
sobre tirano, traidor,
de celos de mi dolor,
quiso tomar parte en él.
Yo, que tan dulce tormento
no quiero dallo, aunque peco,
resisto, y no lo consiento;
mas si me lo toma á trueco,
de mis males soy contento.

Señora, ved lo que ordena
este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa ajena
manda que de un mirar vuestro
haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veáis
tan engañosa tención [1],
aunque muerto me sintáis,
no miréis, que, si miráis,
ya no espero galardón.

[1] 1595.

¿Pues que premio (me diréis)
esperas que será bueno?
Sabed, si no lo sabéis,
que es lo más de lo que peno
lo menos que merecéis.
¿Quién hace al mal tan ufano,
y tan libre al sentimiento?
¿El deseo? No, que es vano.
¿El Amor? No, que es tirano.
¿Pues? Vuestro merecimiento.

No pudiendo Amor robarme
de mis tan caros despojos,
aunque fué por más honrarme,
vos sola para matarme
le prestastes vuestros ojos.
Matáronme ambos á dos;
mas á vos con mas razón
debe él la satisfacción;
que á mi por él, y por vos,
satisfizo mi pasión.

84)

GLOSA

a este moto:

Foi-se gastando a esperança,
fui entendendo os enganos;
do mal ficaram meus danos
e do bem só a lembrança.

Nunca em prazeres passados
tive firmeza segura,
antes tão arrebatados
que inda não eram chegados
quando mos levou ventura.
E, como quem desconfia
ter em tal sorte mudança,
no meio desta porfia,
de quanto bem pretendia
foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino
a ocasião de perdê-la;
mas foi culpa do destino,
que a ninguém, como mais dino,
Amor pudera sustê-la.
Dei-lhe tudo o que era seu,
não receando tais danos
deste, a quem alma lhe deu;
quando já não era meu,
fui entendendo os enganos.

Fiquei, deste mal sobejo
a quem a causa compete,
dizer-lhe tudo o que vejo,
que Amor aceita o desejo,
mas mente no que promete.
Que, se a mim se me obrigou
a dar-me bens soberanos,
foi engano que ordenou,
que do bem tudo levou,
do mal ficaram meus danos.

E se de dor tão desigual
sofro em mim com padecê-los,
quero de novo sofrê-los;
que, por a causa ser tal,
não determino ofendê-los.
Dobre-se o mal, falte a vida,
creça a fé, falte a esperança,
pois foi mal agradecida;
fique a dor na alma imprimida,
e do bem só a lembrança.

85) CANTIGA

a uma Dama que perguntou ao Autor quem o matava

MOTO: Perguntais-me quem me mata?
Não quero responder nada,
por vos não fazer culpada.

VOLTA

E se a pena não me atiça
a dizer pena tão forte,
quero-me entregar à morte,
antes que vós à justiça.
Porém, se tendes cobiça
de vos verdes tão culpada,
direi que não sinto nada.

86) CANTIGA

a este moto alheio:

Se alma ver-se não pode
onde pensamentos ferem,
que farei para me crerem?

VOLTAS SUAS

N' alma ũa só ferida
faz na vida mil sinais;
tanto se descobre mais
quanto é mais escondida.
Se esta dor tão conhecida
me não vêm, porque não querem,
que farei para me crerem?

Se se pudesse bem ver
quanto calo, e quanto sento,
depois de tanto tormento
cuidaria alegre ser.

Mas se não me querem crer
olhos que tão mal me ferem,
que farei para me crerem?

87) CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Se me desta terra for,
eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me for, e vos deixar
(ponho, por caso, que possa),
esta alma minha, que é vossa,
convosco me há-de ficar.
Assi que, só por levar
a minha alma, se me for,
vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me
que convosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me,
o bem me será maior
se vos levar, meu amor.

88) CANTIGA

a este moto alheio:

Vosso bem querer, Senhora,
vosso mal melhor me fora.

VOLTAS

Já agora certo conheço
ser melhor todo tormento
onde o arrependimento
se compra por justo preço.

Enganou-me um bom começo;
mas o fim me diz agora
que o mal melhor me fora.

Quando um bem é tão danoso
que, sendo bem, dá cuidado,
o dano fica obrigado
a ser menos perigoso.
Mas se a mim, por desditoso,
co bem me foi mal, Senhora,
co vosso mal bem me fora.

89)

CANTIGA

a este moto:

Irme quiero, madre,
á aquella galera,
con el marinero
á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
dó quiera que vó,
no lo quiero yo,
que el Amor lo quiere.
Aquél niño fiero
hace que me muera,
por un marinero
á ser marinera.

Él, que todo puede,
madre, no podrá,
pues es alma vá,
que el cuerpo se quede.
Con él por quién muero,
voy, porque no muera;
que, si es marinero,
seré marinera.

Es tirana ley,
del niño Señor,
que por un amor
se deseche un Rey:
pues desta manera
quiere, yo me quiero
por un marinero
hacer marinera.

Decid, ondas, ¿cuando
vistes vos doncella,
siendo tierna y bella,
andar navegando?
[Pues] más no se espera
daquel niño fiero,
vea yo quién quiero,
sea marinera.

90)

CANTIGA

a uma Dama a quem não podia encontrar

MOTO: Qual terá culpa de nós
neste mal que todo é meu?
Quando vindes, não vou eu,
quando vou, não vindes vós.

VOLTA

Reinando Amor em dous peitos,
tece tantas falsidades,
que, de conformes vontades,
faz desconformes efeitos.
Igualmente vive em nós;
mas, por desconcerto seu,
vos leva, se venho eu,
me leva, se vindes vós.

91) CANTIGA

a este moto:

Com razão queixar-me posso
de vós, que mal vos queixais;
pois, Senhora, vos sangrais,
que seja num corpo vosso.

VOLTAS

Eu, para levar a palma
com que ser vosso mereça,
quero que o corpo padeça
por vós, que dele sois alma.
Vós do corpo vos queixais,
eu queixar-me de vós posso,
porque, tendo um corpo vosso,
na minha alma vos sangrais.

E sem fazer diferença
no que de mim possuís,
pelo pouco que sentis,
dais à minha alma doença.
Pois que dous aventurais
oh! não seja o dano nosso:
sangre-se este corpo vosso,
porque, minha alma, vivais.

E inda, se atentardes bem,
seguis medicina errada,
porque para ser sangrada
ũa alma sangue não tem.
E pois em mim sarar posso
males, que à minha alma dais,
se inda outra vez vos sangrais,
seja neste corpo vosso.

92) CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Perdigão perdeu a pena,
não há mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
subiu em alto lugar,
perde a pena do voar,
ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
asas, com que se sustenha:
não há mal que lhe não venha.

Quis voar a ũa alta torre
mas achou-se desasado;
e, vendo-se depenado,
de puro penado morre.
Se a queixumes se socorre,
lança no fogo mais lenha:
não há mal que lhe não venha.

93) CANTIGA

a esta cantiga alheia:

Tende-me mão nele,
que um real me deve!

VOLTAS

Cum real de amor,
dous de confiança
e três de esperança
me foge o tredor.
Falso desamor
se encerra naquele
que um real me deve.

Pediu-mo emprestado,
não lhe quis penhor;
é mau pagador,
tendo-me aferrado.
Cum cordel atado,
ao Tronco se leve,
que um real me deve.

Por esta travessa
se vai acolhendo;
ei-lo vai correndo,
fugindo a grã pressa.
Nesta mão e nessa
o falso se atreve,
que um real me deve.

Comprou-me amor
sem lhe fazer preço:
eu não lhe mereço
dar-me desfavor.
Dá-me tanta dor
que ando após ele
pelo que me deve.

Eu de cá bradando,
ele vai fugindo;
ele sempre rindo,
eu sempre chorando.
[E] de quando em quando
no amor se atreve,
como que não deve.

A falar verdade,
ele já pagou;
mas inda ficou
devendo ametade.
Minha liberdade
é a que me deve:
só nela se atreve.

94)

CANTIGA

a este moto seu:

Venceu-me Amor, não o nego;
tem mais força que eu assaz;
que, como é cego e rapaz,
dá-me porrada de cego!

VOLTA

Só porque é rapaz ruim,
dei-lhe um bofete, zombando;
diz-me: — Ó mau, estais-me dando
porque sois maior que mim?
Pois se vos eu descarrego...
Em dizendo isto, *chaz!*
torna-me outra. Tá! rapaz,
que dás porrada de cego!

95)

CANTIGA

a este moto:

¿Dó la mi ventura?
Que no veo alguna.

VOLTAS

Sepa quién padece
que en la sepultura
se esconde ventura
de quién la merece.
Allá me parece
que quiere fortuna
que yo halle alguna.

Naciendo mezquino,
dolor fué mi cama;
tristeza fué el ama,
cuidado el padrino.
Vestióse el destino,
negra vestidura;
huyó la ventura.

No se halló tormento,
qne alli no se hallasse;
ni bien que pasase,
sino como viento.
¡Oh, que nacimiento,
que luego en la cuna
me seguió fortuna!

Esta dicha mia,
que siempre busqué,
buscandola, hallé
que no la hallaría;
que quién nace en dia
d'estrella tan dura,
nunca halla ventura.

No puso mi estrella
más ventura en mi;
así vive en fin
quién nace sin ella.
No me quejo della;
quéjome que atura
vida tan escura.

96)

TROVAS

[Vós] sois ũa dama
das feias do mundo;
de toda a má fama
sois cabo profundo.
A vossa figura
não é para ver;
em vosso poder
não há fermosura.

[Vós] fostes dotada
de toda a maldade;
perfeita beldade
de vós é tirada.

Sois muito acabada
de tacha e de glosa:
pois, quanto a fermosa,
em vós não há nada.

De grão merecer
sois bem apartada;
andais alongada
do bem parecer.
Bem claro mostrais
em vós fealdade:
não há i maldade
que não precedais.

De fresco carão
vos vejo ausente;
em vós é presente
a má condição.
De ter perfeição
mui alheia estais;
mui muito alcançais
de pouca razão.

97) ESPARSA

a uma Dama por quem penava

Se na alma e no pensamento
por vosso me manifesto,
não me pesa do que sento;
que, se não sofrer tormento,
faço ofensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena
e quanto esta alma deseja
tudo à morte me condena,
não quero senão que seja
tudo pena, pena, pena.

98) ESPARSA

a uma Dama que lhe chamou «cara-sem-olhos»

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu:
pois *cara-sem-olhos* viu
olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos não sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não vos vendo, olhos não são.

99) CANTIGA

a uma Dama de apelido Anjos, *que lhe chamou* diabo

MOTO: Senhora, pois me chamais
tão sem razão tão mau nome,
inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que viu, ou que leu,
terá por novo e moderno
ter quem vive no inferno
o pensamento no Céu.
Mas se a vós vos pareceu
que me estava bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguém
confesso, Senhora, ser;
mas o *diabo* não quer
aos *Anjos* tamanho bem.

Pois logo não me convém,
ou se me convém tal nome
será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
como de Anjo, e não de luz,
mal pode fugir da Cruz
quem vós tendes posto nela.
Mas já que foi minha estrela,
ser diabo, e ter tal nome,
guardai-vos, que vos não tome.

Já que chegais tanto ao cabo,
co as mãos postas aos Céus,
vou sempre pedindo a Deus
que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo;
mas, pois que me dais tal nome,
tomo-o, para que vos tome.

100) ESPARSA

ao mesmo assunto

Não posso chegar ao cabo
de tamanho desarranjo,
que sendo vós, Senhora, *Anjo,*
vos queira tanto o *diabo.*
Dais manifesto sinal
de minha muita firmeza,
que os *diabos* querem mal
aos *Anjos,* por natureza.

101) VOLTA

a D. António, senhor de Cascais, que prometera a Luís de Camões seis galinhas recheadas por uma cópia que lhe fizera, e lhe mandava, por princípio de paga, meia galinha

Cinco galinhas e meia
deve o Senhor de Cascais;
e a meia vinha cheia
de apetites para as mais.

102) CANTIGA

a este vilancete pastoril:

— ¿Porqué no miras, Giraldo,
mi zampoña como suena?
— Porque no me mira Elena.

VOLTAS

— Vuelve acá, no estês pasmado,
¡mira que gentil sonar!
— ¿Como te podrá mirar
quién no puede ser mirado?
— [¡Y] que bueno enamorado!
¿No dirás, si es mala o buena?
— No, que me hizo mudo Elena.

— Mira tan dulce armonía,
déjate desos enojos.
— Tengo clavados los ojos
con que mirar te podía.
— Así Dios te dé alegría:
¿no vés cuán dulce y serena?
— No, porque no veo Elena.

103) CANTIGA

a este vilancete pastoril:

— Deus te salve, Vasco amigo.
Não me falas? Como assi?
— Bofé, Gil, não estava aqui.

VOLTAS

— Pois onde te hão-de falar,
se não estás onde apareces?
— Se Madanela conheces,
nela me podes achar.
— E como te hão-de ir buscar,
aonde fogem de ti?
— Pois nem eu estou em mi.

— Porque te não acharei
em ti, como em Madanela?
— Porque me fui perder nela
o dia que me ganhei.
— Quem tão bem fala, não sei
como anda fora de si.
— Ela fala dentro em mi.

— Como estás aqui presente,
se lá tens a alma e a vida?
— Porque é de ũa alma perdida
aparecer sempre à gente.
— Se és morto, bem se consente
que todos fujam de ti.
— Eu também fujo de mi.

104)

CANTIGA

a uma mulher que se chamava
Graça de Morais

MOTO: Olhos em que estão mil flores
e com tanta graça olhais,
que parece que os Amores
moram onde vós morais.

VOLTA

Vêm-se rosas e boninas,
olhos, nesse vosso ver;
vêm-se mil almas arder
no fogo dessas mininas.
E di-lo hão minhas dores,
meus suspiros, e meus ais;
e dirão mais, que os Amores
moram onde vós morais.

105)

CANTIGA

a este moto:

Quem ora soubesse
onde o Amor nasce,
que o semeasse!

VOLTAS

De Amor e seus danos
me fiz lavrador;
semeava amor
e colhia enganos;
não vi, em meus anos,
homem que apanhasse
o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos,
duros para a vida;

mas a rês perdida
que tal erva pasce
em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
trabalhava em vão;
se semeei grão,
grande dor colhi.
Amor nunca vi
que muito durasse,
que não magoasse.

106)

TROVAS

a uma cativa com quem andava de amores na Índia, chamada Bárbara

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

Ũa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.

Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas *bárbora* não.

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.

107) CANTIGA

a uma mulher que foi açoutada por um homem de apelido Quaresma, *na Índia*

MOTO: Não estejais agravada,
senão se for de vós mesma;
porque a mulher que é errada
com razão pela Coresma
deve ser desciprinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor
em Coresma, é consciência:
açoutes e penitência
vos está muito milhor.

Não fiqueis disto afrontada,
pois a culpa é vossa mesma;
que mulher que é tão malvada
é bem que pela Coresma
seja bem desciprinada.

Se a penitência vos val,
mui bem açoutada estais;
pois por Coresma pagais
vossos vícios do carnal.
Não torneis a ser errada,
nem condeneis a vós mesma,
pois estais já emendada;
e não sereis por Coresma
outra vez desciprinada.

108)

ESPARSA

a um fidalgo, na Índia, que lhe tardava com uma camisa galante, que lhe prometera

Quem no mundo quiser ser
havido por singular,
para mais se engrandecer
há-de trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.
E já que vossa mercê
largueza tem por divisa,
como todo mundo vê,
há mister que tanto dê
que venha [a] dar a camisa.

109)

TROVAS

que o Autor mandou da cadeia em que o tinha embargado por uma dívida Miguel Roiz, «Fios-Secos» de alcunha, que se embarcava para fora, ao Conde do Redondo, Vizo-Rei, pedindo-lhe o fizesse desembargar

Que diabo há tão danado
que não tema a cutilada
dos fios secos da espada
do fero Miguel armado?
Pois se tanto um golpe seu
soa na infernal cadeia,
do que o demónio arreceia,
como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
se contra ele, e contra tudo,
não tivesse um forte escudo
só em Vossa Senhoria.
Portanto, Senhor, proveja,
pois me tem ao remo atado,
que, antes que seja embarcado,
eu desembargado seja.

110)

TROVAS

que Heitor da Silveira mandou ao mesmo Conde, invernando em Goa

Vossa Senhoria creia
que não apura o engenho
fome, se é como a que tenho,
mas afraca e corta a veia.
E quem o contrário sente

está farto em toda a hora,
como estou faminto agora.
Mas Marta, se está contente,
dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria,
em geral, a tudo acode,
acuda a mim, que só pode
dar-me no engenho valia.
Esperte esta musa minha,
que o tempo traz sonorenta,
valha-lhe nesta tormenta
com essa doce mezinha
que só dá vida e a contenta.

Acuda com provisão
não de papel, mas provida
de ouro e prata: que esta vida
não sustentam papéis, não.
De feitor a tesoureiro
ser-me hia trabalho grande;
Vossa Senhoria mande
algum remédio primeiro
com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luís de Camões.

Nos livros doutos se trata,
que o grande Aquiles insano
deu a morte a Heitor troiano;
mas agora a fome mata
o nosso Heitor lusitano.
Só ela o pode acabar,
se essa vossa condição
liberal e singular
não mete entre eles bastão
bastante para o fartar.

111) CANTIGA

a este moto que lhe mandou o Viso-Rei, na Índia, para que Luis de Camões lhe fizesse umas voltas

MOTO: Muito sou meu inimigo,
pois que não tiro de mi
cuidados com que nasci,
que põem a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

VOLTAS

Viver eu, sendo mortal,
de cuidados rodeado,
parece meu natural;
que a peçonha não faz mal
a quem foi nela criado.
Tanto sou meu inimigo,
que, por não tirar de mi
cuidados, com que nasci,
porei a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

Tanto vim a acrescentar
cuidados, que nunca amansam
enquanto a vida durar,
que canso já de cuidar
como cuidados não cansam.
Se estes cuidados que digo
dessem fim a mi e a si,
fariam pazes comigo;
que pôr a vida em perigo,
o bom fora para mi.

112) TROVAS

mandadas ao Vizo-Rei, com o moto anterior:

Conde, cujo ilustre peito
merece nome de Rei,
do qual muito certo sei
que lhe fica sendo estreito
o cargo de Vizo-Rei;
servirdes-vos de ocupar-me,
tanto contra meu planeta,
não foi senão asas dar-me,
com as quais vou a queimar-me,
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
que tão mal cortada tenho,
será para celebrar
vosso valor singular,
dino de mais alto engenho.
Que, se o meu vos celebrasse,
necessário me seria
que os olhos da águia tomasse,
só para que não cegasse
no sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
nas armas dinos de glória,
são no mundo tão soados
que em vós de vossos passados
se ressuscita a memória.
Pois aquele ânimo estranho,
pronto para todo efeito,
espanta todo o conceito,
como coração tamanho
vos pode caber no peito.

A clemência que asserena
coração tão singular,
se eu nisso pusesse a pena,

seria encerrar o mar
em cova muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
vos sirvais de me ocupar,
que assi fareis aparar
a pena com que algũa hora
vos vereis ao Céu voar.

Assi vos irei louvando,
vós a mim do chão erguendo,
ambos o mundo espantando:
vós, co a espada cortando,
eu, co a pena escrevendo.

113) TROVAS

que Luis de Camões fez na Índia, a certos fidalgos a quem convidara para cear

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataíde, entre dous pratos, e dizia assim:

Se não quereis padecer
ũa ou duas horas tristes,
sabeis que haveis de fazer?
Volveros por dó venistes,
que aqui não há que comer.
E posto que aqui leiais
trovinha que vos enleia,
corrido não estejais;
porque por mais que corrais
não heis-de alcançar a ceia.

A segunda, a D. Francisco d'Almeida:

Heliogábalo zombava
das pessoas convidadas,
e de sorte as enganava
que as iguarias que dava
vinham nos pratos pintadas.

Não temais tal travessura,
pois já não pode ser nova;
que a ceia está mui segura
de vos não vir em pintura,
mas há-de vir toda em trova.

A terceira, a Heitor da Silveira:

Ceia não a papareis;
contudo, porque não minta,
para beber achareis,
não Caparica, mas tinta,
e mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho,
com esta anfibologia?
Pois sabei que a Poesia
vos dá aqui tinta por vinho,
e papéis por iguaria.

A quarta foi posta a João Lopes Leitão, a quem o Autor mandou um moto, que vai adiante, sobre uma peça de cacha, que este mandou a uma Dama:

Porque os que vos convidaram
vosso estâmago não danem,
por justa causa ordenaram,
se trovas vos enganaram,
que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
converter tudo em trovar;
pois se me virdes zombar,
não cuideis, Senhor, que é cacha,
que aqui não há [que] cachar.

Finge que responde João Lopes Leitão:

Pesar ora não de São!
Eu juro pelo Céu bento
se de comer me não dão,
que eu não sou camaleão
que me hei-de manter do vento.

Finge que responde o Autor:

Senhor, não vos agasteis,
porque Deus vos proverá;
e se mais saber quereis,
nas costas deste lereis
as iguarias que há.

Vira o papel, que dizia assi:

Tendes *nem migalha* assada,
cousa nenhũa de molho,
e *nada* feito em empada,
e *vento* de tigelada,
picar no dente em remolho.
De *fumo* tendes tassalhos,
aves da pena que sente
quem de fome anda doente;
bocejar de vinho e de alhos,
manjar em branco excelente.

A quinta e derradeira iguaria, foi posta
a Francisco de Melo e dizia:

De um homem que teve o cetro
da veia maravilhosa,
não foi cousa duvidosa
que se lhe tornava em metro
o que ia a dizer em prosa.
De mim vos quero apostar
que faça cousas mais novas
de quanto podeis cuidar:
esta ceia, que é manjar,
vos faça na boca em trovas.

114) CANTIGA

a João Lopez Leitão, na Índia, por causa de uma peça de cacha que este mandou a uma Dama que se lhe fazia donzela

MOTO: Se vossa dama vos dá
tudo quanto vós quisestes,
dizei: para que lhe destes
o que vos ela fez já?

VOLTA

Sendo os restos envidados
e vós de cachas mil contos,
sabeis com quão poucos pontos
que lhos achastes quebrados.
Se o que tem, isso vos dá,
vós mui bem lho merecestes,
porque, se a cacha lhe destes,
tinha-vo-la feita já.

115) TROVAS

do Autor, na Índia, conhecidas pelo nome de «Disparates»

Este mundo es el camino
adó ay ducientos vaus
ou por onde bons e maus
todos somos *del merino.*
Mas os maus são de teor
que, dês que mudam a côr,
chamam logo a el-Rei compadre;
e, enfim, *dejadlos, mi madre,*
que sempre tem um sabor
de «Quem torto nace, tarde se endireita».

Deixai a um que se abone,
diz logo de muito sengo:
villas e castillos tengo,
todos á mi mandar sone.
Então eu, que estou de molho,
com a lágrima no olho,
pelo virar do envés,
digo-lhe: *tu insanus es* [1],
e por isso não to tolho:
pois «Honra e proveito não cabem num saco».

Vereis uns, que no seu seio
cuidam que trazem Paris,
e querem com dous ceitis
fender anca pelo meio.
Vereis mancebinho de arte
com espada em talabarte;
não há mais Italiano
A este direis: — Meu mano,
vós sois galante que farte:
mas «*Pan y vino anda el camino, que no mozo garrido*».

Outros em cada teatro
por ofício lhe ouvireis
que *se matarán con tres*
y lo mismo harán con cuatro.
Prezam-se de dar respostas
com palavras bem compostas;
mas, se lhe meteis a mão,
na paz mostram coração,
na guerra mostram as costas:
porque «Aqui torce a porca o rabo».

Outros vejo por aqui,
a que se acha mal o fundo,
que andam emendando o mundo
e não se emendam a si.
Estes respondem a quem
deles não entende bem

[1] Ed. 1598: *tu ex illis es.*

el dolor que está secreto;
mas porém quem for discreto
responder-lhe há muito bem:
«Assi entrou o mundo, assi há-de sair».

Achareis rafeiro velho,
que se quer vender por galgo:
diz que o dinheiro é fidalgo,
que o sangue todo é vermelho.
Se ele mais alto o dissera,
este pelote pusera;
que o seu eco lhe responda,
que su padre era de Ronda,
y su madre de Antequera
e «Quer cobrir o céu com a joeira».

Fraldas largas, grave aspeito
para senador romano.
Ó que grandíssimo engano!
Que Momo lhe abrisse o peito!
Consciência que sobeja,
siso, com que o mundo reja,
mansidão outro que si;
mas que lobo está em ti,
metido em pele de *oveja!*
E sabem-no poucos.

Guardai-vos de uns meus senhores,
que ainda compram e vendem;
uns que é certo que descendem
da geração de pastores;
mostram-se-vos bons amigos,
mas, se vos vêm em perigos,
escarram-vos nas paredes;
que de fora dormiredes,
irmão, que é tempo de figos;
porque «De rabo de porco nunca bom virote».

[Que dizeis duns, que as entranhas
lhe estão ardendo em cobiça?
E, se têm mando, a justiça
fazem de teias de aranhas,

com suas hipocrisias
que são de vós as[1] espias?
Para os pequenos, uns Neros;
para os grandes, tudo feros.
Pois tu, parvo, não sabias
que «Lá vão leis, onde querem cruzados»?

Mas tornando a uns enfadonhos
cujas cousas são notórias;
uns, que contam mil histórias
mais desmanchadas que sonhos;
uns, mais parvos que zamboas,
que estudam palavras boas,
[a que ignorância os atiça;][2]
estes paguem por justiça,
que têm morto mil pessoas,
por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
uns secretos trovadores,
que fazem cartas de amores,
de que ficam mui contentes?
Não querem sair à praça;
trazem trova por negaça;
e se lha gabais, que é boa,
diz que é de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
senão ir-me por esse mundo?

Ó tu, como me atarracas,
escudeiro de solia,
com bocais de fidalguia,
trazidos quase com vacas;
importuno a importunar,
morto por desenterrar
parentes que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
um destes nunca falar
mais com viva alma.

[1] Ed. 1598: *vossas*.
[2] Este verso não se encontra na ed. 1598.

Uns que falam muito, vi,
de que quisera fugir;
uns que, enfim, sem se sentir,
andam falando entre si;
porfiosos sem razão;
e dês que tomam a mão,
falam sem necessidade;
e se algũa hora é verdade,
deve ser na confissão;
porque «Quem não mente...» Já me entendeis.

Ó vós, quem quer que me ledes,
que haveis de ser avisado,
que dizeis ao namorado
que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama,
fala consigo na cama,
passa de noite, e escarra;
por falsete na guitarra
põe sempre: *Viva quem ama,*
porque calça a seu propósito.

Mas deixemos, se quiserdes,
por um pouco as travessuras
porque entre quatro maduras
leveis também cinco verdes.
Deitemo-nos mais ao mar;
e, se algum se arrecear,
passe três ou quatro trovas.
E vós tomais cores novas?
Mas não é para espantar;
que «Quem porcos há menos, em cada mouta lhe roncam».

Ó vós, que sois secretários
das conciências reais,
que entre os homens estais
por senhores ordinários;
porque não pondes um freio
ao roubar que vai sem meio,
debaixo de bom governo?

Pois um pedaço d'inferno
por pouco dinheiro alheio
se vende a Mouro e a Judeu.

Porque a mente, afeiçoada
sempre à real dignidade,
vos faz julgar por bondade
a malícia desculpada.
Move a presença real
ũa afeição natural,
que logo inclina ao juiz
a seu favor; e não diz
um rifão muito geral
que «O abade donde canta, daí janta»?

E vós bailhais a esse som?
Por isso, gentis pastores,
vos chama a vós mercadores
um que só foi pastor bom] [1].

116)

ESPARSA

do Autor ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais me espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só para mim
anda o mundo concertado.

[1] [Ed. 1598].

117) LABIRINTO

do Autor a queixar-se do mundo

Corre sem vela e sem leme
o tempo desordenado,
dum grande vento levado;
o que perigo não teme
é de pouco exprimentado.
As rédeas trazem na mão
os que rédeas não tiveram:
vendo quanto mal fizeram
a cobiça e ambição
disfarçados se acolheram.

A nau que se vai perder
destrue mil esperanças;
vejo o mau que vem a ter;
vejo perigos correr
quem não cuida que há mudanças.
Os que nunca em sela andaram
na sela postos se vêm:
de fazer mal não deixaram;
de demónio hábito têm
os que o justo profanaram.

Que poderá vir a ser
o mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
aquele que quer valer,
levando o caminho errado.
É para os bons confusão[1]
ver que os maus prevaleceram;
posto que se detiveram
com esta simulação,
sempre castigos tiveram.

Não porque governe o leme
em mar envolto e turbado,
quem tem seu rumo mudado,

[1] Ed. 1595: *confiança.*

se perece, grita e geme
em tempo desordenado [1].
Terem justo galardão
e dor dos que mereceram,
sempre castigos tiveram
sem nenhũa redenção,
posto que se detiveram.

Na tormenta, se vier,
desespere na bonança
quem manhas não sabe ter.
Sem que lhe valha gemer
verá falsar a balança.
Os que nunca trabalharam,
tendo o que lhes não convém,
se ao inocente enganaram
perderão o eterno bem
se do mal não se apartaram.

[1] Na ed. de 1595 esta quintilha vem na forma seguinte:

Não porque governe o leme
em mar envolto, e turbado,
que tem seu remo mudado
se merece, grita & geme
em tempo desordenado.

118) SUPER FLUMINA...

Sôbolos rios que vão
por Babilónia, me achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, depois de acordado,
co rosto banhado em água,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
se causavam das mudanças
e as mudanças dos anos;
onde vi quantos enganos
faz o tempo às esperanças.

Ali vi o maior bem
quão pouco espaço que dura,
o mal quão depressa vem,
e quão triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais val,
que então se entende milhor
quanto mais perdido for;
vi o bem suceder mal,
e o mal, muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento;
vi nenhum contentamento,
e vejo-me a mim, que espalho
tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas,
com que banho este papel;
bem parece ser cruel
variedade de mágoas
e confusão de Babel.
Como homem que, por exemplo
dos transes em que se achou,
despois que a guerra deixou,
pelas paredes do templo
suas armas pendurou:

Assi, despois que assentei
que tudo o tempo gastava,
da tristeza que tomei
nos salgueiros pendurei
os órgãos com que cantava.
Aquele instrumento ledo
deixei da vida passada,
dizendo: — Música amada,
deixo-vos neste arvoredo
à memória consagrada.

Frauta minha que, tangendo,
os montes fazíeis vir
para onde estáveis, correndo;
e as águas, que iam decendo,
tornavam logo a subir:
jamais vos não ouvirão
os tigres, que se amansavam,
e as ovelhas, que pastavam,
das ervas se fartarão
que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
em rosas tornar abrolhos
na ribeira florecente;
nem poreis freio à corrente,
e mais, se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
nem podereis já trazer
atrás vós a fonte pura,
pois não pudestes mover
desconcertos da ventura.

Ficareis oferecida
à Fama, que sempre vela,
frauta de mim tão querida;
porque, mudando-se a vida,
se mudam os gostos dela.
Acha a tenra mocidade
prazeres acomodados,
e logo a maior idade
já sente por pouquidade
aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,
amanhã já o não vejo;
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
e de desejo em desejo.

Mas em vida tão escassa
que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
que, quanto da vida passa
está receitando[1] a morte!

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cuide a gente futura
que será obra da idade
o que é força da ventura.
Que idade, tempo, o espanto
de ver quão ligeiro passe,
nunca em mim puderam tanto
que, posto que deixe o canto,
a causa dele deixasse.

Mas, em tristezas e enojos
em gosto e contentamento,
por sol, por neve, por vento,
terné presente á los ojos
por quien muero tan contento.
Órgãos e frauta deixava,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que ali estava
que para trofeu ficava
de quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição
que ali cativo me tinha,
me perguntaram então:
que era da música minha
que eu cantava em Sião?
Que foi daquele cantar
das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar?
Pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado.

[1] Ed. 1595: *receitando;* ed. 1598: *recitando.*

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso,
or antre o espesso arvoredo;
e, de noite, o temeroso
cantando, refreia o medo.
Canta o preso docemente
os duros grilhões tocando;
canta o segador contente;
e o trabalhador, cantando,
o trabalho menos sente.

Eu, que estas cousas senti
n'alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
quem tão alheio está de si
doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
quem em choro banha o peito?
Porque se quem trabalhar
canta por menos cansar,
eu só descansos enjeito.

Que não parece razão
nem seria cousa idónea,
por abrandar a paixão,
que cantasse em Babilónia
as cantigas de Sião.
Que, quando a muita graveza
de saudade quebrante
esta vital fortaleza,
antes moura de tristeza
que, por abrandá-la, cante.

Que se o fino pensamento
só na tristeza consiste,
não tenho medo ao tormento:
que morrer de puro triste,
que maior contentamento?

Nem na frauta cantarei
o que passo, e passei já,
nem menos o escreverei,
porque a pena cansará,
e eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
se acrecenta em terra estranha,
e se amor assi o ordena,
razão é que canse a pena
de escrever pena tamanha.
Porém se, para assentar
o que sente o coração,
a pena já me cansar,
não canse para voar
a memória em Sião.

Terra bem-aventurada,
se, por algum movimento,
d'alma me fores mudada,
minha pena seja dada
a perpétuo esquecimento.
A pena deste desterro,
que eu mais desejo esculpida
em pedra, ou em duro ferro,
essa nunca seja ouvida,
em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
a voz, quando a mover,
se me congele no peito.
A minha língua se apegue
às fauces, pois te perdi,
se, enquanto viver assi,
houver tempo em que te negue
ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de Glória,
se eu nunca vi tua essência,
como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
senão na reminiscência.
Que a alma é tábua rasa,
que, com a escrita doutrina
celeste, tanto imagina,
que voa da própria casa
e sobe à pátria divina.

Não é, logo, a saudade
das terras onde naceu
a carne, mas é do Céu,
daquela santa cidade,
donde esta alma descendeu.
E aquela humana figura,
que cá me pôde alterar,
não é quem se há-de buscar:
é raio de fermosura,
que só se deve de amar.

Que os olhos e a luz que ateia
o fogo que cá sujeita,
não do sol, mas da candeia,
é sombra daquela Ideia
que em Deus está mais perfeita.
E os que cá me cativaram
são poderosos afeitos
que os corações têm sujeitos;
sofistas que me ensinaram
maus caminhos por direitos.

Destes, o mando tirano
me obriga, com desatino,
a cantar ao som do dano
cantares de amor profano
por versos de amor divino.
Mas eu, lustrado co santo

Raio, na terra de dor,
de confusão e de espanto,
como hei-de cantar o canto
que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o benefício
da Graça, que dá saúde,
que ordena que a vida mude;
e o que tomei por vício
me faz grau para a virtude;
e faz que este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral.

Fique logo pendurada
a frauta com que tangi,
ó Hierusalém sagrada,
e tome a lira dourada,
para só cantar de ti.
Não cativo e ferrolhado
na Babilónia infernal,
mas dos vícios desatado,
e cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.

E se eu mais der a cerviz
a mundanos acidentes,
duros, tiranos e urgentes,
risque-se quanto já fiz
do grão livro dos viventes.
E tomando já na mão
a lira santa, e capaz
doutra mais alta invenção,
cale-se esta confusão,
cante-se a visão da paz.

Ouça-me o pastor e o Rei,
retumbe este acento santo,
mova-se no mundo espanto,
que do que já mal cantei
a palinódia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
da alta torre de Sião,
à qual não posso subir
se me vós não dais a mão.

No grão dia singular
que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
lembrai-vos de castigar
os ruins filhos de Edom.
Aqueles que tintos vão
no pobre sangue inocente,
soberbos co poder vão,
arrasai-os igualmente,
conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
dos afeitos com que venho,
que encendem alma e engenho,
que já me entraram o muro
do livre alvídrio [1] que tenho;
estes, que tão furiosos
gritando vêm a escalar-me,
maus espíritos danosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubar-me;

Derrubai-os, fiquem sós,
de forças fracos, imbeles,
porque não podemos nós
nem com eles ir a Vós,
nem sem Vós tirar-nos deles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defensão,

[1] Ed. 1598: *arbitrio.*

se vós, santo Capitão,
nesta minha fortaleza
não puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,
filha de Babel tão feia,
toda de misérias cheia,
que mil vezes te levantas,
contra quem te senhoreia:
beato só pode ser
quem co a ajuda celeste
contra ti prevalecer,
e te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
se fere mais que ũa vez,
cuja alma, de vícios nua,
faz nódoas na carne sua,
que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
seus pensamentos recentes
e em nacendo os afogar,
por não virem a parar
em vícios graves e urgentes.

Quem com eles logo der
na pedra do furor santo,
e, batendo, os desfizer
na Pedra, que veio a ser
enfim cabeça do Canto.
Quem logo, quando imagina
nos vícios da carne má,
os pensamentos declina
àquela Carne divina
que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
cá deste mundo visível,
quanto ao homem for possível,
passar logo o entendimento
para o mundo inteligível:

ali achará alegria
em tudo perfeita e cheia,
de tão suave harmonia
que nem, por pouca, recreia,
nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão profundo
mistério na suma alteza
que, vencida a natureza,
os mores faustos do mundo
julgue por maior baixeza.
Ó tu, divino aposento,
minha pátria singular!
Se só com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
para ti, terra excelente,
tão justo e tão penitente
que, despois de a ti subir
lá descanse eternamente.

LVIS D
CAMO
ES

SONETOS

1

Enquanto quis Fortuna que tivesse
esperança de algum contentamento,
o gosto de um suave pensamento
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse
minha escritura a algum juízo isento,
escureceu-me o engenho co tormento,
para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
a diversas vontades! Quando lerdes
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos...
E sabei que, segundo o amor tiverdes,
tereis o entendimento de meus versos!

2

Eu cantarei de amor tão docemente,
por uns termos em si tão concertados,
que dous mil acidentes namorados
faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
pintando mil segredos delicados,
brandas iras, suspiros namorados [1],
temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
de vossa vista branda e rigorosa,
contentar-me hei dizendo a menos parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
a composição alta e milagrosa,
aqui falta saber, engenho e arte.

[1] Ed. 1598: *magoados*.

3

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e doi não sei porquê.

4

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,
num'hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar um'hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.

5

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que doi, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

6

Doces águas e claras do Mondego,
doce repouso de minha lembrança,
onde a comprida e pérfida esperança
longo tempo após si me trouxe cego;

de vós me aparto; mas, porém, não nego
que inda a memória longa, que me alcança,
me não deixa de vós fazer mudança,
mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem pudera Fortuna este instrumento
d'alma levar por terra nova e estranha,
oferecido [1] ao mar remoto e vento;

mas alma, que de cá vos acompanha,
nas asas do ligeiro pensamento,
para vós, águas, voa, e em vós se banha.

[1] Ed. 1616: *offerecida.*

7

O fogo que na branda cera ardia,
vendo o rosto gentil que eu na alma vejo,
se acendeu de outro fogo do desejo,
por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
da grande impaciência fez despejo,
e remetendo com furor sobejo
vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama, que se atreve
[a] apagar seus ardores e tormentos
na vista de que o mundo tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os Elementos
de vós, e queima o fogo aquela neve
que queima corações e pensamentos.

8

Pede-me o desejo, Dama, que vos veja,
não entende o que pede; está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja
que não queira perpétuo seu estado;
não quer logo o desejo o desejado,
porque não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana;
que, como a grave pedra tem por arte
o centro desejar da natureza,

assi o pensamento (pola parte
que vai tomar de mim, terreste [e] humana)
foi, Senhora, pedir esta baixeza.

9

Quando da bela vista e doce riso,
tomando estão meus olhos mantimento,
tão enlevado sinto o pensamento
que me faz ver na terra o Paraíso.

Tanto do bem humano estou diviso,
que qualquer outro bem julgo por vento;
assi, que em caso tal, segundo sento,
assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em vos louvar, Senhora, não me fundo,
porque quem vossas cousas claro sente,
sentirá que não pode merecê-las [1].

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
que não é de estranhar, Dama excelente,
que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas.

10

Quem pode livre ser, gentil Senhora,
vendo-vos com juízo sossegado,
se o Minino que de olhos é privado,
nas mininas dos vossos olhos mora?

Ali manda, ali reina, ali namora,
ali vive das gentes venerado;
que o vivo lume e o rosto delicado,
imagens são, nas quais o Amor se adora.

Quem vê que em branca neve nascem rosas
que fios crespos de ouro vão cercando,
se por entre esta luz a vista passa,

raios de ouro verá, que as duvidosas
almas estão no peito traspassando,
assi como um cristal o Sol traspassa...

[1] **Ed. 1598**: *conhecê-las.*

11

Tomou-me vossa vista soberana
adonde tinha armas mais à mão,
por mostrar que quem busca defensão
contra esses belos olhos, que se engana.

Por ficar da vitória mais ufana,
deixou-me armar primeiro da Razão;
cuidei de me salvar, mas foi em vão,
que contra o Céu não val defensa humana.

Mas porém se vos tinha prometido
o vosso alto destino esta vitória,
ser-vos tudo bem pouco está sabido.

Que, posto que estivesse apercebido,
não levais de vencer-me grande glória:
maior a levo eu de ser vencido.

12

Vossos olhos, Senhora, que competem
co Sol em fermosura e claridade,
enchem os meus de tal suavidade
que em lágrimas, de vê-los, se derretem.

Meus sentidos vencidos se sometem
assi cegos a tanta divindade;
e da triste prisão, da escuridade,
cheios de medo, por fugir remetem.

Mas se nisto me vedes por acerto,
o áspero desprezo com que olhais
torna a espertar a alma enfraquecida.

Ó gentil cura e estranho desconcerto!
Que fará o favor que vós não dais,
quando o vosso desprezo torna a vida?

13

Alegres campos, verdes arvoredos,
claras e frescas águas de cristal,
que em vós os debuxais ao natural,
discorrendo da altura dos rochedos;

silvestres montes, ásperos penedos,
compostos em concerto desigual,
sabei que, sem licença de meu mal,
já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois me já não vedes como vistes,
não me alegrem verduras deleitosas,
nem águas que correndo alegres vêm.

Semearei em vós lembranças tristes,
regando-vos com lágrimas saudosas,
e nascerão saudades de meu bem.

14

Está o lascivo e doce passarinho
com o biquinho as penas ordenando;
o verso sem medida, alegre e brando,
espedindo no rústico raminho;

o cruel caçador (que do caminho
se vem calado e manso desviando)
na pronta vista a seta endireitando,
lhe dá no Estígio lago eterno ninho.

Dest' arte o coração, que livre andava,
(posto que já de longe destinado)
onde menos temia, foi ferido.

Porque o Frecheiro cego me esperava,
para que me tomasse descuidado,
em vossos claros olhos escondido.

15

Lembranças saudosas, se cuidais
de me acabar a vida neste estado,
não vivo com meu mal tão enganado,
que não espere dele muito mais.

De muito longe já me costumais
a viver de algum bem desesperado;
já tenho co a Fortuna concertado
de sofrer os trabalhos que me dais.

Atado ao remo tenho a paciência,
para quantos desgostos der a vida,
cuide em quanto quiser o pensamento;

que, pois não há i outra resistência
para tão certa queda da caída[1],
aparar-lhe hei debaixo o sofrimento.

16

Se as penas com que Amor tão mal me trata
quiser[2] que tanto tempo viva delas
que veja escuro o lume das estrelas
em cuja vista o meu se acende e mata;

e se o tempo, que tudo desbarata,
secar as frescas rosas sem colhê-las,
mostrando a linda cor das tranças belas
mudada de ouro fino em bela prata;

vereis, Senhora, então também mudado
o pensamento e aspereza vossa,
quando não sirva já sua mudança.

Suspirareis então pelo passado,
em tempo quando executar-se possa
em vosso arrepender minha vingança.

[1] Ed. 1598: *de subida.*
[2] Ed. 1595, 1598 *(sic).*

17

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
o lindo ser de vossos olhos belos,
se não perder a vista só em vê-los,
já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto;
mas eu, por de vantagem merecê-los,
dei mais a vida e alma por querê-los,
donde já me não fica mais de resto.

Assi que a vida e alma e esperança
e tudo quanto tenho, tudo é vosso,
e o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
o dar-vos quanto tenho e quanto posso
que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

18

Quando o Sol encoberto vai mostrando
ao mundo a luz quieta e duvidosa,
ao longo de ũa praia deleitosa,
vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi, os cabelos concertando;
ali, co a mão na face tão fermosa;
aqui, falando alegre, ali cuidosa;
agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve sentada, ali me viu,
erguendo aqueles olhos tão isentos;
aqui movida um pouco, ali segura;

aqui se entristeceu, ali se riu;
enfim, nestes cansados pensamentos
passo esta vida vã, que sempre dura.

19

Tempo é já que minha confiança
se desça de ũa falsa opinião;
mas Amor não se rege por razão;
não posso perder, logo, a esperança.

A vida, si; que ũa áspera mudança
não deixa viver tanto um coração.
E eu na morte tenho a salvação?
Si, mas quem a deseja não a alcança.

Forçado é logo que eu espere e viva.
Ah! dura lei de Amor, que não consente
quietação nũa alma que é cativa!

Se hei-de viver, enfim, forçadamente,
para que quero a glória fugitiva
de ũa esperança vã que me atormente?

20

Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho, logo, mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sòmente pode descansar,
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
que, como um acidente em seu sujeito,
assi co a alma minha se conforma,

está no pensamento como ideia:
[e] o vivo e puro amor de que sou feito,
como a matéria simples busca a forma.

21

Passo por meus trabalhos tão isento
de sentimento grande nem pequeno,
que só pola vontade com que peno
me fica Amor devendo mais tormento.

Mas vai-me Amor matando tanto a tento,
temperando a triaga co veneno,
que do penar a ordem desordeno,
porque não mo consente o sofrimento.

Porém, se esta fineza o Amor sente,
e pagar-me meu mal com mal pretende,
torna-me com prazer como ao Sol neve.

Mas se me vê cos males tão contente,
faz-se avaro da pena, porque entende
que quanto mais me paga, mais me deve.

22

Num jardim adornado de verdura,
a que esmaltam por cima várias flores,
entrou um dia a deusa dos amores,
com a deusa da caça e da espessura.

Diana tomou logo ũa rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos melhores;
mas excediam muito às outras flores
as violas, na graça e fermosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
qual daquelas três flores tomaria,
por mais suave, pura e mais fermosa?

Sorrindo-se, o Minino lhe tornava:
todas fermosas são, mas eu queria
Viol'antes que lírio, nem que rosa.

23

Lindo e sutil trançado, que ficaste
em penhor do remédio que mereço,
se só contigo, vendo-te, endoudeço,
que fora cos cabelos que apertaste?

Aquelas tranças de ouro que ligaste,
que os raios do Sol têm em pouco preço,
não sei se para engano do que peço
se para me atar, os desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
e por satisfação de minhas dores
como quem não tem outra, hei-de tomar-te.

E se não for contente meu desejo,
dir-lhe hei que, nesta regra dos amores,
pelo todo também se toma a parte.

24

Está-se a Primavera trasladando
em vossa vista deleitosa e honesta;
nas lindas faces, olhos, boca e testa,
boninas, lírios, rosas debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta
que o monte, o campo, o rio e a floresta
se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
possa colher o fruto destas flores,
perderão toda a graça vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama,
que semeasse Amor em vós amores,
se vossa condição produze abrolhos.

25

Oh! como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano!

Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha;
se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

26

Grão tempo há já que soube da Ventura
a vida que me tinha destinada;
que a longa experiência da passada
me dava claro indício da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna dura [1],
bem tendes vossa força exprimentada:
assolai, destruí, não fique nada;
vingai-vos desta vida, que inda dura.

Soube Amor da Ventura, que a não tinha,
e, por que mais sentisse a falta dela,
de imagens impossíveis me mantinha.

Mas vós, Senhora, pois que minha estrela
não foi melhor, vivei nesta alma minha,
que não tem a Fortuna poder nela.

[1] Ed. 1598: *escura*.

27

Porque quereis, Senhora, que ofereça
a vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que mereço,
bem por nascer está quem vos mereça.

Sabei que, enfim, por muito que vos peça,
que posso merecer quanto vos peço;
que não consente Amor que em baixo preço
tão alto pensamento se conheça.

Assi que a paga igual de minhas dores,
com nada se restaura, mas deveis-ma,
por ser capaz de tantos disfavores.

E se o valor de vossos servidores
houver de ser igual convosco mesma,
vós só convosco mesma andai de amores.

28

Quando vejo que meu destino ordena
que por me exprimentar de vós me aparte,
deixando de meu bem tão grande parte
que a mesma culpa fica grave pena;

o duro disfavor que me condena,
quando pela memória se reparte,
endurece os sentidos de tal arte
que a dor da ausência fica mais pequena.

Pois como pode ser que na mudança
daquilo que mais quero estê tão fora
de me não apartar também da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança;
porque mais sentirei partir, Senhora,
sem sentir muito a pena da partida.

29

Se algũa hora em vós a piedade
de tão longo tormento se sentira,
não consentira Amor que me partira
de vossos olhos, minha saudade.

Apartei-me de vós, mas a vontade,
que pelo natural n' alma vos tira,
me faz crer que esta ausência é de mentira;
mas inda mal, porém, porque é verdade.

Ir-me hei, Senhora; e, neste apartamento,
tomarão tristes lágrimas vingança
nos olhos de quem fostes mantimento.

E assi darei vida a meu tormento;
que, enfim, cá me achará minha lembrança
sepultado no vosso esquecimento.

30

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela[1] só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida;

começa de servir outros sete anos,
dizendo: — Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida.

[1] Ed. 1598: *Qu' ella.*

31

Pensamentos, que agora novamente
cuidados vãos em mim ressuscitais,
dizei-me: ainda não vos contentais
de terdes, quem vos tem, tão descontente?

Que fantasia é esta, que presente
cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentais
quem nem por sonhos pode ser contente?

Vejo-vos, pensamentos, alterados
e não quereis, de esquivos, declarar-me
que é isto que vos traz tão enleados?

Não me negueis, se andais para negar-me;
que, se contra mim estais alevantados,
eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

32

Vós que, de olhos suaves e serenos,
com justa causa a vida cativais,
e que os outros cuidados condenais
por indevidos, baixos e pequenos;

se ainda do Amor domésticos venenos
nunca provastes, quero que saibais
que é tanto mais o amor despois que amais,
quanto são mais as causas de ser menos.

E não cuide ninguém que algum defeito,
quando na cousa amada se apresenta,
possa deminuir o amor perfeito;

antes o dobra mais; e se atormenta,
pouco e pouco o desculpa o brando peito;
que Amor com seus contrairos se acrescenta.

33

Se tomar minha pena em penitência
do erro em que caíu o pensamento,
não abranda, mas dobra meu tormento,
a isto, e a mais, obriga a paciência.

E se ũa cor de morto na aparência,
um espalhar suspiros vãos ao vento,
em vós não faz, Senhora, movimento,
fique meu mal em vossa consciência.

E se de qualquer áspera mudança
toda a vontade isenta Amor castiga
(como eu vi bem no mal que me condena);

e se em vós não se entende haver vingança,
será forçado (pois Amor me obriga)
que eu só de vossa culpa pague a pena.

34

Se pena por amar-vos se merece,
quem dela livre está? Ou quem isento?
Que alma, que razão, que entendimento,
em ver-vos se não rende e obedece?

Que mor glória na vida se oferece
que ocupar-se em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
em ver-vos se não sente, mas esquece.

Mas se merece pena quem amando
contino vos está, se vos ofende,
o mundo matareis, que todo é vosso.

Em mim podeis, Senhora, ir começando,
que claro se conhece e bem se entende
amar-vos quanto devo e quanto posso.

35

Que modo tão sutil da natureza,
para fugir ao mundo, e seus enganos,
permite que se esconda em tenros anos,
debaixo de um burel tanta beleza!

Mas esconder-se não pode aquela alteza
e gravidade de olhos soberanos,
a cujo resplandor entre os humanos
resistência não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dor e pena,
vendo-a ou trazendo-a na memória,
na mesma razão sua se condena.

Porque quem mereceu ver tanta glória,
cativo há-de ficar; que Amor ordena
que de juro tenha ela esta vitória.

36

Presença bela, angélica figura,
em quem, quanto o Céu tinha, nos tem dado;
gesto alegre, de rosas semeado,
entre as quais se está rindo a Fermosura;

olhos, onde tem feito tal mistura
em cristal branco o preto marchetado,
que vemos já no verde delicado
não esperança, mas enveja escura;

brandura, aviso e graça, que aumentando
a natural beleza cum desprezo,
com que, mais desprezada, mais se aumenta;

são as prisões de um coração que, preso,
seu mal ao som dos ferros vai cantando,
como faz a sereia na tormenta.

37

Por cima destas águas, forte e firme,
irei por onde as sortes ordenaram,
pois por cima de quantas me choraram
aqueles claros olhos pude vir-me.

Já chegado era o fim de despedir-me,
já mil impedimentos se acabaram,
quando rios de amor se atravessaram
a me impedir o passo de partir-me.

Passei-os eu com ânimo obstinado,
com que a morte forçada e gloriosa
faz o vencido já desesperado.

Em que figura, ou gesto desusado,
pode já fazer medo a morte irosa,
a quem tem a seus pés rendido e atado?

38

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
natureza de leite e sangue pinta,
onde a pureza, de vergonha tinta,
está virgíneas faces imitando;

nunca da ira e do vento, que arrancando
os troncos vão, o teu injúria sinta;
nem por malícia de ar te seja extinta
a côr, que está teu fruto debuxando.

Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo
a meu contentamento, e favoreces
com teu suave cheiro minha glória,

se não te celebrar como mereces,
cantando-te, sequer farei contigo
doce, nos casos tristes, a memória.

39

O culto divinal se celebrava
no templo donde toda a criatura
louva o Feitor divino, que a feitura
com seu sagrado sangue restaurava.

Ali Amor, que o tempo me aguardava
onde a vontade tinha mais segura,
nũa celeste e angélica figura
a vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o lugar me defendia,
e seu livre costume não sabendo
que nenhum confiado lhe fugia,

deixei-me cativar; mas já que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
do tempo que fui livre me arrependo.

40

Senhora minha, se a Fortuna imiga,
que em minha fim com todo o Céu conspira,
os olhos meus de ver os vossos tira,
porque em mais graves casos me persiga;

comigo levo esta alma, que se obriga,
na mor pressa de mar, de fogo, de ira,
a dar-vos a memória, que suspira,
só por fazer convosco eterna liga.

Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
tão viva vos terei, que frio e fome
vos não possam tirar, nem vãos perigos.

Antes co som da voz, trémulo e rouco,
bradando por vós, só com vosso nome
farei fugir os ventos e os imigos.

41

Aquela fera humana que enriquece
sua presuntuosa tirania
destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal que falta quando cresce;

se nela o Céu mostrou (como parece)
quanto mostrar ao mundo pretendia,
porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se enobrece?

Ora, enfim, sublimai vossa vitória,
Senhora, com vencer-me e cativar-me:
fazei disto no mundo larga história.

Que, por mais que vos veja maltratar-me,
já me fico logrando desta glória
de ver que tendes tanta de matar-me.

42

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
vivas faíscas me mostrou um dia,
donde um puro cristal se derretia
por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
por se certificar do que ali via,
foi convertida em fonte, que fazia
a dor ao sofrimento doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade
causa o primeiro efeito; o pensamento
endoudece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera num momento,
de lágrimas de honesta piedade
lágrimas de imortal contentamento.

43

Como quando do mar tempestuoso
o marinheiro, lasso e trabalhado,
de um naufrágio cruel já salvo a nado,
só ouvir falar nele o faz medroso;

e jura que em que veja bonançoso
o violento mar, e sossegado
não entre nele mais, mas vai, forçado
pelo muito interesse cobiçoso;

assi, Senhora, eu, que da tormenta
de vossa vista fujo, por salvar-me,
jurando de não mais em outra ver-me;

minha alma que de vós nunca se ausenta,
dá-me por preço ver-vos, faz tornar-me
donde fugi tão perto de perder-me.

44

Ditoso seja aquele que sòmente
se queixa de amorosas esquivanças;
pois por elas não perde as esperanças
de perder n'algum tempo ser contente.

Ditoso seja quem, estando ausente[1],
não sente mais que a pena das lembranças;
porque, inda que se tema de mudanças,
menos se teme a dor quando se sente.

Ditoso seja, enfim, qualquer estado
onde enganos, desprezos e isenção
trazem o coração atormentado.

Mas triste quem se sente magoado
de erros em que não pode haver perdão,
sem ficar n'alma a mágoa do pecado.

[1] Ed. 1598: *absente.*

45

Leda serenidade deleitosa,
que representa em terra um paraíso;
entre rubis e perlas doce riso,
debaixo de ouro e neve, cor de rosa;

presença moderada e graciosa,
onde ensinando estão despejo e siso
que se pode por arte e por aviso,
como por natureza, ser fermosa;

fala de quem a morte e a vida pende,
rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
repouso nela alegre e comedido;

estas as armas são com que me rende
e me cativa Amor; mas não que possa
despojar-me da glória de rendido.

46

No mundo quis um tempo que se achasse
o bem que por acerto ou sorte vinha;
e, por exprimentar que dita tinha,
quis que a Fortuna em mim se exprimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse
que nem ter esperanças me convinha,
nunca nesta tão longa vida minha
cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,
por ver se se mudava a sorte dura;
a vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas (segundo o que o Céu me tem mostrado)
já sei que deste meu buscar ventura,
achado tenho já, que não a tenho.

47

Oh! quão caro me custa o entender-te,
molesto Amor, que, só por alcançar-te,
de dor em dor me tens trazido a parte
onde em ti ódio e ira se converte!

Cuidei que para em tudo conhecer-te,
me não faltasse experiência e arte;
agora vejo n'alma acrecentar-te
aquilo que era causa de perder-te.

Estavas tão secreto no meu peito
que eu mesmo, que te tinha, não sabia
que me senhoreavas deste jeito.

Descobriste-te agora; e foi por via
que teu descobrimento e meu defeito,
um me envergonha e outro me injuria.

48

Quem quiser ver de Amor ũa excelência
onde sua fineza mais se apura,
atente onde me põe minha ventura,
por ter de minha fé experiência.

Onde lembranças mata [1] a longa ausência,
em temeroso mar, em guerra dura,
ali a saudade está segura,
quando mor risco corre a paciência.

Mas ponha-me Fortuna e o duro Fado
em nojo, morte, dano e perdição,
ou em sublime e próspera ventura;

Ponha-me, enfim, em baixo ou alto estado;
que até na dura morte me acharão
na língua o nome, n'alma a vista pura.

[1] Ed. 1598: *matão.*

49

Se, despois de esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse
que inda[1] algũa hora breve alegre visse
de quantas tristes viu tão longa vida;

ũa alma já tão fraca e tão caída,
por mais alto que a sorte me subisse,
não tenho para mim que consentisse
alegria tão tarde consentida.

Não tão sòmente Amor me não mostrou
um'hora em que vivesse alegremente,
de quantas nesta vida me negou;

mas inda tanta pena me consente,
que co contentamento me tirou
o gosto de algum'hora ser contente.

50

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
ontem vi posto em grau tão excelente,
que vós, que sois enveja a toda a gente,
só por mim vos quiséreis ver trocado.

Vi o gesto suave e delicado
que já vos fez, contente e descontente,
lançar ao vento a voz tão docemente
que fez o ar sereno e sossegado.

Vi-lhe em poucas palavras dizer, quanto
ninguém diria em muitas; eu só, cego,
magoado fiquei na doce fala.

Mas mal haja a Fortuna, e o Moço cego!
Um porque os corações obriga a tanto;
outra, porque os estados desiguala.

[1] Ed. 1598: *ainda*.

51

Apolo e as nove Musas, discantando
com a dourada lira, me influíam
na suave harmonia que faziam,
quando tomei a pena, começando:

— Ditoso seja o dia e hora, quando
tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
estar-se em seu desejo traspassando!

Assi cantava, quando Amor virou
a roda à esperança, que corria
tão ligeira que quase era invisível.

Converteu-se-me em noite o claro dia;
e, se algũa esperança me ficou,
será de maior mal, se for possível.

52

Dai-me ũa lei, Senhora, de querer-vos,
que a guarde, sô pena de enojar-vos;
que a fé que me obriga a tanto amar-vos
fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só ver-vos,
e dentro na minha alma contemplar-vos;
que, se assi não chegar a contentar-vos,
ao menos que não chegue [a] aborrecer-vos.

E, se essa condição cruel e esquiva,
que me deis lei de vida não consente,
dai-ma, Senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me dais, é bem que viva,
sem saber como vivo, tristemente,
mas contente porém de minha sorte.

53

Se tanta pena tenho merecida
em pago de sofrer tantas durezas,
provai, Senhora, em mim vossas cruezas,
que aqui tendes ũa alma oferecida.

Nela experimentai, se sois servida,
desprezos, disfavores e asperezas;
que mores sofrimentos e firmezas
sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quais serão?
Forçado é que tudo se lhe renda;
mas porei por escudo o coração.

Porque em tão dura e áspera contenda,
é bem que, pois não acho defensão,
com me meter nas lanças me defenda.

54

O cisne, quando sente ser chegada
a hora que põe termo a sua vida,
música com voz alta e mui subida
levanta pela praia inabitada.

Deseja ter a vida prolongada,
chorando do viver a despedida;
com grande saudade da partida,
celebra o triste fim desta jornada.

Assi, Senhora minha, quando via
o triste fim que davam meus amores,
estando posto já no extremo fio,

com mais suave canto e harmonia
discantei pelos vossos disfavores
La vuestra falsa fe, y el amor mio.

55

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
mas, porque assi o pedia o coração,
quis Amor ser vencido da Razão.
Ora que caso pode haver maior!

Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiração,
que perde suas forças a afeição,
porque não perca a pena o seu rigor[1].

Pois nunca houve fraqueza no querer,
mas antes muito mais se esforça assim
um contrário com outro por vencer.

Mas a Razão, que a luta vence, enfim,
não creio que é razão; mas há-de ser
inclinação que eu tenho contra mim.

56

Diversos dões reparte o Céu benino,
e quer que cada ũa um só possua;
assi, ornou de casto peito a Lũa,
ornamento do assento cristalino.

De graça, a Mãe fermosa do Minino,
que nessa vista tem perdido a sua;
Palas, de discrição, que imite a tua;
do valor, Juno[2], só de império dino.

Mas junto agora o mesmo Céu derrama
em ti o mais que tinha, e foi o menos,
em respeito do Autor da natureza;

que, a seu pesar, te dão, fermosa Dama,
Diana, honestidade, e graça, Vénus,
Palas o aviso seu, Juno a nobreza.

[1] Ed. 1616: *a cada hum* (sic).
[2] Ed. 1616: *junto*.

57

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,
sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei para que é ter contentamento,
se mais há-de perder quem mais alcança.

Mas dou-vos esta firme segurança
que, posto que me mate meu tormento,
pelas águas do eterno esquecimento
segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
que com qualquer cous' outra se contentem;
antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes nesta lembrança se atormentem,
que com esquecimento desmereçam
a glória que em sofrer tal pena sentem.

58

A Morte [1], que da vida o nó desata,
os nós, que dá o Amor, cortar quisera
na Ausência, que é contr' ele espada fera,
e co Tempo, que tudo desbarata.

Duas contrárias, que ũa a outra mata,
a Morte contra o Amor ajunta e altera;
ũa é Razão contra a Fortuna austera,
outra, contra a Razão, Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potência
a Morte em apartar dum corpo a alma,
duas num corpo o Amor ajunte e una;

porque assi leve triunfante a palma,
Amor da Morte, apesar da Ausência,
do Tempo, da Razão e da Fortuna.

[1] Ed. 1616: *Amor.*

59

Suspiros inflamados, que cantais
a tristeza com que eu vivi tão ledo!
Eu mouro e não vos levo, porque hei medo
que ao passar do Lete vos percais.

Escritos para sempre já ficais
onde vos mostrarão todos co dedo
como exemplo de males; que eu concedo
que para aviso de outros estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças
de Amor e da Fortuna, cujos danos
alguns terão por bem-aventuranças,

dizei-lhe, que os servistes muitos anos,
e que em Fortuna tudo são mudanças,
e que em Amor não há senão enganos.

60

Todo o animal da calma repousava,
só Liso o ardor dela não sentia;
que o repouso do fogo em que ardia
consistia na Ninfa que buscava.

Os montes parecia que abalava
o triste som das mágoas que dezia;
mas nada o duro peito comovia,
que na vontade de outrem posto estava.

Cansado já de andar pela espessura,
no tronco de ũa faia, por lembrança,
escreveu estas palavras de tristeza:

Nunca ponha ninguém sua esperança
em peito feminil, que de natura
sòmente em ser mudável tem firmeza.

61

Seguia aquele fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
as forças lhe faltavam já e o alento,
Amor lhas refazia e renovava.

Despois que viu que a alma lhe faltava,
não esmorece; mas, no pensamento,
(que a língua já não pode) seu intento
ao mar que lho cumprisse, encomendava.

Ó mar (dezia o moço só consigo),
já te não peço a vida; só queria
que a de Hero me salves; não me veja...

Este meu corpo morto, lá o desvia
daquela torre. Sê-me nisto amigo,
pois no meu maior bem me houveste enveja!

62

Por sua Ninfa, Céfalo deixava
Aurora, que por ele se perdia;
posto que dá princípio ao claro dia,
posto que as roxas flores imitava.

Ele, que a bela Prócris[1] tanto amava
que só por ela tudo enjeitaria,
deseja de atentar se lhe acharia
tão firme fé como nele achava.

Mudado o trajo, tece o duro engano:
outro se finge, preço[2] põe diante,
quebra-se a fé mudável, e consente.

Ó engenho sutil para seu dano!
Vede que manhas busca um cego amante
para que sempre seja descontente!

[1] Ed. 1616: *Póchris.*
[2] Ed. 1616: *preso.*

63

Sentindo-se tomada a bela esposa
de Céfalo, no crime consentido,
para os montes fugia do marido;
e não sei se de astuta, ou vergonhosa.

Porque ele, enfim, sofrendo a dor ciosa,
de amor cego e forçoso compelido,
após ela se vai como perdido,
já perdoando[1] a culpa criminosa.

Deita-se ao pés da Ninfa endurecida,
que do cioso engano está agravada;
já lhe pede perdão, já pede a vida.

Ó força de afeição desatinada!
Que da culpa contra ele cometida,
perdão pedia à parte que é culpada!

64

Os vestidos Elisa revolvia
que lhe Eneas deixara por memória;
doces despojos da passada glória,
doces, quando seu Fado o consentia.

Entre eles a fermosa espada via
que instrumento foi da triste história;
e, como quem de si tinha a vitória,
falando só com ela, assi dezia:

— Fermosa e nova espada, se ficaste
só para executares os enganos
de quem te quis deixar, em minha vida,

sabe que tu comigo te enganaste;
que, para me tirar de tantos danos,
sobeja-me a tristeza da partida.

[1] **Ed. 1616**: *perdendo.*

65

Ferido sem ter cura perecia
o forte e duro Télefo temido,
por aquele que n'água foi metido,
a quem ferro nenhum cortar podia.

Ao Apolíneo Oráculo pedia
conselho para ser restituído;
respondeu que tornasse a ser ferido
por quem o já ferira, e sararia.

Assi, Senhora, quer minha ventura
que, ferido de ver-vos, claramente
com vos tornar a ver Amor me cura.

Mas é tão doce vossa fermosura,
que fico como hidrópico doente,
que co beber lhe cresce mor secura.

66

Fiou-se o coração, de muito isento,
de si cuidando mal, que tomaria
tão ilícito amor tal ousadia,
tal modo nunca visto de tormento.

Mas os olhos pintaram tão a tento
outros que visto tem na fantasia,
que a razão, temerosa do que via,
fugiu, deixando o campo ao pensamento.

Ó Hipólito casto, que, de jeito,
de Fedra, tua madrasta, foste amado,
que não sabia ter nenhum respeito:

em mim vingou o amor teu casto peito;
mas está desse agravo tão vingado,
que se arrepende já do que tem feito.

67

O raio cristalino se estendia
pelo mundo, da Aurora marchetada,
quando Nise, pastora delicada,
donde a vida deixava, se partia.

Dos olhos, com que o Sol escurecia
levando a vista em lágrimas banhada,
de si, do Fado e Tempo magoada,
pondo os olhos no Céu, assi dezia:

— Nasce, sereno Sol, puro e luzente;
resplandece, fermosa e roxa Aurora,
qualquer alma alegrando descontente;

que a minha, sabe tu que, desde agora,
jamais na vida a podes ver contente,
nem tão triste nenhũa outra pastora.

68

Apartava-se Nise de Montano,
em cuja alma partindo-se ficava;
que o pastor na memória a debuxava,
por poder sustentar-se deste engano.

Pelas praias do Índico Oceano
sobre o curvo cajado se encostava,
e os olhos pelas águas alongava,
que pouco se doíam de seu dano.

Pois com tamanha mágoa e saudade
(dezia) quis deixar-me a que eu adoro [1],
por testemunhas tomo Céu e estrelas.

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
levai também as lágrimas que choro,
pois assi me levais a causa delas!

[1] Ed. 1595: *a em que adoro*; ed. 1598: *a em qu'eu moro.*

69

Tomava Daliana por vingança
da culpa do pastor qne tanto amava,
casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
o erro alheio e pérfida esquivança.

A discrição segura, a confiança,
as rosas que seu rosto debuxava,
o descontentamento lhas secava,
que tudo muda ũa áspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
lindo fruto de dura mão colhido,
lembranças de outro amor, e fé perjura,

tornaram verde prado em dura serra;
interesse enganoso, amor fingido,
fizeram desditosa a fermosura.

70

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
tantas vezes de um áspero receio
salteado, Laurénio a côr perdia.

Ela, que a Sílvio mais que a si queria,
para podê-lo ver não tinha meio:
ora, como curara o mal alheio
quem o seu mal tão mal curar sabia?

Ele, que viu tão clara esta verdade,
com soluços dezia (que a espessura
comovia de mágoa e[1] piedade):

— Como pode a desordem da Natura
fazer tão diferentes na vontade
a quem fez tão conformes na ventura?

[1] Ed. 1595: *a*.

71

— Como fizeste, Pórcia, tal ferida?
Foi voluntária, ou foi por inocência?
— Mas foi fazer Amor experiência
se podia sofrer tirar-me a vida.

— E com teu próprio sangue te convida
a não pores à vida resistência?
— Ando-me acostumando à paciência,
porque o temor a morte não impida.

— Pois porque comes, logo, fogo ardente,
se a ferro te costumas? — Porque ordena
Amor que morra e pene juntamente.

— E tens a dor do ferro por pequena?
— Si: que a dor costumada não se sente;
e eu não quero a morte sem a pena.

72

Em fermosa Leteia se confia,
por onde vaïdade tanta alcança,
que, tornada em soberba a confiança,
com os deuses celestes competia.

Porque não fosse avante esta ousadia
(que nascem muitos erros da tardança),
em efeito puseram a vingança,
que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno, perdido por Leteia,
não lhe sofrendo Amor que suportasse
castigo duro tanta fermosura,

quis padecer em si a pena alheia;
mas, porque a morte Amor não apartasse,
ambos tornados são em pedra dura.

73

Náiades, vós, que os rios habitais
que os saudosos campos vão regando,
de meus olhos vereis estar manando
outros, que quase aos vossos são iguais.

Dríades, vós, que as setas atirais,
os fugitivos cervos derrubando,
outros olhos vereis que triunfando
derrubam corações, que valem mais.

Deixai as aljavas logo, e as águas frias,
e vinde, Ninfas minhas, se quereis
saber como de uns olhos nascem mágoas;

vereis como se passam em vão os dias;
mas não vireis em vão, que cá achareis
nos seus as setas, e nos meus as águas.

74

Num bosque que das Ninfas se habitava
Sílvia [1], Ninfa linda, andava um dia,
subida nũa árvore sombria,
as amarelas flores apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava
a vir passar a sesta à sombra fria,
num ramo o arco e setas que trazia,
antes que adormecesse, pendurava.

A Ninfa, como idóneo tempo vira
para tamanha empresa, não dilata,
mas com as armas foge ao Moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira:
— Ó pastores! fugi, que a todos mata,
se não a mim, que de matar-me vivo.

[1] Ed. 1598: *Sybila.*

75

Tal mostra dá de si vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
que as forças e o poder da natureza
com sua claridade mais apura.

Quem viu ũa confiança tão segura,
tão singular esmalte da beleza,
que não padeça mais, se ter defesa
contra vossa gentil vista procura?

Eu, pois, por escusar essa esquivança,
a razão sujeitei ao pensamento,
que, rendida os sentidos lhe entregaram.

Se vos ofende o meu atrevimento,
inda podeis tomar nova vingança
nas relíquias da vida, que escaparam.

76

Pelos extremos raros que mostrou
em saber Palas, Vénus em fermosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
África, Europa e Ásia as adorou.

Aquele saber grande que ajuntou
esprito e corpo em liga generosa,
esta mundana máquina lustrosa,
de só quatro Elementos fabricou.

Mas mor milagre fez a natureza
em vós, Senhoras, pondo em cada ũa
o que por todas quatro repartiu.

A vós seu resplandor deu Sol e Lũa,
a vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Água vos serviu.

77

Na metade do Céu subido ardia
o claro, almo Pastor, quando deixavam
o verde pasto as cabras, e buscavam
a frescura suave da água fria.

Co a folha da árvore sombria,
do raio ardente as aves se emparavam;
o módulo cantar, de que cessavam,
só nas roucas cigarras se sentia;

quando Liso pastor, num campo verde
Natércia, crua Ninfa, só buscava
com mil suspiros tristes que derrama.

Porque te vás de quem por ti se perde,
para quem pouco te ama? (suspirava).
[E] o Eco lhe responde: *Pouco te ama.*

78

Já a saudosa Aurora destoucava
os seus cabelos de ouro delicados,
e as flores nos campos esmaltados
do cristalino orvalho borrifava;

quando o fermoso gado se espalhava
de Sílvio e de Laurente pelos prados;
pastores ambos, e ambos apartados,
de quem o mesmo Amor não se apartava.

Com verdadeiras lágrimas, Laurente,
— Não sei (dizia) ó Ninfa delicada,
porque não morre já quem vive ausente,

pois a vida sem ti não presta nada.
Responde Sílvio: — Amor não o consente,
que ofende as esperanças da tornada.

79

O filho de Latona esclarecido,
que com seu raio alegra a humana gente,
o hórrido Piton, brava serpente,
matou, sendo das gentes tão temido.

Feriu com arco, e de arco foi ferido,
com ponta aguda de ouro reluzente;
Nas Tessálicas praias, docemente,
pela Ninfa Peneia andou perdido.

Não lhe pôde valer, para seu dano,
ciência, diligências, nem respeito
de ser alto, celeste e soberano.

Se este nunca alcançou nem um engano
de quem era tão pouco em seu respeito,
eu que espero de um ser que é mais que humano?

80

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algũa cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

81

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de ũa outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que de uns e de outros olhos derivadas
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

82

Doces lembranças da passada glória,
que me tirou Fortuna roubadora,
deixai-me repousar em paz ũa hora,
que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história
deste passado bem que nunca fora;
ou fora, e não passara; mas já agora
em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, mouro de esquecido,
de quem sempre devera ser lembrado,
se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
se conhecer soubera o mal presente.

83

Amor, co a esperança já perdida,
teu soberano templo visitei;
por sinal do naufrágio que passei,
em lugar dos vestidos, pus a vida.

Que queres mais de mim, que destruída
me tens a glória toda que alcancei?
Não cuides de forçar-me, que não sei
tornar a entrar onde não há saída.

Vês aqui alma, vida e esperança,
despojos doces de meu bem passado,
enquanto quis aquela que eu adoro:

nelas[1] podes tomar de mim vingança;
e se inda não estás de mim vingado,
contenta-te com as lágrimas que choro.

84

Males, que contra mim vos conjurastes,
quanto há-de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
baste-vos quanto já me atormentastes.

Mas se assi perfiais porque cuidastes
derrubar meu tão alto pensamento,
mais pode a causa dele, em que o sustento,
que vós, que dela mesma o ser tomastes.

E, pois vossa tenção, com minha morte,
é de[2] acabar o mal destes amores,
dai já fim a um tormento tão comprido,

porque de ambos contente seja a sorte:
vós, porque me acabastes, vencedores;
e eu, porque acabei de vós vencido.

[1] Ed. 1595: *Nella.*
[2] Ed. 1595: *Ha de.*

85

Em prisões baixas fui um tempo atado,
vergonhoso castigo de meus erros;
inda agora arrojando levo os ferros
que a Morte, a meu pesar, tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
que Amor não quer cordeiros, nem bezerros;
vi mágoas, vi misérias, vi desterros:
parece-me que estava assi ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo
que era o contentamento vergonhoso,
só por ver que cousa era viver ledo.

Mas minha estrela, que eu já agora entendo,
a Morte cega, e o Caso duvidoso,
me fizeram de gostos haver medo.

86

Cara minha inimiga, em cuja mão
pôs meus contentamentos a ventura,
faltou-te a ti na terra sepultura,
porque me falte a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
a tua peregrina fermosura;
mas, enquanto me a mim a vida dura,
sempre viva em minha alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto
que possam prometer-te longa história
daquele amor tão puro e verdadeiro,

celebrada serás sempre em meu canto;
porque enquanto no mundo houver memória,
será minha escritura teu letreiro.

[1] Ed. 1595: *Ha de.*

87

Foi já num tempo doce cousa amar,
enquanto me enganava a esperança;
o coração, com esta confiança,
todo se desfazia em desejar.

Ó vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana ũa mudança!
Que, quanto é mor a bem-aventurança,
tanto menos se crê que há-de durar!

Quem já se viu contente e prosperado,
vendo-se em breve tempo em pena tanta,
razão tem de viver bem magoado.

Porém quem tem o mundo exprimentado,
não o magoa a pena nem o espanta,
que mal se estranhará o costumado.

88

Que poderei do mundo já querer,
que naquilo em que pus tamanho amor,
não vi senão desgosto e desamor,
e morte, enfim; que mais não pode ser!

Pois vida me não farta de viver,
pois já sei que não mata grande dor,
se cousa há que mágoa dê maior,
eu a verei; que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar, me assegurou
de quanto mal me vinha; já perdi
o que perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sòmente vi,
na morte a grande dor que me ficou:
parece que para isto só nasci!

89

Pois meus olhos não cansam de chorar
tristezas, que não cansam de cansar-me;
pois não abranda o fogo em que abrasar-me
pôde quem eu jamais pude abrandar;

não canse o cego Amor de me guiar
a parte donde não saiba tornar-me;
nem deixe o mundo todo de escutar-me,
enquanto me a voz fraca não deixar.

E se nos [1] montes, rios, ou em vales,
piedade mora, ou dentro mora Amor
em feras, aves, plantas, pedras, águas,

ouçam a longa história de meus males
e curem sua dor com minha dor;
que grandes mágoas podem curar mágoas.

90

Um mover d'olhos, brando e piadoso,
sem ver de quê; um riso brando e honesto,
quase forçado; um doce e humilde gesto,
de qualquer alegria duvidoso;

um despejo quieto e vergonhoso;
um repouso gravíssimo e modesto;
ũa pura bondade, manifesto
indício da alma, limpo e gracioso;

um encolhido ousar; ũa brandura;
um medo sem ter culpa; um ar sereno;
um longo e obediente sofrimento;

esta foi a celeste fermosura
da minha Circe, e o mágico veneno
que pôde transformar meu pensamento.

[1] Ed. 1595: *em*.

91

Fermosos olhos, que na idade nossa
mostrais do Céu certíssimos sinais,
se quereis conhecer quanto possais,
olhai-me a mim, que sou feitura vossa.

Vereis que de viver me desapossa
aquele riso com que a vida dais;
vereis como de Amor não quero mais,
por mais que o tempo corra e o dano possa.

E se dentro nest' alma ver quiserdes,
como num claro espelho, ali vereis
também a vossa, angélica e serena.

Mas eu cuido que só por não me verdes,
ver-vos em mim, Senhora, não quereis:
tanto gosto levais de minha pena!

92

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e, enfim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
que não se muda já como soía.

93

Conversação doméstica afeiçoa,
ora em forma de boa e sã vontade,
ora de ũa amorosa piedade,
sem olhar qualidade de pessoa.

Se despois, porventura, vos magoa
com desamor e pouca lealdade,
logo vos faz mentira da verdade
o brando Amor, que tudo em si perdoa.

Não são isto que falo conjecturas,
que o pensamento julga na aparência,
por fazer delicadas escrituras.

Metido tenho a mão na consciência,
e não falo senão verdades puras
que me ensinou a viva experiência.

94

Despois que quis Amor que eu só passasse
quanto mal já por muitos repartiu,
entregou-me à Fortuna, porque viu
que não tinha mais mal que em mim mostrasse.

Ela, porque do Amor se avantajasse
no tormento que o Céu me permitiu,
o que para ninguém se consentiu,
para mim só mandou que se inventasse.

Eis-me aqui vou com vário som gritando,
copioso exemplário para a gente
que destes dous tiranos é sujeita,

desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
que deste tão pequeno está contente!

95

Ondados fios d'ouro reluzente,
que, agora da mão bela recolhidos,
agora sobre as rosas estendidos,
fazeis que sua beleza se acrecente;

olhos, que vos moveis tão docemente,
em mil divinos raios encendidos,
se de cá me levais alma e sentidos,
que fôra, se de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mor fineza
de perlas e corais nasce e parece,
se n'alma em doces ecos não o ouvisse!

Se imaginando só tanta beleza
de si, em nova glória, a alma se esquece,
que fará quando a vir? Ah! quem a visse!

96

Bem sei, Amor, que é certo o que receio;
mas tu, porque com isso mais te apuras,
de manhoso mo negas, e mo juras
no teu dourado arco; e eu to creio.

A mão tenho metida no teu seio,
e não vejo meus danos às escuras;
e tu contudo tanto me asseguras,
que me digo que minto, e que me enleio.

Não sòmente consinto neste engano,
mas inda to agradeço, e a mim me nego
tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Oh! poderoso mal a que me entrego!
Que, no meio do justo desengano,
me possa inda cegar um Moço cego!

97

Com grandes esperanças já cantei,
com que os deuses no Olimpo conquistara;
despois vim a chorar porque cantara
e agora choro já porque chorei.

Se cuido nas passadas que já dei,
custa-me esta lembrança só tão cara
que a dor de ver as mágoas que passara
tenho pola mor mágoa que passei.

Pois logo, se está claro que um tormento
dá causa que outro n'alma se acrescente,
já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

98

Aquela que, de pura castidade,
de si mesma tomou cruel vingança
por ũa breve e súbita mudança,
contrária à sua honra e qualidade;

venceu à fermosura a honestidade,
venceu no fim da vida a esperança,
porque ficasse viva tal lembrança,
tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente e do mundo esquecida,
feriu com duro ferro o brando peito,
banhando em sangue a força do tirano.

[Oh!] estranha ousadia! estranho feito!
Que, dando breve morte ao corpo humano,
tenha sua memória larga vida!

99

No tempo que de Amor viver soía,
nem sempre andava ao remo ferrolhado;
antes agora livre, agora atado,
em várias flamas vàriamente ardia.

Que ardesse num só fogo, não queria
o Céu, porque tivesse exprimentado
que nem mudar as causas ao cuidado
mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
foi como quem co peso descansou,
por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
pois para passatempo seu tomou
este meu tão cansado sofrimento!

100

Quando de minhas mágoas a comprida
maginação os olhos me adormece,
em sonhos aquela alma me aparece
que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nũa soïdade, onde estendida
a vista pelo campo desfalece,
corro par'ela; e ela então parece
que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: Não me fujais, sombra benina!
Ela (os olhos em mim cum brando pejo,
como quem diz que já não pode ser),

torna a fugir-me; e eu, gritando: *Dina*...
antes que diga *mene*, acordo, e vejo
que nem um breve engano posso ter.

101

Ah! minha Dinamene! Assi deixaste [1]
quem não deixara nunca de querer-te?
Ah! Ninfa minha! Já não posso ver-te,
tão asinha esta vida desprezaste!

Como já para sempre te apartaste
de quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te,
que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te sòmente a dura morte
me deixou, que tão cedo o negro manto
em teus olhos deitado consentiste!

Ó mar, ó Céu, ó minha escura sorte [2]!
Que pena sentirei, que valha tanto,
que inda tenho por pouco o viver triste?

102

Quem fosse acompanhando juntamente
por esses verdes campos a avezinha
que, despois de perder um bem que tinha,
não sabe mais que cousa é ser contente!

[E] quem fosse apartando-se da gente,
ela, por companheira e por vizinha,
me ajudasse a chorar a pena minha,
eu a ela o pesar que tanto sente!

Ditosa ave! que ao menos, se a Natura
a seu primeiro bem não dá segundo,
dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mais triste quem de longe quis ventura,
que, para respirar, lhe falte o vento,
e para tudo, enfim, lhe falte o mundo!

[1] Ed. 1668: *duraste*.
[2] Ed. 1668: *morte*.

103

Cantando estava um dia bem seguro,
quando passando Sílvio me dizia
(Sílvio, pastor antigo, que sabia
pelo canto das aves o futuro):

— Méris, quando quiser o fado escuro,
oprimir-te virão em um só dia
dous lobos; logo a voz e a melodia
te fugirão, e o som suave e puro.

Bem foi assi; porque um me degolou
quanto gado vacum pastava e tinha,
de que grandes soldadas esperava;

e outro por meu dano me matou
a cordeira gentil que eu tanto amava,
perpétua saudade da alma minha!

104

Correm turvas as águas deste rio,
que as do Céu e as do monte as enturbaram;
os campos florecidos se secaram,
intratável se fez o vale, e frio.

Passou o verão, passou o ardente estio,
ũas cousas por outras se trocaram;
os fementidos Fados já deixaram
do mundo o regimento, ou desvario.

Tem o tempo sua ordem já sabida;
o mundo, não; mas anda tão confuso,
que parece que dele Deus se esquece.

Casos, opiniões, natura e uso
fazem que nos pareça desta vida
que não há nela mais que o que parece.

105

Julga-me a gente toda por perdido,
vendo-me tão entregue a meu cuidado,
andar sempre dos homens apartado,
e dos tratos humanos esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
e quase que sobre ele ando dobrado,
tenho por baixo, rústico, enganado,
quem não é com meu mal engrandecido.

Vá[1] revolvendo a terra, o mar e o vento,
busque[2] riquezas, honras a outra gente,
vencendo ferro, fogo, frio e calma;

que eu só em humilde estado me contento,
de trazer esculpido eternamente
vosso fermoso gesto dentro n'alma.

106

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O nocturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado
onde co vento a água se meneia,
chorando, o nome amado em vão nomeia,
que não pode ser mais que nomeado:

Ondas (dezia), antes que Amor me mate,
torna-me a minha Ninfa, que tão cedo
me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate;
move-se brandamente o arvoredo;
leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

[1] Ed. 1616: *Vão.*
[2] Ed. 1616: *Busquão.*

107

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
e se torna, não tornam as idades.

Razão é já, ó anos!, que vos vades,
porque estes tão ligeiros que passais,
nem todos para um gosto são iguais,
nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado
que quase é outra cousa; porque os dias
têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
que do contentamento são espias.

108

Erros meus, má fortuna, amor ardente
em minha perdição se conjuraram;
os erros e a fortuna sobejaram,
que para mim bastava o amor sòmente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
a grande dor das cousas que passaram,
que as magoadas iras me ensinaram
a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
dei causa [a] que a Fortuna castigasse
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse que fartasse
este meu duro génio de vinganças!

109

Eu cantei já, e agora vou chorando
o tempo que cantei tão confiado;
parece que no canto já passado
se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta: Quando?
não sei; que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado
que o passado, por ledo, estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
contentamentos não, mas confianças;
cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças
onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

110

Na desesperação já repousava
o peito longamente magoado,
e, com seu dano eterno concertado,
já não temia, já não desejava;

quando ũa sombra vã me assegurava
que algum bem me podia estar guardado
em tão fermosa imagem, que o treslado
n'alma ficou, que nela se enlevava.

Que crédito que dá tão fàcilmente
o coração àquilo que deseja,
quando lhe esquece o fero seu destino!

Oh! deixem-me enganar, que eu sou contente;
que, posto que maior meu dano seja,
fica-me a glória já do que imagino.

111

Eu vivia de lágrimas isento,
num engano tão doce e deleitoso
que em que outro amante fosse mais ditoso,
não valiam mil glórias um tormento.

Vendo-me possuir tal pensamento,
de nenhũa riqueza era envejoso;
vivia bem, de nada receoso,
com doce amor e doce sentimento.

Cobiçosa, a Fortuna me tirou
deste meu tão contente e alegre estado,
e passou-me este bem, que nunca fora:

em troco do qual bem só me deixou
lembranças, que me matam cada hora,
trazendo-me à memória o bem passado.

112

Indo o triste pastor todo embebido
na sombra de seu doce pensamento,
tais queixas espalhava ao leve vento
cum brando suspirar da alma saído:

— A quem me queixarei, cego, perdido,
pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem falo? A quem digo meu tormento
que onde mais chamo, sou menos ouvido?

Oh! bela Ninfa, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querele?

Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assi que co mal cresce a causa dele.

113

Lembranças que lembrais meu bem passado
para que sinta mais o mal presente,
deixai-me (se quereis) viver contente,
não me deixeis morrer em tal estado.

Mas se também de tudo está ordenado
viver (como se vê) tão descontente,
venha (se vier) o bem por acidente,
e dê a morte fim a meu cuidado.

Que muito melhor é perder a vida,
perdendo-se as lembranças da memória,
pois fazem tanto dano [1] ao pensamento.

Assi que nada perde, quem perdida
a esperança traz de sua glória,
se esta vida há-de ser sempre em tormento.

114

Ah! Fortuna cruel! Ah! duros Fados!
Quão asinha em meu dano vos mudastes!
Passou o tempo que me descansastes,
agora descansais com meus cuidados.

Deixastes-me sentir os bens passados,
para mor dor da dor que me ordenastes;
então nũa hora juntos mos levastes,
deixando em seu lugar males dobrados.

Ah! quanto melhor fora não vos ver,
gostos, que assi passais tão de corrida,
que fico duvidoso se vos vi:

sem vós já me não fica que perder,
se não se for esta cansada vida,
que por mor perda minha não perdi.

[1] Ed. 1668: *pois tanto dano fazem.*

115

Ah! imiga cruel, que apartamento
é este que fazeis da pátria terra?
Quem do paterno ninho vos desterra,
glória dos olhos, bem do pensamento?

Is tentar da fortuna o movimento
e dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de água, e o mar feito em serra,
levantado de um vento e de outro vento?

Mas já que vos partis, sem vos partirdes,
parta convosco o Céu tanta ventura,
que seja mor que aquela que esperardes.

E só nesta verdade ide segura:
que ficam mais saudades com partirdes,
do que breves desejos de chegardes.

116

Aqueles claros olhos que chorando
ficavam quando deles me partia,
agora que farão? Quem mo diria?
Se porventura estarão em mim cuidando?

Se terão na memória, como ou quando
deles me vim tão longe de alegria?
Ou se estarão aquele alegre dia
que torne a vê-los, n'alma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão num momento muitos anos?
Se falarão co as aves e cos ventos?

Oh! bem-aventurados fingimentos,
que nesta ausência tão doces enganos
sabeis fazer aos tristes pensamentos!

117

Quando cuido no tempo que, contente,
vi as pérolas, neve, rosa e ouro,
como quem vê por sonhos um tesouro,
parece tenho tudo aqui presente.

Mas tanto que se passa este acidente,
e vejo o quão distante de vós mouro,
temo quanto imagino por agouro,
porque de imaginar também me ausente.

Já foram dias em que por ventura
vos vi, Senhora, se assi dizendo posso
co coração seguro estar sem medo;

agora, em tanto mal não mo assegura
a própria fantasia e nojo vosso:
eu não posso entender este segredo!

118

Quem vos levou de mim, saudoso estado,
que tanta sem-razão comigo usastes?
Quem foi, por quem tão presto me negastes,
esquecido de todo o bem passado?

Trocastes-me um descanso em um cuidado
tão duro, tão cruel, qual me ordenastes;
a fé, que tínheis dado, me negastes,
quando mais nela estava confiado.

Vivia sem receio deste mal;
Fortuna, que tem tudo a sua mercê,
amor com desamor me revolveu.

Bem sei que neste caso nada val,
que quem naceu chorando, justo é
que pague com chorar o que perdeu.

119

Senhora já desta alma, perdoai
de um vencido de Amor os desatinos,
e sejam vossos olhos tão beninos
com este puro amor, que d'alma sai.

A minha pura fé sòmente olhai,
e vede meus extremos se são finos;
e se de algũa pena forem dinos,
em mim, Senhora minha, vos vingai.

Não seja a dor que abrasa o triste peito
causa por onde pene o coração,
que tanto em firme amor vos é sujeito.

Guardai-vos do que alguns, Dama, dirão,
que, sendo raro em tudo vosso objeito,
possa morar em vós ingratidão.

120

Cá nesta Babilónia, donde mana
matéria a quanto mal o mundo cria;
cá onde o puro Amor não tem valia,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina, e o bem se dana,
e pode mais que a honra a tirania;
cá, onde a errada e cega Monarquia
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza
com esforço e saber pedindo vão
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

121

Dizei, Senhora, da Beleza ideia:
para fazerdes esse áureo crino,
onde fostes buscar esse ouro fino?
de que escondida mina ou de que veia?

Dos vossos olhos essa luz Febeia,
esse respeito, de um império dino?
Se o alcançastes com saber divino,
se com encantamentos de Medeia?

De que escondidas conchas escolhestes
as perlas preciosas orientais
que, falando, mostrais no doce riso?

Pois vos formastes tal, como quisestes,
vigiai-vos de vós, não vos vejais,
fugi das fontes: lembre-vos Narciso.

122

Doce contentamento já passado,
em que todo meu bem já consistia,
quem vos levou de minha companhia
e me deixou de vós tão apartado?

Quem cuidou que se visse neste estado
naquelas breves horas de alegria,
quando minha ventura consentia
que de enganos vivesse meu cuidado?

Fortuna minha foi cruel e dura
aquela que causou meu perdimento,
com a qual ninguém pode ter cautela.

Nem se engane nenhũa criatura,
que não pode nenhum impedimento
fugir do que [lhe] ordena sua estrela.

123

Doce sonho, suave e soberano,
se por mais longo tempo me durara!
Ah! quem de sonho tal nunca acordara,
pois havia de ver tal desengano!

Ah! deleitoso bem! ah! doce engano!
Se por mais largo espaço me enganara!
Se então a vida mísera acabara,
de alegria e prazer morrera ufano.

Ditoso, não estando em mim, pois tive,
dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhai com que me paga meu destino!

Enfim, fora de mim, ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
pois sempre nas verdades fui mofino.

124

Enquanto Febo os montes acendia
do Céu com luminosa claridade,
por evitar do ócio a castidade
na caça o tempo Délia despendia.

Vénus, que então de furto descendia,
por cativar de Anquises a vontade,
vendo Diana em tanta honestidade,
quase zombando dela, lhe dizia:

— Tu vás com tuas redes na espessura
os fugitivos cervos enredando,
mas as minhas enredam o sentido.

— Melhor é (respondia a deusa pura)
nas redes leves cervos ir tomando
que tomar-te a ti nelas teu marido.

125

Este amor que vos tenho, limpo e puro,
de pensamento vil nunca tocado,
em minha tenra idade começado,
tê-lo dentro nesta alma só procuro.

De haver nele mudança estou seguro,
sem temer nenhum caso ou duro Fado,
nem o supremo bem ou baixo estado,
nem o tempo presente nem futuro.

A bonina e a flor asinha passa;
tudo por terra o Inverno e Estio deita,
só para meu amor é sempre Maio.

Mas ver-vos para mim, Senhora, escassa,
e que essa ingratidão tudo me enjeita,
traz este meu amor sempre em desmaio.

126

Fortuna em mim guardando seu direito
em verde derrubou minha alegria.
Oh! quanto se acabou naquele dia,
cuja triste lembrança arde em meu peito!

Quando contemplo tudo, bem suspeito
que a tal bem, tal descanso se devia,
por não dizer o mundo que podia
achar-se em seu engano bem perfeito.

Mas se a Fortuna o fez por descontar-me
tamanho gosto, em cujo sentimento
a memória não faz senão matar-me,

que culpa pode dar-me o sofrimento,
se a causa que ele tem de atormentar-me,
eu tenho de sofrer o seu tormento?

127

Já não sinto, Senhora, os desenganos
com que minha afeição sempre tratastes,
nem ver o galardão que me negastes,
merecido por fé, há tantos anos.

A mágoa choro só, só choro os danos
de ver por quem, Senhora, me trocastes;
mas em tal caso vós só me vingastes
de vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
que o ofendido toma do culpado,
quando se satisfaz com cousa justa;

mas eu de vossos males e esquivança,
de que agora me vejo bem vingado,
não o quisera eu tanto à vossa custa.

128

Memória de meu bem, cortado em flores
por ordem de meus tristes e maus Fados,
deixai-me descansar com meus cuidados
nesta inquietação de meus amores.

Basta-me o mal presente, e os temores
dos sucessos que espero infortunados,
sem que venham, de novo, bens passados
afrontar meu repouso com suas dores.

Perdi nũa hora quanto em termos
tão vagarosos e largos alcancei;
leixai-me, pois, lembranças desta glória.

Cumpre acabe a vida nestes ermos,
porque neles com meu mal acabarei
mil vidas, não ũa só, dura memória!

129

Na ribeira do Eufrates assentado,
discorrendo me achei pela memória
aquele breve bem, aquela glória,
que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
me foi: Como não cantas a história
de teu passado bem, e da vitória
que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
o mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondo com suspiros: Quando crece
a muita saudade, o piadoso
remédio é não cantar senão a morte.

130

Num tão alto lugar, de tanto preço,
este meu pensamento posto vejo,
que desfalece nele inda o desejo,
vendo quanto por mim o desmereço.

Quando esta tal baixeza em mim conheço,
acho que cuidar nele é grão despejo,
e que morrer por ele me é sobejo
e mor bem para mim, do que mereço.

O mais que natural merecimento
de quem me causa um mal tão duro e forte,
o faz que vá crecendo de hora em hora.

Mas eu não deixarei meu pensamento,
porque inda que este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita onora.

131

O dia em que eu nasci, moura e pereça,
não o queira jamais o tempo dar,
não torne mais ao mundo, e, se tornar,
eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça,
mostre o mundo sinais de se acabar,
nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
a mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
as lágrimas no rosto, a côr perdida,
cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
que este dia deitou ao mundo a vida
mais desgraçada que jamais se viu!

132

Olhos fermosos, em quem quis Natura
mostrar do seu poder altos sinais,
se quiserdes saber quanto possais,
vede-me a mim, que sou vossa feitura.

Pintada em mim se vê vossa figura,
no que eu padeço retratada estais;
que, se eu passo tormentos desiguais,
muito mais pode vossa fermosura.

De mim não quero mais que o meu desejo;
ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
porque o vosso penhor em mim se assele.

Não me lembro de mim quando vos vejo,
nem do mundo; e não erro, porque creio,
que, em lembrar-me de vós, cumpro com ele.

133

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
a força, a arte, a manha, a fortaleza;
o tempo acaba a fama e a riqueza,
o tempo o mesmo tempo de si chora.

O tempo busca e acaba o onde mora
qualquer ingratidão, qualquer dureza;
mas não pode acabar minha tristeza,
enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
e o mais ledo prazer em choro triste;
o tempo a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
o peito de diamante, onde consiste
a pena e o prazer desta esperança.

134

Posto me tem Fortuna em tal estado,
e tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido,
não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;
daqui dou o viver já por vivido;
que, aonde o mal é tão conhecido,
também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,
que bem outra esperança não convém,
e curarei um mal com outro mal.

E, pois do bem tão pouco bem espero,
já que o mal este só remédio tem,
não me culpem em querer remédio tal.

135

Quando se vir com água o fogo arder,
e misturar co dia a noite escura,
e a terra se vir naquela altura
em que se vem os Céus prevalecer;

o Amor por razão mandado ser,
e a todos ser igual nossa ventura,
com tal mudança, vossa fermosura
então a poderei deixar de ver.

Porém não sendo vista esta mudança
no mundo (como claro está não ver-se),
não se espere de mim deixar de ver-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
o ganho de minha alma, e o perder-se,
para não deixar nunca de querer-vos.

136

A fermosura desta fresca serra,
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha terra,
o esconder do sol pelos outeiros,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos ofrece,
me está (se não te vejo) magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem si, perpètuamente estou passando
nas mores alegrias, mor tristeza.

137

Diana prateada, esclarecia
com a luz que do claro Febo ardente,
por ser de natureza transparente,
em si, como em espelho, reluzia.

Cem mil milhões de graças lhe influía.
quando me apareceu o excelente
raio de vosso aspecto, diferente
em graça e em amor do que soía.

Eu, vendo-me tão cheio de favores,
e tão propínquo a ser de todo vosso,
louvei a hora clara, e a noite escura,

pois nela destes côr a meus amores;
donde colijo claro que não posso
de dia para vós já ter ventura.

138

Quando a suprema dor muito me aperta,
se digo que desejo esquecimento,
é força que se faz ao pensamento,
de que a vontade livre desconcerta.

Assi, de erro tão grave me desperta
a luz do bem regido entendimento,
que mostra ser engano ou fingimento
dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa própria imagem, que na mente
me representa o bem de que careço,
faz-mo de um certo modo ser presente.

Ditosa é, logo, a pena que padeço,
pois que da causa dela em mim se sente
um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.

139

Quando, Senhora, quis Amor que amasse
essa grã perfeição e gentileza,
logo deu por sentença que a crueza
em vosso peito amor acrescentasse.

Determinou que nada me apartasse,
nem desfavor cruel, nem aspereza;
mas que em minha raríssima firmeza
vossa isenção cruel se executasse.

E, pois tendes aqui oferecida
esta alma vossa a vosso sacrifício,
acabai de fartar vossa vontade.

Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
acabará morrendo em seu ofício,
sua fé defendendo e lealdade.

140

Que pode já fazer minha ventura
que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
de cousa que o não tem, nem é segura?

Que pena pode ser tão certa e dura
que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
os males, se com eles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno
com peçonha criar por mão ciente,
da qual o uso já o tem seguro;

assi de acostumado co veneno,
o uso de sofrer meu mal presente
me faz não sentir já nada o futuro.

141

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos
com humano saber, e não divino,
ficará de tamanha culpa dino
quamanha ficais tendo em contemplar-vos.

Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,
por mais que raro seja e peregrino:
que vossa fermosura eu imagino
que Deus a Ele só quis comparar-vos.

Ditosa esta alma vossa, que quisestes
em posse pôr de prenda tão subida,
como, Senhora, foi a que me destes.

Melhor a guardarei que a própria vida;
que, pois mercê tamanha me fizestes,
de mim será jamais nunca esquecida.

142

Se de vosso fermoso e lindo gesto
nasceram lindas flores para os olhos,
que para o peito são duros abrolhos,
em mim se vê mui claro e manifesto:

pois vossa fermosura e vulto honesto
em os ver, de boninas vi mil molhos;
mas se meu coração tivera antolhos,
não vira em vós seu dano o mal funesto.

Um mal visto por bem, um bem tristonho,
que me traz elevado o pensamento
em mil, porém diversas, fantasias.

Nas quais eu sempre ando, e sempre sonho,
e vós não cuidais mais que em meu tormento,
em que fundais as vossas alegrias.

143

Sempre, cruel Senhora, receei,
medindo vossa grã desconfiança,
que desse em desamor vossa tardança,
e que me perdesse eu, pois vos amei.

Perca-se, enfim, já tudo o que esperei,
pois noutro amor já tendes esperança.
Tão patente será vossa mudança,
quanto eu encobri sempre o que vos dei.

Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
de tudo o que em mim há vos fiz senhora.
Prometeis e negais o mesmo Amor.

Agora tal estou que, de perdido,
não sei por onde vou, mas algũ'hora
vos dará tal lembrança grande dor.

144

Sustenta meu viver ũa esperança
derivada de um bem tão desejado
que, quando nela estou mais confiado,
mor dúvida me põe qualquer mudança.

E quando inda este bem na mor pujança
de seus gostos me tem mais enlevado,
me atormenta então ver eu que, alcançado
será por quem de vós não tem lembrança.

Assi, que nestas redes enlaçado,
a penas dou a vida, sustentando
ũa nova matéria a meu cuidado.

Suspiros d'alma tristes arrancando,
dos silvos de ũa pedra acompanhado,
estou matérias tristes lamentando.

145

Vencido está de Amor *m*eu pensamento
o mais que pode ser *v*encida a vida,
*s*ujeita a vos servir *i*nstituída,
*o*ferecendo tudo *a* vosso intento.

*C*ontente deste bem, *l*ouva o momento,
*o*u hora em que se viu *t*ão bem perdida;
*m*il vezes desejando *a* tal ferida,
*o*utra vez renovar *s*eu perdimento.

*C*om essa pretensão *e*stá segura
a causa que me guia *n*esta empresa,
*t*ão estranha, tão doce, *h*onrosa e alta.

*J*urando não seguir *o*utra ventura,
*v*otando só por vós *r*ara firmeza,
*o*u[1] ser no vosso amor *a*chado em falta.

146

El vaso reluciente y cristalino,
de Ángeles agua clara y olorosa,
de blanca seda ornado y fresca rosa,
ligado con cabellos de oro fino;

bien claro parecía el don divino
labrado por la mano artificiosa
de aquella blanca Ninfa, graciosa
más que el rubio lucero matutino.

Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
raxado de los blandos miembros bellos,
y en el agua vuestra ánima pura;

la seda es la blancura, e los cabellos
son las prisiones, y la ligadura
con que mi libertad fue asida dellos.

[1] Ed. 1668: *sem*.

147

Pues lágrimas tratáis, mis ojos tristes,
y en lágrimas pasáis la noche y día,
mirad si es llanto este que os envía
aquella por quien vos tantas vertistes.

Sentid, mis ojos, bien esta que vistes,
y si ella lo es, oh gran ventura mía!
por muy bien empleadas las habría
mil cuentos que por esta sola distes.

Mas una cosa mucho deseada,
aunque se vea cierta, no es creída,
cuanto más esta, que me es enviada.

Pero digo que aunque sea fingida,
que basta que por lágrima sea dada,
porque sea por lágrima tenida.

148

Se a Fortuna inquieta e mal olhada,
que a justa lei do Céu consigo infama,
a vida quieta, que ela mais desama,
me concedera, honesta e repousada;

pudera ser que a Musa, alevantada
com luz de mais ardente e viva flama,
fizera ao Tejo lá na pátria cama
adormecer co som da lira amada.

Porém, pois o destino trabalhoso,
que me escurece a Musa fraca e lassa,
louvor de tanto preço não sustenta;

a vossa de louvar-me pouco escassa,
outro sujeito busque valeroso,
tal qual em vós ao mundo se apresenta.

149

À morte de D. António de Noronha

Em flor vos arrancou, de então crecida
(Ah! senhor dom António!), a dura sorte,
donde fazendo andava o braço forte
a fama dos Antigos esquecida.

Ũa só razão tenho conhecida
com que tamanha mágoa se conforte:
que, pois no mundo havia honrada morte,
que não podíeis ter mais larga a vida.

Se meus humildes versos podem tanto
que co desejo meu se iguale a arte,
especial matéria me sereis.

E, celebrado em triste e longo canto,
se morrestes nas mãos do fero Marte,
na memória das gentes vivereis.

150

À sepultura de D. Fernando de Castro

Debaixo desta pedra está metido,
das sanguinosas armas descansado,
o capitão ilustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tão temido,
e da enveja da fama tão cantado,
este, pois, só agora sepultado,
está aqui já em terra convertido.

Alegra-te, ó guerreira Lusitânia
por este Viriato que criaste,
e chora-o, perdido, eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardânia;
que, se a Roma co ele aniquilaste,
nem por isso Cartago está contente.

151

A D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu, pelos mesmos consoantes, mandando-lhe perguntar quem fora o primeiro Poeta que fizera Sonetos.

De um tão felice engenho, produzido
de outro, que o claro Sol não viu maior,
é trazer cousas altas no sentido,
todas dinas de espanto e de louvor.

Museu foi antiquíssimo escritor,
filósofo e poeta conhecido,
discípulo do Músico amador
que co som teve o Inferno suspendido.

Este pode abalar o monte mudo,
cantando aquele mal, que eu já passei,
do mancebo de Abido mal sisudo.

Agora contam já (segundo achei),
Tasso, e o nosso Boscão, que disse tudo
dos segredos que move o cego Rei.

152

Despois que viu Cibele o corpo humano
do fermoso Átis seu verde pinheiro,
em piedade o vão furor primeiro
convertido, chorou seu grave dano.

E, fazendo a sua dor ilustre engano,
a Júpiter pediu que o verdadeiro
preço da nova palma e do loureiro,
ao seu pinheiro desse, soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso
que, as estrelas, subindo, tocar possa,
vendo os segredos lá do Céu superno.

Oh! ditoso Pinheiro! Oh! mais ditoso
quem se vir coroar da folha vossa,
cantando à vossa sombra verso eterno!

153

[R]esposta do autor [a] um Soneto, pelos [me]smos consoantes

De tão divino acento e voz humana,
de tão doces palavras peregrinas,
bem sei que minhas obras não são dinas,
que o rudo engenho meu me desengana.

Mas de vossos escritos corre e mana
licor que vence as águas Cabalinas;
e convosco do Tejo as flores finas
farão enveja à cópia Mantuana.

E pois, a vós de si não sendo avaras,
as filhas de Mnemósine fermosa
partes dadas vos tem, ao mundo caras,

a minha Musa e a vossa tão famosa,
ambas posso chamar no[1] mundo raras:
a vossa d'alta, a minha d'envejosa.

154

[A]o segundo conde [de R]edondo, D. João [Cou]tinho

Dos ilustres antigos que deixaram
tal nome, que igualou fama à memória,
ficou por luz do tempo a larga história
dos feitos em que mais se assinalaram.

Se se com cousas destes cotejaram
mil vossas, cada ũa tão notória,
vencera a menor delas a mor glória
que eles em tantos anos alcançaram.

A glória sua foi; ninguém lha tome.
Seguindo cada um vários caminhos,
estátuas levantando no seu Templo.

Vós, honra portuguesa e dos Coutinhos,
ilustre Dom João, com melhor nome
a vós encheis de glória e a nós de exemplo.

[1] Ed. 1595: *ao.*

155

Esforço grande, igual ao pensamento;
pensamentos em obras divulgados,
e não em peito tímido encerrados
e desfeitos depois em chuva e vento;

ânimo da cobiça baixa isento,
dino por isso só de altos estados,
fero açoute dos nunca bem domados
povos do Malabar sanguinolento;

gentileza de membros corporais,
ornados de pudica continência,
obra por certo rara de natura:

estas virtudes e outras muitas mais,
dinas todas da Homérica eloquência,
jazem debaixo desta sepultura.

156

— Não passes, caminhante! — Quem me chama?
— Ũa memória nova e nunca ouvida,
de um que trocou finita e humana vida,
por divina, infinita e clara fama.

— Quem é que tão gentil louvor derrama?
— Quem derramar seu sangue não duvida
por seguir a bandeira esclarecida
de um capitão de Cristo, que mais ama.

— Ditoso fim, ditoso sacrifício,
que a Deus se fez e ao mundo juntamente,
apregoando direi tão alta sorte.

— Mais poderás contar a toda a gente,
que sempre deu sua vida claro indício
de vir a merecer tão santa morte.

157

No mundo poucos anos, e cansados,
vivi, cheios de vil miséria dura;
foi-me tão cedo a luz do dia escura,
que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados,
buscando à vida algum remédio ou cura;
mas aquilo que, enfim, não quer ventura,
não o alcançam trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
pátria minha Alenquer; mas ar corruto
que neste meu terreno vaso tinha,

me fez manjar de peixes em ti, bruto
mar, que bates na Abássia fera e avara,
tão longe da ditosa pátria minha!

158

— Que levas, cruel Morte? — Um claro dia.
— A que horas o tomaste? — Amanhecendo.
— Entendes o que levas? — Não o entendo.
— Pois quem to faz levar? — Quem o entendia.

— Seu corpo quem o goza? — A terra fria.
— Como ficou sua luz? — Anoitecendo.
— Lusitânia que diz? — Fica dizendo:
Enfim, não mereci Dona Maria.

— Mataste quem a viu? — Já morto estava.
— Que diz o cru Amor? — Falar não ousa.
— E quem o faz calar? — Minha vontade.

— Na corte que ficou? — Saudade brava.
— Que fica lá que ver? — Nenhũa cousa;
mas fica que chorar sua beldade.

159

Chorai, Ninfas, os fados poderosos
daquela soberana fermosura!
Onde foram parar na sepultura
aqueles reais olhos graciosos?

Ó bens do mundo, falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
jaza sem resplendor na terra dura,
com tal rosto e cabelos tão formosos!

Das outras que será, pois poder teve
a morte sobre cousa tanto bela
que ela eclipsava a luz do claro dia?

Mas o mundo não era dino dela,
por isso mais na terra não esteve;
ao Céu subiu, que já [se] lhe devia.

160

À sepultura del-Rei dom João Terceiro

— Quem jaz no grão sepulcro, que descreve
tão ilustres sinais no forte escudo?
— Ninguém; que nisso, enfim, se torna tudo;
mas foi quem tudo pôde e tudo teve.

— Foi Rei? — Fez tudo quanto a Rei se deve;
pôs na guerra e na paz devido estudo;
mas quão pesado foi ao Mouro rudo
tanto lhe seja agora a terra leve.

— Alexandre será? — Ninguém se engane;
que sustentar, mais que adquirir se estima.
— Será Adriano, grão senhor do mundo?

— Mais observante foi da Lei de cima.
— E Numa? — Numa, não; mas é Joane:
de Portugal terceiro, sem segundo.

161

Os reinos e os impérios poderosos
que em grandeza no mundo mais cresceram,
ou por valor de esforço floreceram
ou por varões nas letras espantosos.

Teve Grécia Temístocles famosos;
os Scipiões a Roma engrandeceram;
doze pares a França glória deram;
Cides a Espanha, e Laras belicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
tão diferente de seu ser primeiro),
os vossos deram honra e liberdade.

E em vós, grão sucessor e novo herdeiro
do bragançâo estado, há mil extremos
iguais ao sangue, e mores que a idade.

162

Ilustre e dino ramo dos Meneses,
aos quais o prudente e largo Céu
(que errar não sabe), em dote concedeu
rompesse os Maométicos arneses;

desprezando a Fortuna e seus revezes,
ide para onde o Fado vos moveu;
erguei flamas no mar alto Eritreu,
e sereis nova luz aos Portugueses.

Oprimi com tão firme e forte peito
o Pirata insolente, que se espante
e trema Taprobana e Gedrosia.

Dai nova causa à côr do Arabo estreito:
assi que o roxo mar, daqui em diante,
o seja só co sangue de Turquia!

163

A D. Leonis Pereira.

Vós, Ninfas da Gangética espessura,
cantai suavemente, em vós sonora,
um grande Capitão, que a roxa Aurora
dos filhos defendeu da noite escura.

Ajuntou-se a caterva negra e dura,
que na Áurea Quersoneso afouta mora,
para lançar do caro ninho fora
aqueles que mais podem que a ventura.

Mas um forte Leão, com pouca gente,
a multidão tão fera como nécia
destruindo castiga e torna fraca.

Pois, ó Ninfas, cantai! que claramente
mais do que Leonidas fez em Grécia,
o nobre Leonis fez em Malaca.

164

A D. Luís de Ataíde, Viso-Rei.

Que vençais no Oriente tantos Reis,
que de novo nos deis da Índia o Estado,
que escureceis a fama que ganhado
tinham os que a ganharam a infiéis;

que do tempo tenhais vencido as leis,
que tudo, enfim, vençais co tempo armado,
mais é vencer na pátria, desarmado,
os monstros e as Quimeras que venceis.

E assi, sobre vencerdes tanto imigo,
e por armas fazer que, sem segundo,
vosso nome no mundo ouvido seja,

o que vos dá mais nome inda no mundo,
é vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
tantas ingratidões, tão grande enveja!

165

Vós outros, que buscais repouso certo
na vida, com diversos exercícios;
a quem, vendo do mundo os benefícios,
o regimento seu está encoberto;

dedicai, se quereis, ao desconcerto
novas honras e cegos sacrifícios;
que, por castigo igual de antigos vícios,
quer Deus que andem as cousas por acerto.

Não caíu neste modo de castigo
quem pôs culpa à Fortuna, quem sòmente
crê que acontecimentos há no mundo.

A grande experiência é grão perigo;
mas o que a Deus é justo e evidente
parece injusto aos homens e profundo.

166

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
qualquer alma farão segura e forte;
porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte,
têm do confuso mundo o regimento.

Efeitos mil revolve o pensamento
e não sabe a que causa se reporte;
mas sabe que o que é mais que vida e morte,
que não o alcança humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas,
mas são experiências mais provadas,
e por isso é melhor ter muito visto.

Cousas há i que passam sem ser cridas
e cousas cridas há sem ser passadas,
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

MVSIS. ET POSTERITATI. S.

LVDOVICO DE CAMÕES, Equiti Lusitano Poetæ celeberrimo, Musarum delitiis Gratiarum Alumno & Humanarum litera-rum Encyclopedico, Nec non armatæ Paladis egregio secta-tori: In quo felicissimum Ingenium et aduersa Fortuna Decertarunt: GASPAR SEVERINVS de Faria veram Effigiam eneæ Tabulæ incisam vt qui orbem Iam Fama occupauit, presentia Exornet. D. D. Q.

Paulus Sculp.

CANÇÕES

I

Fermosa e gentil Dama, quando vejo
a testa de ouro e neve, o lindo aspeito,
a boca graciosa, o riso honesto,
o colo de cristal[1], o branco peito,
de meu não quero mais que meu desejo,
nem mais de vós que ver tão lindo gesto.
Ali me manifesto
por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo
nas lágrimas que choro,
e de mim, que vos amo,
em ver que soube amar-vos, me namoro;
e fico por mim só perdido, de arte
que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente
por fraqueza d'esprito, padecendo
a doce pena que entender não sei,
fujo de mim e acolho-me, correndo,
à vossa vista; e fico tão contente
que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei
se vós me dais a vida deste jeito
nos males que padeço,
senão de meu sujeito,
que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mim cuidar não posso,
de estar muito soberbo com ser vosso.

Se, por algum acerto, Amor vos erra
por parte do desejo, cometendo

[1] Ed. 1595: *o marmóreo colo.*

algum nefando e torpe desatino,
se ainda mais que ver, enfim, pretendo,
fraquezas são do corpo, que é de terra,
mas não do pensamento, que é divino.
Se tão alto imagino
que de vista me perco, peco nisto,
desculpa-me o que vejo;
que se, enfim, resisto
contra tão atrevido e vão desejo,
faço-me forte em vossa vista pura,
e armo-me [1] de vossa fermosura.

Das delicadas sobrancelhas pretas
os arcos com que fere, Amor tomou,
e fez a linda corda dos cabelos;
e porque de vós tudo lhe quadrou,
dos raios desses olhos fez as setas
com que fere quem alça os seus, a vê-los.
Olhos que são tão belos
dão armas de vantagem ao Amor,
com que as almas destrui;
porém, se é grande a dor,
co a alteza do mal a restitui;
e as armas com que mata são de sorte
que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,
quem deles se queixar, fermosa Dama,
mimoso está do mal que por vós sente.
Que maior bem deseja quem vos ama
que estar desabafando seus tormentos,
chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente,
não há-de dar alívio a seu desgosto,
porque se lhe agradeça,
mas com alegre rosto
sofra seus males, para que os mereça;
que quem do mal se queixa, que padece,
fá-lo porque esta glória não conhece.

[1] Ed. 1595: *armase.*

De modo que, se cai o pensamento
em algũa fraqueza, de contente,
é porque este segredo não conheço;
assi que com razões, não tão sòmente
desculpo ao Amor do meu tormento,
mas ainda a culpa sua lhe agradeço.
Por esta fé mereço
a graça, que esses olhos acompanha,
o bem do doce riso;
mas porém não se ganha
cum paraíso outro paraíso.
E assi, de enleada, a esperança
se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,
sabe, Canção, que porque não vejo,
engano com palavras o desejo.

II

A instabilidade da Fortuna,
os enganos suaves de Amor cego,
(suaves, se duraram longamente),
direi, por dar à vida algum sossego;
que, pois a grave pena me importuna,
importune meu canto a toda a gente.
E se o passado bem co mal presente
me endurece a voz no peito frio,
o grande desvario
dará de minha pena sinal certo,
que um erro em tantos erros é concerto.
E, pois nesta verdade me confio
(se verdade se achar no mal que digo),
saiba o mundo de Amor o desconcerto,
que já co a Razão se fez amigo,
só por não deixar culpa sem castigo.

Já Amor fez leis, sem ter comigo algũa;
já se tornou, de cego, arrazoado,
só por usar comigo sem-razões.

E, se em algũa cousa o tenho errado,
com siso, grande dor não vi nenhũa,
nem ele deu sem erros afeições.
Mas, por usar de suas isenções,
buscou fingidas causas por matar-me;
que, para derrubar-me
no abismo infernal de meu tormento,
não foi soberbo nunca o pensamento,
nem pretende mais alto alevantar-me
daquilo que ele quis; e se ele ordena
que eu pague seu ousado atrevimento,
saiba que o mesmo Amor que me condena
me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia
que desceram ao baixo pensamento,
n'alma os aposentei suavemente;
e pretendendo mais, como avarento,
o coração lhe dei por iguaria,
que a meu mandado tinha obediente.
Porém como ante si lhe foi presente
que entenderam o fim de meu desejo,
ou por outro despejo,
que a língua descobriu por desvario,
de sede morto estou posto num rio,
onde de meu serviço o fruto vejo;
mas logo se alça se a colhê-lo venho,
e foge-me a água, se beber porfio;
assi que em fome e sede me mantenho:
não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

Depois que aquela em quem minh'alma vive
quis alcançar o baixo atrevimento,
debaixo deste engano a alcancei:
a nuvem do contino pensamento
ma afigurou nos braços, e assi a tive,
sonhando o que acordado desejei.
Porque a meu desejo me gabei
de alcançar um bem de tanto preço,
além do que padeço,
atado em ũa roda estou penando,
que em mil mudanças me anda rodeando,

onde, se a algum bem subo, logo deço,
e assi ganho e perco a confiança;
e assi me tem atado ũa vingança,
como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inhumana
meu humano desejo, de atrevido,
cometeu, sem saber o que fazia
([que de sua beleza [1] foi nacido] [2]
o cego Moço, que, co a seta insana,
o pecado vingou desta ousadia),
e afora este mal que eu merecia,
me deu outra maneira de tormento:
que nunca o pensamento,
que sempre voa dũa a outra parte,
destas entranhas tristes bem [3] se farte,
imaginando sobre o famulento,
quanto mais come, mais está crecendo [4],
porque de atormentar-me não se aparte;
assi que para a pena estou vivendo,
sou outro novo Tício, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava,
e que enganosamente recolhia
em meu fingido peito, me mantinha.
De maneira o engano lhe fingia,
que depois que a meu mando as sojugava,
com amor as matava, que eu não tinha.
Porém, logo o castigo que convinha
o vingativo Amor me fez sentir,
fazendo-me subir
ao monte da aspereza que em vós vejo,
co pesado penedo do desejo,
que do cume do bem me vai cair;
torno a subi-lo ao desejado assento,
torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo.

[1] Ed. 1598: *fermosura.*
[2] [Ed. 1598].
[3] Ed. 1595: *não.*
[4] Ed. 1598: *imaginando como o famulento,*
que come mais, e a fome vai crecendo,

Não te espantes, Sisifo, deste alento,
que às costas o subi do sofrimento.

Desta arte o sumo bem se me oferece
ao faminto desejo, porque sinta
a perda de perdê-lo mais penosa.
Como o avaro a quem o sonho pinta
achar tesouro grande, onde enriquece
e farta sua sede cobiçosa,
e acordando com fúria pressurosa
vai cavar o lugar onde sonhava,
mas tudo o que buscava
lhe converte em carvão a desventura;
ali sua cobiça mais se apura,
por lhe faltar aquilo que esperava:
desta arte Amor me faz perder o siso.
Porque aqueles que estão na noite escura,
nunca sentirão tanto o triste abiso,
se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, nô mais, que já não sei que digo;
mas porque a dor me seja menos forte,
diga o pregão a causa desta morte.

III

Já a roxa manhã clara
do Oriente as portas vem abrindo,
dos montes descobrindo
a negra escuridão da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
de sua alegre vista saudoso,
trás ela, pressuroso,
nos cavalos cansados do trabalho,
que respiram nas ervas fresco orvalho,
se estende, claro, alegre e luminoso.
Os pássaros, voando,
de raminho em raminho vão saltando [1],
com ũa suave e doce melodia
o claro dia estão manifestando.

[1] Ed. 1595: *modulando.*

A manhã bela e amena,
seu rosto descobrindo, a espessura
se cobre de verdura,
branda, suave, angélica, serena.
Ó deleitosa pena!
Ó efeito de Amor tão preeminente[1]!
Que permite e consente
que onde quer que me ache, e onde esteja,
o seráfico gesto sempre veja,
por quem de viver triste sou contente!
Mas tu, Aurora pura,
de tanto bem dá graças à ventura,
pois as foi pôr em ti tão diferentes[2],
que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda
a meus olhos me mostra por quem mouro,
e os cabelos de ouro
não igual aos que vi, mas arremeda:
esta é a luz que arreda
a negra escuridão do sentimento
ao doce pensamento;
o orvalho das flores delicadas
são nos meus olhos lágrimas cansadas,
que eu choro co prazer de meu tormento;
os pássaros que cantam
os meus espritos são, que a voz levantam,
manifestando o gesto peregrino
com tão divino som que o mundo espantam.

Assi como acontece
a quem a cara vida está perdendo,
que, enquanto vai morrendo,
algũa visão santa lhe aparece;
a mim, em quem falece
a vida, que sois vós, minha Senhora,
a esta alma que em vós mora
(enquanto da prisão se está apartando)
vos estais juntamente apresentando

[1] Ed. 1598: *alto e potente.*
[2] Ed. 1598: *excellentes.*

em forma da fermosa e roxa Aurora.
Ó ditosa partida!
Ó glória soberana, alta e subida!
Se mo não impedir o meu desejo;
porque o que vejo, enfim, me torna a vida.

Porém a Natureza,
que nesta vista pura se mantinha,
me falta tão asinha,
quão asinha o sol falta à redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
ou vós, onde ele vive tão isento,
que causastes tão longo apartamento,
porque perdesse a vida co cuidado.
Que se viver não posso,
um homem sou só de carne e osso,
esta vida que perco, Amor ma deu;
que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

Canção de cisne, feita n'hora extrema:
na dura pedra fria
da memória te deixo, em companhia
do letreiro de minha sepultura;
que a sombra escura já me impede o dia [1].

IV

Vão as serenas águas
do Mondego descendo
mansamente, que até o mar não param;
por onde minhas mágoas
pouco a pouco crecendo,
para nunca acabar se começaram.
Ali se ajuntaram
neste lugar ameno,
aonde agora mouro,

[1] Ed. 1595: *já me impedia*

testa de neve e ouro,
riso brando, suave, olhar sereno,
um gesto delicado,
que sempre na alma me estará pintado.

Nesta florida terra,
leda, fresca e serena,
ledo e contente para mim vivia;
em paz com minha guerra,
contente com a pena
que de tão belos olhos procedia.
Um dia noutro dia
o esperar me enganava;
longo tempo passei,
co a vida folguei,
só porque em bem tamanho me empregava.
Mas que me presta já,
que tão fermosos olhos não os há?

Ó quem me ali dissera
que de amor tão profundo
o fim pudesse ver inda algũa hora!
Ó quem cuidar pudera
que houvesse aí no mundo
apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora
perdesse a esperança,
e o vão pensamento,
desfeito em um momento,
sem me poder ficar mais que a lembrança,
que sempre estará firme
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria
que daqui levar posso,
com a qual defender-me triste espero,
é que nnnca sentia
no tempo que fui vosso
quererdes-me vós quanto vos eu quero;
porque o tormento fero
de vosso apartamento
não vos dará tal pena

como a que me condena:
que mais sentirei vosso sentimento,
que o que minha alma sente.
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente!

Canção, tu estarás
aqui acompanhando
estes campos e estas claras águas,
e por mim ficarás
chorando e suspirando,
e ao mundo mostrando tantas mágoas,
que de tão larga história
minhas lágrimas fiquem por memória.

V

Se este meu pensamento,
como é doce e suave,
de alma pudesse vir gritando fora,
mostrando seu tormento
cruel, áspero e grave,
diante de vós só, minha Senhora:
pudera ser que agora
o vosso peito duro
tornara manso e brando.
E eu que sempre ando
pássaro solitário, humilde, escuro,
tornado um cisne puro,
brando e sonoro pelo ar voando,
com canto manifesto
pintara meu tormento e vosso gesto.

Pintara os olhos belos
que trazem nas mininas
o Minino que os seus neles cegou;
e os dourados cabelos
em tranças de ouro finas
a quem o sol seus raios abaixou;
a testa que ordenou
Natura tão fermosa;

o bem proporcionado
nariz, lindo, afilado,
que a cada parte tem a fresca rosa;
a boca graciosa,
que querê-la louvar é escusado;
enfim, é um tesouro:
os dentes, perlas; as palavras, ouro.

Vira-se claramente,
ó Dama delicada,
que em vós se esmerou a Natureza;
e eu, de gente em gente,
trouxera trasladada
em meu tormento vossa gentileza.
Sòmente a aspereza
de vossa condição,
Senhora, não dissera,
porque se não soubera
que em vós podia haver algum senão.
E se alguém, com razão,
— Porque morres? dissera, respondera:
— Mouro porque é tão bela
que inda não sou para morrer por ela.

E se pola ventura,
Dama, vos ofendesse,
escrevendo de vós o que não sento,
e vossa fermosura
tão baixo não descesse
que a alcançasse um baixo[1] entendimento,
seria o fundamento
daquilo que cantasse
todo de puro amor,
porque vosso louvor
em figura de mágoas se mostrasse.
E onde se julgasse
a causa pelo efeito, minha dor
diria ali sem medo:
quem me sentir, verá de quem procedo.

[1] Ed. 1598: *humilde*.

Então amostraria
os olhos saudosos,
o suspirar que a alma traz consigo;
a fingida alegria,
os passos vagarosos,
o falar, o esquecer-me do que digo;
um pelejar comigo,
e logo desculpar-me;
um recear, ousando;
andar meu bem buscando,
e de poder achá-lo acovardar-me;
enfim, averiguar-me
que o fim de tudo quanto estou falando
são lágrimas e amores;
são vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,
palavras com que iguale
com vossa fermosura minha pena;
que em doce voz de fora
aquela glória fale
que dentro na minha alma Amor ordena?
Não pode tão pequena
força de engenho humano
com carga tão pesada,
se não for ajudada
dum piadoso olhar, dum doce engano;
que, fazendo-me o dano
tão deleitoso, e a dor tão moderada,
que, enfim, se convertesse
nos gostos dos louvores que escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos
à pena vêm pequenos,
não queiram de ti mais, que dirás menos.

VI

Com força desusada
aquenta o fogo eterno
ũa ilha lá nas partes do Oriente,

de estranhos habitada,
aonde o duro Inverno
os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
por armas sanguinosas,
tem dela senhorio.
Cercada está dum rio
de marítimas águas saudosas;
das ervas que aqui nascem,
os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
quis que ũa grã parte
da vida, que não tinha, se passasse,
para que a sepultura
nas mãos do fero Marte
de sangue e de lembranças matizasse.
Se Amor determinasse
que, a troco desta vida,
de mim qualquer memória
ficasse, como história
que de uns fermosos olhos fosse lida,
a vida e alegria
por tão doce memória trocaria.

Mas este fingimento,
por minha dura sorte,
com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
que pode achar na morte
o que não pôde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
a minha confiança
que, de desesperado
em ver meu triste estado,
também da morte perco a esperança.
Mas oh! que se algum dia
desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto
já agora não me espanto,
que até desesperar se me defende.

Outrem foi causa disto,
que eu nunca pude tanto
que causasse este fogo que me encende.
Se cuidam que me ofende
temor de esquecimento,
oxalá meu perigo
me fora tão amigo
que algum temor deixara ao pensamento!
Quem viu tamanho enleio
que houvesse aí esperança sem receio?

Quem tem que perder possa
só pode recear.
Mas triste quem não pode já perder!
Senhora, a culpa é vossa,
que para me matar
bastará ũa hora só de vos não ver.
Puseste-me em poder
de falsas esperanças;
e do que mais me espanto
que nunca vali tanto
que vivesse também com esquivanças.
Valia tão pequena
não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo
tão brando e pouco irado,
quanto agora em meus males se conhece;
que não há mor castigo
para quem tem errado
que negar-lhe o castigo que merece.
E bem como acontece
que assi como ao doente
de cura despedido,
o médico sabido
tudo quanto deseja lhe consente,
assi me consentia
esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar
conta do bem passado
a esta triste vida e longa ausência.

Quem pode imaginar
que pode haver pecado [1]
que mereça tão grave penitência?
Olhai que é consciência,
por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena!
Não vedes que é onzena?
Mas se tão longo e mísero desterro
vos dá contentamento,
nunca se acabe nele meu tormento.

Rio fermoso e claro,
e vós, ó arvoredos,
que os justos vencedores coroais,
e ao cultor avaro,
continuamente ledos,
dum tronco só diversos frutos dais;
assi nunca sintais
do tempo injúria algũa,
que em vós achem abrigo
as mágoas que aqui digo,
enquanto der o Sol virtude à Lũa;
porque de gente em gente
saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, neste desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
até que o tempo em Eco te converta.

VII

Manda-me Amor que cante docemente
o que ele já em minha alma tem impresso
com pressuposto de desabafar-me;
e porque com meu mal seja contente,
diz que ser de tão lindos olhos preso,
contá-lo bastaria a contentar-me.
Este excelente modo de enganar-me

[1] **Ed. 1598**: *Qu' ouvess'em em mi peccado.*

tomara eu só de Amor por interesse,
se não se arrependesse
co a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
em virtude do gesto de que escrevo;
e se é mais o que canto que o que entendo,
invoco o lindo aspeito,
que pode mais que Amor em meu defeito.

Sem conhecer Amor viver soía,
seu arco e seus enganos desprezando,
quando vivendo deles me mantinha.
O Amor enganoso, que fingia
mil vontades alheias enganando,
me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Febo, e Progne vinha;
o corno de Aquelôo Flora entornava,
quando o Amor soltava
os fios de ouro, as tranças encrespadas,
ao doce vento esquivas,
dos olhos rutilando chamas[1] vivas,
e as rosas antre a neve semeadas,
co riso tão galante
que um peito desfizera de diamante.

Um não sei quê, suave, respirando,
causava um admirado e novo espanto,
que as cousas insensíveis o sentiam.
E as gárrulas aves levantando
vozes desordenadas em seu canto,
como em meu desejo se encendiam.
As fontes cristalinas não corriam,
inflamadas na linda vista pura;
florescia a verdura
que, andando, cos divinos pés tocava;
os ramos se abaixavam,
tendo inveja das ervas que pisavam
(ou porque tudo ante ela se abaixava).
Não houve coisa, enfim,
que não pasmasse dela, e eu de mim.

[1] Ed, 1595: *o lume.*

Porque quando vi dar entendimento
às cousas que o não tinham, o temor
me fez cuidar que efeito em mim faria.
Conheci-me não ter conhecimento;
e nisto só o tive, porque Amor
mo deixou, porque visse o que podia.
Tanta vingança Amor de mim queria
que mudava a humana natureza:
os montes e a dureza
deles, em mim, por troca, traspassava.
Ó que gentil partido!
Trocar o ser do monte sem sentido,
pelo que num juízo humano estava!
Olhai que doce engano:
tirar comum proveito de meu dano!

Assi que, indo perdendo o sentimento
a parte racional, me entristecia
vê-la a um apetite sometida;
mas dentro na alma o fim do pensamento
por tão sublime causa me dezia
que era razão ser vencida.
Assi que, quando a via ser perdida,
a mesma perdição a restaurava;
e em mansa paz estava
cada um com seu contrário num sujeito.
Ó grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
a causa donde vem tamanho efeito
que faz num coração
que venha o apetite a ser razão?

Aqui senti de Amor o mor fineza,
como foi ver sentir o insensível,
e o ver a mim de mim mesmo perder-me;
enfim, senti negar-se a natureza;
por onde cri que tudo era possível
aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Despois que já senti desfalecer-me,
em lugar do sentido que perdia,
não sei que me escrevia
dentro na alma co as letras da memória,

o mais deste processo
co claro gesto juntamente impresso
que foi a causa de tão longa história.
Se bem a declarei,
eu não a escrevo, da alma a trasladei.

Canção, se quem te ler
não crer dos olhos lindos o que dizes,
pelo que em si se esconde [1],
os sentimentos humanos, lhe responde [2],
não [3] podem dos divinos ser juízes,
[senão um pensamento
que a falta supra a fé do entendimento] [4].

VIII

Tomei a triste pena
já de desesperado
de vos lembrar as muitas que padeço,
com ver [5] que me condena
a ficar eu culpado
o mal que me tratais e o que mereço.
Confesso que conheço
que, em parte, a causa dei [6]
[a]o mal em que me vejo,
pois sempre meu desejo
a tão largas promessas entreguei [7];
mas não tive suspeita
que seguísseis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento
tão envolto estou
como os sinais demonstram que mostrais;

[1] Ed. 1595: *em si escondem.*
[2] Ed. 1595: *respondem.*
[3] Ed. 1595: *bem.*
[4] Ed. [1598].
[5] Ed. 1598: *vendo.*
[6] Ed. 1595: *eu causei.*
[7] Ed. 1595: *Tão comprido, em vos cumprir deixei.*

vivo neste tormento,
lembranças mais não dou
que a que de razão tomar queirais:
olhai que me tratais
assi de dia em dia
com vossas esquivanças;
e as vossas esperanças,
de que, vãmente, eu me enriquecia,
renovam a memória;
pois com tê-la de vós, só tenho glória.

E se isto conhecêsseis
ser[1] verdade pura
como ouro de Arábia reluzente[2],
inda que não quisésseis,
a condição tão dura
mudáreis noutra muito diferente.
E eu, como inocente,
que estou neste caso,
isto em mãos pusera
de quem sentença dera
que ficasse o direito justo e raso,
se não arreceara
que a vós por mim, e a mim por vós matara.

Em vós escrita vi
vossa grande dureza,
e na alma escrita está que de vós vive;
não que acabasse ali
sua grande firmeza
o triste desengano que então tive;
porque antes que a dor prive
de todo meus sentidos,
ao grande tormento
acode o entendimento
com dous fortes soldados, guarnecidos
de rica pedraria,
que ficam sendo minha luz e guia.

[1] Ed. 1595: *que he.*
[2] Ed. 1598: *Mais que de Arábia o ouro relazente.*

Destes acompanhado,
estou posto sem medo
a tudo o que o fatal destino ordene;
pode ser que, cansado,
ou seja tarde, ou cedo,
com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
(que isto é o que espero)
inda a maiores dores,
perdidos os temores,
por mais que venha, não direi: não quero.
Contudo estou tão forte
que nem me mudará a mesma morte.

Canção, se já não queres
ver tanta crueldade,
lá vás onde verás minha verdade.

IX

Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido;
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;
cujo nome, do vulgo introduzido,
é felix, por antífrase, infelice [1];
o qual a Natureza
situou junto à parte
onde um braço de mar alto reparte
Abássia, da arábica aspereza,
onde fundada já foi Berenice,
ficando à parte donde
o sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arómata chamado.

[1] Ed. 1595: *Por antiphrasi he felix infelice.*

Arómata outro tempo, que, volvendo
os céus, a ruda língua mal composta,
dos próprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
entrar pela garganta deste braço,
me trouxe um tempo e teve
minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, áspera e dura
parte do mundo, quis que a vida breve
também de si deixasse um breve espaço,
porque ficasse a vida
pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
tristes, forçados, maus e solitários,
trabalhosos, de dor e de ira cheios,
não tendo tão sòmente por contrários
a vida, o sol ardente e águas frias,
os ares grossos, férvidos e feios,
mas os meus pensamentos, que são meios
para enganar a própria natureza.
Também vi contra mi,
trazendo-me à memória
algũa já passada e breve glória,
que eu já no mundo vi, quando vivi,
por me dobrar dos males a aspereza,
por me mostrar que havia
no mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu co estes pensamentos
gastando o tempo e a vida; os quais tão alto
me subiam nas asas, que caía
(e vede se seria leve o salto!)
de sonhados e vãos contentamentos
em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
num súbito chorar, e nuns suspiros
que rompiam os ares.
Aqui, a alma cativa,
chagada toda, estava em carne viva,
de dores rodeada e de pesares,
desamparada e descoberta aos tiros

da soberba Fortuna;
soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
nem esperança algũa onde a cabeça
um pouco reclinasse, por descanso.
Tudo dor lhe era [1] e causa que padeça,
mas que pereça não, porque passasse
o que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos da voz importunados,
parece que se enfreiam!
Sòmente o Céu severo,
as Estrelas e o Fado sempre fero,
com meu perpétuo dano se recreiam,
mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
saber inda por certo que algũa hora
lembrava a uns claros olhos que já vi;
e se esta triste voz, rompendo fora,
as orelhas angélicas tocasse
daquela em cujo riso já vivi;
a qual, tornada um pouco sobre si,
revolvendo na mente pressurosa
os tempos já passados
de meus doces errores,
de meus suaves males e furores,
por ela padecidos e buscados,
tornada (inda que tarde) piadosa,
um pouco lhe pesasse
e consigo por dura se julgasse;

isto só que soubesse, me seria
descanso para a vida que me fica;
co isto afagaria o sofrimento.
Ah! Senhora, Senhora, que tão rica
estais, que cá tão longe, de alegria,

[1] Ed. 1595: *Todo lhe he dor.*

me sustentais cum doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
contra o rosto feroz da fera Morte,
e logo se me ajuntam esperanças
com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
em saudades brandas e suaves.

Aqui co elas[1] fico, perguntando
aos ventos amorosos, que respiram
da parte donde estais, por vós, Senhora,
às aves que ali voam, se vos viram,
que fazíeis, que estáveis praticando,
onde, como, com quem, que dia e que hora.
Ali a vida cansada, que melhora,
toma novos espritos, com que vença
a Fortuna e Trabalho,
só por tornar a ver-vos,
só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo, que a tudo dará talho;
mas o Desejo ardente, que detença
nunca sofreu, sem tento
me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
podes-lhe responder que porque mouro.

X

Vinde cá, meu tão certo secretário
dos queixumes que sempre ando fazendo,
papel, com que a pena desafogo!
As sem-razões digamos que, vivendo,
me faz o inexorável e contrário
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.

[1] Ed. 1595, 1598: *co elles.*

Deitemos água pouca em muito fogo;
acenda-se com gritos um tormento
que a todas as memórias seja estranho.
Digamos mal tamanho
a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,
a quem já muitas vezes o contei,
tanto debalde como o conto agora;
mas, já que para errores fui nascido,
vir este a ser um deles não duvido.
Que, pois já de acertar estou tão fora,
não me culpem também, se nisto errei.
Sequer este refúgio só terei:
falar e errar sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!

Já me desenganei que de queixar-me
não se alcança remédio; mas quem pena,
forçado lhe é [1] gritar, se a dor é grande.
Gritarei; mas é débil e pequena
a voz para poder desabafar-me,
porque nem com gritar a dor se abrande.
Quem me dará sequer que fora mande [2]
lágrimas e suspiros infinitos
iguais ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem pode algũa hora
medir o mal com lágrimas ou gritos?
Enfim, direi aquilo que me ensinam
a ira, a mágoa, e delas a lembrança,
que é outra dor por si, mais dura e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me,
e fujam os que vivem de esperança
ou aqueles que nela se imaginam,
porque Amor e Fortuna determinam
de lhe darem poder para entenderem,
à medida dos males que tiverem.

[Quando vim da materna sepultura
de novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;

[1] Ed. 1595: *forçado he*
[2] Ed. 1595: *a mande.*

com ter livre alvedrio, mo não deram,
que eu conheci mil vezes na ventura
o milhor, e pior segui, forçado.
E, para que o tormento conformado
me dessem com a idade, quando abrisse
inda minino, os olhos, brandamente,
mandam que, diligente,
um Minino sem olhos me ferisse.
As lágrimas da infância já manavam
com ũa saudade namorada;
o som dos gritos, que no berço dava,
já como de suspiros me soava.
Co a idade e Fado estava concertado;
porque quando, por caso, me embalavam,
se versos de Amor tristes me cantavam,
logo me adormecia a natureza,
que tão conforme estava co a tristeza] [1].

Foi minha ama ũa fera, que o destino
não quis que mulher fosse a que tivesse
tal nome para mim; nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
o veneno amoroso, de minino,
que na maior idade beberia,
e, por costume, não me mataria.
Logo então vi a imagem e semelhança
daquela humana fera tão fermosa,
suave e venenosa,
que me criou aos peitos da esperança;
de quem eu vi despois o original,
que de todos os grandes desatinos
faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha forma humana,
mas cintilava espíritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal
que se vangloriava todo o mal
na vista dela; a sombra, co a viveza,
excedia o poder da Natureza.

[1] [Ed. 1598].

Que género tão novo de tormento
teve Amor, que não fosse, não sòmente
provado em mim, mas todo executado?
Implacáveis durezas, que o fervente
desejo, que dá força ao pensamento,
tinham de seu propósito abalado,
e de se ver, corrido e injuriado;
aqui, sombras fantásticas, trazidas
de algũas temerárias esperanças;
as bem-aventuranças
nelas também pintadas e fingidas;
mas a dor do desprezo recebido,
que a fantasia me desatinava,
estes enganos punha em desconcerto;
aqui, o adevinhar e o ter por certo
que era verdade quanto adevinhava,
e logo o desdizer-me, de corrido;
dar às cousas que via outro sentido,
e para tudo, enfim, buscar razões;
mas eram muitas mais as sem-razões.

[Não sei como sabia estar roubando
cos raios as entranhas, que fugiam
por ela, pelos olhos sutilmente!
Pouco a pouco invencíveis me saíam,
bem como do véu húmido exalando
está o sutil humor o Sol ardente.
Enfim, o gesto puro e transparente,
para quem fica baixo e sem valia
deste nome de belo e de fermoso;
o doce e piadoso
mover de olhos, que as almas suspendia
foram as ervas mágicas, que o Céu
me fez beber; as quais, por longos anos,
noutro ser me tiveram transformado,
e tão contente de me ver trocado
que as mágoas enganava cos enganos;
e diante dos olhos punha o véu
que me encobrisse o mal, que assi creceu,
como quem com afagos se criava
daquele para quem crecido estava] [1].

[1] [Ed. 1598].

Pois quem pode pintar a vida ausente,
com um descontentar-me quanto via,
e aquele estar tão longe donde estava;
o falar, sem saber o que dezia;
andar, sem ver por onde, e juntamente
suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquele mal me atormentava
e aquela dor que das Tartáreas águas
saíu ao mundo, e mais que todas doi,
que tantas vezes soi
duras iras tornar em brandas mágoas;
agora, co furor da mágoa irado,
querer e não querer deixar de amar,
e mudar noutra parte por vingança
o desejo privado de esperança,
que tão mal se podia já mudar;
agora, a saudade do passado
tormento, puro, doce e magoado,
fazia converter estes furores
em magoadas lágrimas de amores.

Que desculpas comigo que [1] buscava
quando o suave Amor me não sofria
culpa na cousa amada, e tão amada!
Enfim, eram remédios que fingia
o medo do tormento que ensinava
a vida a sustentar-se, de enganada.
Nisto ũa parte dela foi passada,
na qual se tive algum contentamento
breve, imperfeito, tímido, indecente,
não foi senão semente
de longo e amaríssimo tormento.
Este curso contino de tristeza,
estes passos tão vãmente espalhados,
me foram apagando o ardente gosto,
que tão de siso na alma tinha posto,
daqueles pensamentos namorados
em que eu criei a tenra natureza,
que do longo costume da aspereza,
contra quem força humana não resiste,
se converteu no gosto de ser triste.

[1] Ed. 1598, *só*.

Desta arte a vida noutra fui trocando;
eu não, mas o destino fero, irado,
que eu ainda assi por outra não trocara.
Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
passando o longo mar, que ameaçando
tantas vezes me esteve a vida cara.
Agora, exprimentando a fúria rara
de Marte, que cos olhos quis que logo
visse e tocasse o acerbo fruto seu
(e neste escudo meu
a pintura verão do infesto fogo);
agora, peregrino vago e errante,
vendo nações, linguages e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes,
só por seguir com passos diligentes
a ti, Fortuna injusta, que consumes
as idades, levando-lhe diante
ũa esperança em vista de diamante,
mas quando das mãos cai se conhece
que é frágil vidro aquilo que aparece.

A piadade humana me faltava,
a gente amiga já contrária via,
no primeiro perigo; e no segundo,
terra em que pôr os pés me falecia,
ar para respirar se me negava,
e faltavam-me, enfim, o tempo e o mundo.
Que segredo tão árduo e tão profundo:
nascer para viver, e para a vida
faltar-me quanto o mundo tem para ela!
E não poder perdê-la,
estando tantas vezes já perdida!
Enfim, não houve transe de fortuna,
nem perigos, nem casos duvidosos,
injustiças daqueles, que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso,
faz sobre os outros homens poderosos,
que eu não passasse, atado à grã [1] coluna
do sofrimento meu, que a importuna
perseguição de males em pedaços
mil vezes fez, à força de seus braços.

[1] Ed. 1598: *fiel*.

Não conto tanto males como aquele
que, depois da tormenta procelosa,
os casos dela conta em porto ledo;
que ainda agora a Fortuna flutuosa
a tamanhas misérias me compele,
que de dar um só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não me arredo,
nem bem que me faleça já pretendo,
que para mim não val astúcia humana;
de força soberana,
da Providência, enfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo
para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
os olhos no [1] que corre, e não [2] alcança
senão memória dos passados anos,
as águas que então bebo, e o pão que como,
lágrimas tristes são, que eu nunca domo
senão com fabricar na fantasia
fantásticas pinturas de alegria.

Que se possível fosse, que tornasse
o tempo para trás, como a memória,
pelos vestígios da primeira idade,
e de novo tecendo a antiga história
de meus doces errores, me levasse
pelas flores que vi da mocidade;
e a lembrança da longa saudade
então fosse maior contentamento,
vendo a conversação leda e suave,
onde ũa e outra chave
esteve de meu novo pensamento,
os campos, as passadas, os sinais,
a fermosura, os olhos, a brandura,
a graça, a mansidão, a cortesia,
a sincera [3] amizade, que desvia
toda a baixa tenção, terrena, impura,
como a qual outra algũa não vi mais...

[1] Ed. 1595: *na*.
[2] Ed. 1595: *& não a alcança*.
[3] Ed. 1598: *singell'*.

Ah! vãs memórias, onde me levais
o fraco coração, que ainda não posso
domar este tão vão desejo vosso?

Nô mais, Canção, nô mais; que irei falando,
sem o sentir, mil anos. E se acaso
te culparem de larga e de pesada,
não pode ser (lhe dize) limitada
a água do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
co gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

ELEGIAS

I

O Poeta Simónides, falando
ao capitão Temístocles, um dia,
em cousas de sciência praticando,
ũa arte singular lhe prometia,
que então compunha, com que lhe ensinasse
a se lembrar de tudo o que fazia;
onde tão sutis regras lhe mostrasse
que nunca lhe passasse da memória
em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e glória
quem dava regra contra o esquecimento
que enterra em si qualquer antiga história.
Mas o capitão claro, cujo intento
bem diferente estava, porque havia
as passadas lembranças por tormento;
Ó ilustre Simónides! (dezia)
Pois tanto em teu engenho te confias
que mostras à memória nova via,
se me desses ũa arte que em meus dias
me não lembrasse nada do passado,
oh! quanto milhor obra me farias!
Se este excelente dito ponderado
fosse por quem se visse estar ausente,
em longas esperanças degradado,
oh! como bradaria justamente:
Simónides, inventa novas artes;
não meças o passado co presente!
Que, se é forçado andar por várias partes
buscando à vida algum descanso honesto,
que tu, Fortuna injusta! mal repartes;
e se o duro trabalho é manifesto
que por grave que seja, há-de passar-se
com animoso esprito e ledo gesto;

de que serve às pessoas alembrar-se
do que se passou já, pois tudo passa,
senão de entristecer-se e magoar-se?
Se noutro corpo ũa alma se traspassa,
não como quis Pitágoras na morte,
mas como manda Amor na vida escassa;
e se este Amor no mundo está de sorte
que na virtude só dum lindo objecto
tem um corpo sem alma, vivo e forte;
onde este objecto falta, que é defecto
tamanho para a vida, que já nela
me está chamando à pena a dura Alecto;
porque me não criara minha estrela
selvático no mundo, e habitante
na dura Scítia, ou na aspereza dela?
Ou no Cáucaso horrendo, fraco infante,
criado ao peito d'algũa tigre Hircana,
homem fora formado de diamante;
porque a cerviz ferina e inhumana
não sometera ao jugo e dura lei
daquele que dá vida quando engana.
Ou, em pago das águas que estilei,
as que do mar passei foram de Lete,
para que me esquecera o que passei.
Que o bem que a esperança vã promete,
ou a morte o estorva, ou a mudança,
que é mal que ũa alma em lágrimas derrete.
Já, Senhor, cairá como a lembrança,
no mal, do bem passado é triste e dura,
pois nasce aonde morre a esperança.
E se quiser saber como se apura
nũa alma saudosa, não se enfade
de ler tão longa e mísera escritura.
Soltava Eolo a rédea e liberdade
ao manso Favónio brandamente,
e eu já tinha solta a saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente;
a proa a branca escuma dividia,
co a gente marítima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
os ventos, namorada Galateia
consigo, sossegados, os movia.

Das argênteas conchinhas, Panopeia
andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligeia.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
trazia os olhos na água sossegada,
e a água sem sossego nos meus olhos.
A bem-aventurança já passada
diante mim tinha tão presente
como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto imoto e descontente,
cum suspiro profundo, e mal ouvido,
por não mostrar meu mal a toda a gente,
dezia: Ó claras Ninfas! Se o sentido
em puro amor tivestes, e inda agora
da memória o não tendes esquecido;
se, por ventura, fordes algũa hora
aonde entra o grão Tejo a dar tributo
a Tétis, que vós tendes por Senhora;
ou por verdes o prado verde enxuto,
ou por colherdes ouro rutilante,
das Tágicas areias rico fruto;
nelas em verso heróico e elegante,
escrevei cũa concha o que em mim vistes:
pode ser que algum peito se quebrante.
E contando de mim memórias tristes,
os pastores do Tejo, que me ouviam,
ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Elas, que já no gesto me entendiam,
nos meneios das ondas me mostravam
que enquanto lhe pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
pola tranquilidade da bonança,
nem na tormenta grave me deixavam.
Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
começo da saudade que renova,
lembrando a longa e áspera mudança;
debaixo estando já da Estrela nova,
que no novo Hemisfério resplandece,
dando do segundo axe certa prova;
eis a noite com nuvens escurece,
do ar supitamente foge o dia,
e o largo oceano se embravece.

A máquina do Mundo parecia
que em tormenta se vinha desfazendo,
em serras todo o mar se convertia.
Lutando Bóreas fero e Noto horrendo,
sonoras tempestades levantavam,
das naus as velas côncavas rompendo.
As cordas, co ruído, assoviavam,
os marinheiros, já desesperados,
com gritos para o Céu o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
vibrava o fero e áspero Tonante,
tremendo os Polos ambos, de assombrados!
Ali Amor mostrando-se possante
e que por nenhum modo não fugia,
mas quanto mais trabalho, mais constante;
vendo a morte diante, em mim dezia:
Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,
nada do que passei me lembraria.
Enfim, nunca houve cousa que mudasse
o firme Amor do intrínseco daquele
em cujo peito ũa vez de siso entrasse.
Ũa cousa, Senhor, por certo assele;
que nunca Amor se afina, nem se apura,
enquanto está presente a causa dele.
Desta arte me chegou minha ventura
a esta desejada e longa terra,
de todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaïdade em nós se encerra,
e dos próprios quão pouca; contra quem
foi logo necessário termos guerra.
Que ũa ilha que o rei de Porcá tem,
que o rei da Pimenta lhe tomara,
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.
Com ũa armada grossa, que ajuntara
o vizo-rei de Goa, nos partimos
com toda a gente d'armas que se achara,
e com pouco trabalho destruímos
a gente no curvo arco exercitada;
com mortes, com incêndios, os punimos.
Era a ilha com águas alagada,
de modo que se andava em almadias;
enfim, outra Veneza trasladada.

Nela nos detivemos sós dous dias,
que foram para alguns os derradeiros,
que passaram de Estige as águas frias.
Que estes são os remédios verdadeiros
que para a vida estão aparelhados
aos que a querem ter por cavaleiros.
Oh! lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento,
dá-lhes a fonte clara a água pura,
mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vêm o mar irado, a noite escura,
por ir buscar a pedra do Oriente;
não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas árvores contente,
sem lhe quebrar o sono sossegado
o cuidado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
e da fermosa cor Assíria tinto,
e dos torçais Atálicos lavrado;
se não têm as delícias de Corinto,
e se de Pário os mármores lhe faltam,
o piropo, a esmeralda, e o jacinto;
se suas casas d'ouro não se esmaltam,
esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
onde os cabritos seus, comendo, saltam.
Ali amostra o campo várias cores,
vêm-se os ramos pender co fruto ameno,
ali se afina o canto dos pastores;
ali cantara Títiro e Sileno;
enfim, por estas partes caminhou
a sã justiça para o Céu sereno.
Ditoso seja aquele que alcançou
poder viver na doce companhia
das mansas ovelhinhas que criou!
Este, bem fàcilmente alcançaria
as causas naturais de toda a cousa,
como se gera a chuva e neve fria;
os trabalhos do Sol, que não repousa;
e porque nos dá a Lũa a luz alheia,
se tolher-nos de Febo os raios ousa.

E como tão depressa o Céu rodeia;
e como um só os outros traz consigo,
e se é benina ou dura Citereia.
Bem mal pode entender isto que digo
quem há-de andar seguindo o fero Marte,
que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
que, posto que a Fortuna possa tanto,
que tão longe de todo o bem me aparte,
não poderá apartar meu duro canto
desta obrigação sua, enquanto a morte
me não entrega ao duro Radamanto,
se para tristes há tão leda sorte.

II

A D. António de Noronha,
estando o Autor na Índia.

Aquela que de amor descomedido
pelo fermoso moço se perdeu
que só por si de amores foi perdido,
despois que a deusa em pedra a converteu
de seu humano gesto verdadeiro,
a última voz só lhe concedeu.
Assi meu mal do próprio ser primeiro
outra cousa nenhũa me consente
que este canto que escrevo derradeiro.
E se algũa pouca vida, estando ausente,
me deixa Amor, é porque o pensamento
sinta a perda do bem de estar presente.
Senhor, se vos espanta o sentimento
que tenho em tanto mal, para escrevê-lo
furto este breve tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para sofrê-lo,
sem se acabar a vida co cuidado,
também terá poder para dizê-lo.
Nem eu escrevo mal tão costumado,
mas n'alma minha, triste e saudosa,
a saudade escreve, e eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa,
espalhando a contínua saudade
ao longo de ũa praia saudosa.
Vejo do mar a instabilidade,
como com seu ruído impetuoso
retumba na maior concavidade.
E com sua branca escuma, furioso,
na terra, a seu pesar, lhe está tomando
lugar onde se estenda, cavernoso.
Ela, como mais fraca, lhe está dando
as côncavas entranhas, onde esteja
suas salgadas ondas espalhando.
A todas estas cousas tenho enveja
tamanha, que não sei determinar-me,
por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
não posso, porque Amor e Saudade,
nem licença me dão para matar-me.
Às vezes cuido em mim a novidade
e estranheza das cousas, co a mudança
se poderão mudar ũa vontade.
E com isto afiguro na lembrança
a nova terra, o novo trato humano,
a estrangeira gente e estranha usança.
Subo-me ao monte que Hércules Tebano
do altíssimo Calpe dividiu,
dando caminho ao mar Mediterrano.
Dali estou tenteando aonde viu
o pomar das Hespéridas, matando
a serpe que a seu passo resistiu.
Em outra parte estou afigurando
o poderoso Anteu que, derrubado,
mais força lhe estava acrescentando;
mas do Hercúleo braço sojugado,
no ar deixou a vida, não podendo
da madre terra já ser ajudado.
Nem com isto, enfim, que estou dizendo,
nem com as armas tão continuadas,
de lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo remudadas,
porque o tempo ligeiro não consente
que estejam de firmeza acompanhadas.

Vi já que a Primavera, de contente,
de mil cores alegres revestia
o monte, o rio, o campo alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
que até aos montes duros convidava
a um modo suave de alegria.
Vi já que tudo, enfim, me contentava,
e que, de muito cheio de firmeza,
um mal por mil prazeres não trocava.
Tal me tem a mudança e estranheza
que, se vou pelos campos, a verdura,
parece que se seca, de tristeza.
Mas isto é já costume da ventura;
que os olhos que vivem descontentes,
descontente o prazer se lhe afigura.
Ó graves e insofríveis acidentes
de Fortuna e de Amor que, penitência
tão grave dais aos peitos inocentes!
Não basta exprimentar-me paciência,
com temores e falsas esperanças,
sem que também me atente o mal de ausência?
Trazeis um brando ânimo em mudanças,
para que nunca possa ser mudado
de lágrimas, suspiros e lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
também no mal não consentis firmeza,
para que nunca viva descansado.
Vivia eu sossegado na tristeza,
e ali não me faltava um brando engano,
que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendo-me enganado estar ufano,
deu à roda Fortuna, e deu comigo
onde de novo choro o novo dano.
Já deve de bastar o que aqui digo
para dar a entender o mais que calo,
a quem já viu tão áspero perigo.
E se nos bravos peitos faz abalo
um peito magoado e descontente,
que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra:
ao menos poderei viver contente.

Porque se o duro Fado me desterra,
tanto tempo do bem que o fraco esprito
desampare a prisão onde se encerra,
ao som das negras águas de Cocito,
ao pé dos carregados arvoredos
cantarei o que na alma tenho escrito.
E, por entre esses hórridos penedos,
a quem negou Natura o claro dia,
entre tormentos ásperos e medos,
com a trémula voz, cansada e fria,
celebrarei o gesto claro e puro
que nunca perderei da fantasia.
E o músico de Trácia, já seguro
de perder sua Eurídice, tangendo
me ajudará, ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras, revolvendo
memórias do passado, me ouvirão;
e com seu choro, o rio irá crescendo.
Em Salmoneu as penas saltarão [1],
e das filhas de Belo, juntamente,
de lágrimas os vasos se encherão.
Que se o amor não se perde em vida ausente,
menos se perderá por morte escura;
porque, enfim, a alma vive eternamente,
e amor é afeito d'alma, e sempre dura.

III

O Sulmonense Ovídio, desterrado
na aspereza do Ponto, imaginando
ver-se de seus parentes apartado;
sua cara mulher desamparando,
seus doces filhos, seu contentamento,
de sua pátria os olhos apartando;
não podendo encobrir o sentimento,
aos montes e às águas se queixava
de seu escuro e triste nacimento.
O curso das estrelas contemplava,
e como por sua ordem discorria
o céu, o ar e a terra adonde estava.

[1] Ed. 1595: *faltarão*.

Os peixes pelo mar nadando via,
as feras pelo monte, procedendo
como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
os saudosos rios de cristal,
a sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu próprio natural
apartado, se via em terra estranha,
a cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
nos versos saudosos que escrevia,
e lágrimas com que ali o campo banha.
Dest'arte me afigura a fantasia
a vida com que vivo, desterrado
do [1] bem que noutro tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
que nunca passará pola memória
de quem o tem na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
desenganar meu erro, co a mudança
que faz a frágil vida transitória.
Ali me representa esta lembrança
quão pouca culpa tenho; e me entristece
ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
a causa tira o sentimento dela;
mas muito doi a que se não merece.
Quando a roxa manhã, fermosa e bela,
abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
e torna a seus queixumes filomela;
este cuidado que co sono atalho
em sonhos me parece; que o que a gente
para descanso tem, me dá trabalho.
E depois de acordado, cegamente
(ou, por milhor dizer, desacordado,
que pouco acordo tem um descontente)
dali me vou com passo carregado,
a um outeiro erguido, e ali me assento,
soltando a rédea toda a meu cuidado.
Depois de farto já de meu tormento,

[1] Ed. 1595: *no*.

dali estendo os olhos saudosos
à parte aonde tenho o pensamento.
  Não vejo senão montes pedregosos;
e os campos sem graça e secos vejo
que já floridos vira e graciosos.
  Vejo o puro, suave e brando Tejo,
com as côncavas barcas, que, nadando,
vão pondo em doce efeito seu desejo.
  Ũas co brando vento navegando,
outras cos leves remos, brandamente
as cristalinas águas apartando.
  Dali falo co a água, que não sente
com cujo sentimento a alma sai
em lágrimas desfeita claramente.
  Ó fugitivas ondas, esperai!
que, pois me não levais em companhia,
ao menos estas lágrimas levai,
  até que venha aquele alegre dia
que eu vá onde vós is, contente e ledo.
Mas tanto tempo quem o passaria?
  Não pode tanto bem chegar tão cedo,
porque primeiro a vida acabará
que se acabe tão áspero degredo.
  Mas esta triste morte que virá,
se em tão contrário estado me acabasse,
a alma impaciente adonde irá?
  Que, se às portas Tartáreas chegasse,
temo que tanto mal pola memória
nem ao passar de Lete lhe passasse.
  Que, se a Tântalo e Tício for notória
a pena com que vai que a atormenta,
a pena que lá tem terão por glória.
  Esta imaginação me acrescenta
mil mágoas no sentido, porque a vida
de imaginações tristes se sustenta.
  Que, pois de todo vive consumida,
porque o mal que possui se resuma,
imagina na glória possuída,
  até que a noite eterna me consuma,
ou veja aquele dia desejado,
em que Fortuna faça o que costuma;
  se nela há i mudar um triste estado.

IV

(CAPÍTULO)

Aquele mover d'olhos excelente,
aquele vivo espírito inflamado
do cristalino rosto transparente;
aquele gesto imoto e repousado,
que estando na alma pròpriamente escrito,
não pode ser em verso trasladado;
aquele parecer que é infinito
para se compreender de engenho humano,
o qual ofendo em quanto tenho dito,
me inflama o coração dum doce engano,
me enleva e engrandece a fantasia,
que não vi maior glória que meu dano.
Ó bem-aventurado seja o dia
em que tomei tão doce pensamento,
que de todos os outros me desvia!
E bem-aventurado o sofrimento
que soube ser capaz de tanta pena,
vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me, quem me mata, o mal que ordena;
trate-me com enganos, desamores;
que então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves disfavores
penando vive ũa alma consumida,
oh! que doce penar! que doces dores!
E se ũa condição endurecida
também me nega a morte por meu dano,
oh! que doce morrer! que doce vida!
E se me mostra um gesto brando e humano,
como que de meu mal culpada se acha,
oh! que doce mentir! que doce engano!
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
mostrando refrear o pensamento,
oh! que doce fingir! que doce cacha!
Assi que ponho já no sofrimento
a parte principal de minha glória,
tomando por milhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem só na memória

de vos ver, linda Dama, vencedora,
que quero eu mais que ser vossa a vitória?
Se tanto vossa vista mais namora
quanto eu sou menos para merecer-vos,
que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
e consiste o vencer em ser vencido,
que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido,
só na vista duns olhos tão serenos,
que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se meus baixos espritos, de pequenos,
ainda não merecem seu tormento,
que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, enfim, me esforça o sofrimento,
porque, a pesar do mal, que me resiste,
de todos os trabalhos me contento;
que a razão faz a pena alegre ou triste.

V

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que o mundo se sustenta,
o revolver dos céus e dos planetas;
e se quando à memória se apresenta
este curso do Sol, que é tão medido
que um ponto só não mingua nem se aumenta;
aquele efeito, tarde conhecido,
da Lũa, em ser mudável tão constante
que minguar e crecer é seu partido;
aquela natureza tão possante
dos Céus, que tão conformes e contrários
caminham, sem parar um breve instante;
aqueles movimentos ordinários,
a que responde o tempo, que não mente,
cos efeitos da Terra necessários;
se quando, enfim, revolve sutilmente
tantas cousas a leve fantasia,
sagaz, escrutadora e diligente;
vê bem, se da razão se não desvia,
o altíssimo Ser, puro e divino,
que tudo pode, manda, move e cria;
sem fim e sem começo: um ser contino;

um Padre grande, a quem tudo é possível,
por mais árduo que seja ao homem indino;
um saber infinito, incompreensível;
ũa verdade que nas cousas anda,
que mora no visível e no invisível.
Esta Potência, enfim, que tudo manda,
esta Causa das causas, revestida
foi desta nossa carne miseranda.
Do amor e da justiça compelida,
polos erros da gente, em mãos da gente
(como se Deus não fosse!) perde a vida.
Ó cristão descuidado e negligente!
Pondera isto, que digo, repousado,
não passes por aqui tão levemente.
Não, que aquele [é] Deus alto [e] incriado,
Senhor das cousas todas, que fundou
o Céu, a Terra, o fogo e o mar irado,
não do confuso Caos, como cuidou
a falsa teologia e povo escuro,
que nesta só verdade tanto errou;
não dos átomos falsos de Epicuro;
não do largo Oceano, como Tales,
mas só do pensamento casto e puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
que por ti este grande Deus padece,
novo modo de morte, novos males.
Olha que o Sol no Olimpo se escurece,
não por oposição doutro planeta,
mas só porque virtude lhe falece.
Não vês que a grande máquina inquieta
do mundo se desfaz toda em tristeza,
e não por natural causa secreta?
Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar, batendo, geme,
desfazendo das pedras a dureza?
Não vês que os montes caiem? a terra treme?
E que até na remota e grande Atenas,
o sábio Dionísio sente e teme?
Ó sumo Deus! tu mesmo te condenas
polo mal em que eu só sou tão culpado,
a tamanhas afrontas, tantas penas.
Por mim, Senhor, no mundo reputado

por falso e por quebrantador da lei
a fama a ti se põe do meu pecado.
 Eu, Senhor, sou ladrão; tu, justo Rei;
eu, só, furtei; tu, com ladrões padeces;
a pena a ti se dá do que eu pequei.
 Eu, servo sem valor; tu, sumo preço,
em preço vil te pões, por me tirares
do cativeiro eterno, que mereço.
 Eu, por perder-te; e tu, por me ganhares,
te dás aos homens baixos, que te vendem,
só para os homens presos resgatares.
 A ti, que as almas soltas, a ti prendem;
a ti, sumo Juiz, ante juízes
te acusam, polo error dos que te ofendem.
 Chamam-te malfeitor, não contradizes;
sendo tu dos Profetas a certeza,
dizem que quem te fere profetizes.
 Rim-se de ti; tu choras a crueza
que sobre eles virá. A gente dura,
por quem tu vens ao mundo, te despreza.
 O teu rosto, de cuja fermosura
se veste o Céu e o Sol resplandecente,
diante de quem muda está a Natura,
 com cruas bofetadas da vil gente,
de precioso sangue está banhado,
cuspido, arrepelado cruelmente.
 Aquele corpo tenro e delicado,
sobre todos os Santos sacrossanto,
de açoutes rigorosos flagelado;
 depois, coberto mal de um pobre manto,
que se pegava às carnes magoadas,
para dobrar-lhe as dores outro tanto.
 Magoavam-no as chagas não curadas,
um tormento causando-lhe, excessivo,
ao despir pelas mãos cruéis e iradas.
 As santíssimas barbas de Deus vivo,
de resplandor ornadas lhe arrancavam,
para desempenhar Adão cativo.
 Com cordas pelas ruas o levavam,
levando sobre os ombros o troféu
das vitórias que as almas alcançavam.
 Ó tu que passas, homem Cireneu,

ajuda um pouco este Homem verdadeiro,
que agora como humano enfraqueceu!
  Olha que o corpo, aflito do marteiro
e dos longos jejuns debilitado,
não pode já co peso do madeiro.
  Oh não enfraqueçais, Deus incarnado!
Essas quedas, que tanto vos magoam,
suportai, Cavaleiro sublimado!
  Que aquelas altas vozes que lá soam,
Padres são que estão no Limbo escuro,
que já de louro e palma vos coroam.
  Todos vos bradam, que subais ao muro
da cidade infernal, e que arvoreis
em cima essa bandeira mui seguro.
  Oh Santos Padres, não vos apresseis,
que muito mais a Deus que a vós custaram
essas duras prisões em que jazeis!
  Aquelas mãos, que o mundo edificaram,
aqueles pés, que pisam as estrelas,
com duríssimos pregos se encravaram.
  Mas qual será a pessoa que as querelas
da angustiada Virgem contemplasse
que não se mova à dor e à mágoa delas?
  E que dos olhos seus não estilasse
tanta cópia de lágrimas ardentes
que carreiras no rosto assinalasse?
  Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
desfazendo-se em lágrimas, regando
aquelas belas faces excelentes!
  Quem a vira cos gritos ir tocando
as estrelas, a quem responde o Céu,
cos acentos dos Anjos retumbando!
  Quem vira quando o claro rosto ergueu
a ver o Filho, que na Cruz pendia,
donde a nossa saúde descendeu!
  Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão míseras e tristes
para o Céu, para a gente espalharia!
  Pois que seria, Virgem, quando vistes
com fel nojoso e com vinagre amaro
matar a sede ao Filho que paristes?
  Não era este o licor suave e claro

que, para o confortar, então darleis
a quem vos era, mais que a vida, caro.
Como, Virgem Senhora, não corríeis
a dar as tetas puras ao Cordeiro
que padecer na Cruz com sede víeis?
Não só era esse, Senhora, o verdadeiro
poto, que vosso Filho desejava
morrendo polo mundo num madeiro;
mas [era] a salvação, que ali ganhava
para o mísero Adão, que ali bebia
na fonte, que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Santíssima Maria,
que, enfim, sentistes esta mágoa, quanto
a gravidade dela o requeria;
dessa Fonte sagrada e peito santo
me alcançai ũa gota, com que lave
a culpa, que me agrava e pesa tanto.
Do licor salutífero e suave
me abrangei, com que mate a sede dura
deste mundo tão cego, torpe e grave.
Assi, Senhora, toda a criatura
que vive e viverá, que não conhece
a Lei do vosso Filho, santa e pura;
o falsíssimo hereje, que carece
da graça, e com danado e falso esprito
perturba a Santa Igreja, que florece;
o povo pertinaz, no antigo rito,
que só o desterro seu, que tanto dura,
lhe diz que é pena igual ao seu delito;
o torpe Ismaelita, que mistura
as leis, e com preceitos viciosos
na terra estende a seita falsa, impura;
os idólatras maus, supersticiosos,
vários de opiniões e de costume,
levados de conceitos fabulosos;
as mais remotas gentes, onde o lume
da nossa fé não chega, nem que tenham
religião algũa se presume;
assi todos, enfim, Senhora, venham
confessar um só Deus crucificado,
e por nenhum respeito se detenham.
Mas de todos o vício ja passado,

o Seu nome co vosso, neste dia
seja por todo mundo celebrado
    e respondam os Céus: JESUS, MARIA.

VI

À morte de Dom Miguel de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, governador da casa do Cível, que morreu na Índia

Que novas tristes são, que novo dano,
que mal inopinado incerto soa,
tingindo de temor o vulto humano?
    Que vejo as praias húmidas de Goa
ferver com gente atónita e torvada
do rumor que de boca em boca soa.
    É morto D. Miguel (ah! crua espada!)
e parte da lustrosa companhia
que se embarcou na alegre e triste armada;
    e de espingarda ardente e lança fria
passado pelo torpe e inico braço
que nossas altas famas injuria.
    Não lhe valeu rodela ou peito de aço,
nem ânimo de Avós altos herdado,
com que se defendeu tamanho espaço;
    não ter-se em derredor todo cercado
de corpos de inimigos, que exalavam
a negra alma do corpo traspassado.
    Não com palavras fortes, que voavam
a animar os incertos companheiros,
que fortes caem e tímidos viravam.
    Mas já postos nos termos derradeiros,
passados por mil partes e cortados
os membros, só do nobre esforço inteiros.
    Os olhos, de furor acompanhados,
que inda na morte as vidas amedrentam
dos fracos inimigos espantados,
    postos no Céu, parece que apresentam

a pura alma à suprema Eternidade,
por quem os Céus e Terra se sustentam.
    E, pedindo dos erros que na idade
verde e quase inocente já fazia,
perdão à pia e justa Magestade,
    as rosas apartou da neve fria;
e, como flama fraca, a quem falece
seu húmido licor, de que vivia,
    nas mãos do Coro Angélico (1), que dece,
se entrega; e vai gozar da vida eterna
que com tão justa morte se merece.
    Vai-te, alma, em paz à glória sempiterna!
Vai, que quem pela Lei santa e divina
morre, a dá a Deus, que os Céus governa.
    Quando pela razão devida e dina
do Rei, da Pátria, e honra dos passados
sacrificar a vida nos ensina,
    nos assentos de estrelas esmaltados
lhe dá lugar a altíssima Clemência
entre os heróis à glória destinados.
    Mas, ah! quem sofrerá perpétua ausência
de tão caro Senhor, tão fido amigo!
Quem porá contra mágoas resistência?
    Aquele ânimo grande, que do antigo
de seus maiores era alto retrato,
desprezador de todo o vil perigo;
    misturado com doce e brando trato
cos iguais juntamente, e cos menores
a todos amoroso, a todos grato;
    aquele esprito nobre, onde maiores
esperanças cresciam, se o tão duro
caso, as não cortara em novas flores;
    em verde idade, siso já maduro,
alegre riso, ledo e aberto peito,
em repousado espírito seguro;
    não soberbo e por arte contrafeito,
mas todo puro e, enfim, da natureza
mais para o Céu que para a terra feito;
    também do corpo a humana gentileza
o bem talhado gesto, que mostrava

1 Ed. 1698: *Angelical*

forças iguais e manhas com destreza;
a cor, que o fresco rosto matizava,
as rosas, flores novas de alegria,
com que o verão as faces adornava;
tudo os fios da Morte, que desvia
dos propósitos nossos e salteia,
cortaram cruamente, quando abria.
Deixa pois tu, fermosa Citereia,
do gentil filho e neto de Ciniras
o pranto pela morte horrenda e feia.
E tu, dourado Apolo, que suspiras
pelo crespo Hiacinto, moço caro,
por quem a clara luz ao mundo tiras;
vinde e chorai um moço ao mundo raro,
não de ferino dente vulnerado,
nem de animal algum que haja reparo,
mas só do fero imigo traspassado;
que, sem dúvida incerta ou pio medo,
a vida pôs nas mãos de Marte irado.
Está tu também, moço Idálio, quedo,
deixa de dar o venenoso mel
a beber pelos olhos triste e ledo,
que já os fermosos olhos de Miguel
cobertos são do negro e escuro manto
da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Téspis, que do canto
podeis bem mitigar a lei imensa
dos irmãos generosos e alto pranto,
não consintais que façam larga ofensa
à grande integridade, que, se devem,
não são águas do dano recompensa.
Que já diante os olhos me descrevem,
quando as bocas da fama voadora
ao pátrio e claro Tejo as novas levem,
a profunda tristeza, que em ũa hora
tal posse tomará dos altos peitos,
que a razão quáse quase deite fora.
Ali, de dor, os corações sujeitos
pesadas lhe serão consolações
e pesados exemplos e respeitos.
Pequena é certo a dor, que com razões
se pôde refrear, nem com memória

de outros antigos e íntegros varões.
Mas porém se igualais a vida à glória,
meu grande Dom Felipe, e pretendeis
deixar de vossas obras larga história,
eu não vos admoesto, que estreiteis
o coração na estóica disciplina,
onde livre de efeitos vos mostreis,
que mal natura nossa determina
medo, esperanças, dores e alegria,
como o Cínico velho nos ensina.
Imanidade estúpida (diria
o Sulmonense canto) e vil rudeza
é não sentir afeitos, que a alma cria.
Porém, se não sentir nada é bruteza,
e se paixão de vida se consente,
também o sentir muito é já fraqueza.
Se dói a opinião do mal presente,
e medo e opinião do mal futuro,
são, enfim, tudo opiniões da gente.
O verdadeiro sábio está seguro
de leves alegrias e de espanto
de dor, que turba da alma o licor puro.
Inda antes que aconteça o riso e o pranto
os tem já no sentido meditados,
livre está de alvoroço e de quebranto.
E como de alta torre vê cuidados
humanos vãos, e aquela indiferença
de ambições e cobiças e pecados ;
todo caso acha nele só presença,
que, como as febres são da carne humana,
assi os afeitos d'alma são doença.
Se esta doutrina credes, que é profana,
ponde os olhos na nossa, que é divina,
e sobre todas santa e soberana.
Vereis Arão, que não se contamina
sobre os montes seus, que defendida
a dor lhe foi da santa disciplina.
Não chega a ver parentes, que da vida
partidos são, que na alma a Deus agrada,
que nenhũa aflição do mundo impida.
Nós somos geração a Deus dicada
sacerdotal, que em tempo nenhum deve

do gentílico culto ser tocada.
Se dos antigos Padres já se escreve,
que, chorando, aos mortos enterraram
com dor e pranto público, e não leve,
era porque ainda as portas não quebraram
do Céu sereno aquelas mãos cravadas
que os antigos contágios alimparam.
E também por ornar as sempre usadas
pompas do funeral enterramento
com públicas exéquias costumadas.
Esta alta fortaleza e sofrimento
como a forte Varão vos é devido,
e como lei do santo documento.
Bem conheço que o corpo assi perdido,
que do sepulcro nobre aqui carece
será de aves ou feras consumido.
Mas também nisto vi que se parece
co do grão Bisavô, que pela vida
real a sua as lanças oferece,
fazendo com seus membros impedida
a passagem aos feros Tingitanos,
ficou sem sepultura merecida.
E lá nos aposentos soberanos
o recebem da palma coroado,
desprezando do corpo baixo os danos.
E ele diz que das gentes enterrado
qualquer corpo será, mas quem morreu
por Deus, é só dos Anjos sepultado.
Que mais rico e fermoso mausoléu,
que pirâmides altas, que figura
de mortalha, que chegue a estar no Céu!
Fácil é a perda aqui da sepultura;
Diógenes prudente e Teodoro
pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi fermoso, inteiro, assi decoro,
adora quem o tem, como o tomou
quando se ouvir o extremo som sonoro.
Mas, oh! que temor súpito ocupou
vosso peito famoso, ó Portugueses,
que pávido temor vos lanceou?
Que lançadas, que golpes, que reveses,
vos fizeram fazer tamanha injúria

aos Lusitanos bélicos arneses?
    Ou já de Capitão sobeja incúria,
ou a fraqueza? Não, que ele sustentava
co seu corpo dos bárbaros a fúria.
    Ou do férreo cano a força brava
com estrondos que atroam mar e terra,
que os corações no peito congelava.
    Ou quem vos fez que os ímpetos da guerra
não sustenteis com valor sempre ousado,
desprezando o furor que a vida enterra?
    A vida pela Pátria e pelo Estado
pondo, vossos Avós a nós deixaram
terras, mares e exemplo sublimado.
    Eles a desprezar nos ensinaram
todo o temor; pois como agora os netos,
sùpitamente, assi degeneraram?
    Não podem certo não viver quietos
com feia infâmia peitos generosos
em públicos lugares, nem secretos.
    Mortos os Espartanos valerosos,
da fera multidão fazendo estremos
tais epitáfios tinham gloriosos:
    Dirás, hóspede, tu, que aqui jazemos
passado do inimigo ferro, enquanto
às santas leis da Pátria obedecemos.
    Fugindo os Persas vão com frio espanto,
mas acham as mulheres no caminho
amostrando-lhe o ventre sem ter manto:
    Pois fugis do perigo, que é vizinho,
fracos! vinde esconder-vos (lhe diziam)
outra vez no materno, escuro ninho.
    Vedes quais com mais glória ficariam
se aqueles que enfim morrem pelo Estado,
se os outros, que as mulheres injuriam.
    Mas tu, claro Miguel! que já acordado
deste sonho tão breve, estás naquela
torre do Céu, seguro e repousado,
    onde, com Deus unida a forte e bela
alma, com teus maiores reluzindo,
por cada chaga tens ũa clara estrela;
    os pés o cristalino Céu medindo,
pisando essas lucíferas Esferas,

já da terrena os olhos encobrindo;
agora um curso e outro consideras,
agora a vaidade dos mortais,
que tu tam bem passaras, se viveras.
Mais a pena cantara, a poder mais.

VII

A Dom Leonis Pereira sobre o livro que Pero de Magalhães lhe ofereceu do descobrimento da terra de Santa Cruz

Despois que Magalhães teve tecida
a breve história sua, que ilustrasse
a terra Santa Cruz, pouco sabida,
imaginando a quem a dedicasse,
ou com cujo favor defenderia
seu livro, de algum zoilo que ladrasse;
tendo nisto ocupada a fantasia,
lhe sobreveio um sono repousado,
antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparece, todo armado,
Marte, brandindo a lança furiosa,
com que fez, quem o viu, todo enfiado,
dizendo, em voz pesada e temerosa:
Não é justo que a outrem se ofereça
nenhũa obra que possa ser famosa,
senão a quem por armas resplandeça
no mundo todo com tal nome e fama
que louvor imortal sempre mereça.
Isto assi dito, Apolo, que da flama
celeste guia os carros, de outra parte
se lhe apresenta, e por seu nome o chama,
dizendo: Magalhães, posto que Marte
com seu terror te espante, todavia
comigo deves só aconselhar-te.
Um Varão, sapiente, em quem Talia
pôs seus tesouros e eu minha ciência,
defender tuas obras poderia.

É justo que a escritura na prudência
ache só defensão, porque a dureza
das armas é contrária da eloquência.
Assi disse; e, tocando com destreza
a cítara dourada, começou
de mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercúrio, que sempre costumou
a despartir porfias duvidosas,
co caduceu na mão, que sempre usou,
determina compor as perigosas
opiniões dos deuses inimigos,
com razões boas, justas e amorosas;
e disse: bem sabemos dos antigos
heróis e dos modernos, que provaram
de Belona os gravíssimos perigos,
que também muitas vezes ajuntaram
às armas eloquência, porque as Musas
mil capitães na guerra acompanharam.
Nunca Alexandre ou César, nas confusas
guerras deixaram o estudo em breve espaço,
nem armas da ciência são escusas.
Nũa mão livros, noutra ferro e aço,
a ũa rege e ensina, a outra fere;
mais co saber se vence que co braço.
Pois, logo, Varão grande, se requere,
que com teus dões, Apolo, ilustre seja,
e de ti, Marte, palma e glória espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
saber e esforço no sereno peito,
que é Dom Leonis, que faz ao mundo enveja.
Deste as Irmãs em vendo o bom sujeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
criando-o co seu leite no seu leito.
As artes e ciência lhe ensinaram,
inclinação divina lhe influíram,
as virtudes morais, que o logo ornaram.
Daqui os exercícios o seguiram,
das armas no Oriente, onde primeiro
um soldado gentil instituíram.
Ali tais provas fez de cavaleiro,
que de cristão magnânimo e seguro,
a si mesmo venceu por derradeiro.

Despois, já capitão forte e maduro,
governando toda Áurea Quersoneso,
lhe defendeu co braço o débil muro;
porque vindo a cercá-la todo o peso
do poder dos Achéns, que se sustenta
do sangue alheio, em fúria todo aceso;
Este só, que a ti, Marte, representa,
o castigou de sorte, que o vencido
de ter quem fique vivo se contenta.
Pois tanto que o grão Reino defendido
deixou segunda vez com maior glória,
para o ir governar foi elegido.
E não perdendo ainda da memória,
os amigos [1], o seu governo brando,
os imigos, o dano da vitória;
uns, com amor intrínseco, esperando
estão por ele, e os outros, congelados,
o vão, com temor frio, receando.
Pois vede se serão desbaratados
de todo por seu braço, se tornasse,
e dos mares da Índia degradados;
porque é justo que nunca lhe negasse
o conselho de Olimpo alto e subido
favor e ajuda, com que pelejasse.
Pois aqui certo está bem dirigido
de Magalhães o livro, este só deve
de ser de vós, ó deuses, escolhido.
Isto Mercúrio disse, e logo em breve
se conformaram nisto Apolo e Marte,
e voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
a vos oferecer, Senhor famoso,
tudo o que nele pôs ciência e arte.
Tem claro estilo, engenho curioso
para poder de vós ser recebido,
com mão benina de ânimo amoroso.
Porque só de não ser favorecido
um claro esprito, fica baixo e escuro:
pois seja ele convosco defendido
como o foi de Malaca o fraco muro.

[1] Ed. 1598: *imigos*.

ODES, OITAVAS E SEXTINA

ODES

I

À Lũa

Detém um pouco, Musa, o largo pranto
que Amor te abre do peito;
e vestida de rico e ledo manto,
demos honra e respeito
àquela cujo objeito
todo o mundo alumia,
e quando escuro está é mais que o dia.

Ó Délia, que, apesar da névoa grossa,
cos teus raios de prata
a escura noite fazes, que não possa
encontrar o que trata,
e o que nalma retrata,
Amor por teu divino
rosto, por que endoudeço e desatino:

Tu, que de fermosíssimas estrelas
coroas e rodeias
teus cabelos d'argento [1] e faces belas,
e os campos fermoseias
co as rosas que semeias,
co as boninas que gera [2]
o teu celeste amor na Primavera;

Pois, Délia, dos teus céus vendo estás quantos
furtos de puridades,
suspiros, mágoas, ais, músicas, prantos,

[1] Ed. 1598: *de prata.*
[2] Ed. 1595: *geras.*

as amantes[1] vontades,
ũas por saudades,
outras por crus indícios,
fazem das próprias vidas sacrifícios;

Vejo teu[2] Endimião por estes montes,
suspenso o Céu[3], olhando,
e o teu nome, cos olhos feitos fontes,
embalde e em vão chamando[4],
pedindo e suspirando,
mercês à tua beldade
sem em ti achar ũa hora de piedade[5].

Por ti feito pastor de branco armento[6],
as[7] selvas solitárias
acompanhado só do pensamento[8],
conversa as alimárias,
de todo amor contrárias,
mas não como ti duras,
onde lamenta e chora desventuras.

Por ti guarda o sítio fresco d'Ílio
suas sombras fermosas;
para ti, Erimanto e o lindo Epílio
as mais purpúreas rosas;
e as drogas cheirosas
deste nosso Oriente
também Arábia Felix eminente[9].

De que pantera, tigre, leopardo
as ásperas entranhas
não temeram o agudo e fero dardo,

[1] Ed. 1598: *Conformes.*
[2] Ed. 1598: *Já vejo.*
[3] Ed. 1598: *O céu suspenso.*
[4] Ed. 1508: *em vão sempre chamando.*
[5] Ed. 1598: *Qu' ache em ti hũa hora piedade.*
[6] Ed. 1598: *Gado.*
[7] Ed. 1598: *Nas.*
[8] Ed. 1598: *Só de seu pensamento acompanhado.*
[9] Ed. 1598: *Goard' a felice Arabia mais contente.*

quando pelas montanhas
mui remotas e estranhas
ligeira atravessavas,
tão fermosa que Amor de amor matavas?

Das castas virgens sempre os altos gritos,
clara Lucina, ouviste,
renovando-lhe a força e os espritos;
mas os daquele triste
já nunca consentiste
ouvi-los um momento,
para ser menos grave seu tormento.

Não fujas de mim assi, nem assi te escondas
dum tão fiel amante!
Olha como suspiram estas ondas,
e como o velho Atlante
o seu colo arrogante
move piadosamente,
ouvindo a minha voz fraca e doente.

Triste de mim, que o pior é [1] queixar-me,
pois minhas queixas digo
a quem já ergue as mãos para matar-me,
como a cruel imigo;
mas eu meu fado sigo,
que a isto me destina
e isto só pretende e só me ensina.

Quantos dias há [2] que o Céu me desengana,
e sempre porfio
cada vez mais na minha teima insana!
Tendo livre alvedrio,
não fujo o desvario;
e este, que em mim vejo,
para esperança minha e meu desejo [3].

[1] Ed. 1598: *que m'he pior.*
[2] Ed. 1598: *Oh! quanto há já.*
[3] Ed. 1598: *Engana co a esperança meu desejo.*

Oh! quanto milhor fora que dormissem
um sono perenal
estes meus olhos tristes, e não vissem
a causa de seu mal
fugir, a tempo tal [1],
mais que dantes, por teima [2],
mais cruel que ussa fera, mais que ema [3].

Ai de mim, que me abraso em fogo vivo,
com mil mortes ao lado,
e, quando mouro mais, então mais vivo!
Porque assi me há ordenado
meu infelice estado
que, quando mais me convida
a morte, para a morte tenha vida.

Minha secreta amiga, mansa noite, [4]
estas rosas (porquanto
ouviste meus queixumes [5]) ora dou-te
este fresco adianto, [6]
húmido ainda de [7] pranto
e lágrimas da esposa
do cioso Titão, branca e fermosa.

II

Tão suave, tão fresca e tão fermosa,
nunca no Céu saíu
a Aurora no princípio do Verão,
às flores dando a graça costumada,
como a fermosa, mansa fera, quando
um pensamento vivo me inspirou,
por quem me desconheço.

[1] Ed. 1598: *Fugira hum tempo tal.*
[2] Ed. 1595: *thema;* ed. 1598: *proterva.*
[3] Ed. 1598: *Mais cruel que Ussa, mais fugaz que Cerva.*
[4] Ed. 1598: *Secreta noite amiga, a qu'obedeço.*
[5] Ed. 1598: *Meus queixames ouvistes) t'offereço.*
[6] Ed. 1598: *Amarantho.*
[7] Ed. 1598: *Inda humido do.*

Bonina pudibunda ou fresca rosa
nunca no campo abriu,
quando os raios do Sol no Touro estão,
de cores diferentes esmaltada,
como esta flor, que, os olhos inclinando,
o sofrimento triste costumou
à pena que padeço.

Ligeira, bela Ninfa, linda, irosa,
não creio que seguiu
Sátiro, cujo brando coração
d'amores comovesse fera irada,
que assi fosse fugindo e desprezando
este tormento, onde Amor mostrou
tão própero começo.

Nunca, enfim, cousa bela e rigorosa
Natura produziu
que iguale àquela forma e condição,
que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com tão doce gesto, irado e brando,
o sentimento e a vida me enlevou,
que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei de exaltar em verso ou prosa
aquilo que a alma viu
antre a doce dureza e mansidão,
primores de beleza desusada;
mas, quando quis voar ao Céu, cantando,
entendimento e engenho me cegou
luz de tão alto preço.

Naquela alta pureza deleitosa
que ao mundo se encobriu
e nos olhos angélicos, que são
senhores desta vida destinada,
e naqueles cabelos, que, soltando
ao manso vento, a vida me enredou,
me alegro e entristeço.

Saudade e suspeita perigosa,
que Amor constituíu
por castigo daqueles que se vão;
temores, penas d'alma desprezada,
fera esquivança, que me vai tirando
o mantimento que me sustentou,
a tudo me ofereço.

III

Se de meu pensamento
tanta razão tivera de agravar-me
quanta de meu tormento
a tenho de queixar-me,
puderas, triste lira, consolar-me.

E minha voz cansada,
que noutro tempo foi alegre e pura,
não fora assi tornada,
[com tanta desventura] [1],
tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como soía,
pudera levantar vossos louvores;
vós, minha Hierarquia,
ouvíreis meus amores,
que exemplo são ao mundo, já, de dores.

Alegres meus cuidados,
contentes dias, horas e momentos,
oh! quão bem alembrados
sois de meus pensamentos,
reinando agora em mim, duros tormentos!

Ai, gostos fugitivos,
ai, glória já acabada e consumida,
cruéis males esquivos,

[1] [Ed. 1598].

que me deixais a vida!
quão cheia de pesar, quão destruída!

Mas como não é morta
a triste vida já, que tanto dura?
Como não abre a porta
a tanta desventura,
que em vão, co seu poder, o tempo cura?

Mas, para padecê-la,
se esforça meu sujeito e convalece;
que, só para dizê-la,
a força me falece,
e de todo me cansa e m'enfraquece.

Oh! bem afortunado!
Tu, que alcançaste com lira toante,
Orfeu, ser escutado
do fero Radamante,
e cos teus olhos ver a doce amante!

As infernais figuras
moveste com teu canto docemente;
as três Fúrias escuras,
implacáveis à gente,
quietas se tornaram, de repente.

Ficou como pasmado
todo o Estígio reino co teu canto;
e, quase descansado,
de teu eterno pranto
cessou de alçar Sisifo o grave canto.

A ordem se mudava
das penas que ordenava ali Plutão,
em descanso tornava
a roda de Ixião,
e em glória quantas penas ali são.

Pelo qual, admirada
a Rainha infernal e comovida,
te deu a desejada

esposa que, perdida,
de tantos dias já tivera a vida.

Pois minha desventura
como já não abranda ũa alma humana
que é contra mim mais dura
e mui mais desumana
que o furor de Calírroë profana.

Ó crua, esquiva e fera,
duro peito, cruel, impedernido,
de algũa tigre fera,
da Hircânia nacido
ou dantre as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado,
e de quem fio em vão minhas querelas?
Só vós (ó do salgado,
húmido reino), belas
e claras Ninfas, condoei-vos delas.

E, de ouro guarnecidas,
vossas louras cabeças levantando
sôbol' água erguidas,
as tranças gotejando,
saí alegres todas ver qual ando.

Saí em companhia
cantando e colhendo as lindas flores,
vereis minha agonia,
ouvireis meus amores,
assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
e mais mofino corpo que é gerado;
que está já convertido
em choro, e neste estado
sòmente vive nele o seu cuidado.

IV

Fermosa fera humana,
em cujo coração soberbo e rudo
a força soberana
do vingativo Amor, que vence tudo,
as pontas amoladas
de quantas setas tinha, tem quebradas;

Amada Circe minha
(posto que minha não, contudo amada),
a quem um bem que tinha
da doce liberdade desejada
pouco a pouco entreguei,
e, se mais tenho, inda entregarei:

Pois natureza irosa
da razão te deu partes tão contrárias
que, sendo tão fermosa,
folgues de te queimar em flamas várias,
sem arder em nenhũa
mais que enquanto alumia o mundo a Lũa;

pois triunfando vás
com diversos despojos de perdidos,
que tu privando estás
de razão, de juízo e de sentidos,
e quase a todos dando
aquele bem que a todos vás negando;

pois tanto te contenta
ver o nocturno moço, em ferro envolto,
debaixo da tormenta
de Júpiter, em água e vento solto,
à porta que, impedido
lhe tem seu bem, de mágoa adormecido;

porque não tens receio
que tantas inocências[1] e esquivanças
a deusa que põe freio
a soberbas e doudas esperanças
castigue com rigor,
e contra si se acenda o fero Amor?

Olha a fermosa Flora;
de despojos de mil suspiros rica,
pelo capitão chora
que lá em Tessália, enfim, vencido fica,
e foi sublime tanto
que altares lhe deu Roma e nome santo.

Olha em Lesbo aquela
no seu psalteiro insigne conhecida;
dos muitos que por ela
se perderam, perdeu a cara vida
na rocha que se inflama[2]
com ser remédio estremo de quem ama.

Pelo moço escolhido,
onde mais se mostravam as três Graças;
que Vénus escondido
para si teve um tempo antr' as alfaças,
pagou co a morte fria
a má vida que a muitos já daria.

E, vendo-se deixada
daquele por quem tanto já deixara,
se foi desesperada
precipitar da infame rocha cara;
que o mal de mal querida
sabe que vida lhe é perder a vida.

—Tomai-me, bravos mares;
tomai-me vós, pois outrem me deixou!
E assi, dos altos ares

[1] Ed. 1598: *insolencias.*
[2] Ed. 1598: *infama.*

pendendo, com furor se arremessou.
Acude tu, suave,
acude, poderosa e divina ave!

Toma nas asas tuas,
Minino pio, Elisa [1] sem perigo,
antes que nessas cruas
águas caindo [2], apague o fogo antigo.
É digno amor tamanho
de viver e ser tido por estranho?

Não; que é razão que seja
para as lobas isentas, que amor vendem,
exemplo onde se veja
que também ficam presas as que prendem.
Assi deu por sentença
Némesis, que Amor quis que tudo vença.

V

Nunca manhã suave,
estendendo seus raios pelo mundo,
despois de noite grave,
tempestuosa, negra, em mar profundo,
alegrou tanto nau, que já no fundo
se viu em mares grossos,
como a luz clara a mim dos olhos vossos.

Aquela fermosura
que só no virar deles resplandece,
com que a sombra escura
clara se faz, e o campo reverdece,
quando meu pensamento se entristece,
ela e sua viveza
me desfazem a nuvem de tristeza.

[1] Ed. 1598: *illesa &*.
[2] Ed. 1595: *quando*.

O meu peito, onde estais,
é, para tanto bem, pequeno vaso;
quando acaso virais
os olhos, que de mim não fazem caso,
todo, gentil Senhora, então me abraso
na luz que me consume
bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
que a tão fermosos olhos entregara,
todas quantas tivera
polas pestanas deles pendurara;
e, enlevadas na vista pura e clara,
(posto que disso indinas),
se andaram sempre vendo nas mininas.

E vós, que descuidada
agora vivereis de tais querelas,
de almas minhas cercada
não pudésseis tirar os olhos delas;
não pode ser que, vendo a vossa antr' elas,
a dor que lhe mostrassem,
tantas ũa alma só não abrandassem.

Mas pois o peito ardente
ũa só pode ter, fermosa Dama,
basta que esta sòmente,
como se fossem duas mil, vos ama,
para que a dor de sua ardente flama
convosco tanto possa
que não queirais [1] ver cinza ũa alma vossa.

VI

Pode um desejo imenso
arder no peito tanto
que à branda e à viva alma o fogo intenso

[1] Ed. 1595 e 1598: *queiras*.

lhe gaste as nódoas do terreno manto,
e purifique em tanta alteza o esprito
com olhos imortais
que faz que leia mais do que vê escrito.

Que a flama que se acende
alto tanto alumia
que, se o nobre desejo ao bem se estende
que nunca viu, a sente claro dia;
e lá vê do que busca o natural,
a graça, a viva côr,
noutra espécie milhor, que a corporal.

Pois vós, ó claro exemplo
de viva fermosura,
que de tão longe cá noto e contemplo
na alma, que este desejo sobe e apura;
não creais que não vejo aquela imagem
que as gentes nunca vêm,
se de humanos não têm muita ventagem.

Que, se os olhos ausentes
não vêm a compassada
proporção, que das cores excelentes
de pureza e vergonha é variada;
da qual a Poesia, que cantou
até qui só pinturas,
com mortais fermosuras igualou;

se não vêm os cabelos
que o vulgo chama de ouro,
e se não vêm os claros olhos belos,
de quem cantam que são do Sol tesouro;
e se não vêm do rosto as excelências,
a quem dirão que deve
rosa, cristal e neve as aparências;

vêm logo a graça pura
a luz alta e severa [1]

[1] Ed. 1598: *serena*.

que é raio da divina fermosura
que na alma imprime e fora reverbera,
assi como cristal do Sol ferido,
que por fora derrama
a recebida flama, esclarecido.

E vêm a gravidade
com a viva alegria,
que misturada tem, de qualidade
que ũa da outra nunca se desvia;
nem deixa ũa de ser arreceada
por leda e por suave,
nem outra, por ser grave, muito amada.

E vêm do honesto siso
os altos resplandores,
temperados co doce e ledo riso,
a cujo abrir abrem no campo as flores;
as palavras discretas e suaves,
das quais o movimento
fará deter o vento e as altas aves;

Dos olhos o virar,
que torna tudo raso,
do qual não sabe o engenho divisar
se foi por artifício, ou feito acaso;
da presença os meneios e a postura,
o andar e o mover-se,
donde pode aprender-se a fermosura.

Aquele não sei quê,
que espira não sei como,
que, invisível saindo, a vista o vê,
mas para o compreender não acha tomo;
o qual toda a Toscana poesia,
que mais Febo restaura,
em Beatriz nem em Laura nunca via;

em vós a nossa idade,
Senhora, o pode ver,
se engenho e ciência e habilidade,
igual à fermosura vossa der,

como eu vi no meu longo apartamento,
qual em ausência a vejo.
Tais asas dá o desejo ao pensamento!

Pois se o desejo afina
ũa alma acesa tanto
que por vós use as partes da divina,
por vós levantarei não visto canto,
que o Bétis me ouça, e o Tibre me levante;
que o nosso claro Tejo
envolto um pouco vejo e dissonante.

O campo não o esmaltam
flores, mas só abrolhos
o fazem feio; e cuido que lhe faltam
ouvidos para mim, para vós olhos.
Mas faça o que quiser o vil costume;
que o sol, que em vós está,
na escuridão dará mais claro lume.

VII

A D. Manuel de Portugal

A quem darão de Pindo as moradoras,
tão doutas como belas,
florecentes capelas
do triunfante louro ou mirto verde,
da gloriosa palma, que não perde
a presunção sublime,
nem por força do peso algum se oprime?

A quem trarão na fralda [delicada]
rosas a roxa Clóris,
conchas a branca Dóris;
estas, flores do mar, da terra aquelas,
argênteas, ruivas, brancas e amarelas,
com danças e coreias
de fermosas Nereidas e Napeias?

A quem farão os hinos, odes, cantos,
em Tebas Anfion,
em Lesbos Arion,
senão a vós, por quem restituída
se vê da Poesia já perdida
a honra e glória igual,
Senhor Dom Manuel de Portugal?

Imitando os espritos já passados,
gentis, altos, reais,
honra benina dais
a meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
e sacro o nome vosso
farei, se algũa cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que ressuscita
as honras sepultadas,
as palmas já passadas
dos belicosos nossos Lusitanos,
para tesouro dos futuros anos,
convosco se defende
da lei Leteia, à qual tudo se rende.

Na vossa árvore, ornada de honra e glória,
achou tronco excelente
a hera florecente
para a minha até qui, de baixa estima;
na qual, para trepar, se encosta e arrima;
e nela subireis
tão alto quanto aos ramos estendeis.

Sempre foram engenhos peregrinos
da Fortuna envejados;
que, quanto levantados
por um braço nas asas são da Fama,
tanto por outro a sorte, que os desama,
co peso e gravidade
os oprime da vil necessidade.

Mas altos corações, dinos de império,
que vencem a Fortuna,

foram sempre coluna
da ciência gentil: Octaviano,
Cipião, Alexandre e Graciano,
que vemos imortais;
e vós, que nosso século dourais.

Pois, logo, enquanto a cítara sonora
se estimar pelo mundo,
com som douto e jucundo,
e enquanto produzir o Tejo e o Douro
peitos de Marte e Febo crespo e louro,
tereis glória imortal,
Senhor Dom Manuel de Portugal.

VIII

A D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, vice-rei da Índia

Aquele único exemplo
de fortaleza heróica e ousadia,
que mereceu, no templo
da Fama eterna, ter perpétuo dia;
o grão filho de Tétis, que dez anos
flagelo foi dos míseros Troianos;

não menos ensinado
foi nas ervas e médica polícia
que destro e costumado
no soberbo exercício da milícia:
assi que as mãos que a tantos morte deram,
também a muitos vida dar puderam.

E não se desprezou,
aquele fero e indómito mancebo,
das artes que ensinou
para o lânguido corpo o intonso[1] Febo;
que, se o temido Heitor matar podia,
também chagas mortais curar sabia.

[1] Ed. 1598: *intenso.*

Tais artes aprendeu
do semiviro mestre e douto velho,
onde tanto creceu
em virtude, ciência e em conselho,
que Télefo, por ele vulnerado,
só dele pôde ser depois curado.

Pois a vós, ó excelente
e ilustríssimo Conde, do céu dado
para fazer presente
de altos heróis o século passado;
em quem bem trasladada está a memória
de vossos ascendentes, honra e glória:

Posto que o pensamento
ocupado tenhais na guerra infesta,
ou co sanguinolento
Taprobano, ou Achém, que o mar molesta,
ou co Cambaio, oculto imigo nosso,
que qualquer deles teme o nome vosso;

Favorecei a antiga
ciência, que já Aquiles estimou;
olhai que vos obriga
verdes que em vosso tempo rebentou
o fruto daquela horta, onde florecem
plantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai que, em vossos anos,
ũa horta produze várias ervas
nos campos Indianos,
as quais aquelas doutas e protervas
Medeia e Circe nunca conheceram,
posto que a lei da Mágica excederam.

E vede carregado
d'anos, e trás a vária experiência,
um velho que, ensinado
das Gangéticas Musas na ciência
Podalíria sutil e arte silvestre,
vence o velho Quiron, de Aquiles mestre;

O qual está pedindo
vosso favor e ajuda ao grão volume
que, impresso à luz saindo,
dará da Medicina um vivo lume,
e descobrir-nos há segredos certos,
a todos os antigos encobertos.

Assi que não podeis
negar (como vos pede) benina aura:
que, se muito valeis
na sanguinosa guerra Turca e Maura,
ajudai quem ajuda contra a morte;
e sereis semelhante ao Grego forte.

IX

Fogem as neves frias
dos altos montes, quando reverdecem
as árvores sombrias;
as verdes ervas crecem,
e o prado ameno de mil cores tecem.

Zéfiro brando espira;
suas setas Amor afia agora;
Progne triste suspira
e Filomela chora;
o Céu da fresca terra se namora.

Vai Vénus Citareia
cos coros das Ninfas rodeada;
a linda Panopeia,
despida e delicada,
com as duas irmãs acompanhada.

Enquanto as oficinas
dos Cíclopes Vulcano está queimando,
vão colhendo boninas
as Ninfas, e cantando,
a terra co ligeiro pé tocando.

Dece do duro monte
Diana, já cansada da espessura,
buscando a clara fonte,
onde, por sorte dura,
perdeu Acteon a natural figura.

Assi se vai passando
a verde primavera e seco estio;
trás ele vem chegando
despois o inverno frio,
que também passará por certo fio.

Ir-se há embranquecendo
com a frígida neve o seco monte;
e Júpiter, chovendo,
turbará a clara fonte;
temerá o marinheiro o horizonte.

Porque, enfim, tudo passa;
não sabe o tempo ter firmeza em nada;
e nossa vida escassa
foge tão apressada
que quando se começa é acabada.

Que foram dos Troianos
Hector temido, Eneias piadoso?
Consumiram-te os anos,
ó Cresso tão famoso,
sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
crias que estava no tesouro ufano?
Ó falso pensamento!
Que, à custa do teu dano,
do douto Sólon creste o desengano!

O bem que aqui se alcança
não dura por possante, nem por forte;
que a bem-aventurança,
durável de outra sorte,
se há-de alcançar na vida para a morte.

Porque, enfim, nada basta
contra o terribel fim da noite eterna;
nem pode a deusa casta
tornar à luz superna
Hipólito da escura noite Averna.

Nem Teseu esforçado,
com manha, nem com força rigorosa,
livrar pode o ousado
Pirítoo da espantosa
prisão Leteia, escura e tenebrosa.

X

Aquele moço fero
na Peletrónia cova doutrinado
do Centauro severo;
cujo peito esforçado
com tutanos de tigres foi criado;

na água fatal, minino,
o lava a mãe, presaga do futuro,
para que ferro fino
não passe o peito duro
que de si mesmo a si se tem por muro.

A carne lhe endurece,
que ser não possa d'armas ofendida.
Cega! que não conhece
que pode haver ferida
n'alma, que menos dói perder a vida.

Que, aonde o braço irado
dos Troianos passava arnês e escudo,
ali se viu passado
daquele ferro agudo
do Minino que em todos pode tudo.

Ali se viu cativo
da cativa gentil, que serve e adora;

ali se viu que, vivo,
em vivo fogo mora,
porque de seu senhor se vê senhora.

Já toma a branda lira
na mão que a dura Pélias meneara;
ali canta e suspira,
não como lhe ensinara
o velho, mas o Moço que o cegara.

Pois, logo, quem culpado
será, se, de pequeno, oferecido
foi logo a seu cuidado,
no berço instituído
a não poder deixar de ser ferido?

Quem, logo fraco infante,
doutro mais poderoso foi sujeito,
que para cego amante
foi de princípio feito,
com lágrimas banhando o brando peito?

Se agora foi ferido
da penetrante seta e força de erva,
e se Amor é servido
que sirva à linda serva,
para que minha estrela me reserva?

O gesto bem-talhado,
o airoso meneio e a postura,
o rosto delicado,
que na vista afigura
que se ensina por arte a fermosura,

como pode deixar
de cativar quem tenha entendimento?
Que, a quem não penetrar
um doce gesto, atento,
não lhe é nenhum louvor viver isento.

Que aqueles cujos peitos
ornou d'altas ciências o destino,

esses foram sujeitos
ao cego e vão Minino,
arrebatados do furor divino.

O Rei, famoso Hebreio,
que, mais que todos soube, mais amou;
tanto, que a Deus alheio
falso sacrificou.
Se muito soube e teve, muito errou.

E o grão Sábio que ensina,
passeando, os segredos da Sofia,
à baixa concubina
do vil eunuco Hermia
ergueu aras, que aos deuses só devia.

Aras ergue a quem ama
o Filósofo insigne namorado.
Dói-se a perpétua Fama
e grita que, culpado,
de lesa divindade é acusado.

Já foge donde habita;
já paga a culpa enorme com o desterro.
mas, oh! grande desdita!
Bem mostra tamanho erro
que doutos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
no sutil sangue e engenho mais perfeito,
há mais conveniente
e conforme sujeito
onde se imprima o brando e doce afeito.

XI

Naquele tempo brando
em que se vê do mundo a fermosura,
que Tétis descansando
de seu trabalho está, fermosa e pura,

cansava o Amor o peito
do mancebo Peleu de um duro afeito.

Com ímpeto forçoso
lhe tinha já fugido a bela Ninfa
quando, no tempo aquoso,
Noto ligeiro move a clara linfa,
serras no mar erguendo,
que as altas vão da terra desfazendo.

Esperava o mancebo,
com a dor que o seu peito n'alma sente,
um dos dias que Febo
o mundo todo abrasa em fogo ardente,
soltando as tranças d'ouro
em que Clície de amor faz seu tesouro.

Era o mês que Apolo
entre os irmãos celestes passa o tempo;
o vento enfreia Eolo,
para que o deleitoso passatempo
seja quieto e mudo;
que a tudo Amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia
os amorosos corpos despertava
na cega idolatria,
que o peito mais contenta e mais agrava;
onde o cego Minino
se faz crer dos humanos que é contino.

Quando a fermosa Ninfa
com todo ajuntamento venerando,
na pura e clara linfa
o cristalino corpo está lavando;
o qual, nas águas vendo,
nele, alegre de o ver, se está revendo:

O peito diamantino
em cuja branca teta Amor se cria;
o gesto peregrino,
cuja presença torna a noite, dia;

a graciosa boca,
que Amor a seus amores mais provoca;

Os rubins graciosos;
e pérolas que escondem entre as rosas
os jardins deleitosos,
que o Céu plantou em faces tão fermosas;
o transparente colo,
que ciúmes a Dafne faz de Apolo

O sutil movimento
dos olhos, cuja vista o Amor cegou;
o qual, com seu tormento,
nunca mais de tais olhos se apartou,
mas antes de contino
nas mininas o trazem por minino;

os fios espalhados
d'Amor que aos mais dos peitos faz cobiça,
onde Amor enredados
os corações humanos traz e atiça,
com férvido desejo
por onde ele começa a ser sobejo.

O mancebo Peleu,
que de Neptuno estava aconselhado,
vendo na terra o Céu
em tão bela figura tresladado,
mudo um pouco ficou,
porque logo Amor a fala lhe tirou.

Enfim, querendo ver
quem tanto mal de longe lhe fazia,
a vista foi perder,
porque, de puro amor, Amor não via;
ficando cego e mudo
contra as forças do Amor, que pode tudo.

Agora se aparelha
para a batalha; agora arremetendo;
agora se aconselha;
agora vai; agora está tremendo;

quando já de Cupido
com nova seta o peito viu ferido.

Remete o moço logo
para onde estava a chaga sem sossego,
e co sobejo fogo,
quanto mais perto estava, então mais cego
se via; e cum suspiro
na fermosa donzela emprega o tiro.

Vingado assi Peleu,
naceu deste amoroso ajuntamento
o forte Larisseu,
destruição do Frígio pensamento;
que, por não ser ferido,
foi nas ondas Estígias sumergido.

XII

Já calma nos deixou
sem flores as ribeiras graciosas;
já de todo secou
os cravos, lírios e as purpúreas rosas;
fogem da calma grave os passarinhos
para o sombrio amparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
a branda viração, de quando em quando,
e dentre vários seixos,
o líquido cristal sai murmurando;
as gotas, que das alvas pedras saltam,
o prado, como pérolas, esmaltam.

Da caça já cansada,
busca a casta Titónia a espessura,
onde, à sombra deitada,
logre o doce repouso da verdura,
e sobre o seu cabelo crespo e louro
deixe cair o bosque o seu tesouro.

O Céu desimpedido
mostra o eterno lume das estrelas;
e de flores vestido,
ũas vermelhas, outras amarelas,
se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
o rio, o arvoredo, o prado, a fonte.

Porque como o minino
que a Júpiter pela águia foi levado,
no cerco cristalino
foi do amador de Clície visitado,
o bosque chorará, chorará a fonte,
o rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora, brando,
é das lindas Nerëidas cortado,
se irá alevantando
todo, em crespas escumas empolado;
o soberbo furor do negro vento
fará por toda a parte movimento.

Lei é da Natureza
mudar-se desta sorte o tempo leve,
suceder[1] à beleza
da Primavera o fruto; à calma, a neve;
e tornar outra vez, por certo fio,
Outono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo, enfim, faz mudança,
quanto o claro Sol vê, quanto alumia;
nem se acha segurança
em tudo quanto alegra o belo dia;
mudam-se as condições, muda-se a idade,
a bonança, os estados e a vontade.

Só a minha inimiga
a dura condição nunca mudou,
para que o mundo diga

[1] Ed. 1616: *socede.*

que, nela, lei tão certa se quebrou;
só ela em me não ver sempre está firme,
ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas já sofrível fora
só ela em me matar, mostrar firmeza,
se não achara agora
também em mim mudada a natureza;
pois sempre o coração tenho turbado,
sempre d'escuras nuvem rodeado.

Sempre exprimento os fios
que em contino receio Amor me manda;
sempre os dous caudais rios
que em meus olhos abriu, quem nos seus anda,
correm, sem chegar nunca o Verão brando,
que tamanha aspereza vá mudando.

O Sol sereno e puro
que no fermoso rostro resplandece,
envolto em manto escuro
do triste esquecimento, não parece,
deixando em triste noite a triste vida,
que nunca é de luz nova socorrida.

Porém seja o que for:
mude-se por meu dano, a Natureza;
perca a constância Amor;
a Fortuna inconstante ache firmeza;
e tudo se conjure contra mi,
mas eu firme estarei no que emprendi.

XIII

Tão crua Ninfa, nem tão fugitiva,
com lindo pé pisou
verde [1] erva, nem colheu as brancas [2] flores,
soltando seus cabelos d'ouro fino

[1] Ed. 1860: *a verde.*
[2] Ed. 1860: *brancas.*

ao vento que em doces nós os olhos ata,
nem tão linda, discreta e tão fermosa
como esta minha imiga.

Aquilo que em pessoa que hoje viva
no mundo não se achou,
quis nela a Natureza, seus primores
mostrando, que se achasse de contino:
castidade e beleza; ũa me mata,
a outra, de suave e deleitosa,
me faz doce a fadiga.

Mas esta bela fera, tão esquiva,
que o prazer me roubou,
quis-me pagar seus únicos louvores,
cantando eu num estilo dela indino;
porque, se de louvor tão alto trata,
não sei eu tão baixo verso e prosa
que escreva nem que diga.

Aquela luz que a do Sol claro priva,
e a minha me cegou;
aquele mover de olhos, minhas dores
causando no olhar manso e divino;
o doce rir, que esta alma desbarata,
[me] faz [1] a sua pena desejosa
e de seu mal amiga.

Dos belos olhos veio a flama viva
que n'alma se ateou
com a lenha de vossos disfavores,
queimando dentro o coração mofino,
cujo fim, por mor dano, se dilata
co a esperança falsa e duvidosa
que forçado é que siga.

[Mas], minha [2] ou vossa, vendo-se cativa
quem Deus livre criou,
se aqueixa desses olhos roubadores,

[1] Ed. 1860: *fas.*
[2] Ed. 1860: *Minha.*

culpando ao claro raio peregrino;
mas logo a luz suave, que a resgata,
de vossa linda vista graciosa
a faz que se desdiga.

Nenhũa que no mundo humana viva,
que o Criador formou
por milagre maior entre os maiores,
formou [1] um feito de tal Feitor dino;
Deus não quer que sejais, Senhora, ingrata,
mas que ajudeis ũa alma desditosa
que em vos servir periga:

a sofrer esta pena rigorosa
vosso valor me obriga.

[1] Ed. 1860: *formando.*

OITAVAS

I

A Dom António de Noronha,
sobre o desconcerto do mundo

Quem pode ser no mundo tão quieto,
ou quem terá tão livre o pensamento,
quem tão exprimentado e tão discreto,
tão fora, enfim, de humano entendimento
que, ou com público efeito, ou com secreto,
lhe não revolva e espante o sentimento,
deixando-lhe o juízo quási incerto,
ver e notar do mundo o desconcerto?

Quem há que veja aquele que vivia
de latrocínios, mortes e adultérios,
que ao juízo das gentes merecia
perpétua pena, imensos vitupérios,
se a Fortuna em contrário o leva e guia,
mostrando, enfim, que tudo são mistérios,
em alteza d'estados triunfante,
que, por livre que seja, não se espante?

Quem há que veja aquele que tão clara
teve a vida que em tudo por perfeito
o próprio Momo às gentes o julgara,
ainda que lhe vira aberto o peito,
se a má Fortuna, ao bem sòmente avara,
o reprime e lhe nega seu direito,
que lhe não fique o peito congelado,
por mais e mais que seja exprimentado?

Demócrito dos deuses proferia
que eram sós dous: a Pena e Benefício.

Segredo algum será da fantasia
de que eu achar não posso claro indício;
que, se ambos vêm por não cuidada via
a quem os não merece, é grande vício
em deuses sem-justiça e sem-razão.
Mas Demócrito o disse, e Paulo não.

Dir-me heis que, se este estranho desconcerto
novamente ao mundo se mostrasse,
que, por livre que fosse e mui esperto,
não era de espantar se me espantasse;
mas que se já de Sócrates foi certo
que nenhum grande caso lhe mudasse
o vulto, ou de prudente, ou de constante,
que tome exemplo dele, e não me espante.

Parece a razão boa; mas eu digo
que este usa da Fortuna tão danado
que, quanto mais usado e mais antigo,
tanto é mais estranhado e blasfemado.
Porque se o Céu, das gentes tão amigo,
não dá à Fortuna tempo limitado,
não é para causar mui grande espanto
que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro espanto maior aqui me enleia;
que, conquanto Fortuna tão profana
com estes desconcertos senhoreia,
a nenhũa pessoa desengana.
Não há ninguém que assente nem que creia
este discurso vão da vida humana,
por mais que filosofe, nem que entenda,
que algum pouco do mundo não pretenda.

Diógenes pisava de Platão,
com seus sórdidos pés, o rico estrado,
mostrando outra mais alta presunção
em desprezar o fausto tão prezado.
— Diógenes, não vês que extremos são
esses que segues de mais alto estado
que, se de desprezar te prezas muito,
já pretendes do mundo fama e fruito?

Deixo agora reis grandes, cujo estudo
é fartar esta sede cobiçosa;
de querer dominar e mandar tudo,
com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aqueles que tomam por escudo
de seus vícios e vida vergonhosa
a nobreza dos seus antecessores,
e não cuidam de si que são piores.

Deixo aquele a quem o sono esperta
do grão favor do rei que serve e adora,
que se mantém desta aura falsa, incerta,
que dos corações tanto é senhora.
Deixo aqueles que estão co a boca aberta,
por se encher de tesouros, de hora em hora,
doentes desta falsa hidropesia
que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs de vulgo errado,
a quem não há ninguém que contradiga,
nem doutra cousa algũa é sojugado
que d' ũa opinião e usança antiga.
Mas pregunto ora a César esforçado,
ou a Platão divino, que me diga,
este das muitas terras em que andou,
estoutro, de vencê-las, que alcançou?

César dirá: Sou dino de memória;
vencendo vários povos esforçados
fui Monarca do mundo; e larga história
ficará dos meus feitos sublimados.
É verdade; mas esse mando e glória
lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cássio o dirão que, se venceste,
enfim, enfim, às mãos dos teus morreste.

Dirá Platão: Por ver o Etna e o Nilo
Fui a Sicília, ao Egipto e a outras partes,
só por ver e escrever em alto estilo
da natural ciência em muitas artes.
— O tempo é breve e queres consumi-lo
Platão, todo em trabalhos; e repartes

tão mal de teu estudo as breves horas
que, enfim, do falso Febo o filho adoras?

Pois quando deste[1] mundo está apartada
a alma, da[2] prisão terreste e escura
está em tamanhas cousas ocupada
que da Fama que fica, nada cura.
Pois se o corpo terreno sinta nada,
o Cínico o dirá se porventura
no campo, onde deitado morto estava,
de si os cães e as aves enxotava.

Quem tão baixa tivesse a fantasia
que nunca em mores cousas a metesse
que em só levar seu gado à fonte fria
e mungir-lhe o leite que bebesse!
Quão bem-aventurado que seria!
Que, por mais que Fortuna revolvesse,
nunca em si sentiria maior pena
que pesar-lhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
veria correr sempre a clara fonte,
sem imaginar a água donde nace,
nem quem a luz esconde no horizonte.
Tangendo a frauta donde o gado pace,
conheceria as ervas do alto monte;
em Deus creria, simples e quieto,
sem mais especular nenhum secreto.

De um certo Trasilau se lê e escreve,
entre as cousas da velha antiguidade,
que perdido um grão tempo o siso teve
por causa dũa grande infirmidade;
e enquanto, de si fora, doudo esteve,
tinha por teima e cria por verdade,
que eram suas as naus que navegavam,
quantas no porto Píreo ancoravam.

[1] Ed. 1595: *do*; ed. 1598: *Pois depois que do.*
[2] Ed. 1595: *desta.*

Por um senhor mui grande se teria
(além da vida alegre que passava),
pois nas que se perdiam não perdia,
e das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando, um dia,
um Crito, seu irmão, que ausente estava,
à terra chega; e vendo o irmão perdido,
do fraternal amor foi comovido.

Aos médicos o entrega, e com aviso
o faz estar à cura refusada.
Triste, que por tornar-lhe o caro siso
lhe tira a doce vida descansada!
As ervas Apolíneas, de improviso,
o tornam à saúde atrás passada.
Sesudo, Trasilau ao caro irmão
agradece a vontade, a obra não.

Porque, depois de ver-se no perigo
dos trabalhos que o siso lhe obrigava,
e depois de não ver o estado antigo
que a vã opinião lhe apresentava,
Ó inimigo[1] irmão, com cor d'amigo!
Para que me tiraste (suspirava)
da mais quieta vida e livre em tudo
que nunca pôde ter nenhum sesudo?

Por que rei, por que duque me trocara?
Por que senhor de grande fortaleza?
Que me dava que o mundo se acabara,
ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora é-me pesada a vida cara;
sei que cousa é trabalho e que tristeza.
Torna-me a meu estado, que eu te aviso
que na doudice só consiste o siso.

Vedes aqui, Senhor, mui claramente,
como Fortuna em todos tem poder,
senão só no que menos sabe e sente,
em quem nenhum desejo pode haver.

[1] Ed. 1595: *imigo*.

Este só pode rir da cega gente;
neste não pode nada acontecer;
nem estará suspenso na balança
do temor mau, da pérfida esperança.

Mas se o sereno Céu me concedera
qualquer quieto, humilde e doce estado,
onde com minhas Musas só vivera,
sem ver-me em terra alheia degradado;
e ali outrem ninguém me conhecera,
nem eu conhecera outrem mais honrado,
senão a vós, também como eu contente,
que bem sei que o seríeis fàcilmente;

e ao longo dũa clara e pura fonte,
que, em borbulhas nacendo, convidasse
ao doce passarinho que nos conte
quem da cara [1] consorte o apartasse;
depois, cobrindo a neve o verde monte
ao gasalhado o frio nos levasse,
avivando o juízo ao doce estudo,
mais certo manjar d'alma, enfim, que tudo;

cantara-nos aquele que tão claro
o fez o fogo da árvore Febeia,
a qual ele, em estilo grande e raro
louvando, o cristalino rio [2] enfreia;
tangera-nos na frauta Sannazaro,
ora nos montes, ora pela aldeia [3];
passara celebrando o Tejo ufano
o brando e doce Lasso castelhano.

E connosco também se achara aquela
cuja lembrança e cujo claro gesto
n'alma sòmente vejo (porque nela
está em essência, puro e manifesto,

[1] Ed. 1595 e 1598: *clara.*
[2] Ed. 1598: *Sorga.*
[3] Ed. 1598: *area.*

por alta influïção de minha estrela),
mitigando o firme peito honesto,
entretecendo rosas nos cabelos,
de que tomasse a luz o Sol em vê-los;

e ali, enquanto as flores acolhesse,
ou pelo Inverno ao fogo acomodado,
quanto de mim sentira nos dissesse,
de puro amor o peito salteado:
não pedira eu então que Amor me desse
de Trasilau o insano e doudo estado,
mas que então me dobrasse o entendimento,
por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bem-aventuranças
se tão longe a Fortuna me desvia
qu' inda me não consente as esperanças?
Se um novo pensamento Amor me cria
onde o lugar, o tempo, as esquivanças
do bem me fazem tão desamparado
que não pode ser mais que imaginado?

Fortuna, enfim, co Amor se conjurou
contra mim, porque mais me magoasse:
Amor a um vão desejo me obrigou,
só para que a Fortuna mo negasse.
A este estado o tempo me achegou [1],
e nele quis que a vida se acabasse;
se há em mim acabar-se, que eu [2] não creio;
que até da muita vida me receio.

[1] **Ed. 1598:** *o tempo a este estado me chegou.*
[2] **Ed. 1598:** *o qu'eu.*

II

A Dom Constantino, Viso-Rei da Índia

Como nos vossos ombros tão constantes,
Príncipe ilustre e raro, sustenteis
tantos negócios árduos e importantes
dinos do largo Império que regeis;
como sempre nas armas rutilantes
vestido, o mar e a terra segureis
do pirata insolente, e do tirano
jugo do potentíssimo Otomano;

e como, com virtude necessária,
mal entendida do juízo alheio,
à desordem do vulgo temerária
na santa paz ponhais o duro freio;
se com minha escritura longa e vária
vos ocupasse o tempo, certo creio
que com ridiculosa fantasia
contra o comum proveito pecaria.

E não menos seria reputado
por doce adulador sagaz e agudo,
que contra meu tão baixo e triste estado
busco favor em vós, que podeis tudo:
se, contra a opinião do vulgo errado,
vos celebrasse em verso humilde e rudo,
dirão que com lisonja ajuda peço
contra a miséria injusta que padeço.

Porém, porque a virtude pode tanto
no livre arbítrio (como disse bem
a Dario rei, o moço sábio e santo
que foi reedificar Hierusalém),
esta me obriga que, em humilde canto,
contra a tenção que a plebe ignara tem,
vos faça claro o que [1] vos não alcança,
e não de prémio algum vil esperança [2].

[1] Ed. 1598: *a quem.*
[2] Ed. 1595: *d'esperança.*

Rómulo, Baco e outros que alcançaram
nomes de semi-deuses soberanos,
enquanto pelo mundo exercitaram
altos feitos e quási mais que humanos,
com justíssima causa se queixaram
que não lhe responderam os mundanos
favores do rumor, justos e iguais,
a seus merecimentos imortais.

Aquele que nos braços poderosos
tirou a vida ao Tingitano Anteu,
a quem os seus trabalhos tão famosos
fizeram cidadão do alto Céu,
achou que a má tenção dos envejosos
não se doma senão depois que o véu
se rompe corporal; porque na vida
ninguém alcança a glória merecida.

Pois, logo, se varões tão excelentes
foram do baixo vulgo molestados,
o vitupério vil das rudes gentes
é [1] louvor dos reais e sublimados.
Quem no lume dos vossos ascendentes
poderá pôr os olhos que, abalados
lhe não fiquem da luz, vendo os maiores
vossos passados, Reis e Emperadores?

Quem verá aquele pai da pátria sua,
açoute do soberbo Castelhano,
que o duro jugo, só, co a espada nua
removeu do pescoço Lusitano,
que não diga: Ó grão Nuno! a eterna tua
memória causará, se não me engano,
que qualquer teu menor tanto se estime
que nunca possas ser senão sublime?

Nisto não falo mais, porque conheço
que da matéria se me abaixa o engenho.
Mas, pois que a dizer tudo me ofereço,
que dias há que no desejo o tenho,

[1] Ed. 1595: *em*.

sendo vós de tão alto e ilustre preço,
a vida fostes pôr num fraco lenho,
por largo mar e undosa tempestade
só por servir a régia Magestade.

E depois de tomar a rédea dura
na mão, do povo indómito que estava
costumado à largueza e à soltura
do pesado governo que acabava;
quem não terá por santa e justa cura,
qual do vosso conceito se esperava,
a tão desenfreada infirmidade
aplicar-lhe contrária qualidade?

Não é muito, Senhor, se o moderado
governo se blasfema e se desama;
porque o povo a larguezas acostumado
à lei serena e justa dura chama.
Pois o zelo, em virtude só fundado,
de salvar almas da Tartárea flama,
co a água salutífera de Cristo,
poderá porventura ser malquisto?

Quem quisesse negar tão grã verdade
qual é o seu efeito santo e pio,
negue também ao Sol a claridade,
e certifique mais que o fogo é frio.
Que o sucesso é contrário da vontade;
as obras, que são boas, e o desvio,
está nas mãos dos homens cometê-las,
e nas de Deus está o sucesso delas.

Sei eu e sabem todos: os futuros
verão por vós o Estado acrecentado;
serão memória vossa os fortes muros
do Cambaico Damão bem sustentado;
da ruína mortal serão seguros,
tendo todo o alicerce seu fundado
sobre órfãs emparadas com maridos,
e pagos os serviços bem devidos.

Camanha infâmia ao Príncipe é perder-se
ponto do Estado seu, que inteiro herdou,
por tão célebre glória pode ter-se
se acrecentado e próspero o deixou.
Nunca consentiu Roma ennobrecer-se
com triunfo ninguém, se não ganhou
província que o Império acrecentasse,
por maiores vitórias que alcançasse.

Pode tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
como já do primeiro Constantino
tomou Bizâncio aquele que inda dura.
E tu, rei, que no reino Neptunino,
lá no seio Gangético, a Natura
te aposentou, de seres inimigo
deste Estado, não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes naves
cortar a espumosa água, navegando;
ouviste o som das tubas, não suaves,
mas com temor horrífero soando;
sentiste os golpes ásperos e graves
do braço Lusitano, nunca brando;
não sofreste o grão brado penetrante,
que os trovões imitava[1] do Tonante.

Mas antes, dando as costas e a vitória
à Bragancês ventura, não corrido,
deste bem a entender camanha glória
é de tal vencedor seres vencido.
Quem fez obras tão dinas de memória,
sempre será famoso e conhecido
onde os juízos altos se estimarem,
que estes sós têm poder de fama darem.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro
e ingrato, a quem tanto fez por ele;
mas sabei que é sinal de serdes claro
serdes agora tão malquisto dele.

[1] Ed. 1595: *imita.*

Temístocles, da pátria sua emparo,
o forte, liberal Címon, e aquele
que leis ao povo deu de Esparta antigo,
testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides um robusto,
votando no ostracismo costumado,
lhe disse claro assi: Porque era justo
desejava que fosse desterrado.
Paquitas, por fugir do povo injusto,
calunioso, dando no Senado
conta de Lesbos, que ele já mandara,
se tirou com sua espada a vida cara.

Demóstenes, deitado das tormentas
populares, a Palas foi dizendo:
— De que três monstros grandes te contentas:
do drago e mocho, e do vil povo horrendo!
Que glórias imortais houve, que isentas
do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
e vós também sois um dos Lusitanos.

III

*Sobre a seta que o Santo Padre
mandou a el-Rei Dom Sebastião
no ano do Senhor de 1575*

Mui alto Rei, a quem os Céus em sorte
deram o nome augusto e sublimado
daquele cavaleiro que, na morte,
por Cristo foi de setas mil passado;
pois dele o fiel peito, casto e forte,
co nome imperial tendes tomado,
tomai também a seta veneranda
que a vós o sucessor de Pedro manda.

Já por sorte do Céu, que o consentiu,
tendes o braço seu, relíquia cara,
defensor contra o gládio que feriu
o povo que David contar mandara.
No qual, pois tudo em vós se permitiu,
preságio temos e esperança clara
que sereis braço forte e soberano
contra o soberbo gládio Mauritano.

E o que este preságio agora encerra
nos faz ter por mais certo e verdadeiro
a seta que vos dá quem é na terra
das relíquias celestes dispenseiro;
que as vossas setas são, na justa guerra,
(agudas, e entrarão por derradeiro,
caíndo a vossos pés povo sem lei)
nos peitos que inimigos são do Rei.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortíssimo, com glória,
polas praias da Pérsia, e alcançava
de nações tão remotas a vitória;
as setas embebidas que tirava
o arco Armusiano (é larga história),
que no ar, Deus querendo, se viravam,
pregando-se nos peitos que as tiravam.

O querido de Deus, por quem peleja
o ar também e o vento conjurado,
ao atambor acode, por que veja
que quem a Deus ama é de Deus amado;
os contrários, revéis à madre Igreja,
atroarão co tom do Céu irado,
que assi deu já favor maior que humano
a Josué hebreu, a Teodósio hispano.

Pois se as setas tiradas da inimiga
corda, contra si só nocivas são,
que farão, Rei, as vossas que têm liga

Ed. 1595: *sãas.*

co a que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue com que obriga
a levantar a Deus o coração,
crendo que as que vós atirareis
no sangue Sarraceno as tingireis.

Ascânio (se trazer-me é concedido,
entre santos exemplos, um profano)
rei do largo Império conhecido
romano, e só relíquia do Troiano,
vingou, com seta e ânimo e atrevido,
as soberbas palavras de Numano;
e logo foi dali remunerado,
com louvores de Apolo celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
de nossa liberdade, e que nos dais
de grandes bens certíssima esperança;
nos costumes e aspeito que mostrais
concebemos segura confiança
que Deus, a quem servis e venerais,
vos fará vingador dos seus revéis,
e os prémios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
são destes vossos Reinos, com verdade,
recebei com humilde e leda mão,
pois é devido a reis benignidade.
Tenham (se não merecem galardão)
favor, sequer, da régia Magestade;
assi tenhais, de quem já tendes tanto,
com o nome e relíquia, favor santo.

IV

Petição feita ao regedor de uma nobre moça presa no Limoeiro da cidade de Lisboa por se dizer que fizera adultério a seu marido, que era na Índia

Esprito valeroso, cujo estado
o alto Deus prospere e acrescente,
regendo o fiel Reino descansado,
com vida felicíssima, e contente:
a vós, em quem o humil necessitado
acha sempre favor e amor ardente,
peço queirais ouvir que, na verdade,
zelo e amor de Deus me persuade.

Não vos seja pesado o atrever-me
a querer emprender sujeito alheio,
porque fizeram lágrimas mover-me
vir ante vós, ousado e sem receio.
E se por tal quiser conhecer-me,
servindo-vos de mim por algum meio,
o nome, o braço, a Musa e quanto posso,
há já muito, Senhor, que tudo é vosso.

Quem vos isto oferece [1], dirá quanto
desejo, muito [há já] [2], ser-vos aceito
porque com vosso zelo, o favor santo,
faça meu rude verso algum proveito;
que, cobrindo-me vós com vosso manto,
a eu ser nobre tendo algum respeito,
sei que posso ganhar o que não tenho,
pois me não faltam forças nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando à parte,
que razão é devida a que me guia,
a vós tenho com força, engenho e arte

[1] Ed. 1616: *Quem isto offerece vos.*
[2] Ed. 1616: *lea.*

por influxo do Céu, que a vós me envia;
a vós, a quem tem dado Apolo e Marte
de seus tesouros parte e melhoria,
venho cantar com voz rouca e chorosa,
por ũa encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
do vosso nome pondo meu sentido,
que quem em vós confia, tudo alcança,
sendo cousa de que Deus é servido;
e pois Ele vos deu justa balança
para pesar justiça e dar ouvido,
ouvi a petição da miserável,
com quem Fortuna foi tão pouco afável.

Ouvi da pobre Dona Catarina
o grande desemparo inopinado
a quem nenhum remédio determina
ou permite seu duro e cruel Fado;
que, se na tenra idade foi mofina,
a vida entregando ao vão cuidado,
haja nisso castigo com brandura,
porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar que é moça pobre;
que pobreza não tem nenhum respeito,
e mais não tendo idade que lhe sobre
para saber fugir do que é mal feito;
haja também cuidar que é sangue nobre
e ao jugo da Igreja inda sujeito,
e que pode nacer de tal processo
um grande e cruelíssimo sucesso.

Certo que, com razão urgente e clara,
tem algũa razão a infelice;
que se ninguém recolhe nem ampara
a triste, órfã na flor da meninice,
a Fortuna cruel, em tudo avara,
para lhe acarretar triste velhice,
lhe entrega a honra e pura castidade
nas mãos de ũa cruel necessidade.

Bem sei que de ter culpa não carece,
só por não ser do sangue seu lembrada,
mas dê-se-lhe o castigo que merece,
e não para tão longe desterrada;
que se para lá for, bem se conhece
quão vilmente será vituperada,
dando motivo ao rude marinheiro
que seja incontinente carniceiro.

Vede, Senhor, o risco a que se obriga
a desditosa e frágil mocidade,
se honra não vai buscar ou parte amiga
que lhe defenda sua honestidade.
Não queirais, não, Senhor, que o mundo diga:
Ah! que grande rigor e crueldade!
Como já vai dizendo e murmurando
sua grande ignorância desculpando.

Eu certo não duvido que o piloto,
o mestre, o marinheiro, o capitão,
usem do costumado vício roto
com todas as que em seus poderes vão;
dai-me vós, Senhor, um que estê remoto
de tal delito[1] nesta ocasião,
e eu direi ser falso o que vos digo,
tomando sobre mim todo o castigo.

Já não há i João posto em deserto,
que seja ao Céu, por casto, tão aceito,
nem há quem não cometa desconcerto,
nessa torpeza bruta e vil sujeito;
Já não há i Hierónimo tão certo
que, com pedra na mão, ferindo o peito,
da carne estimulado, assi lhe diga:
— Não te chegues a mim, carne inimiga!

A culpa é dos parentes descuidados,
que, vendo-a sem amparo e sem abrigo,
em tempo que os mais ricos e esforçados,
temendo a Deus, fugiam a seu castigo,

[1] Ed. 1616: *dilicia*.

uns para seus jardins determinados,
outros por onde o Céu lhe fosse amigo,
a deixaram tão só nesta cidade,
batalhando co a vil necessidade.

Pois quem houvera aí que não caíra
vendo-se em tal extremo, em tal miséria?
Qual Artemisa aqui não consentira?
Qual romana Semprónia[1], ou qual Valéria?
E qual Lucrécia fora que isto vira,
que não rendera o jugo à vil matéria?
Qual tebana Timóquia, ou linda Sara,
ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fora a que se vira em tão infesta
batalha, turbulenta e espantosa,
exercitando a morte rija e mesta
seu duro ofício, brava e rigorosa;
Que Ninfa houvera aí, que deusa Vesta
em virginal estado poderosa,
que não rendera a tudo o casto nome,
por não morrer nas mãos da dura fome?

Ah! valeroso esprito, caso é isto
para se dar perdão à fraca ovelha;
não seja o perdão seu, seja de Cristo,
pois ele a perdoar nos aconselha.
Assi nos altos Céus sejais benquisto,
e vos incline Deus atenta orelha;
que vos lembre, Senhor, seu desemparo,
pois sois dos pobres pai e amigo claro.

Por isso olhai, Senhor, a quanto importa
cortar ocasiões com fio agudo,
porque, não se cortando, abre-se a porta
do lascivo desejo ao nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
olhando bem as leis do claro estudo,
será grandeza vossa mui subida,
dessa real prosápia produzida.

[1] Ed. 1616: *Sofrónia.*

Olhai que tem, Senhor, ũa minina
do ausente consorte e filha sua,
muito desemparada e pequenina,
fora do natural, despida e nua.
Sede vós, Senhor, água da Piscina;
a vosso zelo tudo se atribua;
que, movendo-vos ele, não duvido
que tudo a ela seja concedido.

SEXTINA

I

Foge-me pouco a pouco a curta vida
(se por caso é verdade que inda vivo);
vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
choro pelo passado e quando falo [1],
se me passam os dias passo e passo,
vai-se-me, enfim, a idade e fica a pena.

Que maneira tão áspera de pena!
Que nunca ũa hora viu tão longa vida
em que possa do mal mover-se um passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que choro, enfim? Para que falo,
se lograr-me não pude de meus olhos?

Ó fermosos, gentis e claros olhos,
cuja ausência me move a tanta pena
quanta se não comprende enquanto falo!
Se, no fim de tão longa e curta vida,
de vós m'inda inflamasse o raio vivo,
por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei, que primeiro o extremo passo
me há-de vir a cerrar os tristes olhos
que Amor me mostre aqueles por que vivo.
Testemunhas serão a tinta e pena,
que escreveram de tão molesta vida
o menos que passei, e o mais que falo.

[1] Ed. 1595: *choro.*

Oh! que não sei que escrevo, nem que falo!
Que se de um pensamento n'outro passo,
vejo tão triste género de vida
que, se lhe não valerem tantos olhos,
não posso imaginar qual seja a pena
que traslade esta pena com que vivo.

N'alma tenho contino um fogo vivo,
que, se não respirasse no que falo,
estaria já feita cinza a pena;
mas, sobre a maior dor que sofro e passo,
me temperam as lágrimas dos olhos
com que, fugindo, não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
vejo sem olhos, e sem língua falo;
e juntamente passo glória e pena.

MANSURA PER ÆVUM
FATORUM COMITES

ÉCLOGAS

I

Á morte de D. António de Noronha, que morreu em África, e à morte de D. João III, de Portugal, e de D. Joana, mãe del-Rei D. Sebastião.

UMBRANO e FRONDÉLIO, pastores

UMBRANO

Que grande variedade vão fazendo,
Frondélio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
em outras cousas várias e inspiradas!
Um dia a outro dia vai trazendo
por suas mesmas horas já ordenadas;
mas quão conformes são na quantidade,
tão diferentes são na qualidade.

Eu vi já deste campo as várias flores
às estrelas do céu fazendo inveja;
vi andar adornados os pastores
de quanto polo mundo se deseja;
e vi co campo competir nas cores
os trajos, de obra tanta e tão sobeja,
que, se a rica matéria não faltava,
a obra, de mais rica, sobejava.

E vi perder seu preço às brancas rosas
e quase escurecer-se o claro dia
diante dũas mostras perigosas,
que Vénus, mais que nunca, engrandecia;
enfim, vi as pastoras tão fermosas,

que o Amor de si mesmo se temia;
mas mais temia o pensamento, falto
de não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão diferente
que move os corações a grande espanto;
e parece que Júpiter potente
se enfada já do mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
as aves deixam seu suave canto,
e o gado, em ver que a erva lhe falece,
mais que de a não comer, nos emagrece.

FRONDÉLIO

Umbrano irmão, decreto é da Natura,
inviolável, fixo e sempiterno,
que a todo o bem suceda desventura
e não haja prazer que seja eterno:
ao claro dia segue a noite escura,
ao Verão suave, o duro Inverno,
e se há i quem saiba ter firmeza,
é sòmente esta lei de natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa
a porta abrindo, vem ao triste estado;
se ũa hora vejo alegre e deleitosa,
temendo estou do mal aparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
entre as flores do fresco e verde prado?
Não te engane nenhum contentamento;
que mais instável é que o pensamento.

E praza a Deus que o triste e duro Fado
de tamanhos desastres se contente;
que sempre um grande mal inopinado
é mais do que o espera a incauta gente;
que vejo este carvalho que, queimado
tão gravemente foi do raio ardente.
Não seja ora prodígio que declare
que o bárbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Enquanto do seguro azambujeiro
nos pastores de Luso houver cajados,
e o valor antigo que primeiro
fez no mundo tão assinalados,
não temas tu, Frondélio companheiro,
que em nenhum tempo sejam sojugados,
nem que a cerviz indómita obedeça
a outro jugo algum que se ofereça.

E posto que a soberba se levante
do inimigo[1], a torto e a direito,
não creias tu que a força repugnante
do fero e nunca já vencido peito
que, desde quem possui o monte Atlante
até onde bebe o Hidaspe tem sujeito,
o possa nunca ser de força alheia,
enquanto o Sol a Terra e o Céu rodeia.

FRONDÉLIO

Umbrano, a temerária segurança
que em força ou em razão não se assegura,
é falsa e vã; que a grande confiança
não é sempre ajudada da ventura.
Que, lá junto das aras da esperança
Némesis moderada, justa e dura,
um freio lhe está pondo e lei terrível
que os limites não passe do possível.

E se atentas bem os grandes danos
que se nos vão mostrando cada dia,
porás freio também a esses enganos
que te está afigurando a ousadia.
Tu não vês como os lobos Tingitanos,
apartados de toda a covardia,
matam os cães, dos gados guardadores,
e não sòmente os cães, mas os pastores?

[1] Ed. 1595: *imigo*.

E o grande curral, seguro e forte,
do alto monte Atlas, não ouviste
que com sanguinolenta e fera morte
despovoado foi por caso triste?
Ó caso desastrado, ó dura sorte,
contra quem força humana não resiste!
Que ali também da vida foi privado
Tiónio meu, ainda em flor cortado!

UMBRANO

De lágrimas me banha todo o peito
desse caso terríbel a memória,
quando vejo quão sábio e quão perfeito
e quão merecedor de longa história
era esse teu pastor que, sem direito,
deu às Parcas a vida transitória.
Mas não há i quem d'erva o gado farte,
nem do juvenil sangue o fero Marte!

Porém, se te não for muito pesado,
(Já que esta[1] triste morte me lembraste),
cantarás[2] desse caso desastrado
aqueles brandos versos que cantaste
quando ontem, recolhendo o manso gado,
de nós-outros pastores te apartaste;
que eu também, que as ovelhas recolhia,
não te podia ouvir como queria.

FRONDÉLIO

Como qués que renove ao pensamento
tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
para os que triste são, é falsa cura.
Mas pois também te move o sentimento

[1] Ed. 1595: *a*.
[2] Ed. 1595 e 1598: *Cantares*.

da morte de Tiónio, triste e escura,
eu porei teu desejo em doce efeito,
se a dor não me impedir a voz no peito.

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado pace
antre as húmidas ervas, sossegado;
e lá nas altas serras, onde nace
o sacro Tejo, à sombra recostado,
com seus olhos no chão, a mão na face,
está para te ouvir aparelhado;
e em silêncio triste estão as Ninfas,
dos olhos estilando claras linfas.

O prado, as flores brancas e vermelhas
está suavemente apresentando;
as doces e solícitas abelhas
com um brando sussurro vão voando;
as mansas e pacíficas ovelhas,
de comer esquecidas, inclinando
as cabeças estão ao som divino
que faz, passando, o Tejo cristalino.

O vento dantre as árvores respira,
fazendo companhia ao claro rio;
nas sombras, a ave gárrula suspira,
suas mágoas espalhando ao vento frio.
Toca, Frondélio, toca a doce lira;
que, daquele verde álamo sombrio,
a branda filomela, entristecida,
ao saudoso canto te convida.

CANTA FRONDÉLIO:

Aquele dia as águas não gostaram
as mimosas ovelhas; e os cordeiros
o campo encheram de amorosos gritos.

Não se dependuraram dos salgueiros
as cabras, de tristeza; mas negaram
o pasto a si, e o leite a os cabritos.
Prodígios infinitos
mostrava aquele dia,
quando a Parca queria
princípio dar ao fero caso triste.
E tu também (ó corvo) o descobriste,
quando da mão direita em voz escura,
voando, repetiste
a tirânica lei da morte dura.

Tiónio meu, o Tejo cristalino
e as árvores que tu já desamparaste,
choram o mal de tua ausência eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
por quem o mar e a terra se governa.
E a noite sempiterna,
que tu tão cedo viste,
cruel, acerba e triste,
sequer de tua idade não te dera
que lograras a fresca Primavera?
Não usara connosco tal crueza,
que nem nos montes fera
nem pastor há no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos pastores,
já não seguem as Ninfas na espessura,
nem as Ninfas aos cervos dão trabalho.
Tudo, como vês, é cheio de tristura,
às abelhas o campo nega as flores,
e às flores a aurora nega o orvalho.
Eu que, cantando, espalho
tristezas todo o dia,
a frauta que soía
mover as altas árvores, tangendo,
se me vai de tristeza enrouquecendo,
que tudo vejo triste neste monte;
e tu também, correndo,
manas envolta e triste, ó clara fonte!

As Tágides no rio e na aspereza[1]
do[2] monte as Oreadas, conhecendo
quem te obrigou ao duro e fero Marte,
como geral sentença vão dizendo
que não pode no mundo haver tristeza
em cuja causa Amor não tenha parte.
Porque assi, desta arte,
nos olhos saudosos,
nos passos vagarosos,
no rosto, que o Amor e a fantasia
da pálida viola lhe tingia,
a todos de si dava sinal certo
do fogo que trazia
que nunca soube Amor ser incoberto.

Já diante dos olhos lhe voavam
imagens e fantásticas pinturas,
exercícios[3] do falso pensamento;
e pelas solitárias espessuras,
entre os penedos sós que não falavam,
falava e descobria seu tormento.
Num longo esquecimento
de si todo embebido,
andava tão perdido
que, quando algum pastor lhe perguntava
a causa da tristeza que mostrava,
como quem para penas só vivia,
sorrindo, lhe tornava:
se não vivesse triste, morreria.

Mas como este tormento o assinalou,
e tanto no seu rosto se mostrasse,
entendido mui bem do pai sesudo,
porque do pensamento lho tirasse,
longe da causa dele o apartou;
porque, enfim, longa ausência acaba tudo.
Mas, ó falso Marte rudo,

[1] Ed. 1595: *espessura.*
[2] Ed. 1595: *No.*
[3] Ed. 1595: *E exercicios.*

das vidas cobiçoso!
Que, aonde o generoso
peito ressuscitava em tanta glória
de seus antecessores a memória,
ali, fero e cruel, lhe destruiste,
por injusta vitória,
primeiro que o cuidado, a vida triste.

Parece-me, Tiónio, que te vejo
por tingires a lança cobiçoso
naquele infido sangue Mauritano,
no Hispano ginete, belicoso,
que ardendo também vinha no desejo
de derrubar por terra o Tingitano.
Ó confiado engano!
Ó encurtada vida!
Que a virtude, oprimida
da multidão forçosa do inimigo,
não pode defender-se do perigo,
porque assi o destino o permitiu,
e assi levou consigo
o mais gentil pastor que o Tejo viu.

Qual o mancebo Euríalo, enredado
entre o poder dos Rútulos, fartando
as iras da soberba e dura guerra,
do cristalino rosto a cor mudando,
cujo purpúreo sangue derramado
pelas alvas espaldas, tinge a serra;
que, como flor que a terra
lhe nega o mantimento,
porque o tempo avarento
também o largo humor lhe tem negado,
o colo inclina, lânguido e cansado:
tal te pinto, Tiónio, dando o esprito
a Quem to tinha dado;
Que Este é sòmente eterno e infinito.

Da boca congelada a alma pura,
co nome juntamente da inimiga
e excelente Marfida derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga

a pranto sempiterno a morte dura
de quem por ti sòmente a vida amava?
Por ti, aos ecos dava
acentos numerosos;
por ti, aos belicosos
exercícios se deu do fero Marte.
E, tu ingrata, o amor já noutra parte
porás, como acontece ò fraco intento;
que, enfim, enfim, desta arte
se muda o feminino pensamento.

Pastores deste vale ameno e frio,
que de Tiónio o caso desastrado
quereis nas altas serras que se cante,
um túmulo, de flores adornado,
lhe edificai ao longo deste rio,
que a vela enfreie ao duro navegante;
e o lasso caminhante
vendo tamanha mágoa,
arrase os olhos de água,
lendo na pedra dura o verso escrito,
que diga assi: *Memória sou que grito*
para dar testemunho em toda parte
do mais gentil esprito
que tiraram do mundo Amor e Marte.

UMBRANO

Qual o quieto sono a os cansados,
debaixo de algũa árvore sombria,
ou qual aos sequiosos e encalmados
o vento respirante e a fonte fria,
tais me foram teus versos delicados,
teu numeroso canto e melodia;
e ainda agora o tom suave e brando
os ouvidos me fica adormentando.

Enquanto os peixes húmidos tiverem
as areosas covas deste rio,
e, correndo, estas águas conhecerem
do largo mar o antigo senhorio;

e enquanto estas ervinhas pasto derem
às petulantes cabras, eu te fio
que em virtude dos versos que cantaste
sempre viva o pastor que tanto amaste.

Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta,
e dos montes as sombras se acrescentam,
de flores mil o claro céu se esmalta,
que tão ledas aos olhos se apresentam;
levemos pelo pé desta serra alta
os gados, que já 'gora se contentam
do que comido têm, Frondélio amigo;
anda, que até o outeiro irei contigo.

FRONDÉLIO

Antes por este vale, amigo Umbrano,
se te aprouver, levemos as ovelhas;
que se eu por acerto não me engano,
daqui me soa um eco nas orelhas;
o doce acento não parece humano.
E se tu, neste caso, me aconselhas,
eu quero ver daqui que cousa seja;
que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Contigo vou, que quanto mais me achego
mais gentil me parece a voz que ouviste,
peregrina, excelente; e não te nego
que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tens os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste;
nenhum pássaro voa, mas parece
que do canto vencido, lhe obedece.

Porém, irmão, milhor me parecia
que não fôssemos lá, que estorvaremos;
mas, subidos nesta árvore sombria,
todo o vale daqui descobriremos.

Os surrões e cajados, todavia,
neste comprido tronco penduremos;
para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondélio, ir primeiro.

FRONDÉLIO

Espera, assi, dar-te hei de pé, se queres;
subirás sem trabalho e sem ruído;
e depois que subido lá estiveres,
dar-me hás a mão de cima, que é partido.
Mas primeiro me dize, se puderes
ver, donde nace o canto nunca ouvido,
quem lança o doce acento delicado.
Fala, que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
que nunca vi, Frondélio, vejo agora;
fermosas Ninfas vejo na verdura,
cujo divino gesto o Céu namora.
Ũa, de desusada fermosura,
que das outras parece ser senhora,
sobre um triste sepulcro, não cessando,
está perlas dos olhos distilando.

De todas estas altas semideias,
que em torno estão do corpo sepultado,
ũa regando as húmidas areias
de flores tem o túmulo adornado;
outras queimando lágrimas Sabeias,
enchem o ar de cheiro sublimado;
outras, em ricos panos, mais avante,
envolvem brandamente um novo infante.

Ũa, que dantre as outras se apartou,
com gritos que a montanha entristeceram
diz que, depois que a morte a flor cortou
que as estrelas sòmente mereceram,

que este penhor caríssimo ficou
daquele a cujo império obedeceram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
té o remoto mar da Taprobana.

Diz mais que, se encontrar este minino
a noite intempestiva, amanhecendo,
que o Tejo agora claro e cristalino
tornará a fera Alecto em vulto horrendo.
Mas se for conservado do Destino,
que as estrelas beninas prometendo
lhe estão o largo pasto da Ampelusa,
co monte que em mau ponto viu Medusa.

Este prodígio grande a Ninfa bela
com abundantes lágrimas recita;
mas qual a eclipsada clara estrela
que entre as outras o Céu primeiro habita,
tal coberta de negro vejo aquela
a quem só n'alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondélio, a mão; sobe a ver
tudo o mais que eu, de dor, não sei dizer.

FRONDÉLIO

Ó triste morte, esquiva e mal olhada,
que a tantas fermosuras injurias!
Daquela deusa, bela e delicada,
sequer algum respeito ter devias.
Esta é, por certo, Aónia, filha amada
daquele grão Pastor, que em nossos dias,
Danúbio enfreia e manda o claro Ibero,
e espanta o morador do Euxino fero.

Morreu-lhe o excelente e poderoso
(que a isso está sujeita a vida humana)
doce Tiónio [1], d'Aónia caro esposo.
Ah! lei dos Fados, áspera e tirana!

[1] Ed. 1598: *Aonio.*

Mas o som peregrino e piadoso
com que a fermosa Ninfa a dor engana,
escuta um pouco, nota e vê, Umbrano,
quão bem que soa o verso castelhano.

AÓNIA

Alma y primero amor del alma mía,
espiritu dichoso. en cuya vida
la mía estuvo en cuanto Dios quería!
Sombra gentil, de su prisión salida,
que del mundo á la patria te bolviste,
donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allá este sacrifício triste
que te ofrecen los ojos que te vieron,
si la memoria dellos no perdiste.
Que. pues los altos cielos permitieron
que no te acompañase en tal jornada,
y para ornarse solo a ti quisieron;
nunca permitirán que acompañada
de mí no sea esta memoria tuya,
que está de tus despojos adornada.
Ni dejarán, por más que el tiempo huya,
de estar en mí con sempiterno llanto,
hasta que vida y alma se destruya.
Mas tú, gentil Espíritu, entretanto
que otros campos y flores vas pisando,
y otras zampoñas oyes, y otro canto,
ahora embevecido estés mirando
allá en el Empireo aquella Idea
que el mundo enfrena y rige con su mando;
ahora te posuya Citarea
en el tercero asiento, ó porque amaste,
ó porque nueva amante allá te sea:
ahora el Sol te admire, si miraste
cómo vá por los signos, encendido,
las tierras alumbrando que dejaste;
si en ver estos milagros no has perdido
a memoria de mí, ó fué en tu mano
no pasar por las aguas del olvido,

vuelve un poco los ojos á este llano,
verás una que á ti, con triste lloro
sobre este mármol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los signos de oro
lágrimas y gemidos amorosos,
que muevan e supremo y santo Coro,
la lumbre de tus ojos tan hermosos
yo la veré muy presto; y podré verte,
que, á pesar de los hados enojosos,
también para los tristes hubo muerte.

II

ALMENO e AGRÁRIO, pastores

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
num vale de altas árvores sombrio,
estava o triste Almeno
suspiros espalhando
ao vento. e doces lágrimas ao rio.
No derradeiro fio
o tinha a esperança
que, com doces enganos,
lhe sustentara a vida tantos anos
nũa amorosa e branda confiança;
que, quem tanto queria
parece que não erra, se confia.

A noite escura dava
repouso aos cansados
animais, esquecidos da verdura;
o vale triste estava
cuns ramos carregados
que a noite faziam mais escura.
Mostrava a espessura
um temeroso espanto;
as roucas rãs soavam

num charco d'água negra, e ajudavam
do pássaro nocturno o triste canto;
o Tejo, com som grave,
corria mais medonho que suave.

Como toda a tristeza
no silêncio consiste,
parecia que o vale estava mudo;
e, com esta graveza,
estava tudo triste.
Porém o triste Almeno mais que tudo;
tomando por escudo
de sua doce pena,
para poder sofrê-la,
estar imaginando a causa dela,
que em tanto mal, é cura bem pequena.
Maior é o tormento
que toma por alívio um pensamento.

Ao rio se queixava,
com lágrimas em fio,
com que creciam as ondas outro tanto.
Seu doce canto dava
tristes águas ao rio,
e o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto
que as águas refreava,
responde o vale umbroso.
Da mansa voz o acento temeroso
na outra parte do rio retumbava.
quando, da fantasia,
o silêncio rompendo, assi dizia:

Corre suave e brando
com tuas claras águas,
saídas de meus olhos, doce Tejo,
fé de meus males dando,
para que minhas mágoas
sejam castigo igual de meu desejo;
que, pois em mim não vejo
remédio, nem o espero,

e a morte se despreza
de me matar, deixando-me à crueza
daquela por quem meu tormento quero,
saiba o mundo meu dano,
porque se desengane em meu engano.

Já que minha ventura,
ou quem me a causa ordena,
quer por paga da dor tome sofrê-la,
será mais certa cura
para tamanha pena
desesperar de haver já cura nela.
Porque, se minha estrela,
causou tal esquivança,
consinta meu cuidado
que me farte de ser desesperado,
para desenganar minha esperança,
que para isso naci,
para viver na morte, e ela em mi.

Não cesse meu tormento
de fazer seu ofício,
que aqui tem ũa alma ao jugo atada;
nem falte o sofrimento,
porque parece vício
para tão doce mal faltar-me nada.
Ó Ninfa delicada,
honra da natureza!
Como pode isto ser,
que de tão peregrino parecer
pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum jeito
de causa divinal contrário efeito.

Pois como pena tanta
é contra a causa dela?
Fora é do natural minha tristeza.
Mas a mim que me espanta?
Não basta, ó Ninfa bela,
que podes perverter a Natureza?
Não é a gentileza

de teu gesto celeste
fora do natural?
Não pode a natureza fazer tal;
tu mesma, bela Ninfa, te fizeste;
porém porque tomaste
tão dura condição, se te formaste?

Por ti, o alegre prado
me é penoso e duro;
abrolhos me parecem suas flores.
Por ti, do manso gado,
como de mim, não curo,
por não fazer ofensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
as lutas entre a rama,
nada me faz contente;
e sou já do que fui tão diferente
que quando por meu nome alguém me chama,
pasmo, quando conheço,
que inda comigo mesmo me pareço.

O gado que apacento
são n'alma meus cuidados;
e as flores que no campo sempre vejo,
são no meu pensamento
teus olhos debuxados,
com que estou enganando meu desejo.
As águas frias do Tejo
de doces se tornaram
ardentes e salgadas,
despois que minhas lágrimas cansadas
com seu puro licor se misturaram,
como quando mistura
Hispanis co Exampeu sua água pura.

Se aí no mundo houvesse
ouvires-me algũa hora
assentada na praia deste rio,
e de arte te dissesse
o mal que passo agora
que pudesse mover-te o peito frio!

Ó quanto desvario
que estou afigurando!
Já agora meu tormento
não pode pedir mais ao pensamento
que este fantasiar que, imaginando,
a vida me reserva.
Querer mais de meu mal, será soberba.

Já a esmaltada Aurora
descobre o negro manto
da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
que meu cansado canto
não merece que veja o claro dia.
Não canse a fantasia
de estar em si pintando
o gesto delicado,
enquanto traz ao pasto o manso gado
este pastor que lá só vem falando.
calar-me-ei sòmente,
que meu mal nem ouvir se me consente.

AGRÁRIO

Fermosa manhã clara e deleitosa,
que como fresca rosa na verdura,
te mostras bela e pura, marchetando
as Ninfas, espalhando seus cabelos
nos verdes montes belos; tu só fazes,
quando a sombra desfazes, triste e escura,
fermosa a espessura e fresca a fonte,
fermoso o alto monte e o rochedo,
fermoso o arvoredo e deleitoso.
enfim, tudo fermoso. Co teu rosto
d'ouro e rosas composto e claridade
trazes a saudade ao pensamento,
mostrando num momento o roxo dia,
co a doce harmonia nos cantares
dos pássaros a pares, que, voando,
seu pasto andam buscando nos raminhos,

para os amados ninhos, que mantêm.
Ó grande e sumo bem da Natureza!
Estranha sutileza de pintora,
que matiza nũa hora, de mil cores,
o céu, a terra, as flores, monte e prado!
Ó tempo já passado! quão presente
te vejo abertamente na vontade!
Quamanha saudade tenho agora
do tempo que a pastora minha amava,
e de quanto prezava minha dor!
Então tinha o amor maior poder,
então num só querer nos igualava,
porque, quando um chamava a quem queria,
o eco respondia da afeição
no brando coração da doce imiga.
Nesta amorosa liga concertavam
os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres polas eiras
das brancas sementeiras ledo fruto,
pagando seu tributo aos lavradores;
e enchia aos pastores todo o prado
Pales, do manso gado guardadora.
Zéfiro e a fresca Flora passeando,
os campos esmaltando de boninas;
nas águas cristalinas triste estava
Narciso, que inda olhava n'água pura
sua linda figura delicada;
mas Eco, namorada de seu gesto,
com pranto manifesto, seu tormento
no derradeiro acento lamentava.
Ali também se achava o sangue tinto
do purpúreo Jacinto, e o destroço
de Adónis, lindo moço, morte feia,
da bela Citarea tão chorada;
toda a terra esmaltada destas rosas.
Ali as Ninfas fermosas pelos prados,
os Faunos namorados após elas,
mostrando-lhe capelas de mil cores,
que faziam das flores que colhiam;
as Ninfas lhe fugiam amedrentadas,
as fraldas levantadas, pelos montes.
A fresca água das fontes espalhar-se,

Vertuno transformar-se ali se via;
Pomona que trazia os doces frutos;
ali pastores muitos, que tangiam
as gaitas que traziam, e, cantando,
estavam enganando suas penas,
tomando das Sirenas o exercício.
Ouvia-se Salício lamentar-se,
da mudança queixar-se crua e feia,
da dura Galatea tão fermosa;
e da morte envejosa Nemoroso
ao monte cavernoso se querela,
que sua Elisa bela em pouco espaço
cortara inda em agraço a dura sorte.
Ó imatura morte, que a ninguém
de quantos vida têm, nunca perdoas!
Mas tu, Tempo, que voas apressado,
um deleitoso estado quão asinha
nesta vida mesquinha transfiguras
em mil desaventuras, e a lembrança
nos deixas por herança do que levas!
Assi que se nos cevas com prazeres,
é para nos comeres no milhor.
Cada vez em pior te vás mudando;
quanto vens inventando, que hoje aprovas,
logo amanhã reprovas com instância!
Ó estranha inconstância e tão profana
de toda a cousa humana inferior,
a quem o cego error sempre anda anexo!
Mas eu de que me queixo? ou que digo?
Vive o tempo comigo, ou ele tem
culpa no mal que vem da cega gente?
Porventura ele sente, ou ele entende
aquilo que defende o ser divino?
Ele usa de contino seu ofício,
que já por exercício lhe é devido:
dá-nos fruto, colhido na sazão
do fermoso Verão; e no Inverno,
com seu humor eterno congelado,
do vapor levantado, co a quentura
do Sol, a terra dura lhe dá alento,
para que o mantimento produzindo
estê sempre cumprindo seu costume;

assi que, não consume de si nada,
nem muda da passada vida um dedo,
antes sempre está quedo no devido,
porque este é seu partido e sua usança;
e nele esta mudança é [1] mais firmeza.
Mas quem a lei despreza e pouco estima
de Quem lá de cima está movendo
o Céu sublime e horrendo, o mundo puro,
este muda o seguro e firme estado
do tempo, não mudado da verdade.
Não foi naquela idade de ouro claro
o firme tempo caro e excelente?
Vivia então a gente moderada;
sem ser a terra arada, dava pão;
sem ser cavado, o chão as frutas dava;
nem chuva desejava, nem quentura;
supria então Natura o necessário.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno que, perdida a luz serena,
causou que em dura pena desterrado
fosse do Céu deitado, onde vivia,
porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
em mais baixo metal, e assi decendo
nos veio assi trazendo a este estado.
Mas eu, desatinado, adonde vou?
Para onde me levou a fantasia?
Que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
ao manso Tejo brando, porque achar
no mundo que emendar, não é de agora;
basta que a vida fora dele tenho;
com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que, enlevado em pensamentos,
as horas e momentos vai gastando:
par' ele vou chegando, só por ver
se poderei fazer que o mal que sente
um pouco se lhe ausente da memória.

[1] Ed. 1595: &.

ALMENO

Ó doce pensamento, ó doce glória!
São estes porventura os olhos belos
que tem de meus sentidos a vitória?
São estas, Ninfa, as tranças dos cabelos
que fazem de seu preço o ouro alheio,
e a mim, de mim mesmo, só com vê-los?
É esta a alva coluna, o lindo esteio,
sustentador das obras mais que humanas,
que eu nos braços tenho, e não no creio?
Ah! falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca onde não devo,
com palavras de doudo, e quási insanas!
Como alcançar-te tão alto assi me atrevo?
Tais asas dou-tas eu, ou tu mas dás?
Levas-me tu a mim, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fores,
quando fores, não tornes onde estás.

AGRÁRIO

Ó que triste sucesso foi de amores
o que a este pastor aconteceu,
segundo ouvi contar a outros pastores!
Que tanto por seu dano se perdeu,
que o longo imaginar em seu tormento
em desatino Amor lho converteu.
Ó forçoso vigor do pensamento,
que pode noutra cousa estar mudando
a forma, a vida, o siso, o entendimento!
Está-se um triste amante transformando
na vontade daquela que tanto ama,
de si sua própria essência transportando.
E nenhũa outra cousa mais desama
que a si, se vê que em si há algum sentido
que deste fogo insano não se inflama.
Almeno, que aqui está tão influído
no fantástico sonho, que o cuidado
lhe traz sempre ante os olhos esculpido,

está-se-lhe pintando, de enlevado,
que tem já da fantástica pastora
o peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora
falando como em sonhos; mas achando
ser vento o que sonhava, grita e chora.
Desta arte andavam sonhos enganando
o pastor sonolento, que a Diana
andava entre as ovelhas celebrando;
desta arte a nuvem falsa, em forma humana,
o vão pai dos Centauros enganava,
(que Amor, quando contenta, sempre engana);
como a este que consigo só falava,
cuidando que falava de enlevado,
com quem lhe o pensamento figurava.
Não pode quem quer muito ser culpado
em nenhum erro, quando vem a ser
o amor em doudice transformado.
Não é Amor amor, se não vier
com doudices, desonras, dissensões,
pazes, guerras, prazer e desprazer,
perigos, línguas más, murmurações,
ciúmes, arruídos, competências,
temores, mortes, nojos, perdições.
Estas são verdadeiras experiências
de quem põe o desejo onde não deve,
de quem engana alheias inocências.
Mas isto tem Amor, que não se escreve
senão onde é ilícito e custoso;
e onde é mor o perigo mais se atreve.
Passava alegre tempo, deleitoso [1],
o Troiano pastor, enquanto andava
sem ter alto desejo e perigoso.
Seus furiosos touros coroava,
e nos álamos altos escrevia
teu nome, Enone, quando a ti só amava.
Creciam os altos álamos, crecia
o amor que te tinha; sem perigo
e sem temor contente te servia.

[1] Ed. 1598: *Passava o tempo alegre, & deleitoso.*

Mas despois que deixou entrar consigo
ilícito desejo e pensamento,
de sua quietação tão inimigo,
a toda a pátria pôs em detrimento,
com morte de parentes e de irmãos,
com cru incêndio e grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
tristes serviços mal galardoados,
cuja glória se passa dantre as mãos.
Lágrimas e suspiros arrancados
d'alma, todos se pagam com enganos,
e oxalá fossem muitos enganados.
Andam com seu tormento tão ufanos,
gastando na doçura de um cuidado
após ũa esperança, tantos anos.
E tal há tão perdido namorado,
tão contente co pouco, que daria
por um só mover d'olhos, todo o gado.
E em todo o povoado e companhia,
sendo ausentes de si, estão presentes
com quem lhe pinta sempre a fantasia.
Cum certo não sei quê andam contentes,
e logo um nada os torna a o contrário,
de todo o ser humano diferentes.
Ó tirânico Amor, ó caso vário,
que obrigas um querer que sempre seja
de si contino e áspero adversário!
E outr' hora nenhũa alegre esteja,
senão quando do seu despojo amado
sua imiga estar triunfando veja!
Quero falar com este, que enredado
nesta cegueira está sem nenhum tento.
Acorda já, pastor desacordado!

ALMENO

Oh! porque me tiraste um pensamento
que agora estava os olhos debuxando,
de quem aos meus foi doce mantimento?

AGRÁRIO

Nessa imaginação estás gastando
o tempo e a vida, Almeno? Ó perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

ALMENO

Fermosos olhos, ande a gente e ande,
que nunca vos ireis desta alma minha,
por mais que o tempo corra e a morte o mande.

AGRÁRIO

Quem poderá cuidar que tão asinha
se perca o curso assi do siso humano,
que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno irmão, não é por certo aviso,
mas mui grande doudice e grande engano.

ALMENO

Ó Agrário, que vendo o doce riso,
e o rosto tão fermoso como esquivo,
o menos que perdi foi todo o siso.
E não entendo, dês que fui cativo,
outra cousa de mim, senão que mouro;
nem isto entendo bem, pois inda vivo.
À sombra deste umbroso e verde louro
passo a vida, ora em lágrimas cansadas,
ora em louvores dos cabelos d'ouro.
Se perguntares porque são choradas,
ou porque tanta pena me consume,
revolvendo memórias magoadas:
dês que perdi da vista o claro lume,
e perdi a esperança e a causa dela,
não choro por razão, mas por costume.

Não se pode co Fado ter cautela;
nem pode haver nenhum contentamento
que não seja trocado em dura estrela.
Que bem livre vivia e bem isento,
sem nunca ser ao jugo sometido
de nenhum amoroso pensamento!
Lembra-me, Agrário amigo, que o sentido
tão fora de amor tinha, que me ria
de quem por ele via andar perdido.
De várias cores sempre me vestia,
de boninas a fronte coroava,
nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontava;
na luta, no correr e em qualquer manha,
sempre a palma antre todos alcançava.
Da minha idade tenra, em tudo estranha,
vendo, como acontece, afeiçoadas
muitas Ninfas do rio e da montanha,
com palavras mimosas e forjadas
da solta liberdade e livre peito,
as trazia contentes e enganadas.
Mas não querendo Amor que, deste jeito,
dos corações andasse triunfando
em quem ele criou tão puro afeito[1],
pouco e pouco me foi de mim levando,
dissimuladamente às mãos de quem
toda esta injúria agora está vingando.

AGRÁRIO

Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem
o princípio e o fim, que Nemoroso
contado tudo isso, e mais, me tem.
Mas quero-te dizer: se o enganoso
Amor é costumado a desconcertos
que nunca amando fez pastor ditoso,
já que nele estes casos são tão certos,
porque os estranhas tanto, que de mágoa
te choram as montanhas e os desertos?

[1] Ed. 1595 e 1598: *effeito*.

Vejo-te estar gastando em viva frágoa,
e juntamente em lágrimas vencendo,
a grã Sicília em fogo, o Nilo em água.
Vejo que as tuas cabras vão querendo
gostar as verdes ervas, se emmagrecem,
as tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos que co tempo reverdecem,
os olhos alegrando descontentes,
em te vendo, parece que entristecem.
Todos os teus amigos e parentes,
que por lá da serra vêm por consolar-te,
sentindo n'alma a pena que tu sentes,
se querem de teus males apartar-te.
Deixando a casa e gado vás fugindo
como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consumindo,
vive só de vontades enlevadas
no falso parecer dum gesto lindo?
Nem as ervas das águas desejadas
se fartam; nem de flores, as abelhas;
nem este amor, de lágrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entr' as ovelhas,
chorou Febo de Dafne as esquivanças,
regando as flores brancas e vermelhas?
Quantas vezes as ásperas mudanças
o namorado Galo tem chorado
de quem o tinha envolto em esperanças?
Estava o triste amante recostado,
chorando ao pé dum freixo o triste caso
que o falso Amor lhe tinha destinado;
por ele o sacro Pindo e o grão Parnaso,
na fonte de Aganipe distilando,
o faziam de lágrimas um vaso.
Vinha o intonso[1] Apolo ali culpando
a sobeja tristeza perigosa
com ásperas palavras reprovando:
Galo, porque endoudeces? que a fermosa
Ninfa que tanto amaste, descobrindo
por falsa a fé que dava, e mentirosa,

[1] Ed. 1595: *intenso.*

pelas Alpinas neves vai seguindo
outro amor, outro bem, outro desejo,
como inimiga, enfim, de ti fugindo.
Mas o mísero amante, que o sobejo
mal empregado amor lhe defendia
ter de tamanha fé vergonha ou pejo,
da falsífica Ninfa não sentia
senão que o frio do gelado Reno
os delicados pés lhe ofenderia.
Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
que de Amor os desastres são de sorte
que para matar basta o mais pequeno,
porque não pões um freio a mal tão forte
que em estado te põe que, sendo vivo,
já não se entende em ti vida nem morte?

ALMENO

Agrário, se do gesto fugitivo
por caso da fortuna desastrado,
algũa hora deixar de ser cativo;
ou sendo para as Ursas degradado,
aonde Bóreas tem o Oceano
cos frios Hiperbóreos congelado;
ou onde o filho de Climene insano,
mudando a cor das gentes totalmente,
as terras apartou do trato humano;
ou se por qualquer outro acidente,
deixar este cuidado tão ditoso,
por quem sou de ser triste tão contente:
este rio, que passa deleitoso,
tornando por detrás, irá negando
à natureza o curso pressuroso;
as feras pelo mar irão buscando
seu pasto e andar-se hão pola espessura
das ervas os delfins apacentando.
Ora, se tu vês n'alma, quão segura
tenho esta fé e amor, para que insistes
nesse conselho e prática tão dura?
Se de tua perfia não desistes,

vai repastar teu gado a outra parte;
que é dura a companhia para os tristes.
Ũa só cousa quero encomendar-te,
para repouso algum de meu engano,
antes que o tempo, enfim, de mim te aparte:
que, se esta fera que anda em trajo humano
vires pela montanha andar vagando,
de meu despojo rica e de meu dano,
com os espritos vivos inflamando
o ar, o monte e a serra, que consigo
continuamente leva namorando;
se queres contentar-me como amigo,
passando, lhe dirás: Gentil pastora,
não há no mundo vício sem castigo.
Tornada em duro mármore não fora
a fera Anaxarete, se amoroso
mostrara o rosto angélico algũa hora.
Foi bem justo o castigo rigoroso;
porém quem te ama, Ninfa, não queria
noda tão feia em gesto tão fermoso.

AGRÁRIO

Tudo farei, Almeno, e mais faria
por te ver algũa hora descansado,
se se acabam os trabalhos algum dia.
Mas bem vês como Febo, já empinado,
me manda que da calma iníqua e crua
recolha em algum vale o manso gado.
Tu, nessa fantasia falsa tua,
para engano maior de teu perigo
não queres companhia senão a sua.
Vou-me daqui e fique Deus contigo;
e ficarás milhor acompanhado.

ALMENO

Ele contigo vá, como comigo
me fica acompanhando meu cuidado.

III

De ALMENO e BELISA

Passado já algum tempo que os amores
d'Almeno, por seu mal, eram passados,
porque nunca Amor cumpre o que promete,
e antre uns verdes ulmeiros apartados,
regando pelo campo as brancas flores,
em lágrimas cansadas se derrete;
quando a linda pastora, que compete
co monte em aspereza,
co prado em gentileza,
por quem o triste Almeno endoudecia,
pela praia do Tejo discorria
a lavar a beatilha e o trançado;
já o sol consentia
que saísse da sombra o manso gado.

E acordado já do pensamento
que tão desacordado o sempre teve,
viu por acerto o bem que incerto tinha.
E, porque onde Amor a mais se atreve,
ali mais enfraquece o entendimento,
não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que à aprazada briga vinha,
a quem de fora engana
a confiança humana,
e depois, vendo o rosto a quem resiste,
treme, teme o perigo, e não insiste;
já se arrepende, a audácia lhe falece:
desta arte o pastor triste
ousa, arreceia, esforça e enfraquece.

E tendo assi atónito o sentido,
cometeu com furor desatinado,
e tirou da fraqueza o coração.
Cometimento faz desesperado,
que ũa só salvação tem um perdido:
perder toda a esperança à salvação.

As mágoas, que passaram, se dirão;
mas as que ele dizia,
lembrando-lhe que via
as águas murmurar do Tejo amenas,
remeto a vós, ó Tágides Camenas,
que de mágoa, não posso dizer tanto,
porque em tamanhas penas
me cansa a pena e a dor me impede o canto.

BELISA

Que alegre campo e praia deleitosa!
E quão saudosa faz esta espessura
a fermosura angélica e serena
da tarde amena! E quão saudosamente
a sesta ardente abranda, suspirando,
de quando em quando, o vento alegre e frio!
No fundo rio os mudos peixes saltam;
no ar se esmaltam os céus d'ouro e verde,
e Febo perde a força da quentura.
Pola espessura levam passeando
o gado brando, ao som das sanfoninas,
pisando as finas e fermosas flores,
os guardadores, que, cantando, o gesto
fermoso e honesto das pastoras que amam,
ao ar derramam mil suspiros vãos.
Um louva as mãos, e outro os olhos belos,
outro os cabelos d'ouro, em som suave;
a amorosa ave leva o contraponto.
Mas oh! que conto, e que saudosa história
que na memória aqui se me oferece!
Se não me esquece, já neste lugar
ouvi soar nos vales algum dia,
e respondia o Eco o nome em vão
num coração, *Belisa* retumbando.
Estou cuidando como o tempo passa,
e quão escassa é toda alegre vida,
e quão comprida, quando é triste e dura.
Nesta espessura longo tempo amei;
se me enganei com quem do peito amava,
não me pesava de ser enganada.

Fui salteada, enfim, de um pensamento,
que um movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte deste engano
que, por meu dano, entrou com falsa cor.
Porque o amor na Ninfa que é segura
entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta, agora, dar desculpa?
Se aí houve culpa, pô-la o firme amor
só, num pastor, que nunca o Sol nem Lũa
ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
viram outro tão lindo e tão manhoso.
Neste amoroso estado e fé que tinha,
cá [1] n'alma minha tão secretamente,
vivi contente, amando e encobrindo.
Ele, fingindo mentirosos danos,
que são enganos que não custam nada,
tendo alcançada já no entendimento
a fé e intento meu só nele posto
(que logo o rosto mostra os corações,
e as afeições cos olhos se praticam,
que mais publicam muito que palavras),
com suas cabras sempre à parte vinha
onde eu mantinha os olhos e o desejo.
Tu, manso Tejo, e tu, florido prado,
do mais passado, enfim, que aqui não digo,
sereis, me obrigo, testemunho certo,
que descoberto vos foi tudo e claro.
Ó Tempo avaro! Ó sorte nunca igual!
Camanho mal quereis à humana gente!
Porque um contente estado assi trocastes?
Vós me tirastes do meu peito isento
o pensamento honesto e repousado,
já dedicado ao coro de Diana;
vós nũa ufana vida me pusestes,
e ali quisestes que gozasse o dano
do doce engano que se chama amor,
com cujo error passava o tempo ledo.
E vós tão cedo me tirais um bem
que Amor já tem impresso n'alma minha

[1] Ed. 1595: *Qua*.

depois que a tinha envolta em esperanças,
e com lembranças tristes me deixais?
Mal me pagais a fé que sempre tive.
Mas assi vive quem sem dita nace.
Mas já que a face alegre o Sol esconde,
e não responde alguém a tantas mágoas,
senão as águas que dos olhos saem;
e as sombras caem, e vão-se as alimárias,
das ervas várias fartas, seu caminho;
buscando o ninho os pássaros sem dono
já pelo sono esquecem o comer;
quero esquecer também tão doce história,
pois é memória que traz mor cuidado.
Isto é passado; e, se me deu paixão,
os dias vão gastando o mal e o bem,
e não convém querer-me magoar
do que emendar não posso já com mágoas.
Nas claras águas deste rio brando,
que vão regando o campo matizado,
este trançado lavar quero enfim;
que já de mim m'esqueço co a lembrança
desta mudança, que esquecer não sei.
Inda que eu mudarei a opinião,
que, enfim, homens são, a que o esquecimento
depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

Se a vista não me engana a fantasia,
como já me enganou mil vezes, quando
minha ventura enganos me sofria,
parece-me que vejo estar lavando
ũa Ninfa um véu no claro Tejo,
que se me está Belisa afigurando.
Não pode ser verdade isto que vejo;
que fàcilmente aos olhos se afigura
aquilo que se pinta no desejo.
Ó acontecimento que a ventura
me dá para mor dano! Esta é, certo,
que não é doutrem tanta fermosura.

Se poderei falar-lhe mais de perto?
Mas fugir-me há; não pode ser; que o rio
para acolá não tem caminho aberto.
Ó temor grande, ó grande desvario,
que a voz me impide, e a língua negligente
desta arte está tornando o peito frio!
De quanto me sobeja estando ausente,
que para lhe falar, sempre imagino,
tudo me falta agora em estar presente.
Ó aspeito suave e peregrino!
Pois como! tão asinha assi se esquece
ũa fé verdadeira, um amor fino?

BELISA

Ó altas semideas! Pois padece
em vosso rio a honra delicada
de quem tamanha força não merece,
ou seja por vós, Ninfas[1], reservada,
ou nalgũa árvore alta ou pedra dura
seja por vós asinha transformada.

ALMENO

Ah! Ninfa! Não te mudes a figura;
nem vós, deusas, queirais que eu seja parte
de se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz para falar-te,
e a quem falece a língua e ousadia
também faltarão mãos para tocar-te.

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
foi a tua, tão áspera, comigo?
Minha vontade não to merecia.

[1] Ed. 1595 e 1598: *Nympha.*

Se com o amor o fazes, eu te digo
que o amor que tanto mal me faz em tudo
não pode ser amor, mas inimigo.
Não és tu de saber tão falto e rudo
que tão sem siso amasses como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Ninfa, amor sesudo?
Porque te não alembra que folgaste
com meus tormentos tristes, e algũ' hora
com teus fermosos olhos me olhaste?
Como te esquece já, gentil pastora,
que folgavas de ler nos freixos verdes
o que de ti escrevia cada hora?
Como tão presto assi a memória perdes
do amor que mostravas, que eu não digo,
se vós, ó altos montes, não disserdes?
Porque te não alembras do perigo
a que, só por me ouvir, te aventuravas,
buscando horas de sesta, horas de abrigo?
Co a maçã de discórdia me tiravas:
que Vénus que a ganhou por fermosura,
tu, como mais fermosa, lha ganhavas.
E, escondendo-te entre a espessura,
ias fugindo como vergonhosa
da namorada e doce travessura.
Não era esta a maçã d'ouro fermosa
com que encoberta assi de astúcia tanta
Cidipe se enganou, de cobiçosa;
nem a que curso teve de Atalanta;
mas era aquela com que Galatea
o pastor cativou, como ele canta.
Se más tenções puseram nódoa feia
em nosso firme amor, de inveja pura,
porque pagarei eu a culpa alheia?
Quem desta fé, quem deste amor não cura,
nunca teve sujeito o coração;
que o firme amor co a alma eterna dura.

BELISA

Mal conheces, Almeno, ũa afeição;
que, se eu desse amor tenho esquecimento,
meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo e livre atrevimento
e teu pouco segredo, descuidando,
foi causa deste longo apartamento.
Vês as ninfas do Tejo que, mudando,
me vão já, pouco a pouco, o claro gosto
noutra forma mais dura traspassando?
Um só segredo meu te manifesto:
que te quis muito, enquanto Deus queria,
mas de pura afeição e amor honesto.
E, pois teu mau cuidado e ousadia
causou tão dura e áspera mudança,
folgo que muitas vezes to dizia.
Fica-te embora, e perde a confiança
que mais me não verás, como já viste,
que assi se desengana ũa esperança.

ALMENO

Ó duro apartamento! Ó vida triste!
Ó nunca acontecida desventura!
Pois como, Ninfa, assi te despediste?
Assi se há-de ir tornando sem ter cura
nessa silvestre e áspera rudeza
tão branda e excelente fermosura?
Tua nunca entendida gentileza
e teus membros assi se transformaram
negando-se-lhe a própria natureza?
Dest' arte teus cabelos se tornaram,
deixando já seu preço ao ouro fino
em folhas, que a cor tem do que negaram?
Se este consentimento foi divino,
consinta-me também que perca a vida,
antes que a mais me obrigue o desatino.
Que se a Fortuna dura embravecida

tanto em meu tormento se desmede,
não viva mais ũa alma tão perdida.
    E vós, feras do monte, pois vos pede
minha pena o remédio derradeiro,
fartai já de meu sangue vossa sede.
    E vós, pastores rudos deste outeiro,
por que a todos, enfim, se manifeste
que cousa é amor puro e verdadeiro,
    ao pé deste funéreo acipreste
me fareis um sepulcro sem arreio
de boninas que o prado ameno veste.
    Com desusadas músicas de Orfeu
que me vós cantareis; e, desta sorte,
não haverei inveja ao Mausoleu.
    E porque minha cinza se conforte,
em vossos metros doces e suaves
as exéquias fareis de minha morte.
    Ali responderão as altas aves,
não módulas no canto, nem lascivas,
mas de dor ora roucas, ora graves.
    Não correrão as águas fugitivas
alegres por aqui, mas saudosas,
que pareçam que vêm dos olhos vivas.
    Nacerão pelas praias deleitosas
os ásperos abrolhos em lugar
dos roxos lírios, das pudicas rosas.
    Não trarão as ovelhas a pastar
d'arredor do sepulcro os guardadores,
que não comerão nada, de pesar.
    Virão os Faunos, guarda dos pastores,
se morri por amores, perguntando;
responderão os ecos: *Por amores.*
    E para os que aqui forem caminhando,
um epitáfio triste se lerá
que esteja minha morte declarando;
    e no tronco dũa árvore estará
nũa ruda cortiça pendurado
escrito cũa fouce, assi dirá:
    Almeno fui, pastor de manso gado,
enquanto consentiu minha ventura,
de Ninfas e pastoras celebrado.
    Se algũa hora, por dita, na espessura

se perder o amor e afeição,
tirem a pedra desta sepultura
e em figura de cinza os acharão.

IV

A ũa Dama

FRONDOSO e DURIANO, pastores

Cantando por um vale docemente,
deciam dous pastores, quando Febo
no reino de Neptuno se escondia.
De idade, cada um era mancebo,
mas velho no cuidado, e descontente
do que lhe ele causava parecia.
O que cada um dizia,
lamentando seu mal, seu duro Fado,
não sou eu tão ousado
que o ouse a cantar sem vossa ajuda;
porque, se a minha ruda
frauta, deste amor vosso for dina,
posso escusar a fonte Cabalina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso;
em vós tenho Calíope, em vós Talia,
e as outras sete irmãs do fero Marte;
em vós perde Minerva sua valia;
em vós estão os sonos de Parnaso;
das Piérides em vós se encerra a arte.
Co a mais pequena parte,
Senhora, que me deis da ajuda vossa,
podeis fazer que eu possa
escurecer[1] ao Sol resplandecente;

[1] Ed. 1595: *escrever.*

podeis fazer que a gente
em mim do grão poder vosso se espante
e que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que creça de hora em hora
o nome Lusitano, e faça inveja
a Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer também que o mundo veja
soar na rude frauta o que a sonora
cítara Mantuana só merece.
Já agora me parece
que podem começar os meus pastores
tratar de seus amores;
porque ainda que presentes não estejam
as que eles ver desejam,
mudança do lugar, menos de estado,
não muda um coração de seu cuidado.

Já deixava dos montes a altura
e nas salgadas ondas se escondia
o Sol, quando Frondoso e Duriano,
ao longo de um ribeiro que corria
pola mais fresca parte da verdura,
claro, suave e manso, todo o ano,
lamentando seu dano,
vinha já recolhendo o manso gado.
E um estando calado,
enquanto um pouco o outro se queixava;
após ele, tornava
a dizer de seu mal o que sentia;
e, enquanto ele falava, o outro ouvia.

Vinham-se assi queixando a os penedos,
aos silvestres montes e aspereza,
que quási de seus males se doíam.
Ali, as pedras perdiam sua dureza;
ali, os correntes rios estar quedos
prontos a suas queixas, pareciam;
e só as que podiam
estes males curar, que elas causavam,
o ouvido lhe negavam

por perderem de todo a esperança;
mas eles, que mudança
de amor com tantos males não faziam,
falando inda com elas lhe deziam:

FRONDOSO

Isto é o que aquela verdadeira
fé, com que te amei sempre, merecia,
sem nunca te deixar um só momento?
Como, cruel Belisa, te esquecia
um mal cuja esperança derradeira
em ti só tinha posto seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que te amava?
Porque não te abrandava
este amor que me tu tão mal pagaste?
Mas, pois já me deixaste
co a esperança de ti toda perdida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Se os males que por ti tenho sofrido
(ó Silvana, em meus males tão constante!)
quiseras que algũ' hora te dissera,
ainda que de duro diamante
fora teu cruel duro peito endurecido,
creio que a piedade te movera.
Já 'gora em branda cera
os montes são tornados e os penedos;
e os rios que estão quedos,
sentiram meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
que és, mais que montes e penedos, dura,
e fugitiva mais que a água pura.

FRONDOSO

Onde está aquela fala, que soía,
só com seu doce tom, que me chegava,
a avivar-me os espíritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
o sol resplandecente ao meio dia?
Onde estão os cabelos delicados,
que ao vento espalhados
o ouro escureciam, e a mim matavam?
E a quantos os olhavam
causavam também novos acidentes?
Porque, cruel, consentes,
que goze outro a glória a mim devida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Não vejo bem já que a meu mal espere,
senão se é esperar que a morte dura
enfim me venha dar tua saudade.
Vejo faltar-me a tua fermosura;
a vontade me diz que desespere,
contradiz-me a razão esta vontade.
Diz que nũa beldade
em quem mostrou o cabo a natureza,
não há tanta crueza
que um tão firme amor desprezar queira
e ũa fé verdadeira;
mas tu, que de razão nunca curaste,
porque era dar-me a vida, ma tiraste.

FRONDOSO

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
A quem deste, cruel, a fermosura,
que só a meu tormento se devia?
Porque ũa fé deixaste, firme e pura?
Porque sem respeito me trocaste

por quem só nem olhar-te merecia?
E o bem que te queria,
que nunca perderei senão por morte,
não é de maior sorte
que quanto a cega gente estima e preza?
Só a tua crueza
foi nisto contra mim endurecida:
perca, quem te perdeu também a vida.

DURIANO

Levaste-me meu bem num só momento;
levaste-me com ele, juntamente,
de cobrá-lo jamais a confiança;
deixaste-me, em lugar dele, sòmente
ũa contínua dor, e um tormento,
um mal de que não pode haver mudança.
Tu, que eras a esperança
dos males que me tu, cruel, causaste,
de todo te trocaste,
com Amor conjurada em minha morte.
Porém, se minha sorte
consente que por ti seja causada,
morte não foi mais bem-aventurada.

FRONDOSO

Não naceste de algũa pedra dura;
não te gerou algũa tigre Hircana;
não foi tua criação entre a rudeza
a quem, cruel, saíste desumana?
No Céu formada foi tua fermosura,
onde a mesma brandura é natureza;
esta tua dureza
donde teve princípio, ou o tomaste?
Porque, dura, enjeitaste
um verdadeiro amor que tu bem vias,
ũa fé, que conhecias,
por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Vai-se co seu pastor o manso gado,
porque de amor entende aquela parte
que a bruta natureza lhe ensina.
O rústico leão sem nenhũa arte,
do instinto natural só ensinado,
aonde sente amor, ali se inclina.
E tu, que de divina,
não tens menos que Vénus e Cupido,
porque sequer co ouvido
um amor verdadeiro não socorres?
Ou porque te não corres
que te vença o leão em piedade,
se Vénus não te vence na beldade?

FRONDOSO

A mim não me faltava o que se preza
entre os celestes deuses, que formaram
a tua mais que humana fermosura;
em mim os voluntários céus faltaram;
em mim se perverteu a natureza
dũa cruel, fermosa criatura.
Mas, pois, Belisa dura,
que do mais alto Céu a nós vieste,
e em peito celeste
um tal contrário pôde aposentar-te,
não é contrário achar-se
tamanha fé tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Por ti, a noite escura me contenta;
por ti, o claro dia me avorrece;
abrolhos para mi são frescas flores;
a doce filomela me entristece;
todo o contentamento me atormenta
com a contemplação de teus amores;

as festas dos pastores,
que podem alegrar toda a tristeza.
Em mim tua crueza
faz que o mal cada hora vá dobrando.
Ó cruel! Até quando
há-de durar[1] em ti um avorrecimento?
E a vida, em mi, que sofre tal tormento?

FRONDOSO

Fugiste de um amor tão conhecido,
fugiste de ũa fé tão clara e firme,
e seguiste a quem nunca conheceste,
não por fugir de Amor, mas por fugir-me;
que bem vias que tinha merecido
o amor que tu a outrem concedeste.
A mim não me fizeste
nenhũa sem-razão, que bem conheço
que tanto não mereço;
fizeste-a àquele bem, firme e sincero,
que sabes que te quero,
em lhe tirar a glória merecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Crece cada hora em mim mais o cuidado,
e vejo que em ti crece juntamente
cada hora mais de mim o esquecimento.
Ó Silvana cruel! Porque consente
o teu feminil peito delicado
esquecer-lhe um tão áspero tormento?
Tal avorrecimento
merece um capital teu inimigo;
não eu[2], que só contigo

[1] Ed. 1598: *Durará.* (N. B.: Esta emenda não melhora o verso).
[2] Ed. 1595 e 1598: *Não j'eu.*

estou contente, e nada mais desejo
se algũa hora te vejo.
Tu és um só bem meu, ũa só glória,
que nunca se me aparta da memória.

FRONDOSO

Olhos que viram já tua fermosura;
vida que só de ver-te se sustinha;
vontade, que em ti era transformada;
ũa alma que a tua em si só tinha,
tão unida consigo, quanto a pura
alma co débil corpo está liada [1];
e agora apartada
te vê de si com tal apartamento,
qual será seu tormento?
Qual será aquele mal que tem presente?
Maior é que o que sente
o triste corpo na última partida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Regendo noutro tempo o manso gado,
tangendo minha frauta nestes vales,
passava a doce vida alegremente.
Não sentia o tormento destes males;
menos sentia o mal deste cuidado,
que tudo então em mim era contente.
Agora, não sòmente
desta vida suave me apartaste,
mas outra me deixaste
que ao duro mal que sinto cá no peito
me tem já tão afeito
que sinto já por glória minha pena;
por natureza, o mal que me condena.

[1] Ed. 1595: *pegada*.

FRONDOSO

Juntamente viver compridos anos
os Fados te concedam, que quiseram
ajuntar-te com tal contentamento.
Pois para ti os bens todos naceram,
tormentos para mim, males e danos,
logra tu só teu bem; eu, meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te;
porque em nenhũa parte
poderás nunca estar sem mim ũa hora.
Consente pois agora
que, em pago desta fé tão conhecida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Veja-te eu, crua, amar quem te desame,
porque saibas que cousa é ser amada
de quem tu avorreces e desprezas.
Veja-te eu ser ainda desprezada
de quem tu mais desejas que te ame,
porque sintas em ti tuas cruezas,
sintas tuas durezas,
e quanto pode o seu cruel efeito
num coração sujeito.
Porque, em sentindo o mal que eu sinto agora,
espero que algũ' hora
faça o teu próprio mal de mim lembrar-te,
já que não pôde o meu nunca abrandar-te.

FRONDOSO

Mil anos de tormento me parece
cada hora que sem ti e sem esperança
vivo de poder mais tornar a ver-te.
Sustenta-me esta vida tua lembrança;
a vida sobre tudo me entristece;
a vida antes perdera, que perder-te.

Mas eu, se, por querer-te
um bem que em ti só tem seu firme assento,
padeço tal tormento,
que inda espera por ti quem te desame,
ou ao menos te ame
com algum falso amor ou fé fingida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DURIANO

Então, cruel, verás se te merece
com tamanho desprezo ser tratada
ũa alma, que de amar-te só se preza.
Mas como podes tu ser desprezada,
se o menos que em ti fora, se parece,
abrandar pode montes e aspereza?
Porque se a natureza
em ti o remate pôs da fermosura,
qual será a pedra dura
que a teu valor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente,
que ao humano parecer não se defende,
e a mesma Vénus deusa ao teu se rende?

FRONDOSO

E pois fé verdadeira, amor perfeito,
tormento desigual e vida triste,
junta com um contino sofrimento
e um mal, em que todo o mal consiste,
não puderam mover teu duro peito
e amostrares sequer contentamento
de veres meu tormento,
mas antes isto tudo desprezaste,
e a outrem te entregaste,
por não me ficar nada em que esperasse,
senão quando acabasse
a vida, que a meu mal é tão comprida,
perca, quem te perdeu, também a vida.

Longo curso de tempo, e apartado
lugar, a um coração que está entregue
não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Não vês que teu fugir é escusado,
que sem mim nunca estás um só momento?
Nenhum apartamento
(inda que a alma do corpo se aparte),
poderá ausentar-te
desta alma triste, que, continuamente,
em si te tem presente.
Torna, cruel; não fujas a quem te ama:
vem dar a morte ou vida a quem te chama.

A noite escura, triste e tenebrosa,
que já tinha escondido o negro manto,
de escuridade a terra toda enchendo
fez pôr a estes pastores fim ao canto,
que ao longo da ribeira deleitosa
vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquilo que eu pretendo
deste trabalho haver, que é todo vosso,
Senhora, alcançar posso,
não será muito haver também a glória
e o lauro da vitória,
que Virgílio procura e haver pretende,
pois o mesmo Virgílio a vós se rende.

V

A D. Antônio de Noronha

A quem darei queixumes namorados
do meu pastor queixoso namorado,
a branda voz, suspiros magoados,
a causa porque na alma é magoado?

De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso e excelente,
especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando a fantasia,
busquei na terra estrela que guiasse
meus rudos versos: em cuja companhia
a santa piedade sempre andasse,
luzente e clara, como a luz do dia,
que o rude engenho meu me alumiasse;
em vossas perfeições, grão Senhor, vejo,
cumprido inda além o meu desejo.

A vós se dêm, a quem junto se há dado
brandura, mansidão, engenho e arte,
dum esprito divino acompanhado,
dos sobre-humanos um em toda a parte.
Em vós as graças todas se hão juntado;
de vós em outras partes se reparte;
sois claro raio, sois ardente chama,
glória e louvor do tempo, asas da fama.

Enquanto aparelho um novo esprito,
e voz de cisne tal que o mundo espante,
com que de vós, Senhor, em alto grito
louvores mil em toda a parte cante,
ouvi o canto agreste em tronco escrito,
entre vacas e gado petulante;
que, quando tempo for, em milhor modo
por vós me ouvirá o mundo todo.

As vãs querelas, brandas e amorosas,
sejam de vós tratadas brandamente;
verdades d'alma pouco venturosas,
saídas com suspiro vivo e ardente,
que em vossas mãos se entregam valerosas,
para despois viverem entre a gente,
chorando sempre a antiga crueldade,
e os corações moverem a piedade.

Já declinava o Sol contra o Oriente,
e o mais do dia já era passado,
quando o pastor, co grave mal que sente,
por dar alívio em parte a seu cuidado,
se queixa da pastora docemente,
cuidando de ninguém ser escutado.
Eu, que o ouvi dũa árvore, escrevia
as mágoas que cantou; e assi dezia:

Ou tu do monte Píndaro és nacida,
ou mármor te pariu fermosa e dura:
que não pode ser seja concebida
dureza tal de humana criatura;
ou és quiçais em pedra convertida,
ou tens de natureza tal ventura;
porém não fez em ti boa impressão,
tornar-te só de mármor o coração.

Já esta minha voz rouca e chorosa
a gente mais remota moveria,
e se tocasse[1] a veia lacrimosa
os tigres em Hircânia amansaria.
Se não foras cruel, quanto fermosa,
meu longo suspirar te abrandaria;
mas suspirar por ti, mas bemquerer-te,
que fazem, senão mais endurecer-te?

Se deixaras vencer a crueldade
de tua tão perfeita fermosura,
um pouco viras bem minha vontade,
e viras esta fé tão limpa e pura,
porventura que houveras piedade
e tivera eu quiçais milhor ventura.
Mas nunca achei melhor tua beleza,
se não com ver-se em ti tua dureza.

Já um peito abrandara que não sente
meu duro e grave mal, segundo é forte;
se decera ao Inferno fero e ardente,
movera a piedade a mesma morte.

[1] Ed. 1598: *soltasse*.

Se ũa gota de água brandamente
abranda um penedo duro e forte,
como lágrimas tantas não farão
um pequeno sinal num coração?

Na testa tenho ũa fonte viva de água,
que por meus olhos tristes se derrama;
no peito está de fogo ũa viva frágoa,
que tudo em si converte e tudo inflama;
Amor, ao derredor, por maior mágoa,
voando, mais acende a ardente chama.
E se qués ver se ardentes são seus tiros,
olha se são ardentes meus suspiros.

Quando rumor algum grande se sente,
que se acende fogo em casa, ou torre,
de pura compaixão vai toda a gente
gritando: «Agua ao fogo!» e cada um corre.
Assi anda meu peito em chama ardente,
e co a água dos olhos se socorre;
que quem me abrasa outra água me defende,
porque com esta o fogo mais se acende.

Quando o Sol sai lá no Oriente
o seu antigo curso começando,
fermoso, intenso, puro e refulgente,
o monte, campo, mar, tudo alegrando;
quando de nós se esconde no Ponente,
e noutras terras sai, alumiando;
sempre, enquanto dá ao mundo giro,
por ti meus olhos choram e eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
vem, acabado, a noite em que descansa;
trabalha na tormenta o mareante,
goza o dia sereno e de bonança;
recobra o ano fértil e abundante
na terra o lavrador, e nela cansa:
mas eu, de meu trabalho e mal tão forte,
tormento espero, enfim, e crua morte.

Co ouvir meu mal, as rosas matutinas
de dó de mim, se cerram e emmurchecem;
co meu suspiro ardente, as cores finas
perdem o cravo, o lírio, e não florecem.
Co a roxa aurora, as pálidas boninas,
em vez de se alegrarem, se entristecem;
deixa seu canto Progne e Filomena;
que mais lhes dói que a sua a minha pena.

Responde o monte côncavo a meus ais,
e tu, como áspide, cerras-lhe o ouvido;
as árvores do campo, os animais,
mostram sentir meu mal sem ser sentido;
e a ti, as minhas dores desiguais
não movem esse peito endurecido;
por mais e mais que chamo, não respondes,
e quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquela parte adonde costumavas
apacentar teus olhos e teu gado,
ali, onde mil vezes me mostravas
ser eu de ti o pasto desejado,
mil vezes te busquei por ver se davas
ainda algum descanso a meu cuidado.
No campo em vão te busco, e busco o monte,
qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
com cujas sombras frias já folgaste,
agora triste e escuro é já tornado;
que todo o bem contigo nos levaste.
Tu eras nosso sol mais desejado;
não temos luz despois que nos deixaste.
Torna, meu claro sol! Vem já, meu bem!
Qual é o Josué que te detém?

Depois que deste vale te apartaste,
não pace o branco gado, com secura;
secou-se o campo dês que lhe negaste
dos teus fermosos olhos a luz pura;

secou-se a fonte donde já te olhaste,
quando milhor[1] que agora, áspera e dura;
nega, sem ti, a terra dando gritos,
pasto às cabras e leite a os cabritos.

Sem ti, doce cruel minha inimiga,
a clara luz escura me parece;
este ribeiro, quando Amor me obriga,
com meu chorar por ti contino crece.
Não há fera que a fome não persiga,
nem campo sem ti já não florece;
cegos estão meus olhos, já não vêm,
pois que não podem ver meu claro bem.

O campo, como de antes, não se esmalta
de boninas azuis, brancas, vermelhas;
não chove ao pasto já, que há de água falta;
as mansas e pacíficas ovelhas
sem ti perecem e o Céu também lhes falta[2];
não acham flor as melífluas abelhas;
com lágrimas que manam dos meus olhos
produz a terra já ásperos abrolhos[3].

Torna pois já, pastora, a este prado,
e restituirás esta alegria;
alegrarás o monte, o campo, o gado,
alegrarás também a fonte fria.
Torna, vem já, meu sol tão desejado,
faze esta noite escura em claro dia;
e alegra já esta magoada vida,
toda em tua ausência consumida.

Vem, como quando o raio eminente[4]
do nosso horizonte que, escondido,
deixa um certo temor à mortal gente,
que causa ver o Orbe escurecido;

[1] Ed. 1598: *menos.*
[2] Ed. 1598: *Também cruel contigo o ceo lhe falta.*
[3] Ed. 1598: *A terra nos produz duros abrolhos.*
[4] Ed. 1598: *transparente.*

e quando torna a vir claro e luzente
alegra o mundo todo entristecido;
assi é para mim tua luz pura
claro sol, e, ausente, noite escura.

Tu, esquecida já do bem passado
e do primeiro amor que me mostraste,
teu coração de mim tens apartado,
e o lugar também desamparaste.
Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquele que tu amaste?
Pois onde mereciam tão grão desvio?
Ouve-me, pois me vês já morto e frio.

Bem vês que por Amor se move tudo,
e não há quem de Amor se veja isento;
o animal mais simples, baixo e rudo,
o de mais levantado pensamento,
até debaixo d'água o peixe mudo,
lá tem d'Amor também seu movimento;
a ave, que no ar cantando voa
também por outra ave se afeiçoa.

A música do leve passarinho,
que sem concerto algum solta e derrama,
saltando de raminho em raminho,
cantando com amor suspira e chama,
té achar no amado e doce ninho
aquele a quem busca e a quem ama,
descansa do trabalho que tomara
tendo só seu descanso em quem achara.

A fera que é mais fera, e o leão,
sempre acha outro leão, e outra fera,
em que possa empregar ũa afeição
que lhe a conversação no peito gera;
também sabe sentir sua paixão,
também suspira, morre e desespera,
acena, salta, brada, ferve e geme;
e, não temendo nada, Amor só teme.

O cervo que escondido e embuscado,
temendo o cobiçoso caçador,
está na selva, monte, bosque ou prado,
ali onde está e vive, vive amor.
De amor e temor acompanhado,
com justa causa, amor tem e temor:
temor, de quem ali feri-lo vinha;
e amor, a quem já ferido o tinha.

Se o animal insensível, que não sente,
também sente d'amor a frecha dura,
porque te não abranda o fogo ardente,
que procede de tua fermosura?
Porque escondes a luz do Sol à gente,
que nesses olhos trazes, bela e pura?
Mais bela, mais suave e mais fermosa
que o lírio, o jasmim, o cravo, a rosa.

Pode ser, se me viras, que sentiras
ver desfazer um peito em triste pranto;
e bem pouco fizeras, se me viras,
já que eu só, por te ver, suspiro tanto.
As mágoas e suspiros que me ouviras
te puderam mover a grande espanto,
a dor, a piedade, a sentimento,
e mais, que para mais é meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leve;
o suspirar em vão também ao vento;
o esperar a calma, a chuva, a neve,
e não te poder ver um só momento,
tormento é que sòmente a ti se deve.
E se pode inda haver maior tormento,
quem te viu e se vê de si ausente,
muito mais passará mais levemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza
co a água que lhe toca brandamente;
abranda o ferro forte a fortaleza,
se lhe toca também o fogo ardente;

só em ti não conheço a natureza,
que a ser de pedra, ferro ou de serpente,
já teu peito cruel fora desfeito
do fogo e das lágrimas que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte,
alegra toda a terra, vendo o dia;
quando Febo aparece no horizonte,
manifesta também grande alegria;
contente come o gado ao pé do monte,
alegre vai beber à fonte fria.
Tudo contente está, alegre tudo;
eu só, só pensativo, triste e mudo.

Se da alma e do corpo tens a palma,
e do corpo sem alma não tens dó,
há dó do corpo só, que está sem alma,
pois sem alma não vive o corpo só.
Na chama, no ardor, no fogo e calma,
na afeição, no querer eu sou um só;
não acharás vontade mais cativa;
nem outra como a tua tão esquiva.

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
onde estiveres te hei-de importunar;
posto que vá por água, ferro ou fogo,
contigo em toda a parte me hás-de achar;
que a chama que me abrasa é de tal fogo [1]
que, enquanto eu vivo for, há-de durar,
e o nó que me tem preso é de tal sorte
que não se há-de soltar em vida ou morte.

Neste meu coração sempre estarás
enquanto a alma estiver com ele unida;
meu spírito também possuirás,
despois que a alma do corpo for partida.

[1] Ed. 1598: *q̃ o fogo em q̃ arso, & a agoa em q̃ me afogo.*

Por mais e mais que faças, não farás
que não te ame nesta e na outra vida.
Impossível será que, eternamente,
estês de mim ausente, estando ausente.

Cá me acompanhará tua memória,
se o rio que se diz do esquecimento,
da minha não borrar tão longa história,
tão grave mal, tão duro apartamento.
Até que eu te veja entrar na glória
vivirei num contino sentimento;
[e] inda então será (se isto ser possa)
servir esta alma minha lá a vossa.

Aqui, com grave dor, com triste acento,
deu o triste pastor fim a seu canto;
co rosto baixo, e alto o pensamento,
seus olhos começaram novo pranto;
mil vezes fez parar no ar o vento,
e apiadou no Céu o coro santo;
as circunstantes selvas se abaixaram
de dó das tristes mágoas que escutaram.

Com ũa mão na face, e encostado,
em sua dor tão enlevado estava
que, como em grave sono sepultado,
não viu o Sol que já no mar entrava.
Berrando anda em roda o mesmo gado,
que o seguro curral já desejava;
nas covas as raposas, e em seus ninhos
se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre um seco ramo estava posto
o mocho co funesto e triste pranto[1];
a cujo som o pastor ergueu o rosto
e viu a terra envolta em negro manto.

[1] Ed. 1598: *canto.*

Quebrando então o fio a seu gosto,
mas não quebrando o fio a seu pranto,
para melhor cuidar em seu cuidado,
levou para os currais o manso gado.

VI

Ao duque de Aveiro

ALIEUTO, pescador; AGRÁRIO, pastor

A rústica contenda desusada
entre as Musas dos bosques, das areias,
de seus rudos cultores modulada,
    a cujo som, atónitas e alheias,
do monte as brancas vacas estiveram
e do rio as saxátiles lampreias,
    desejo de cantar; que se moveram
os troncos e as avenas dos pastores,
e os silvestres brutos suspenderam.
    Não menos o cantar dos pescadores
as ondas amansou do alto pego,
e fez ouvir os mudos nadadores.
    E se, por sustentar-se, o Moço cego
nos trabalhos agrestes a alma inflama,
o que é mais próprio no ócio e no sossego,
    mais maravilhas dando a voz da fama,
no mesmo mar undoso e vento frio
brasas roxas acende a roxa flama.
    Vós, ó ramo de um tronco alto e sombrio,
cuja frondente coma já cobriu
de Luso todo o gado e senhorio,
    e cujo são madeiro já saiu
a lançar a forçosa e larga rede
no mais remoto mar que o mundo viu;
    e vós, cujo valor tão alto excede
que, cantá-lo em voz alta e divina
a fonte de Parnaso move a sede;

ouvi da minha humilde sanfonina
a harmonia que vós alevantais
tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
E se, agora que afábil me escutais,
não ouvirdes cantar com alta tuba
o que vos deve o mundo que dourais;
se os Reis avós vossos, que de Juba
os reinos devastaram, não ouvis
que nas asas do verso excelso suba;
se não sabem as frautas pastoris
pintar de Toro os campos, semeados
de armas, corpos fortes e gentis,
por um moço animoso sustentados
contra o indómito pai de toda Espanha,
contra a Fortuna vã e injustos Fados;
um moço, cujo esforço, brio e manha
fez decer do Olimpo o duro Marte
e dar-lhe a quinta esfera, que acompanha;
se não sabem cantar a menos parte
do sapiente peito e grão conselho
que pôde, ó Reino ilustre, descansar-te;
peito que o douto Apolo fez, vermelho,
deixar o sacro Monte, e as Nove irmãs
diz que a ele se afeitem, como a espelho:
saberão só cantar as suas vãs
contendas de Alieuto vil e Agrário,
um de escamas coberto, outro de lãs.
Vereis, Duque sereno, o estilo vário,
a nós novo, mas noutro mar cantado,
de um, que só foi das Musas secretário:
o pescador Sincero, que amansado
tem o pego de Pócrita co canto
pelas sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som, que pode tanto,
e misturando o antigo Mantuano,
façamos novo estilo, novo espanto.
Partira-se do Monte Agrário insano
para onde a força só do pensamento
lhe encaminhava o lasso peso humano.
Embebido num longo esquecimento
de si, do seu gado e pobre fato,
após dum doce sonho e fingimento,

rompendo as silvas hórridas do mato,
vai por cima de outeiros e penedos,
fugindo, enfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
da branca Dinamene, que enverdece,
só co meneio, os vales e rochedos.
Ora se ri consigo, quando tece
na fantasia algum prazer fingido;
ora fala; ora mudo se entristece.
Qual a tenra novilha que corrido
tem montanhas fragosas e espessuras
por buscar o cornígero marido,
e, cansada, nas húmidas verduras
cair se deixa, ao longo de um ribeiro,
já quando as sombras vêm descendo escuras,
e nem co a noite ao vale seu primeiro
se lembra de tornar, como soía,
perdida pelo bruto companheiro:
tal Agrário chegado, enfim, se via
onde o grão pego horrísono suspira
numa praia arenosa, húmida e fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
tornando em si, de longe ouviu tocar-se
de douta mão não vista e nova lira.
Fê-lo o som desusado desviar-se
para onde mais soava, desejando
de ouvir e conversar, e de provar-se.
Não tinha muito espaço andado, quando
nũa concavidade de um penedo
que, pouco e pouco, fora o mar cavando,
topou cum pescador que, pronto e quedo,
nũa pedra assentado, brandamente
tangendo, fazia o mar sereno e ledo.
Mancebo era de idade florecente,
pescador grande do alto, conhecido
pelo nome de toda a húmida gente,
Alieuto se chama, que perdido
era pela fermosa Lenoria,
Ninfa que tem o mar ennobrecido.
Por ela as redes lança noite e dia,
por ela as ondas túmidas despreza;
por ela sofre o Sol e a chuva fria.

Co seu nome mil vezes a braveza
dos ventos feros amansou co verso,
que remove das rochas a dureza.

E agora em som de voz suave e terso,
está seu nome aos ecos ensinando
por estilo do agreste som diverso.

Do qual Agrário atónito, aflouxando
da fantasia um pouco seu cuidado,
suspenso esteve, os números notando.

Mas Alieuto, vendo-se estorvado
por um pastor da música divina,
alevantando o rosto sossegado,

lhe diz assi: Vaqueiro da campina,
que vens buscar às arenosas praias,
onde a bela Anfitrite só domina?

Que razão há, pastor, porque te saias
para o nosso escâmeo e vil terreno
dos mui floridos mirtos e altas faias?

Que se agora o mar vês brando e sereno,
e estenderem-se as ondas pela areia,
amansadas das águas com que peno,

verás logo o como desenfreia
Eolo o vento pelo mar undoso,
de sorte que Neptuno o arreceia.

Responde Agrário: Ó músico e amoroso
pescador! eu não venho a ver o lago
bravo, quieto, ou o vento brando e iroso;

mas o meu pensamento, com que apago
as flamas ao desejo, me trazia
sem ouvir e sem ver, suspenso e vago,

até que a tua angélica harmonia
me acordou, vendo o som com que aqui cantas
a tua perigosa Lemnoria.

Mas, se de ver-me cá no mar te espantas,
eu me espanto também do estilo novo
com que as ondas horríssonas quebrantas.

O qual, posto que certo louvo e aprovo,
desejo de provar contra o silvestre
antigo pastoril, que eu mal renovo.

E tu, que no tocar pareces mestre,
podes julgar se há clara diferença
entre o novo marítimo e o campestre.

Não há, disse Alieuto, em mim detença;
mas antes alvoroço, inda que veja
que essa tua confiança só me vença.

Mas, porque saibas que nenhũa inveja
os pescadores têm aos pastores,
no som que pelo mundo se deseja,

toma a lira na mão, que os moradores
do vítreo fundo vejo já juntar-se
para ouvir nossos rústicos amores.

E bem vês pela praia apresentar-se
nas conchas vária cor à vista humana,
e o mar vir por antr' elas e tornar-se.

Sossegado do vento a fúria insana,
encrespa brandamente o ameno rio
que seu licor aqui mistura e dana.

Este penedo côncavo e sombrio,
que de cangrejos vês estar coberto,
nos dá abrigo do Sol, quieto e frio.

Tudo nos mostra, enfim, repouso certo,
e nos convida ao canto, com que os mudos
peixes saem ouvindo ao ar aberto.

Assi se desafiam estes rudos
poetas, nos ofícios discrepantes,
nos engenhos, porém, sutis e agudos.

E já mil companheiros circunstantes
estavam para ouvir, e aparelhavam
ao vencedor os prémios semelhantes.

Quando já as liras súbito tocavam
Agrário começava, e da harmonia
os pescadores todos se admiravam;
e desta arte Alieuto respondia:

AGRÁRIO

Vós, semicapros deuses do alto monte,
Faunos longevos, Sátiros, Silvanos;
e vós, deusas do bosque e clara fonte,
ou dos troncos que vivem largos anos,
se tendes pronta um pouco a sacra fonte
a nossos versos rústicos e humanos,
ou me dai já a coroa do loureiro,
ou penda a minha lira dum pinheiro.

ALIEUTO

Vós, húmidas deidades deste pego,
Tritões cerúleos, Próteo, com Palemo;
e vós, Nereidas do sal em que navego,
por que[m] do vento as fúrias pouco temo;
se às vossas ricas aras nunca nego
o congro nadador na pá do remo,
não consintais que a música marinha
vencida seja aqui da lira minha.

AGRÁRIO

Pastor se fez um tempo o Moço louro,
que do Sol as carretas move e guia;
ouviu o rio Anfriso a lira d'ouro
que o sacro inventor ali tangia.
Io foi Vaca; Júpiter foi touro;
mansas ovelhas junto da água fria
guardou fermoso Adónis; e tornado
em bezerro Neptuno foi já achado.

ALIEUTO

Pescador já foi Glauco, o qual agora
deus é do mar; e Próteo focas guarda.
Naceu no pego a deusa, que é senhora
do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deus que Amor adora
também já foi Delfim; e quem rês guarda
verá que os moços pescadores eram
que o escuro enigma a o Vate deram.

AGRÁRIO

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
os implumes penhores já furtei
à doce filomela, e dos murtinhos
para ti, fera! as flores apanhei;
e se os crespos medronhos nos raminhos

a ti, com tanto gosto, apresentei,
porque não dás a Agrário desditoso
um só revolver d'olhos piadoso?

ALIEUTO

Para quem trago eu d'água em vaso cavo,
os curvos camarões vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo
na praia os brancos búzios apanhando?
Para quem, de margulho, no mar bravo,
os ramos de coral venho arrancando,
senão para a fermosa Lenoria
que cum só riso a vida me daria?

AGRÁRIO

Quem viu já o desgrenhado e crespo Inverno
daltas nuvens vestido, hórrido e feio,
ennegrecendo a vista o Céu superno,
quando arranca os troncos o rio cheio;
raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
mostra ao mundo um pálido receio;
tal é o amor cioso a quem suspeita
que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALIEUTO

Se alguém viu pelo alto o sibilante
furor, deitando flamas e bramidos,
quando as pasmosas serras traz diante,
hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos,
a braços derrubando o já nutante
mundo, cos elementos destruídos,
assi me representa a fantasia
a desesperação de ver um dia.

AGRÁRIO

Minh' alva Dinamene, a Primavera,
que os campos deleitosos pinta e veste,
e, rindo-se, ũa cor aos olhos gera
com que na terra vêm o arco celeste;
o cheiro, rosas, flores, a verde hera,
com toda a fermosura amena, agreste,
não é para meus olhos tão fermosa
como a tua, que abate o lírio e rosa.

ALIEUTO

As conchinhas da praia que apresentam
a cor das nuvens, quando nace o dia;
o canto das Sirenas, que adormentam;
a tinta que no múrice se cria;
navegar pelas águas que se assentam
co brando bafo quando a sesta é fria,
não podem, Ninfa minha, assi aprazer-me
como ver-te ũa hora alegre ver-me.

AGRÁRIO

A deusa que na Líbica alagoa
em forma virginal apareceu,
cujo nome tomou, que tanto soa,
os olhos belos tem da cor do céu,
garços os tem; mas ũa que a coroa
das fermosas do campo mereceu,
da cor do campo os mostra, graciosos,
quem diz que não são estes os fermosos?

ALIEUTO

Perdoem-me as deidades; mas tu, diva,
que no líquido mármol és gerada,
a luz dos olhos teus, celeste e viva,
tens por vício amoroso atravessada;

nós petos[1] lhe chamamos; mas quem priva
do dia o lume, baixa e sossegada,
traz a dos seus nos meus, que o não nego;
e com tudo isso inda assi estou cego.

Assi cantavam ambos os cultores
do monte e praia, quando os atalharam
a um, pastores; a outro, pescadores;
e quaisquer a seu vate coroaram
de capelas idóneas e fermosas,
que as Ninfas lhe teceram e ordenaram;
a Agrário, de murtinhos e de rosas;
a Alieuto de um fio de torcidos
búzios e conchas ruivas e lustrosas.
Estavam na água os peixes embebidos,
co as cabeças fora e quási em terra,
os músicos delfins estavam[2] perdidos.
Julgavam os pastores que na serra
o cume e preço está do antigo canto;
que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
tem da sonora frauta quanto teve
o campo pastoril de antigo Manto.
Mas já o pastor de Admeto o carro leve
molhava n'água amara, e compelia
a recolher a roxa tarde e breve;
e foi fim da contenda o fim do dia.

VII

Intitulada dos Faunos, *dirigida*
a Dom António de Noronha

As doces cantilenas que cantavam
os semicapros deuses, amadores
das Napeias, que os montes habitavam,

[1] Ed. 1595: *pretos*.
[2] Ed. 1595 e 1598: *estão*.

cantando escreverei; que, se os amores
aos silvestres deuses maltrataram,
já ficam desculpados os pastores.
Vós, senhor Dom António, aonde acharam
o claro Apolo e Marte um ser perfeito,
em que suas altas mentes assinaram,
se meu engenho é rudo e imperfeito,
bem sabe onde se salva, pois pretende
levantar co a causa o baixo efeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
em vós instila a fonte de Pegaso
o que meu canto pelo mundo estende.
Vedes que altas Musas do Parnaso
cantando vos estão na doce lira,
tomando-me das mãos tão alto caso.
Vedes o louro Apolo, que me tira
de louvar vossa estirpe, e escurece
o que em vosso louvor meu canto aspira.
Ou por me haver inveja me falece,
ou por não ver soar na frauta ruda
o que a sonora cítara merece.
Pois sei vos, Senhor [1], dizer que a língua muda
enquanto Progne triste o sentimento
da corrompida irmã co pranto ajuda,
e enquanto Galateia ao manso vento
solta os cabelos louros da cabeça,
e Títiro nas sombras faz assento;
e enquanto flor aos campos não faleça
(se não recebeis isto por afronta),
fará que o Douro e o Ganges vos conheça.
E já que a língua nisto fica pronta,
consenti que a minha Égloga se conte
enquanto Apolo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso, duro monte
de silvestre arvoredo rodeado,
nace ũa cristalina e clara fonte,
donde um manso ribeiro derivado,
por cima d'alvas pedras, mansamente
vai correndo, suave e sossegado.
O murmurar das ondas excelente

[1] Ed. 1598: *Pois sei, senhor.*

os pássaros excita que, cantando
fazem o monte verde mais contente.
Tão claras vão as águas caminhando
que, no fundo, as pedrinhas delicadas
se pode, ũa a ũa, estar contando.
Não se verão ao redor pisadas
de fera ou de pastor que ali chegasse,
porque do espesso monte são vedadas.
Erva se não verá que ali criasse
o monte ameno, triste ou venenosa,
se não que lá no centro as igualasse
o roxo lírio, a par da branca rosa,
a cecém branca e a flor que dos amantes
a cor tem magoada e saudosa;
ali se vêm os mirtos circunstantes
que a cristalina Vénus encobriram
da companhia dos Faunos petulantes.
Hortelã, manjarona, ali respiram,
onde nem frio Inverno, ou quente Estio,
as murcharam jamais, ou secas viram.
Desta arte vai seguindo o curso o rio,
o monte inabitado, e o deserto,
sempre com verdes árvores sombrio.
Aqui ũa linda Ninfa por acerto
perdida da fragueira companhia,
a quem este alto monte era encoberto,
cansada já da caça vindo um dia,
quis descansar à sombra da floresta,
e tirar nas mãos alvas da água fria.
E vendo a novidade manifesta
do sítio, e como as árvores co vento
as calmas defendiam da alta sesta;
das aves o lascivo movimento,
que, em seus módulos versos ocupadas,
as asas dão ao doce pensamento;
tendo notado tudo, já passadas
as horas da grã sesta se tornou
a buscar as irmãs, no centro, amadas.
Depois que largamente lhes contou
do não visto lugar que perto estava
que tanto por estremo a namorou,
que ao outro dia fossem lhes rogava

a lavar-se naquela fonte amena,
que tão fermosas águas distilava.
Já tinha dado um giro a luz serena
do grão pastor de Admeto, e já nacia
aos ditosos amantes nova pena,
quando as fermosas Ninfas à porfia
para o lugar do monte caminhavam,
rompendo a manhã roxa, alegre e fria.
De ũa os cabelos louros se espalhavam
pelo fermoso colo, sem concerto,
com dous mil nós suaves se enlaçavam;
outra, levando o colo descoberto,
por mais despejo em tranças os atara,
havendo por pesado o desconcerto.
Dinamene e Efire[1], a quem topara
nuas Febo num rio, e encobriram
seus delicados corpos n'água clara;
Sirinx[2] e Nise, que das mãos fugiram
do Tegeu Pan, Amanta e Elisa,
destras nos arcos, mais que quantas tiram;
a linda Daliana, com Belisa,
ambas vindas do Tejo, que como elas
nenhũa tão fermosa as ervas pisa;
todas estas angélicas donzelas
pelo viçoso monte alegres iam,
quais no Céu largo as nítidas estrelas.
Mas dous silvestres deuses, que traziam
o pensamento em duas ocupado,
a quem de longe mais que a si queriam,
não lhe ficava monte, vale ou prado,
nem árvore, por onde quer que andavam,
que não soubesse deles seu cuidado.
Quantas vezes os rios que passavam
detiveram seu curso, ouvindo os danos
que até os duros montes magoavam.
Quantas vezes amor de tantos anos
abrandara qualquer vontade isenta,
se, em Ninfas, corações houvesse humanos!
Mas quem de seu cuidado se contenta,

[1] Ed. 1595: *Fire.*
[2] Ed. 1595 e 1598: *Sirene.*

ofereça de longe a paciência,
que Amor de alegres mágoas se sustenta.
Que o moço Idálio quis nesta ciência
que se compadecessem dous contrários,
diga-o quem tiver dele experiência.
Indo os deuses, enfim, por montes vários,
exercitando os olhos saudosos,
ao cristalino rio tributários,
toparam dos pés alvos e mimosos
as pisadas na terra conhecidas,
as quais foram seguindo, pressurosos.
Mas encontrando as Ninfas que, despidas,
na clara fonte estavam, não cuidando
que de alguém fossem vistas ou sentidas,
deixaram-se estar quedos, contemplando
as feições nunca vistas, de maneira
que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata, mensageira
da futura cilada, co rugido
dos raminhos dũa áspera aveleira,
mostrando a um dos deuses escondido,
todas tamanha grita alevantaram
como se fosse o monte destruído.
E logo assi despidas se lançaram
pela espessura, tão ligeiramente
que mais então que os ventos avoaram.
Qual o bando das pombas quando sente
a fermosa águia, cuja vista pura
não obedece ao Sol resplandecente,
empresta-lhe o temor da morte dura
nas asas nova força, e, não parando,
cortam o ar e rompem a espessura;
dest' arte vão as Ninfas que, deixando
de seu despojo os ramos carregados,
nuas por entre as silvas vão voando.
Mas os amantes, já desesperados,
que, para as alcançar, enfim se viam
nada dos pés caprinos ajudados,
com amorosos brados as seguiam.
Um só (que o outro ainda não tomava
fôlego algum, da pressa que traziam)
mas despois, descansado, se queixava:

PRIMEIRO SÁTIRO

Ah! Ninfas fugitivas,
que, só por não usar humanidade,
os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Que inda de nós não peço piedade,
mas dessas alvas carnes que ofendeis.
Ah! Ninfas! não vereis
que Eurídice fugindo dessa sorte
fugiu do amante, e não da fera morte?
Também assi Epérie[1] foi mordida
da bíbora escondida.
Olhai que toda a Ninfa na erva verde
que a condição não perde, perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
que peçonhenta fera venenosa,
ou que inimigo, enfim, vos vai seguindo?
Dum brando coração
que, preso dessa vista rigorosa,
de si para vós foge, andais fugindo?
Olhai que em gesto lindo,
não se consente peito tão disforme,
se não quereis que tudo se conforme.
Posto que belas n'água vos vejais,
à fonte não creiais,
que vos traz enganada sua[2] vingança
desta nossa esperança, que enganais.

Mas ah! que não consinto
que nem palavra minha vos ofenda,
posto que me desculpa a mágoa pura.
Ninfas, digo que minto;
que não pode haver nunca quem pretenda
de desfazer em vossa fermosura.
Se amor de tanta dura
por tanto mal tão pouco bem merece,
não estranheis minh' alma, que endoudece;

[1] Ed. 1595: *Alcithoe.*
[2] Ed. 1598: *por.*

que se fala doudices de improviso,
sem tento nem aviso,
queira Deus que dureza tão crecida
que não me tire a vida, além do siso.

Cousas grandes e estranhas
tem pelo mundo feito e faz Natura,
que, a quem vos não viu, Ninfas, muito espantam.
Nas Líbicas montanhas
os crocodilos feros, de pintura
tão singular, que só co a vista encantam,
a sua voz levantam
tão própia e natural à voz humana
que, a quem a ouve, fàcilmente engana.
E vós, ó gentes feras, cujo aspeito
o mundo tem sujeito,
tendes de natureza juntamente
a vista e voz de gente, e fero o peito.

Das amorosas leis
com que liga natura os corações
andais fugindo, ó Ninfas, na espessura?
Como não vos correis
que haja em vós tão duras condições
que possam mais que a próvida Natura?
Se vossa fermosura
é sobrenatural, não é forçado
que assi tenha também o peito irado;
mas antes ao Amor, em cuja mão
os corações estão,
por vossa gentileza tão fermosa
lhe deveis amorosa condição.

Amor é um brando afeito
que Deus no mundo pôs e a Natureza
para aumentar as cousas que criou.
De Amor está sujeito
tudo quanto possui a redondeza;
nada sem este afeito se gerou.
Por ele conservou
a causa principal o mundo amado,
donde o pai famulento foi deitado.

As cousas ele as ata e as conforma;
com o mundo reforma
a matéria[1]. Quem há que não o veja?
Quanto meu mal deseja, sempre forma.

Entre as ervas dos prados
não há machos e fêmeas conhecidas
e junto ũa da outra permanece?
Não estão carregados
os ulmeiros das vides retorcidas,
onde o cacho enforcado amadurece?
Não vedes que padece
tanta tristeza a rola pela morte
de sua amada e única consorte?
Pois lá no Olimpo, a quantos cativou
Cupido e maltratou?
Milhor que eu o dirá a sutil donzela
que lá na sua tela o dibuxou.

Ah! caso grande e grave!
Ah! peitos de diamante fabricados,
e das leis absolutas naturais!
Aquele amor suave,
aquele poder alto, que, forçados,
os deuses obedecem desprezais?
Pois quero que saibais
que contra o fero Amor nunca houve escudo:
o seu costume é vingança em tudo.
Eu vos verei deitar em um momento,
suspiros mil ao vento,
lágrimas, tristes prantos[2], nova dor,
por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quisera dizer
o desditoso amante, que ajudado
se via então da mágoa e da tristeza;
mas foi-lho defender

[1] Ed. 1598: *As cousas elle as atta & as conforma,*
Com o mundo, & reforma
A matéria.

[2] Ed. 1595: *tantos.*

o outro companheiro, como irado
com tão disforme e áspera dureza.
Aquilo que a rudeza
e a ciência agreste lhe ensinara
imaginando como que acordara
d'algum [1] sonho arrancando d'alma um grito.
O mais que ali foi dito,
vós, montes, o direis, e vós, penedos;
que em vossos arvoredos anda escrito.

SÁTIRO SEGUNDO

Nem vós nacidas sois de gente humana,
nem foi humano o leite que mamastes,
mas d'algũa disforme fera Hircana;
lá no Cáucaso monte vos criastes,
daqui tomastes a aspereza insana;
daqui o frio peito congelastes.
Sois Esfinges nos gestos naturais,
que o rosto só de humanas amostrais.

Se vós fostes criadas na espessura,
onde não houve cousa que se achasse,
animal, erva verde, ou pedra dura,
que em seu tempo passado não amasse,
nem a quem a afeição suave e pura
nessa presente forma não mudasse;
porque não deixareis também memória
de vós, em namorada e longa história?

Olhai como, na Arcádia, soterrando
o namorado Alfeu sua água clara
lá na ardente Sicília vai buscando
por debaixo do mar, a Ninfa cara.
Assi mesmo vereis passar nadando
Ácis, que Galateia tanto amara,
por onde do Ciclope a grande mágoa
converteu do mancebo o sangue em água.

[1] Ed. 1595: *D'hum.*

Virai os olhos, Ninfas, à Ericina
espessura; vereis ali tornar-se
Egéria em fonte clara e cristalina,
pela morte de Numa, destilar-se.
Olhai que a triste Bíblis vos ensina
com perder-se de todo e transformar-se
em lágrimas que, enfim, puderam tanto
que acrecentaram sempre o verde manto.

[E] se entre as claras águas houve amores,
os penedos também foram perdidos.
Olhai os dous conformes amadores,
no monte Ida em pedra convertidos:
Leteia, por cair em vãos errores,
de sua fermosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
por não ver castigar quem tanto amava.

Tomai exemplo e vede em Cipro aquela
por quem Ífis no laço pôs a vida.
Também vereis em pedra a Ninfa bela
cuja voz foi por Juno consumida;
e, se queixar-se quer de sua estrela,
a voz extrema só lhe é concedida.
E tu também, ó Dafne, que trouxeste
primeiro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor tinha a branda amiga,
que em inimiga, enfim, se foi tornando;
porque outra Ninfa estranha o sojiga,
suas mágicas ervas vai buscando.
Olhai a crua dor a quanto obriga,
que por vingar sua ira, transformando
se foi em pedra. Ó dura confusão!
Depois lhe pesaria; mas em vão.

Olhai, Ninfas, as árvores alçadas,
a cuja sombra andais colhendo flores,
como em seu tempo foram namoradas,
que inda agora o tronco sente as dores.

Vereis também, se fordes alembradas,
como a cor das amoras é de amores;
em sangue dos amantes na verdura
testemunha é de Tisbe a sepultura.

E lá pela odorífera Sabeia
não vedes que, de lágrimas daquela
que com seu pai se ajunta e se recreia,
Arábia se enriquece e vive dela?
Vede mais a verde árvore Peneia,
que foi já noutro tempo Ninfa bela,
e Ciparisso, angélico mancebo,
ambos verdes com lágrimas de Febo.

Está o moço de Frígia delicado
no mais alto arvoredo convertido,
que tantas vezes fere o vento, irado;
galardão de seus erros merecido,
que, da alta Berecíntia sendo amado,
por ũa ninfa baixa foi perdido;
e a deusa a quem perdeu do pensamento
quis que também perdesse o entendimento.

O súbito furor lhe afigurava
que o monte, as casas e árvores caíam;
já dos pudicos membros se privava,
que a deusa e a fúria grande o constrangiam.
Já no indino monte se lançava;
de sua morte as feras se doíam,
dest' arte perdeu Átis na espessura,
depois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos quando as gentes celebravam
em Grécia as grandes festas de Lieu,
onde as fermosas Ninfas se juntavam
e os sacros moradores do Liceu.
Todos em doce sono se ocupavam
pelo monte depois que anoiteceu;
mas o deus do Helesponto não dormia,
que um novo amor o sono lhe impedia.

Mas ela, enfim, os braços estendendo,
em ramos se lhe foram transformando;
em raízes os pés se vão torcendo,
e o nome Loto só lhe vai ficando.
Vede, Napeias, este caso horrendo,
que vos está de longe ameaçando.
Que assi também aquela a quem seguia
o sacro Pan, a forma só perdia.

E que direi de Fílis, que, perdida
da saudosa dor em que vivia,
com desesperação, enfim, trazida
do comprido esperar de dia em dia,
por desatar do corpo a triste vida
atava ao colo a cinta que trazia,
mas o tronco sem folha pelo monte
Ródope abraça o lento Demofonte.

Nas boninas também vereis Jacinto,
por quem Febo de si se queixa em vão,
vereis o monte Idálio em sangue tinto,
do neto de seu pai, da mãe irmão.
Chora Vénus a dor do moço extinto,
maldiz o Céu e a Terra com razão;
a Terra, porque logo não se abriu;
o Céu, porque tal morte permitiu.

E tu, constante Clície, a quem falece
a fé de teus amores enganosos,
no louro amante, que de ti se esquece,
se esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece,
que são do mundo os gostos mentirosos;
e tu, ó clara luz, por quem suspiras;
ainda agora em erva a folha viras.

Trago-vos estas cousas à lembrança,
porque se estranhe mais vossa crueza
com ver que a criação e longa usança
vos não perverte e muda a natureza.

Dou estas[1] lágrimas minhas em fiança
que em tudo quanto está na redondeza
cousa há de Amor isenta, se atentais,
enquanto a vós[2] não virdes, não vejais.

Já vos disse[3] que de Amor sempre tiveram
as cousas insensíveis pena e glória.
Vede as sensíveis como se perderam;
e dir-vos hei das aves larga história.
Que as penas que em sua alma se sofreram
nas asas lhe ficaram por memória.
E aquele alívio e leve movimento
lhe ficou só por dor do pensamento.

O doce rouxinol e a andorinha,
de donde elas se foram transformando,
senão do puro amor que o Trácio tinha
que, em poupa, inda a amada[4] anda chamando?
Chama[5] sem culpa a mísera avezinha
que, nas areias de Fásis[6] habitando,
do rio toma o nome; e assi se vai
chamando a mãe cruel, e mouro[7] o pai.

Vede a que engeitou Palas por falar
(que dos amores é maior defeito),
e aquela que sucede em seu lugar,
ambas aves; de Amor[8] usado efeito;
ũa, porque fugia ao deus do mar;
outra, porque temera[9] o pátrio leito.
E Cila, que a seu pai pôs em perigo,
só por ser muito amiga do inimigo.

[1] Ed. 1598: *as.*
[2] Ed. 1598: *enquanto vos.*
[3] Ed. 1598: *Ja disse.*
[4] Ed. 1595: *inda armado, a.*
[5] Ed. 1598: *Clama.*
[6] Ed. 1595: *Assis.*
[7] Ed. 1598: *injusto.*
[8] Ed. 1595: *do mar.*
[9] Ed. 1598: *tentara.* (N. B.: *temera*, do l. *temerare* = profanar).

A ele lhe[1] ficaram ainda as cores
da purpúrea[2] real, que ter soía;
Ésaco, que seguindo seus amores
o trouxe a ver tão cedo o extremo dia;
ou vede os dous tão firmes amadores
que Amor aves tornou na praia fria.
Do rei dos ventos era genro o triste,
mas contra o Fado, enfim, nada resiste.

Estava a triste Alcíone esperando
com longos olhos o marido ausente,
mas os irados ventos assoprando,
nas águas o afogaram tristemente.
Em sonhos se lhe está representando;
que o coração presago nunca mente;
só do bem as suspeitas mentirão,
que as do mal futuro, certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
buscando o mar com eles, ia e vinha,
quando o corpo sem alma achou na praia.
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha!
Nereidas do Egeu, consolai-a,
pois este triste ofício vos convinha!
Consolai-a; saí das vossas águas,
se consolação há em grandes mágoas.

Mas, oh! néscio de mim, que estou falando
das avezinhas mansas e amorosas?
Se também teve Amor poder e mando
entre as feras monteses venenosas.
O leão e a leoa, como ou quando
tais formas alcançaram temerosas?
Sabe-o da deusa Dindimene o templo,
e a que o deu a Adónis por exemplo.

[1] Ed. 1598: *E Pico, a quem.*
[2] Ed. 1598: *purpura.*

Quem fosse a mansa vaca, di-lo hia;
mas o grão Nilo o diga, que a adora.
Que forma[1] tem a Ursa, saber-se hia
do Polo Boreal, onde ela mora.
O caso de Acteon, também, diria
em cervo transformado; e milhor fora
que dos olhos perdera a vista escura
que escolher nos seus galgos sepultura.

(Daqui se tiraram duas oitavas)[2]

Tudo isto Acteon viu na fonte clara,
onde[3] a si de improviso em cervo viu;
que quem assi desta arte[4] ali o topara,
que se mudasse em cervo permitiu.
Mas, como o triste amante em si notara
a desusada forma, se partiu.
Os seus, que o não conhecem, o vão chamando;
e, estando ali presente, o vão buscando.

Cos olhos e co gesto lhes falava,
que a voz humana já mudada tinha.
Qualquer deles por ele então chamava,
e a multidão dos cães contra ele vinha.
Que viesse ver um cervo, lhe gritava;
Acteon, aonde estás? Acude asinha!
Que tardar tanto é este (lhe dizia)?
É este, é este, o eco respondia.

Quantas cousas em vão estou falando,
ó esquivas Napeias! sem que veja
o peito de diamante um pouco brando
de quem meu dano tanto só deseja.
Pois por mais que de mim andeis tirando,
e por mais longa, enfim, que a vida seja,
nunca em mim se verá tamanha dor
que Amor a não converta em mais amor.

[1] Ed. 1595: *força.*
[2] Nota da ed. 1595 (fl. 131 v).
[3] Ed. 1595: *aonde.*
[4] Ed. 1595: *Que assi quem desta arte.*

Aqui, ó Ninfas minhas, vos pintei
todo de amores um jardim suave;
de aves, pedras, águas vos contei,
sem me ficar bonina, fera ou ave.
Se o amor dos peitos que deixei [1],
que dos contentamentos tem a chave,
por dita em tempo algum determinasse
que de tão longos danos vos pesasse,

quanto mais devagar vos contaria
de minha larga história, e não alheia?
E com quanta mais água regaria,
de contente, que o rio a branca areia?
Entre os contentamentos me seria
este um não cuidado, e grande ideia [2];
e vós, gostando deste estado ufano,
zombareis então de vosso engano.

Mas com quem falo, ou que estou gritando,
pois não há nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
a quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida, a dor me estão tirando,
e não me tira o tempo o pensamento.
Direi, enfim, as duras esquivanças
que só na morte tenho as esperanças.

Aqui, o triste Sátiro acabou,
com soluços que a alma lhe arrancavam.
E os montes insensíveis, que abalou,
nas últimas repostas o ajudavam,
quando Febo nas águas se encerrou
cos animais que o mundo alumiavam,
e co luzente gado apareceu
a celeste pastora pelo Céu.

[1] Ed. 1598: *Se este amor que no peito aposentei.*
[2] Ed. 1598: *Novo contentamento me seria*
formar de meu cuidado a nova ideia.

VIII

PISCATÓRIA

Arde por Galateia branca e loura
Sereno, pescador pobre, forçado,
d'ũa estrela cruel, que à míngua moura.
Os outros pescadores têm lançado
no Tejo as redes; ele só fazia
este queixume ao vento descuidado:
Quando virá, fermosa Ninfa, o dia
em que te possa dar a conta estreita
desta doudice triste e vã porfia?
Não vês que me foge a alma e que me enjeita,
buscando num só riso da tua boca,
nos teus olhos azuis, mansa colheita?
Se a esse espírito algũa mágoa toca,
se de Amor fica nele ũa pegada,
que te vai, Galateia, nesta troca?
Dar-te hei minha alma; lá ma tens roubada;
não ta demandarei; dá-me por ela
ũa só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrela
não consentir ventura tão ditosa,
dou-te as asas do Amor perdidas nela.
Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
inda que o mar d'aljôfar me cubrira
toda esta praia leda e graciosa?
Amansam ondas, quebra o vento a ira;
minha tormenta triste não sossega;
arde o peito em vão, em vão suspira.
Ao romper d'alva anda a névoa cega
sobre os montes d'Arrábida viçosos,
enquanto a eles a luz do Sol não chega.
Eu vejo aparecer outros fermosos
raios, que a graça e cor ao Céu roubaram,
ficam meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparam
com meus suspiros! Quantas com meu pranto
se pararam com mágoa e me escutaram!

Se, na força da dor, a voz levanto,
e ao som do remo que a água vai ferindo
por alta Lũa meu cuidado canto,
os maviosos delfins me estão ouvindo;
a noite sossegada; o mar, calado.
Só, Galateia, foges e vás rindo.
Estranhas, porventura, o mar cercado
da fraca rede, a barca ao vento solta
e um pobre pescador aqui lançado?
Antes que dê no céu o Sol[1] ũa volta
se pode melhorar minha ventura,
como acontece aos outros, n'água envolta.
Igual preço não é da fermosura
areia d'ouro, que o rico Tejo espraia,
mas um amor que para sempre dura.
Vejam teus olhos, bela Ninfa, a praia,
verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre ele o mar com fúria saia!
Que até 'gora nem vento e ar salteia!
três dias há que escrito aqui o deixou
Amor, guardando-o a toda a força alheia.
Ele com suas mãos mesmo ajudou
escolher estas conchas que, guardando,
ũa a ũa para ti só ajuntou.
Um ramo te colhi de coral brando;
antes que o ar lhe desse, parecia
o que de tua boca estou cuidando.
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

[1] Ed. 1595: *Antes que o Sol dê no céu ũa volta.*

APÊNDICE ÀS RIMAS

27

DIVINO, ALMO PASTOR, DÉLIO DOURADO [1]

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
nutrem e cibam de poção [2] divina,
não as da fonte Délia Cabalina,
que são Medeias, Circes e Medusas,

mas aquelas em cujo peito, infusas,
as leis estão, que as leis da Graça ensina,
beninas no amor e na doutrina
e não soberbas, cegas e confusas;

este pequeno parto, produzido
de meu saber e fraco entendimento,
ũa vontade grande te oferece.

Se for de ti notado de atrevido,
daqui peço perdão do atrevimento,
o qual esta vontade te merece.

[1] Embora, de acordo com Storck, tenhamos dúvidas sobre a autoria camoniana desta Elegia, inserimo-la neste lugar, com o Soneto que se lhe segue no manuscrito de Luís Franco, porque, dada a importância do poema, não nos atreveríamos a correr o risco da sua supressão, pura e simples.

[2] Canc. L. F.: *porção*.

Divino, almo Pastor, Délio dourado,
a quem de Anfriso já viram os prados
guardar fermoso, rico e branco gado;
aos quais adormentavas, enlevados
no doce som da lira, e alternando
com versos e cantares namorados,
e às Ninfas e pastores ensinando
o caminho de Cipro e dos amores,
as ondas, feras e aves enlevando!
Ó fermosura e honra dos pastores,
que de um a outro polo do horizonte
a natureza pintas de mil cores!
Ó pai das nove Irmãs, Senhor da fonte
a quem as ondas cedem de Leteu,
posta no mais excelso e sacro monte!
Por que causa, me dize, almo Timbreu,
o céu resplandecente hoje cobriste
de tão mal assombrado e negro véu?
Se lembranças te fazem, Febo, triste,
de Dafne, para ti tão fera e crua,
a quem com tal vontade já seguiste;
também te lembrará como por tua
causa foi transformada em verde rama,
por não se ver da roupa casta nua.
Por donde aquela dor e aquela chama,
no insensato corpo difundida,
nenhum vigor nem força já derrama.
Pois tu, da praia Hespéria esclarecida
adonde Tétis, Xanto e Galateia
a teus cavalos vem tirar a brida;
e a fermosa Clio e Panopeia,
com Dóris, sobre as ondas levantadas,
te vem receber com boa estreia,
ainda está àquem duas jornadas,
e no outro hemisfério a noute escura
tem as noturnas sombras encerradas.
Se acaso a caída e má ventura
de Fáëton te lembra, cuja morte
te deu sempre jamais tanta tristura,
o não teres tu culpa te conforte,
que o moço, de soberbo, não podia
cair em menos miserável sorte.

Mas vós, castas Irmãs, que noute e dia
cantais em versos Élegos o choro,
com o cândido Cisne em companhia;
unidas todas, a-vicenda [1], em coro,
um padre consolai tão descontente,
em módulo cantar doce e canoro.
Se a dor que manifesta e mostra à gente
desta causa procede, mais parece
que outra pena maior é a que sente.
Pois a prenhada terra brota e crece,
de mil flores enchendo os verdes prados,
e tarda bem o tempo que anoutece;
Eolo nas montanhas encerrados
os cruéis ventos tem mais furiosos,
de mil prisões de ferro carregados.
Só Zéfiro Favónio, de amorosos
espritos cheio, brandamente aspira
por estes vales verdes e fermosos.
Naís fermosa por Amor suspira
e Flora, em companhia da Alvorada,
que, agora, o seu veneno tem mais ira
pois tu, no Touro, fazes a morada
(deixando Aquário e Piscis), de mau brio,
com Vénus entre os cornos assentada,
o qual meteu Europa no mar frio [2].
Assim que, bem olhado e bem sentido,
triunfas no Inverno e seco Estio.
Se mortal rogo foi jamais ouvido,
Délio imortal, de ti; se nalgũa hora
à piedade foste comovido,
dize-me por que causa o mundo chora,
mostrando tais sinais e tal tristura,
escondendo a rosada e fresca Aurora
que, segundo os segredos na natura
nos mostram claramente os elementos,
o mundo não será de muita dura.

[1] Leitura dos editores de 1932.

[2] O difícil passo dos últimos sete versos foi assim interpretado pela Prof. D. Augusta Faria Gersão Ventura: «*Pois tu (deixando Aquário e Pisces) fases a morada no Touro de mau brio com Vénus entre os cornos assentada, o qual meteu Europa no mar frio* (V. *Notas Camonianas*, 1948, p. 36, nota (3)).

Vejo o furor do mar e bravos ventos;
as estrelas e signos e planetas
de seus lugares fora e firmamentos;
vejo coriscos, raios e cometas,
relâmpagos, trovões mui acendidos
sair por diferentes e altas metas;
e nos mais altos montes e subidos
de Pélio, Emo, Ossa, Pindo, Atlante,
os robustos carvalhos destruídos.
Quer' porventura algum novo gigante
subir por estes ao firmamento
e derrubar a Júpiter possante?
O qual, movido de soberbo intento,
qual os de Flegra pune os já passados,
em pago de tamanho atrevimento?
Os eixos dos dous orbes, ordenados
a sustentar a máquina mundana,
parecem já desfeitos e quebrados.
Ó mente baixa de matéria humana,
cega no bem e vista na maldade,
que tão soberba vás e tão ufana,
que vás buscando a fonte da verdade,
e cega-te a mentira de maneira
que não vês palmo já de claridade!
Põe os olhos da fé pura e sincera
nas altas cimas do Calvário monte,
por donde irás à glória verdadeira:
verás a cristalina e clara fonte
da vida pura posta em um madeiro,
por te livrar da barca de Aqueronte.
Ó verdadeira Luz, justo Cordeiro,
Jesus benino, manso e piadoso,
Filho do Padre eterno e verdadeiro!
Que causa te moveu, Rei poderoso,
tão escondida lá na mente eterna,
a padeceres fim tão desonroso,
e deixar a mais alta e mais superna
cadeira e vida pela mais escura
de quantas a mortal fama governa?
Se te moveu, Senhor, esta feitura,
à morte condenada eternamente
por a lei quebrantada de Natura,

lembre quão malvada e má semente
é esta a quem te dás crucificado,
que sempre te tem pago ingratamente.
Ó mundo ingrato, cego, descuidado,
cheio de falsidades enganosas,
em pecados e vícios ocupado,
que não derramas lágrimas chorosas
em tanta quantidade que pareça
mostrar siquer entranhas amorosas!
Tu, mar, que não levantas a cabeça
por tornar a cobrir o que cobriste,
para que tudo acabe e que pereça!
Vós, ventos, a quem nada enfim resiste,
que não transtornais tudo em desconcerto!
Tu, dura terra, porque não te abriste!
Vós, plantas, feras e aves do deserto,
que não chorais, pois chora a Natureza,
vendo-se posta em um tamanho aperto!
Vós, altos Céus, de lá da mor alteza,
bem sei quanto sentis a Divindade
em tal miséria posta e tal baixeza,
pois vedes o Senhor da Majestade,
que vos criou de nada, submetido,
por amor puro, aos pés da humanidade.
Senhor! Que amor foi este tão crecido
que tão dobradas forças faz singelas,
lá de tão alto, baixo e abatido?
Ó preciosas chagas roxas, belas,
luminárias da noute tenebrosa,
de toda luz privada das estrelas!
Ó Cruz bemdita, cara, preciosa!
Contempla bem o passo que te deram
ó coroa de espinhos amargosa!
Vós, santos cravos, quando vos meteram
à força de martelo, logo à hora
as serpentes e dragos se esconderam.
O coração, a alma que não chora,
vendo-te, Redentor, com tantas dores,
em pedra viva de diamante mora.
Que não contemplais isto, pecadores
e derramais mil lágrimas no dia,
vendo o Senhor tão triste dos Senhores?

Tu, Virgem pura, Santa Ave Maria,
cheia de Graça, Esposa, Filha e Madre,
mais fermosa que o Sol ao meio dia,

que vás buscando ao Esposo, Filho e Padre,
qual cordeira perdida da manada,
sem guarda de pastor, nem cão que ladre;

vai, Rainha dos Anjos mui amada,
e preciosa pedra adamantina,
de perfeições e graças esmaltada;

vai, estrela do mar; vai, luz divina,
escolhida do Céu; vai, cordeirinha,
branca açucena e rosa matutina;

vai caminho da glória, vai, pombinha
sem fel; bemdita entre as mulheres;
vai, mãe da Lei da Graça, vai asinha

a o monte Calvário, se ver queres
ao teu precioso Filho antes de morto.
Desconsolada vai, vai, não esperes!

A o qual acharás bem sem conforto,
posto na Cruz, por partes mil chagado,
por nos dar sossegado e manso porto.

Escarnecido, só, desamparado
antre dous malfeitores condenados,
de fariseus e armas rodeado.

Ó duros corações desatinados,
cegos, malditos, torpes, de má casta,
lobos no sangue justo encarniçados!

Dizei: que tigre hircano, ou que cerasta,
que aspe, basilisco, ou que dipsarta,
das quais a quente Líbia é cheia e basta;

que Trácia, Grécia, Colcos, Cítia, Esparta,
ou que bárbara gente, crua e fera,
de trágicos insultos nunca farta,

humana não deixara e não perdera
a crueldade toda, se te vira,
Jesus benino, posto na Cruz vera!

Mas vós, cruéis, perversos, cheios de ira,
com grita e escárnio, riso tudo mixto,
estais asidos todos na mentira,

dizendo em alta voz: Se tu és Cristo,
dece-te dessa Cruz em que estais posto!
Não bastando os milagres que haveis visto.

E tu, Senhor, metido em tal desgosto,
estás sofrendo penas tão estranhas
com humilde, sereno e manso rosto.
Ó algozes ingratos, de más manhas,
de troncos e penedos produzidos
nas mais altas e ásperas montanhas!
Que não vos humilhais, dizei, perdidos,
e não pedis perdão do que vos toca,
que, segundo é meu Deus, sereis ouvidos?
Pois Ele, com humilde rogo, invoca
ao Padre por vós, beninamente,
deitando o fel e sangue pela boca,
dizendo: Padre meu Omnipotente,
pedir-te quero, antes que me acabem,
que tudo isto perdoeis a esta gente,
pois o que fazem, certo, não no sabem!
Ó palavras altíssimas, celestes,
nas quais secretos e mistérios cabem!
Mas vós, malditos, como não soubestes
senão idolatrar como gentios,
nenhũa cousa destas conhecestes,
que sempre caminhastes por desvios,
deixando a Lei de Deus sagrada e pura,
desterrados por montes, selvas, rios.
Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
misericórdia grande, e piedade
que excede ser e ordem de Natura,
por mais duro que seja na maldade,
que não derrame sempre, noite e dia,
lágrimas, qual um rio, em quantidade?
Leitor que lendo vás esta Elegia!
Quero-te perguntar, de amor vencido,
se contemplaste lá na fantasia
algũa vez, acaso, no sentido,
vendo raiar o Sol na mor altura,
de rubicundos raios acendido;
e, despois que se põe, a fermosura
de diversas estrelas espalhadas,
quando Hécate cobre a terra dura;
e as ondas do mar bravo salgadas,
tão sujeitas num ser sem se espalharem,
nem de rios ou chuva acrecentadas,

os quais, cursando sempre sem faltarem,
digo de muitos que há aí que são famosos,
que correm sempre, sem jamais pararem;
se ao ver os campos verdes deleitosos,
qual famoso pavão, feras e aves
nos apartados bosques mais sombrosos;
as quais, com cantos doces e suaves,
saudam a manhã, mui prazenteiras,
com passos ora agudos, ora graves;
se ao ver os ritos, vidas e maneiras
tão diversos que há aí por nosso dano
nas apartadas gentes estrangeiras;
se ao ver tanta mudança num só ano,
escuro, claro, chuva, frio e calma,
e tudo para prol do bem humano,
contemplaste lá dentro na tua alma,
porventura, algum dia separado
da pesada, mortal, terreste salma,
em tantas criaturas que há criado
o criador do mundo, Padre Eterno,
no alto Céu com os olhos enlevado;
e neste pensamento tão superno,
com tão ligeiras asas desprezando
a trabalhosa vida deste inferno?
Pois olha, pecador, que vás nadando
nas procelosas ondas deste mundo,
nos mistérios divinos contemplando,
e verás o mais alto, sem segundo,
posto na vera Cruz, no Monte santo,
por te livrar do lago mui profundo;
não aquele que lá te punha espanto,
fabricado na mente que sempre erra,
coberto de mortal e cego manto,
mas o próprio que fez o Céu e a Terra,
e tantas maravilhas que cá vemos,
afora as outras que consigo encerra.
Dizei, dizei, mortais, que lhe daremos,
por mais que o amemos ou sirvamos,
que a mais pequena parte lhe paguemos?
Este domingo atrás nos alegramos,
Senhor, com festas, danças e alegrias,
dando-te capas e olorosos ramos;

e agora, por cumprir as profecias
pelos Profetas santos declaradas,
te vemos morto dentro em cinco dias,
com as carnes feridas e chagadas,
de mil açoutes cheio, arrepelado
de couces, empurrões e bofetadas.
Estás, Jesus benino, qual no prado
o lírio branco fica decomposto,
do homicida ferro derrubado;
ou qual o Sol se mostra antes de posto,
de cores tristes, ou qual branca rosa
de frio trespassada ou mês de Agosto;
ou qual o cisne na ribeira umbrosa,
que, presago do fim, brando enternece
a circunstante selva em voz melosa.
Senhor, com cuidar isto se entristece
a minha alma de modo, e meu sentido,
que do seu próprio alento desfalece.
Contemplo-te, meu Deus, na Cruz subido,
e vejo-te com os olhos verdadeiros
cercado de mil anjos e servido;
os quais, voando leves e ligeiros,
qual enxame de abelhas, pressurosos
trabalham por curar os teus marteiros;
uns cobrem com unguentos olorosos,
e outros com vasos de poção divina,
os teus sagrados membros preciosos;
outro com água pura e cristalina
está lavando as chagas, e outros prestes
acodem com toalha rica e fina;
outros parecem entre todos estes
com cálices do Novo Testamento,
tomando as gotas de licor celestes;
outros, batendo as asas sempre ao vento,
parece que trabalham quanto podem
por te tornar a dar vital alento;
outros de novo pelo ar acodem,
e outros, feitos bizarros soldados,
com espadas na mão, postos em ordem,
querem ir cometer, mui denodados,
aquela gente torpe, endiabrada!
Mas tu, Senhor, os tens só refreados,

vendo quão pouco ganham na jornada,
porque, se tu quiseras, de um aceno
só, Pedro os destruíra sem espada.
Recebe, Pão de vida, este pequeno
sacrifício de mim, à sombra escrito
dum alto freixo deste vale ameno.
E dá-me tanta graça e tanto espírito,
para que sempre louve, qual espero,
o teu saber profundo e infinito.
Tomara ser Virgílio ou ser Homero,
sòmente no saber, que foi divino,
(que ser o que eles foram não no quero),
para poder cantar, ó Rei benino,
em puro choro as chagas que te vejo,
a dor das quais provoca a desatino;
mas, já que ver não posso este desejo,
o qual tomara só para louvar-te,
meu Deus, de dar-te pouco não me pejo,
porque eu para dar mais sou pouca parte.

NOTAS E VARIANTES

REDONDILHAS:

N.º 17 (P. 25): Os editores de 1932, seguindo o texto de Juromenha, suprimiram a 3.ª e 4.ª redondilhas, que vêm na primeira edição. Juromenha, porém, deu-as em nota (IV, p. 466). *Coifa de beirame* é um *cantar velho,* glosado por vários, como outros da nossa edição: *Caterina bem promete, Vida da minha alma, Tende-me mão nele, Saüdade minha,* etc.

N.º 26 (P. 35): Esta cantiga tem por base o seguinte texto do *Palmeirim* (Pp. 360 e 361, T. I, P. II, ed. 1786):

> «e indo [*sc.* Florendos] contra a porta do castello a achou cerrada de todo e no alto della, qu'era de pedraria, vio hũ escudo de marmore, encaixado na mesma pedra e posta nella em campo hũa imagem de molher [*sc.* Miraguarda], tirada pelo natural da que vira no campo, tanto ao próprio, que nã soube fazer nenhũa deferença d'hũa a outra. Tinha no regaço hũas letras brancas, que deziã: Miraguarda: e bem lhe pareceo que aquelle seria seu proprio nome e bem conheceo que o nome dezia verdade, que a senhora delle era muito pera ver e muito mais pera se guardarem della. Mas a tençã porque as letras alli se poserã nã era esta, se nam porque se guardassem do gigante Almourol senhor daquelle castello, de quẽ depois tomou o nome; que elle as pos alli pera mostrar que a ymagem do escudo era pera a verẽ e elle pera se guardarem delle. Ho qual, pera fazer sua tençam verdadeira, sayo de dentro ao tempo que Florendos estava lendo as letras e derivando nellas seu mal, armado» etc. etc.

(V. Storck, Luis' de Camoens *Sämmtliche Gedichte,* Erster Band Buch der Lieder und Briefe).

N.º 28 (P. 37): D. Francisca de Aragão, a mais notável das Damas da corte da Rainha D. Catarina, e sua valida. Era sobrinha

do governador da Índia, D. Francisco Barreto, e casou em 1576 com o filho segundo de S. Francisco de Borja, D. Juan de Borja. Dirigiu-lhe versos D. Manuel de Portugal, e consagrou-lhe um cancioneiro, Pero de Andrade Caminha. A cantiga n.º 28, e a carta a D. Francisca (p. 38), projectam viva luz sobre o ambiente cortesanesco, fundado na arte de ser galante, de que D. Francisco de Portugal, descendente daquele D. Manuel, formulará os preceitos.

N.º 31 (P. 41): O Autor do *moto* vem indicado no *Cancioneiro de Luís Franco* (fl. 102).

N.º 32 (P. 42): Os editores de 1932, talvez com receio de abrirem uma brecha na hipótese *infantista,* suprimiram a rubrica da primeira edição: *«Mote e glosa do Autor a hũa dama que se chamava Ana»,* e que podia ter sido lida em Juromenha. Que *Ana* seria esta? Ana de Aragão, prima de D. Francisca? Ana de Ataíde, filha do primeiro Conde da Castanheira? Não nos aventuraremos a propor uma solução.

N.º 33 (P. 43): Seguindo Juromenha, os editores de 1932 trocaram o primeiro verso do *ABC*

Ana quisestes que fosse

o único autêntico, em

Amor quisestes que fosse

o que nenhum texto autoriza. Se a composição é de Camões (só em 1668 entrou no Parnaso camoniano...), pode ser que esta *Ana* seja a mesma do *acróstico* anterior.

Os editores de 1932, supuseram-na dirigida a Graça de Morais, partindo do anagrama (aliás imperfeito) *Amor, Morais.* Mas não é *Amor* que se encontra no *ABC*...

N.º 101 (P. 99): Em nota a p. 277 da *Vida e Obras de Luís de Camões,* por Storck, Carolina Michaëlis chama a atenção para a palavra *cópia,* que apareceu na edição de 1616, onde a pequena composição foi pela primeira vez publicada, e que os editores posteriores alteraram em *copla.*

N.º 109 (P. 105): Trovas escritas no tempo em que governou a Índia D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo (1561-1564).

A rubrica da edição de 1616, cujo teor reproduzimos no texto, diz: «Estas trovas mandou o Author da cadea em que o tinha embargado hũa divida Miguel Roiz Fios Secos, d'Alcunha, que se embarcava para fora, ao Cõde do Redondo Viçorrey, pidindolhe o fizesse desembargar»; e não, como se entende geralmente, «Trovas que mandou o Autor da cadeia, em que o tinha embargado por uma divida Miguel Rodrigues, *Fios Secos* d'alcunha, ao Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, Vizo-Rei, que se embarcava para fora, pedindo-lhe o fizesse desembargar».

Na verdade, o verso

que, antes que seja embarcado

pode não referir-se ao Conde de Redondo; os equívocos deste género são frequentes no tempo. Não é portanto absolutamente certo que esta poesia tenha sido escrita nas vésperas do embarque do Vizo-Rei, em Dezembro de 1562, para assentar pazes com o Çamorim.

As composições n.os 110, 111 e 112, foram enviadas ao mesmo destinatário.

N.º 113 (P. 109): Todas as pessoas nomeadas neste *Convite* — D. Vasco de Ataíde, D. Francisco de Almeida, Heitor da Silveira, *o Drago,* João Lopes Leitão e Francisco de Melo, encontravam-se na Índia no tempo de D. Constantino de Bragança e do seu sucessor, D. Francisco Coutinho.

N.º 114 (P. 112): A esta peça de cacha refere-se Camões no *Convite* (v. n.º 113).

N.º 118 (P. 120): A forma *Sobolos rios,* não é da primeira edição, mas da segunda; prevaleceu, naturalmente, sobre a forma menos eufónica *Sobre os rios.*

SONETOS:

N.º 50 (P. 157): João Lopes é o João Lopes Leitão, amigo de Camões, a que se referem as cantigas n.os 113 e 114.

N.º 98 (P. 181): O apenso manuscrito da primeira edição das *Rimas* da Biblioteca Nacional tem a seguinte rubrica: «Soneto a Lucrecia».

N.º 149 (P. 207): Pela primeira Carta de Camões, remetida da Índia, fica-se a saber que o *D. António* de que se trata neste soneto é *D. António de Noronha,* filho do segundo Conde de Linhares, D. Francisco de Noronha, o qual morreu em África, em 18 de Abril de 1553.

Na edição *princeps* vêm endereçados a *D. António de Noronha* as seguintes poesias:

A *Elegia*

Aquela que de amor descomedido;

as *Oitavas* sobre o *Desconcerto do Mundo,* que começam

Quem pode no mundo ser tão quieto;

as *Églogas*

Que grande variedade vão fazendo

A quem darei queixumes namorados;

e a *Égloga* chamada dos *Faunos*

As doces cantilenas que cantavam.

A tradição admite ainda que ao mesmo tenha sido dirigida a *Elegia*

O poeta Simónides falando.

N.º 150 (P. 207): Não sabemos quem fosse este *D. Fernando de Castro,* cujos despojos mortais foram, segundo parece concluir-se do Soneto, trasladados tempos depois da morte. Storck lembra o filho de D. João de Castro, morto em Diu em 1546, mas a hipótese não é segura.

N.º 152 (P. 208): Quem é o *Pinheiro* a que se refere o Soneto? O bispo D. Gonçalo Pinheiro, Mestre do Príncipe D. João, ou D. António Pinheiro? O Soneto não fornece qualquer indicação.

No segundo verso mantém-se a forma *seu,* que se encontra na edição de 1616, apesar da forma *ser* parecer mais lógica. Carolina Michaëlis, em nota à *Vida e Obras de Camões,* por Storck (p. 428), protesta contra tal emenda, que este sugerira, e continua a ler

do fermoso Átis seu verde pinheiro.

N.º 155 (P. 210): No apenso manuscrito da 1.ª ed. das *Rimas,* da B. N. de Lisboa, já citado, este Soneto vem precedido da seguinte rubrica: «Epytaphio á sepultura de Dom Henrique de Meneses, Governador da India». Passando por Cananor, onde estavam os despojos do sétimo governador da Índia, D. Henrique de Meneses, Camões ter-lhe-ia feito este Soneto. D. Afonso de Noronha, na sua viagem para Cochim, contra o rei de Chembe, esteve em Cananor. É possível que o Soneto pertença a este período.

N.º 157 (P. 211): No referido apenso manuscrito vem a seguinte rubrica: «A pero monis q̃ morreu no mar de Monte felix em epitaphio». Teófilo Braga aproveitou esta indicação a p. 58 do seu *Camões — Época e Vida.*

N.º 158 (P. 211): Suprimimos a rubrica *À Morte de D. Maria de Távora,* filha de Luís Álvares de Távora, que se encontra igualmente no apenso manuscrito citado. Faria e Sousa diz tê-la achado em um manuscrito, e Juromenha também a encontrou noutro manuscrito. Como quer que seja, o Soneto é bem pouco digno da Musa de Camões, embora tenha entrado na edição de 1598.

N.º 160 (P. 212): Não é verdade, como diz Juromenha, que na edição de 1595 o Soneto venha atribuído à morte de D. João II. A rubrica, em grandes letras, diz: «Á SEPULTURA DELREI DOM JOÃO TERCEIRO».

O mesmo editor pensou que o Soneto foi escrito por ocasião da trasladação do corpo do Rei para o Mosteiro de Belém, o qual teve lugar no ano de 1572 (V. *Obras,* II, p. 402).

N.º 161 (P. 213): Na esteira de Juromenha, Storck admite que este Soneto, e um outro, *Levantai minhas Tágides a frente,* suprimido da nossa edição, como o fora da edição de 1932, fora dedicado ao duque de Bragança, D. Teodósio, «provàvelmente em Lisboa, perto de 1544» *(Vida,* p. 275).

N.º 162 (P. 213): Este Soneto deve ter sido dirigido a D. Fernando de Meneses, filho do Vizo-Rei D. Afonso de Noronha, antes da partida daquele para o Estreito, com uma importante armada. Esta estava pronta a partir no fim de Fevereiro de 1554 (V. Diogo do Couto, *Déc. VI, L. X, cap.º XVIII*).

Teófilo Braga diz que Camões acompanhou o filho do Vizo-Rei D. Afonso de Noronha nesta Armada (*Camões — Época e Vida*, p. 527), mas nada o prova. O tom do Soneto parece até excluir essa hipótese.

N.º 163 (P. 214): Este Soneto, com a *Elegia VII* (p. 274), acompanhou o livro que Pero de Magalhães Gândavo escreveu, chamado *História da Província de Santa Cruz*, publicado em Lisboa em 1576.

Em 1568, D. Leonis Pereira, filho ilegítimo do terceiro Conde da Feira, D. Manuel Pereira, defendeu Malaca do poder dos Achéns.

N.º 164 (P. 214): D. Luís de Ataíde, Conde de Atouguia, sucessor de D. Antão de Noronha, foi Vizo-Rei de 1568 a 1571. O Soneto foi escrito no regresso do Vizo-Rei ao Reino, em 1572.

CANÇÕES:

Nota à *Canção* VII (p. 233):

Na ed. de 1616, de ff. 23 v. a 26 v., vem um texto diferente desta *Canção*, que, pela confiança que aquela edição geralmente merece, convém dar a conhecer:

Manda-me Amor que cante o que a alma sente,
caso que nunca em verso foi cantado,
nem d'antes entre gente acontecido;
paga-me assi, em parte, o meu cuidado,
pois que quer que me louve e represente
quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, e não serei da gente crido;
mas é tamanho o gosto de louvar-me
e de manifestar-me
por cativo de gesto tão fermoso,
que todo impedimento
rompe e desfaz a glória do tormento,
peregrino, suave e deleitoso;
que bem sei que o que canto
há-de achar menos crédito que espanto.

Eu vivia do cego amor isento,
porém tão inclinado a viver preso
que me dava desgosto a liberdade.
Um natural desejo tinha aceso
de algum ditoso e doce pensamento
que me ilustrasse a insana mocidade.
Tornava do ano já primeira idade,
a revestida terra se alegrava,
quando Amor me mostrava
em fios d'ouro ũas tranças desatadas
ao doce vento estivo,
os olhos rutilando em lume vivo,
as rosas entre a neve semeadas,
o gesto (1) grave e ledo,
que juntos move em mim desejo e medo.

Um não sei quê suave, respirando,
causava um desusado e novo espanto,
que as cousas insensíveis o sentiam;
porque as gárrulas aves, entretanto,
vozes desordenadas levantando,
como eu, em meu desejo se acendiam;
as fontes cristalinas não corriam,
inflamadas na vista clara e pura;
florecia a verdura
que, andando, cos ditosos pés tocava;
os ramos se abaxavam
ou d'enveja das ervas que pisavam,
ou porque tudo ante eles se abaxava;
o ar, o vento, o dia
d'espíritos continos influía.

E quando vi que dava entendimento
a cousas fora dele, imaginei
que milagres faria em mim, que o tinha;
vi que me desatou da minha lei,
privando-me de todo sentimento
e noutras transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes do Amor vinha
que o uso dos sentidos me tirava;
e não sei como o dava
contra o poder e ordem de Natura,
às árvores, aos montes,
à rudeza das ervas e das fontes,
que conheceram logo a vista pura.
Fiquei eu só tornado
quási num rudo tronco, de admirado!

1 Ed. 1661: *o gosto.*

Despois de ter perdido o sentimento,
de humano um só desejo me ficava
em que toda a razão se convertia;
mas não sei quem no peito me bradava
que por tão alto e doce pensamento,
com razão, a razão se me perdia.
Assi que quando mais perdida a via,
na sua mesma perda se ganhava;
em doce paz estava
com seu contrário próprio num sujeito.
Ó caso estranho e novo!
Por alta, certamente, e grande, aprovo
a causa donde vem tamanho efeito
que faz num coração
que um desejo sem ser seja razão.

Despois de já entregue a meu desejo,
ou quási todo nele convertido,
solitário, silvestre e inhumano,
tão contente fiquei de ser perdido
que me parece tudo quanto vejo
escusado, senão meu próprio dano.
Bebendo este suave e doce engano,
a troco do sentido que perdia,
vi que Amor me insculpia
dentro nalma a figura honesta e bela,
a gravidade, o siso,
a mansidão, a graça, o doce riso,
e porque não cabia dentro nela
de bens tamanhos tanto,
sai pela boca convertido em canto.

Canção, se te não crerem
daquele claro gesto, quanto dizes,
polo que em si lhe esconde,
os sentidos humanos (lhe responde)
não podem de contino ser juízes,
senão um pensamento
que a falta supra a fé do entendimento.

Outra variante em Juromenha, II, 236.

Canção IX (P. 238): Nenhuma referência temos à época em que o cruzeiro ao Mar Vermelho, em que tomou parte Camões, teve lugar. Storck (*Vida*, § 261, p. 525), inclina-se para a partida na armada de D. Fernando de Meneses (V. nota ao Soneto n.º 162).

A opinião tradicional prefere a viagem na armada de Manuel de Vasconcelos, que partiu de Goa em Fevereiro de 1555.

ELEGIAS:

Nota à *Elegia I* (P. 251): Escrita depois da expedição contra o príncipe de Chembe, no Malabar, em fins de 1553, sendo Vizo-Rei D. Afonso de Noronha (1550-1554). A «grossa armada» (mais de 100 velas), partiu de Goa para Cochim em fins de Novembro (V. Diogo do Gouto, *Déc. VI, L. X, Cap.os XIV e XV*).

Nota à *Elegia II* (P. 256): A edição *princeps* diz «A dom Antonio de Noronha estando na India». Esta construção equívoca, vulgar ao tempo, fez supor a Teófilo Braga que a composição fora endereçada, não a D. António de Noronha, mas a D. Antão de Noronha, filho primogénito e bastardo de D. João de Noronha, e futuro Vice-Rei da Índia (1564-1568). (V. *Camões — Época e Vida*, pp. 409 a 412).

A poesia parece escrita de Ceuta; sendo assim, a rubrica está errada.

As alterações introduzidas na composição por Faria e Sousa, alteraram o sentido do terceto que começa

Às vezes cuido em mim a novidade, etc. (P. 257)

Nota à *Elegia VI* (P. 268): Para uma interpretação correcta desta composição, deve ter-se presente que ela já se encontra no Índice do Cancioneiro do P.e Pedro Ribeiro (1577). Juromenha estabeleceu, a este respeito, grande confusão na nota consagrada à mesma *Elegia* (III, p. 488): D. Miguel de Meneses, morto na batalha de Alcácer-Quivir, era filho de D. Manuel de Meneses, o que não está de acordo com a rubrica. Por outro lado, no Nobiliário de Felgueiras Gayo, t. 16.º, no título dos Meneses, indicam-se dez filhos, entre os quais um *D. Felipe* (nome este referido na composição), mas nenhum de nome *Miguel*. Não andaria aqui a mão *experta* de Faria e Sousa, que teve artes de reduzir a composição original, de *oitenta* tercetos, a *cinquenta?* Carolina Michaëlis, em mais de um lugar, mostrou dúvidas sobre o carácter camoniano da Elegia.

Nota à *Elegia VII* (P. 274): V. Soneto n.º 162.

Na edição de 1598, onde essa Elegia foi publicada, apareceu com algumas variantes. Notamos as principais:

P. 207, v. 15:

1576: *Obra algũa* que possa ser famosa
1598: *Nenhũa obra* que possa ser famosa

v. 17:

1576: No *largo* mundo com tal nome e fama
1598: No *mundo todo* com tal nome e fama

P. 208, v. 11:

1576: Ache *sua* defensão; porque a dureza
1598: Ache *só* defensão, porque a dureza

v. 15:

1576: *A* mitigar de Marte a fortaleza
1598: *De* mitigar de Marte a fortaleza

v. 30:

1576: Nem armas *das ciências* são escusas
1598: Nem armas *da ciência* são escusas

P. 208, v. 37:

1576: Este vos darei eu, em *que* se veja
1598: Este vos darei eu, em *quem* se veja

P. 209, v. 42:

1579: *E* seja ele convosco defendido
1598: *Pois* seja ele convosco defendido

ODES:

Nota à *Ode VI* (P. 290): O redactor do apenso manuscrito, já várias vezes referido, baseado não sabemos em que autoridade, diz que esta Ode foi dirigida a D. Francisca de Aragão.

Nota à *Ode VII* (P. 293): O destinatário deste poema está bem autenticado pelo último verso. D. Manuel de Portugal era também poeta e algumas das suas poesias entraram mesmo no parnaso camoniano. O poeta chama-lhe seu *Mecenas* e fala no *rude canto seu* «que ressuscita as honras sepultadas». Parece pois que o filho do primeiro Conde de Vimioso o favorecera na publicação do poema *Os Lusiadas*. Sendo assim, a composição é posterior ao seu regresso da Índia. Aproxime-se do final do Soneto n.º 153.

Nota à *Ode VIII* (P. 295): Esta *Ode* apareceu na primeira edição (1563) dos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, por Garcia d'Orta. Variantes principais:

P. 229, v. 2:

1563: de fortaleza heróica e *de* ousadia
1598: de fortaleza heróica e ousadia

v. 4:

1563: *Da eternidade*, ter perpétuo dia
1598: *da Fama eterna*, ter perpétuo dia;

v. 8:

1593: foi nas ervas e médica *noticia*
1598: foi nas ervas e médica *policia*

P. 230, v. 7:

1563: em virtude, *sciencias*, e conselho,
1598: em virtude, *sciencia* e *em* conselho,

v. 10:

1563: Pois ó vós, ó excelente
1598: Pois *a* vós, ó excelente

v. 13:

1563: De *heroes altos* o *tempo já* passado;
1598: De *altos heróis* o *século* passado;

v. 15:

1563: De vossos ascendentes, *a* honra e glória
1598: de vossos ascendentes, honra e glória;

v. 18:

1563: ou *do* sanguinolento
1598: ou *co* sanguinolento

v. 19:

1563: *Taprobanico Achem,* que o mar molesta
1498: *Taprobano, ou Achem,* que o mar molesta

v. 20:

1563: ou *do cambaico* occulto imigo nosso
1598: ou *co cambaio,* oculto imigo nosso

v. 21:

1563: que qualquer deles *treme ao* nome vosso;
1598: que qualquer deles *teme o* nome vosso;

v. 25:

1563: verdes que em vosso tempo se *mostrou*
1598: verdes que em vosso tempo *rebentou*

v. 26:

1563: o fruto daquela *Orta,* onde florecem
1598: o fruto daquela *horta,* onde florecem

v. 29:

1563: *Produze huma Orta insigne* várias ervas
1598: *ũa horta produze* várias ervas

v. 30:

1563: nos campos *lusitanos*
1598: nos campos *Indianos,*

v. 33:

1563: posto que *as leis* da Mágica *excederam*
1598: posto que a lei da Mágica *procederam*

P. 231, v. 2:

1563: de annos, *letras, e longua* experiência,
1598: d'anos, *e trás, a vária* experiência

v. 9:

1563: que *agora em* luz saindo
1598: que, *impresso à* luz saindo,

v. 10:

1563: dará na Medicina um *novo* lume
1598: dará *da* Medicina um *vivo* lume

v. 11:

1563: e *descobrindo irá* segredos certos,
1598: e *descobrir-nos há* segredos certos,

v. 16:

1563: na *polvorosa* guerra Indica e Maura,
1598: na *sanguinosa* guerra Turca e Maura.

OITAVAS:

Nota às *Oitavas I* (P. 309):
Teófilo Braga (*Camões — Época e Vida*, pp. 414 e 415), dá como dirigida a D. Antão de Noronha, e não a D. António de Noronha, esta composição que, pela sua gravidade, parece pouco acomodada aos verdes anos de D. António. Storck, porém, admite que a maior parte das composições foi endereçada a D. António por intermédio do pai, D. Francisco, o que é verosímil.

Nota às *Oitavas II* (P. 316):
O Vizo-Rei D. Constantino de Bragança sucedeu ao governador D. Francisco Barreto no ano de 1558, e governou até o ano de 1561.
A poesia alude à vitória de Jafanapatão, alcançada nos fins de Dezembro de 1560. D. Constantino aproou a Goa, de regresso de Jafanapatão, em março de 1561. Sobre Damão leia-se Couto, *Déc. VII, L. VI, Cap.º 4.º*.

SEXTINA:

Nota à *Sextina* (P. 328): Na edição de 1616 (pp. 22 v. e 23) foi publicada uma variante desta *Sextina*, com a seguinte rubrica: «Esta está impressa tão errada que não parece do Author, & foi emendada por elle nesta forma». Na edição de 1595 houve apenas uma troca de palavra na primeira sextina. Trata-se de um puro exercício métrico, e chega, como exemplo de virtuosidade, a composição que publicamos.

ÉCLOGAS:

Nota à *Écloga I* (P. 333): A rubrica, extraída da edição *princeps*, não está certa. Em vez de «à morte de D. João III», devia lá estar «à morte do Principe D. João, pai del-Rei D. Sebastião», fale-

cido em 2 de janeiro de 1554. Assim reza a edição de 1598. Foi portanto no final deste ano, depois da chegada das naus do reino, que esta Écloga foi escrita.

O *Tiónio* de p. 344, é, na realidade, *Aónio,* casado com a filha de Carlos V, D. Joana *(Aónia).*

Nota à *Écloga V* (P. 380): Pretende Storck que este idílio, o primeiro que Camões escreveu, tenha sido dirigido, não *directamente* a D. António, mas a seu Pai, D. Francisco (V. *Vida* § 122 [P. 293] e 161 [pp. 356 a 359]).

INDICES

INTRODUÇÃO

REDONDILHAS

a) Trovas, voltas, glosas, etc.

b) Letras & motos

SONETOS

CANÇÕES E ELEGIAS

Canções

Elegias

ODES, OITAVAS E SEXTINA

Odes

	N.º	Pp.

Oitavas

Sextina

ÉCLOGAS

NOTAS E VARIANTES

ÍNDICE DAS GRAVURAS